



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARIA DAS DORES SOARES MAZIERO**

**ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO E A  
BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS (1915-  
1925): HISTÓRIAS DE TERNURA PARA MÃOS  
PEQUENINAS**

**CAMPINAS  
2015**

MARIA DAS DORES SOARES MAZIERO

**“ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO E A  
BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS (1915-  
1925): HISTÓRIAS DE TERNURA PARA MÃOS  
PEQUENINAS”**

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Norma Sandra de Almeida Ferreira

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA MARIA DAS DORES SOARES MAZIERO, E ORIENTADA PELA PROF<sup>ª</sup> DR<sup>ª</sup> NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

CAMPINAS  
2015

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M457a Maziero, Maria das Dores Soares, 1959-  
Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos  
(1915-1925) : histórias de ternura para mãos pequeninas / Maria das Dores  
Soares Maziero. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Biblioteca Infantil Melhoramentos. 2. Livro infantil. 3. Literatura infantil. I.  
Ferreira, Norma Sandra de Almeida, 1950-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Arnaldo de Oliveira Barreto and the Melhoramentos children's  
library (1915-1925) : tenderness stories for little hands

**Palavras-chave em inglês:**

Melhoramento's children's library

Children's book

Children's literature

**Área de concentração:** Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

**Titulação:** Doutora em Educação

**Banca examinadora:**

Norma Sandra de Almeida Ferreira [Orientador]

Regina Zilberman

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Heloísa Helena Pimenta Rocha

Lilian Lopes Martin da Silva

**Data de defesa:** 27-10-2015

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

**ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO E A  
BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS (1915-  
1925): HISTÓRIAS DE TERNURA PARA MÃOS  
PEQUENINAS**

**Autor : Maria das Dores Soares Maziero**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Sandra de Almeida Ferreira**

**COMISSÃO JULGADORA:**

Profa. Dra. Regina Zilberman

Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de  
Camargo

Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha

Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

**2015**

Ao Gilmar, amor de toda a vida.

Ao Luís, à Camila, à Natália e ao Luan: simultaneamente passado, presente e futuro; doce promessa de continuidade da tradição das avós contadoras de histórias...

## Agradecimentos

Uma pesquisa acadêmica é um trabalho que exige estudo, persistência, perseverança e, acima de tudo, tempo do próprio pesquisador e de muitas pessoas que com ele compartilham as dores e as delícias de um trabalho de tal extensão.

Assim, a conclusão deste trabalho só foi possível porque contei com o auxílio direto e indireto de muitas pessoas, que me ajudaram a construí-lo, e a quem, portanto, ele também pertence.

A essas pessoas, agradeço:

À minha orientadora, Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, por ter compartilhado comigo a alegria e o entusiasmo pelo encontro de cada exemplar escondido em sebos diversos, sem me deixar esquecer o objetivo da busca: a pesquisa acadêmica em curso. Agradeço pela orientação inteligente e segura, mas, acima de tudo, pela amizade, pelo carinho, pelo companheirismo e pela generosidade intelectual, que durante o mestrado e o doutorado tanto contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

Às Professoras Doutoras Regina Zilberman, Lázara Nanci de Barros Amâncio, Heloísa H. Pimenta da Rocha e Lilian Lopes M. da Silva, por me apontarem caminhos no momento da qualificação.

Aos colegas do Grupo ALLE, pela interlocução e por acompanhar esta pesquisa através de questionamentos e contribuições diversas.

À Mariana, pela amizade, pela interlocução e pela ajuda na formatação do texto para o exame de qualificação.

À Íris, eterna “alleada”, pela companhia nas idas a São Paulo e pela ajuda com o registro fotográfico dos achados em museus e bibliotecas.

À Maria Lygia Köpke dos Santos, amiga de todas as horas, especialmente pela revisão e orientação sobre aspectos de normalização do trabalho.

À Fernanda Romanezi e à Meire Müller, pelo apoio e amizade e por lerem o texto final e contribuírem para a revisão do mesmo.

À Renata Arruda, que lá de BH ofereceu auxílio e carinho.

À Lia da Veiga de Mattos, pelo envio de informações e dados sobre a Biblioteca

Infantil Melhoramentos.

Aos amigos e amigas da FACP, que torceram para que este percurso fosse bem sucedido.

À minha mãe, D. Inácia, que tanto se preocupou comigo e com “esse estudo que nunca termina”, e às minhas irmãs, Salomé, Rita, Fátima e Elizabete, que sempre torceram pelo meu sucesso, compreendendo minha ausência em algumas ocasiões, pela eterna falta de tempo.

À Salomé, especialmente, por me ajudar com a formatação final da tese para a defesa e com a impressão dos exemplares. Auxílio inestimável em momento de cansaço extremo.

A meus filhos Camila e Luís, que souberam entender tudo que eu deixei de compartilhar com eles durante esses quase cinco anos, e aos companheiros que eles escolheram, Luan e Natália, que já entraram em nossas vidas me vendo às voltas com as obrigações e prazos determinados pela pesquisa.

Ao Gilmar, que me transmitiu segurança e a certeza de que tudo daria certo, por respeitar minhas escolhas e por me amar de modo tão natural.

Finalmente, agradeço às centenas de crianças que ganharam os livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos e os guardaram com tanto carinho, inclusive durante a maturidade, e a quem tornou possível meu encontro com eles: os muitos donos de sebos, verdadeiros guardiões da caverna de Ali-Babá, repleta de tesouros.

*E o esplendor dos mapas, caminho abstrato para a imaginação  
concreta,  
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.*

*O que de sonho jaz nas encadernações vetustas,  
Nas assinaturas complicadas (ou tão simples e esguias) dos velhos  
livros.*

*(Tinta remota e desbotada aqui presente para além da morte,  
O que de negado à nossa vida quotidiana vem nas ilustrações,  
O que certas gravuras de anúncios sem querer anunciam.*

*Tudo quanto sugere, ou exprime o que não exprime,  
Tudo o que diz o que não diz,  
E a alma sonha, diferente e distraída.*

*Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos! )*

*Álvaro de Campos<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1985, p. 386.

## RESUMO

Dos anos iniciais da produção de livros para a infância no Brasil, marcados pela tradução/adaptação/recriação de textos de origem popular - principalmente de contos de fadas dos Irmãos Grimm, de Perrault e de Andersen – a pesquisa elegeu como *corpus* um conjunto de livros infantis de formato pequeno, publicados pela Weiszflog Irmãos – estabelecimento gráfico que se tornaria, posteriormente, a Editora Melhoramentos. Trata-se da “Biblioteca Infantil Melhoramentos”, idealizada pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, cujo primeiro título, *O patinho feio*, de Hans C. Andersen, foi publicado em 1915. Este *corpus* está constituído por 118 exemplares de diferentes edições dos vinte e oito primeiros títulos da coleção, que foi encerrada com a publicação do número 100, em 1958. A partir do estudo e análise destes 118 exemplares, publicados entre 1915 e 1925, a pesquisa busca descrever o que foi a “Biblioteca Infantil Melhoramentos” em sua fase inicial, sob a coordenação do Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, no esforço de situá-la no panorama maior da literatura brasileira para a infância, de modo a levantar as possíveis contribuições da coleção para a formação deste gênero no Brasil. Ao propor a análise dos exemplares reunidos em um conjunto, o estudo confere lugar central à materialidade dos objetos – no que se refere à capa, às ilustrações, aos aspectos tipográficos e textuais e às marcas deixadas nos livros pelos leitores, vestígios da circulação da coleção. A pesquisa visa contribuir para o campo dos estudos sobre a história do livro dirigido à infância no Brasil, e também para aqueles sobre a implantação e desenvolvimento do mercado editorial do livro infantil no país, orientando-se por contribuições teóricas, principalmente, de Arroyo; Lajolo e Zilberman e Roger Chartier.

Palavras-chave: Biblioteca Infantil Melhoramentos; livro infantil; literatura infantil

## ABSTRACT

From the early years of the production of books for children in Brazil, marked by the translation/ adaptation / re-creation of popular source texts - mainly fairy tales by Brothers Grimm, Perrault and Andersen – this research has elected a set of children's books of small format published by Weiszflog Brothers – Graphic - an establishment that would become later the Melhoramentos Publisher. It is the "Melhoramentos Children's Library", created by Arnaldo de Oliveira Barreto, whose first title, *The ugly duckling*, by Hans C. Andersen, was published in 1915. The corpus of the research is composed by copies of 118 different editions of the 28 first titles published by the collection, that finished at the book 100, in 1958. From the study and analysis of these copies, published between 1915 and 1925, the research wants to describe what was the "Melhoramentos Children's Library" in its initial phase, under the coordination of Arnaldo Barreto, in an effort to situate it in the larger panorama of Brazilian literature for children, in order to analyse the possible contributions of the collection to the formation of this literary genre in Brasil. When we propose to analyse the books gathered in a collection, our study gives central place to the materiality of the objects - with regard to the cover of the book; illustrations, typographical and textual aspects and marks left on the books by readers, which traces the collection circulation. The research aims to contribute to the field of studies on the history of the books directed to children in Brazil, and also of the studies about the implementation and development of the children's book publishing industry in our country, guided by theoretical contributions mainly from Arroyo, Lajolo and Zilberman and Roger Chartier.

Keywords: Melhoramentos children's library; children's book; children's literature

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Total de obras reunidas para a pesquisa .....	019
<b>Quadro 2:</b> Periódicos e bases pesquisados .....	030
<b>Quadro 3:</b> Títulos publicados durante a 1ª fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos ...	079

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Edital de Ingresso na Escola Normal .....	036
<b>Figura 2:</b> Dedicatória a Gabriel Prestes .....	041
<b>Figura 3:</b> Capa de <i>O vellocino de ouro</i> .....	115
<b>Figura 4:</b> Capa de <i>O patinho feio</i> 7ª edição .....	115
<b>Figura 5:</b> Capa de <i>A gata borralheira</i> .....	115
<b>Figura 6:</b> Capa de <i>A serpente negra</i> 9ª edição .....	115
<b>Figura 7:</b> Capa de <i>O anão amarelo</i> .....	115
<b>Figura 8:</b> Capa de <i>A serpente negra</i> 12ª edição .....	116
<b>Figura 9:</b> Capa de <i>O patinho feio</i> 14ª edição .....	116
<b>Figura 10:</b> Página de rosto de <i>O vellocino de ouro</i> .....	117
<b>Figura 11:</b> Selo editorial da Weiszflog Irmãos (o corvo teutônico, símbolo da sabedoria) .....	117
<b>Figura 12:</b> Quarta capa de <i>O vellocino de ouro</i> .....	118
<b>Figura 13:</b> Quarta capa de <i>Flôr encarnada</i> .....	120
<b>Figura 14:</b> Quarta capa de <i>As três cabeças de ouro</i> .....	122
<b>Figura 15</b> – Capa de <i>O patinho feio</i> .....	128
<b>Figura 16:</b> Ilustração de Gustave Doré para <i>Les Contes de Perrault</i> (1883) .....	130
<b>Figura 17:</b> Capa de <i>Histórias da avósinha</i> .....	131
<b>Figura 18:</b> Capa de <i>Contos da avosinha ou Contos nacionaes para creanças</i> .....	132

<b>Figura 19:</b> Capa de <i>Novos contos da carochinha</i> .....	132
<b>Figura 20:</b> Primeira página de <i>O patinho feio</i> .....	134
<b>Figura 21:</b> Frontispício de <i>As aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchausen</i> .....	136
<b>Figura 22:</b> Ilustração de <i>O patinho feio</i> .....	137
<b>Figura 23:</b> Ilustração de <i>O patinho feio</i> (2) .....	138
<b>Figura 24:</b> Ilustração de <i>O soldadinho de chumbo</i> .....	139
<b>Figura 25:</b> Ilustração de <i>O gato de botas</i> .....	140
<b>Figura 26:</b> Ilustração de <i>O lago das pedras preciosas</i> .....	140
<b>Figura 27:</b> Ilustração de <i>As três cabeças de ouro</i> .....	141
<b>Figura 28:</b> Ilustração de <i>O sargento verde</i> .....	141
<b>Figura 29:</b> Anotações feitas na parte final de um exemplar de <i>A serpente negra</i> .....	144
<b>Figura 30:</b> Desenho feito por leitor .....	148
<b>Figura 31:</b> Página de guarda de <i>Aladino ou a lâmpada maravilhosa</i> .....	150
<b>Figura 32:</b> Página de rosto de <i>Aladino ou a lâmpada maravilhosa</i> .....	150
<b>Figura 33:</b> Anotação de autora: Olga Badine .....	152
<b>Figura 34:</b> Assinatura (ao que parece) de leitora .....	152
<b>Figura 35:</b> Anotação de leitora: Águeda A. Belo .....	153
<b>Figura 36:</b> Regulamento de Biblioteca .....	154
<b>Figura 37:</b> Dedicatória (Isabel de Castro) .....	156
<b>Figura 38:</b> Dedicatória (Peregrina A. Moreno) .....	156
<b>Figura 39:</b> Dedicatória (D. Sebastiana) .....	157
<b>Figura 40:</b> Dedicatória (Alaide S. de A.) .....	157
<b>Figura 41:</b> Dedicatória (Caito) .....	159
<b>Figura 42:</b> Página de Catálogo anunciando a Biblioteca Infantil .....	161

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo 1</b> – Nota Fiscal de 1871, da Pharmacia Imperial, de propriedade do Sr. Antonio Jesuino de Oliveira Barreto, localizada no Largo do Rosário, em Campinas/SP.....	184
<b>Anexo 2</b> - Imagens de Arnaldo Barreto, encontradas em fontes diversas.....	185
<b>Anexo 3</b> - Ficha funcional de Arnaldo Barreto.....	190
<b>Anexo 4</b> – Conjuntos de obras reunidos para a pesquisa .....	191
<b>Anexo 5</b> - Cópia de parte do catálogo da Editora Melhoramentos, organizado por Arnaldo Barreto e publicado em 1924 .....	200
<b>Anexo 6</b> - Exemplares da 1ª fase da coleção, separados de acordo com as características do projeto gráfico .....	202
<b>Anexo 7</b> – Tiragem das edições da Biblioteca Infantil – 1ª fase .....	206
<b>Anexo 8</b> - Marcas de circulação e apropriação encontradas nos exemplares .....	208

# SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	17
<b>CAPÍTULO 1 - ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO, EDUCADOR DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE</b> .....	025
1.1 Arnaldo de Oliveira Barreto: infância, juventude e constelação familiar (1869 a 1888) .....	030
1.2 Ingresso na Escola Normal: período de mudanças e transformações .....	035
1.3 Trajetória profissional: de normalista a diretor da Escola Normal da Praça .....	042
1.3.1 1888 a 1898: formação e início da carreira .....	042
1.3.2 1900-1916: a consolidação da carreira .....	046
1.3.3 1917 a 1925: aposentadoria, Lloyd Brasileiro e direção da Escola Normal .....	054
1.4 Palavras finais: um “soldado do ensino” .....	058
<b>CAPÍTULO 2 - A BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS NO PANORAMA GERAL DA LITERATURA BRASILEIRA PARA A INFÂNCIA: histórias de ternura, escritas em elegante e simplíssimo vernáculo</b> .....	060
2.1 Livros para crianças que circularam no Brasil nos anos finais do século XIX e iniciais do XX – outras bibliotecas infantis .....	062
2.1.1 Carlos Jansen e a adaptação de clássicos para a juventude .....	062
2.1.2 Figueiredo Pimentel e a Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma .....	063
2.1.3 Obras infantis da Livraria Francisco Alves e livros estrangeiros para crianças que circularam no Brasil .....	068
2.2. Biblioteca Infantil Melhoramentos: breve histórico da coleção .....	070
2.2.1 O surgimento da Biblioteca Infantil Melhoramentos .....	071

2.2.2 As histórias trazidas pelos livros da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos – primeira fase .....	078
---	-----

<b>CAPÍTULO 3 – ARNALDO BARRETO ESCRITOR DE OBRAS INFANTIS:</b> um autor de cartilhas e livros de leitura no mundo dos livros de fantasia .....	085
---	-----

3.1 <i>O patinho feio</i> : o lançamento da Biblioteca Infantil da Weiszflog Irmãos .....	090
---	-----

3.2 <i>O vellocino de ouro</i> .....	094
--------------------------------------	-----

3.3 <i>Memórias de um burro</i> .....	099
---------------------------------------	-----

3.4 <i>Os três príncipes coroados</i> : o folclore brasileiro na Biblioteca Infantil de A. Barreto .....	104
--	-----

3.4.1 Algumas considerações sobre contos de tradução oral e literatura infantil.....	104
--	-----

3.4.2 A adaptação de A. Barreto para <i>Os três príncipes coroados</i> .....	106
--	-----

<b>CAPÍTULO 4 - A BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS:</b> projeto editorial e materialidade .....	112
--	-----

4.1 – Os diferentes projetos editoriais dos livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos .....	114
--	-----

4.2 Descrição e análise de aspectos específicos do projeto editorial da Biblioteca Infantil Melhoramentos sob a direção de Arnaldo de Oliveira Barreto .....	125
--	-----

4.2.1 Dimensões físicas dos exemplares: o formato .....	125
---	-----

4.2.2 A capa com a avó, marca característica dos livros da primeira fase da coleção .....	128
---	-----

4.2.3 As ilustrações .....	133
----------------------------	-----

4.2.4 Franta Richter: a marca do ilustrador .....	138
---	-----

<b>CAPÍTULO 5 - DEDICATÓRIAS, ASSINATURAS, CARIMBOS, ANOTAÇÕES:</b> a presença dos leitores nos exemplares da biblioteca infantil melhoramentos .....	144
---	-----

5.1 As marcas encontradas .....	147
---------------------------------	-----

5.2 “De tudo fica um pouco” .....	160
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	163
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	171
<b>ANEXOS</b> .....	183

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Arnaldo de Oliveira Barreto, utilizando-se do material imenso da literatura oral e muitas vezes até da impressa, dá início à famosa Biblioteca Infantil, com uma série enorme de volumes ilustrados para crianças.<sup>2</sup>*

(Leonardo Arroyo)

A Literatura Infantil já é reconhecida como um rico campo de estudos, que permite diferentes abordagens, revelando aspectos da sociedade que lê, seja a concepção de criança, de ensino e de literatura, seja o tipo de leitura considerado adequado à infância de cada momento histórico.

No que diz respeito à origem da literatura para crianças no Brasil, em termos de impressão e comercialização, as primeiras produções surgem a partir dos últimos anos do século XIX, quando ocorre um esforço sistematizado de produção de obras infantis, inclusive com a abertura de canais e estratégias regulares de circulação entre o público (LAJOLO e ZILBERMAN, 1986, p. 15). É por essa época, mais precisamente em 1882, que o jornalista e professor Carlos Jansen traduz para o português a obra *Contos seletos das mil e uma noites*, publicada pela Laemmert & Cia.

Em 1894, a Livraria Quaresma lança os *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel, obra que, segundo Arroyo (1968, p. 177), “instaura na literatura infantil brasileira uma nova orientação: a popular” – ao contrário do que ocorria até então, quando os livros para crianças se apresentavam interessados em agradar mais ao sistema educacional do país e menos aos pequenos leitores.

Esse período da produção de livros para a infância brasileira foi marcado pela tradução/adaptação/recriação de textos da tradição oral, representados por contos de fadas dos Irmãos Grimm, de Perrault e de Andersen, bem como de outros do folclore nacional e da tradição popular portuguesa.

É nesse momento histórico – quando ocorre o nascimento no Brasil de um mercado editorial para crianças – que se situa o objeto de interesse do presente trabalho. Trata-se de um grupo de livrinhos<sup>3</sup> dedicados à infância e publicados pela Weiszflog Irmãos - posteriormente Editora Melhoramentos: a Biblioteca Infantil, idealizada e organizada pelo

---

<sup>2</sup> ARROYO, L., 1963.

<sup>3</sup> O uso do termo “livrinhos” está ligado ao tamanho reduzido dos exemplares (11,5 x 16,5 cm), não tendo, portanto, conho pejorativo e nem se relacionando ao leitor infantil pressuposto.

educador paulista Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto.

O encontro com esta coleção se deu durante a realização de pesquisa de mestrado na FE/Unicamp, cujo objetivo foi investigar a presença dos mitos gregos na literatura para crianças e jovens.<sup>4</sup> Na fase inicial da investigação, levantamento realizado sobre a publicação de obras do universo da mitologia grega na literatura para crianças e jovens no Brasil desde a fase de sua constituição apontou que a mais antiga delas havia sido publicada em 1915. Trata-se de *O vellocino de ouro*, o número III da Biblioteca Infantil Melhoramentos – localizada para consulta em São Paulo, no Centro de Referência Mário Covas, entidade ligada à Secretaria de Estado da Educação.

Finalizada a pesquisa de mestrado, em 2007 foram localizados e adquiridos quatro exemplares desta coleção em um sebo virtual de Barbacena/MG, sendo um deles *O vellocino de ouro*, em cuja página de rosto havia o nome do proprietário e o registro da data: 1928.

A partir de 2009, teve início a busca sistematizada pelos outros livrinhos da coleção em sebos, principalmente os virtuais. Até 2013, haviam sido localizados e adquiridos 192 exemplares, de diferentes edições, dos cem títulos da Biblioteca Infantil Melhoramentos. Destes, 118 são edições dos 28 títulos publicados enquanto o Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto esteve à frente da coleção – período denominado como *primeira fase* - e que são, simultaneamente, fonte primária e objeto da presente investigação, resultado de um trabalho de reconstituição de uma parte das fontes que constituíram a literatura infantil brasileira nas décadas iniciais do século XX.

Este conjunto, formado por 118 exemplares publicados ao longo dos 43 anos de existência da coleção, pode contribuir para os estudos sobre a literatura infantil brasileira, não tanto pelo conteúdo dos livros, mas pela sua materialidade, algo pouco explorado por outros pesquisadores no campo da literatura para crianças, especialmente no que diz respeito aos exemplares da Biblioteca Infantil Melhoramentos, o que suscita ainda questões relativas a outro campo: o da história do livro infantil em nosso país.

A este primeiro conjunto, formado por exemplares pertencentes a uma mesma coleção, foram se juntando outros impressos que, reunidos, passaram a ser fonte de pesquisa em busca de um conhecimento mais ampliado sobre a própria Biblioteca Infantil Melhoramentos e seu idealizador, Arnaldo Barreto. Também passaram a fazer parte deste conjunto algumas outras obras infantis publicadas para crianças brasileiras, que já circulavam antes da publicação do primeiro livro da Biblioteca Infantil Melhoramentos.

---

<sup>4</sup> MAZIERO, M.D.S. *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* Dissertação de Mestrado, 2006, FE/UNICAMP, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

As buscas, feitas em *sites* como Mercado Livre e Estante Virtual, seguiram três movimentos principais: 1) tentar recuperar os 100 títulos que compuseram a Biblioteca Infantil Melhoramentos, publicados entre 1915 e 1958, mesmo o foco da pesquisa sendo apenas os 28 primeiros títulos, aqueles adaptados por Arnaldo Barreto; 2) compor um conjunto complementar, formado por obras infantis que circularam entre a infância brasileira no final do século XIX e anos iniciais do século XX, de modo a conseguir situar a Biblioteca Infantil Melhoramentos neste universo; 3) recuperar obras de autoria de Arnaldo Barreto publicadas antes de ele haver se tornado organizador da Biblioteca Infantil Melhoramentos. Esta busca levou, ainda, à aquisição dos exemplares da *Revista de Ensino* do período em que Arnaldo Barreto foi seu redator-chefe (1902-1904).

O material reunido, composto por 257 objetos impressos, foi classificado e agrupado de acordo com as características e a posição ocupada por cada uma das obras no âmbito da pesquisa, resultando deste procedimento oito conjuntos, descritos a seguir:

Quadro 1: Total de obras reunidas para a pesquisa

OBRAS E IMPRESSOS	NÚMERO DE EXEMPLARES
CONJUNTO 1: Livros da Biblioteca Infantil Melhoramentos (primeira fase) – volume I ao XXVIII <sup>5</sup> , de diferentes edições.	118
CONJUNTO 2: Livros da Biblioteca Infantil Melhoramentos (segunda fase) – volume 29 ao 100 <sup>6</sup> .	75
CONJUNTO 3: obras didáticas de autoria de Arnaldo Barreto.	08
CONJUNTO 4: exemplares da <i>Revista de Ensino</i> (1902 a 1904).	12
CONJUNTO 5: livros infantis que circularam no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX (em português)	27
CONJUNTO 6: livros infantis que circularam no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX (em inglês, francês e espanhol)	08
CONJUNTO 7: livros com títulos da Biblioteca Infantil Melhoramentos, publicados após o fim da coleção.	05
CONJUNTO 8: obras de referência.	04

<sup>5</sup> Os títulos publicados durante a fase em que Arnaldo Barreto foi diretor da Biblioteca Infantil da Melhoramentos eram numerados em algarismos romanos.

<sup>6</sup> Sob a direção de Lourenço Filho, os títulos da coleção passaram a ser numerados em algarismos arábicos.

TOTAL GERAL	257
-------------	-----

Fonte: dados levantados e organizados pela pesquisadora

Estes impressos foram convocados em diferentes momentos para auxiliar na composição da pesquisa, contribuindo para situar a Biblioteca Infantil Melhoramentos e seu idealizador, o Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, em um dado tempo histórico. Assim, os livros do Conjunto 1 são o foco principal da pesquisa, simultaneamente *corpus* e objeto, uma vez que tornaram possível mapear as transformações que a coleção sofreu desde 1915 – data de seu lançamento – até 1958, quando ocorreu a publicação do último volume.

Os livros dos demais conjuntos também contribuíram para que o resultado buscado fosse alcançado. A título de exemplificação, os livros do Conjunto 3, composto por obras de autoria de Arnaldo Barreto voltadas para o universo escolar e publicadas no período anterior a 1915, foram utilizados para consulta a prefácios e paratextos, de onde emergiram informações sobre um tipo de impresso destinado ao público infantil e escolar que circulou nos anos iniciais do século XX.

Os livros do Conjunto 5, exemplares de obras infantis que circularam entre a infância brasileira no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, não foram considerados do ponto de vista de seu conteúdo e trajetórias individuais, mas sim quanto a aspectos de sua materialidade e composição gráfica, o que tornou possível visualizar o formato e a composição de livros para a infância que circularam no período histórico em que a coleção de livrinhos da biblioteca Infantil Melhoramentos foi lançada, período este em que o gênero literatura infantil já começava a se constituir como um campo a que também pertenciam livros de ficção, ou “fantasia”, como se dizia na época.

Em suma, esse foi o procedimento básico adotado em relação aos livros de todos os conjuntos: foram sempre encarados como portadores de informações específicas que poderiam ser colocadas ao lado de outras já levantadas, contribuindo para uma compreensão mais alargada sobre a primeira fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos e seu organizador, o Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto.

Lajolo e Zilberman (1987) anunciam, na Introdução de sua obra *Literatura Infantil Brasileira – História & Histórias*, que o projeto de contar a história e as histórias da literatura infantil brasileira esbarrava em alguns impasses, como a falta de bibliografia de apoio e falta de tradição de pesquisa sobre o assunto, além da dificuldade de consulta a muitos textos, *alguns já desaparecidos*. Hoje, na segunda década do século XXI, bibliografia de apoio e tradição de pesquisa no campo dos estudos sobre a literatura para crianças no Brasil

são problemas praticamente superados, em parte graças à inestimável contribuição das duas pesquisadoras e de outros estudos que se sucederam aos delas.

Quanto à dificuldade de consulta aos textos, os exemplares reunidos para esta pesquisa talvez possam possibilitar um olhar renovado sobre os livros infantis do final do século XIX e início do XX, de modo a completar parte das lacunas ainda existentes, representando a constituição de um campo teórico-conceitual que se volta para modos de acesso que valorizam a materialidade constitutiva do campo dos objetos, cuja história apenas começa a ser delineada e escrita.

Assim, o movimento descrito até aqui, de localização e reconstituição das fontes – ou de parte delas – da literatura infantil brasileira nas primeiras décadas do século XX, visou atender aos objetivos propostos pelo trabalho que, numa perspectiva mais geral, foi conhecer a Biblioteca Infantil Melhoramentos, especialmente no que diz respeito aos livros publicados no período de 1915 a 1925, denominado aqui como primeira fase, durante o qual a coleção foi dirigida por seu idealizador, o Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto. Para tanto, foram localizados 118 exemplares publicados durante este período, o que tornou possível: 1) descrever a coleção do ponto de vista do projeto editorial, dos temas abordados e das estratégias textuais utilizadas por Arnaldo Barreto para estabelecer o texto escrito das obras; 2) situar tal coleção no panorama geral da literatura infantil brasileira; 3) analisar e avaliar a contribuição de Arnaldo Barreto e da Biblioteca Infantil Melhoramentos para a constituição do gênero literatura infantil no Brasil.

Buscando concretizar tais proposições, esta tese foi estruturada em cinco capítulos, cuja organização será apresentada a seguir.

O *Capítulo 1* tem por objetivo apresentar Arnaldo de Oliveira Barreto, compondo uma imagem mais vívida do organizador da coleção. As pesquisas encontradas sobre ele trazem dados importantes sobre suas obras, mas informações esparsas e fragmentadas sobre sua trajetória pessoal e profissional. Buscou-se localizar e organizar dados sobre sua infância, escolarização e atuação no campo do ensino primário do estado de São Paulo. Para a obtenção de dados, foram realizadas consultas ao material disponível no Centro de Referência Mário Covas e no acervo da Escola Normal Caetano de Campos, ambos na cidade de São Paulo. A pesquisa em bancos de dados *on-line*, como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e o acervo digital disponibilizado por jornais como *O Estado de São Paulo* e *Folha de S. Paulo* também foram fontes fundamentais para a reconstituição da trajetória profissional do Prof. Arnaldo Barreto.

O *Capítulo 2* situa a Biblioteca Infantil Melhoramentos no panorama geral da literatura brasileira para a infância, numa tentativa de determinar seu significado e importância neste campo. Para tanto, o ponto de partida foi a seguinte questão: que tipo de obra havia em circulação para a infância brasileira antes do surgimento desta coleção, em 1915? Os diversos livros infantis do Conjunto 5 foram a referência para se responder a esta indagação, tornando possível uma breve contextualização do mercado editorial destinado às nossas crianças no final do século XIX e início do XX. A partir do panorama traçado, buscou-se inserir aí os livros publicados durante a primeira fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos, através da descrição geral das características da coleção e do tipo de texto trazido por ela, o que foi possível pelo estudo de exemplares dos 28 primeiros títulos, publicados entre 1915 e 1925, pertencentes ao Conjunto 1.

No *Capítulo 3*, o tema é o trabalho de Arnaldo Barreto no que se refere ao estabelecimento da escrita dos textos que compõem os 28 primeiros títulos da coleção. Para tanto, foram escolhidas quatro obras para uma análise mais detalhada, buscando identificar as estratégias textuais e os recursos utilizados para a conformação dos enredos ao público infantil e ao projeto editorial da coleção.

Neste capítulo e no seguinte, estratégias textuais são consideradas na perspectiva defendida por Roger Chartier (1990), para quem um escrito só pode ser compreendido considerando-se as formas através das quais ele chega até seu leitor, sendo necessário distinguir “dois dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do ‘autor’; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzido pela decisão editorial ou pelo trabalho de oficina (...).” (CHARTIER, 1990, p. 127)

O *Capítulo 4* explora o projeto editorial e a materialidade da coleção - idealizados por seu organizador, que consideramos como singularidade dessa produção. Foram descritos os aspectos gráficos dos livros da Biblioteca Infantil Melhoramentos de uma forma mais panorâmica, apontando as principais alterações realizadas pelo polo da produção no projeto editorial, em sua materialidade, a partir do estudo dos exemplares da primeira fase da coleção, publicados ao longo dos 43 anos de sua existência, buscando pontos que indicassem o quanto ela pode ser considerada um projeto inovador no campo maior da literatura infantil brasileira.

Neste capítulo, em especial, a posse dos 118 exemplares do Conjunto 1 facilitou a digitalização de imagens e a compreensão de aspectos ligados à materialidade deles, que por terem pertencido a tantos leitores diferentes traziam também marcas de apropriação e circulação.

Finalmente, no *Capítulo 5*, o foco passou a ser as marcas deixadas pelos leitores por cujas mãos os livrinhos passaram durante o período em que esta coleção circulou. Foi realizado um levantamento para identificar estas marcas nos 118 exemplares da primeira fase da coleção, procurando classificá-las e reuni-las em categorias comuns. As dedicatórias receberam atenção especial, por carregarem pistas sobre os leitores da coleção e sobre o modo, lugares e circunstâncias em que esta circulou.

O resultado do movimento de organização e classificação de todos os exemplares que se constituíram em material da pesquisa pode ser encontrado nos anexos, dos quais constam os quadros com o título de todos eles, além dos dados constantes das edições consultadas, quando tais dados estiveram disponíveis.

O referencial teórico de base foi Leonardo Arroyo, Marisa Lajolo e Regina Zilberman – para questões relativas à história da constituição da literatura infantil brasileira - além de Roger Chartier, com as contribuições da história cultural.

A pesquisa inscreve-se no grupo de trabalhos desenvolvidos pelo grupo ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita) que tomam a literatura infantil e os livros para crianças como objeto de investigação e estudo, reunidos no eixo “Produção cultural voltada para jovens leitores – livros de literatura e livros escolares”, o qual encampa trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, podendo ser citados como exemplo os seguintes: DAIBELLO (2013)<sup>7</sup>; DALCIN (2013)<sup>8</sup>; FERREIRA (2010)<sup>9</sup>; FERREIRA (2014)<sup>10</sup>; GARCIA (2010)<sup>11</sup>; OLIVEIRA (2011)<sup>12</sup>; SENA (2010)<sup>13</sup>; SILVESTRE (2007)<sup>14</sup> e TOZZI (2011)<sup>15</sup>.

---

<sup>7</sup> DAIBELLO, Cláudia de O. *Ruth Rocha: produção, projetos gráficos e mercado editorial*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2013. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

<sup>8</sup> DALCIN, Andrea R. *Um Escritor e Ilustrador (Odilon Moraes), Uma Editora (Cosac Naify): Criação fabricação de livros de literatura infantil*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2013. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de A. Ferreira.

<sup>9</sup> FERREIRA, Marcela R.F. *Encenações da leitura na literatura infantil*. Tese de Doutorado: FE/Unicamp, 2010. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de A. Ferreira.

<sup>10</sup> FERREIRA, Norma S. de A. *Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”, manuscrito de João Kopke*. Tese de Livre Docência. FE/Unicamp, 2014.

<sup>11</sup> GARCIA, André. *O Orlando Furioso de Lobato: uma obra inconclusa*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2010. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de A. Ferreira.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Íris F. M. de. *Obras de literatura infantojuvenil portuguesa no mercado livreiro e editorial brasileiro em 2010 e 2011*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2013. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

<sup>13</sup> SENA, Yara. *Uma leitura do Relatório do Inquérito “leituras infantis” de Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2010. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de A. Ferreira.

<sup>14</sup> SILVESTRE, Simone. *Sobre o que é ser escritor no discurso de Ana Maria Machado*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2007. Orientadora: Profa. Dra. Lilian Martin da Silva

<sup>15</sup> TOZZI, Juliana B. *Livro infantil no Brasil (2007-2008): marcas em circulação, catálogos de divulgação e infâncias anunciadas*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Lilian Martin da Silva

O presente trabalho pretende contribuir para a continuidade da composição dessa imensa teia de estudos que procuraram mapear aspectos da história da literatura para crianças no Brasil, incluindo aí de modo mais significativo a Coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos que, segundo Arroyo (1968, p. 186), “na verdade, de modo sistemático, com um peso específico em sua orientação – a de proporcionar realmente literatura infantil às crianças – não só foi a mais popular coleção de livros para crianças, como também a única em extensão e seleção de leitura”.

## CAPÍTULO 1

### ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO, *EDUCADOR DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE*<sup>16</sup>

*A burguezia<sup>17</sup> apatacada, quando lhe nascem os rebentos, assegura-lhes desde logo, o bem-estar futuro, depositando nos bancos, fecundos contos de réis!*

*Eu, meus filhos, não posso imital-los; não tenho com que encher as algibeiras das vossas calcinhas.*

*Perdoai-me; mas contos por contos, prefiro que mais aproveiteis os beneficios dos que ponho a render neste... livro!*

*S. Paulo, Outubro de 1899.*

(Dedicatória “*Aos meus idolatrados filhinhos Mauro e Rubens*”)<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> A expressão “educador da infância e da juventude” foi retirada do relato biográfico de Arnaldo Barreto escrita por D’Ávila (1946, p. 105).

<sup>17</sup> Será mantida a grafia original nas citações de trechos de obras e notícias de jornais da época.

<sup>18</sup> BARRETO, Arnaldo. *Leituras Moraes*. São Paulo: Livraria Francisco Alves & C., 5ª Ed., 1910.

As fontes de pesquisa sobre os dados biográficos de Arnaldo de Oliveira Barreto, educador paulista nascido em Campinas/SP, em 1869 e falecido em 1925, são basicamente cinco: 1) a *Revista de Ensino*<sup>19</sup>; 2) a *Polianteia Comemorativa ao 1º centenário do Ensino Normal de S. Paulo* (1946, p. 104 e 105); 3) o *Dicionário de Autores Paulistas* (MELO, 1954, p. 83 e 84); 4) a Tese de Doutorado *O patinho feio de H. C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças* (MENIN, 1999); 5) o Trabalho de Conclusão de Curso *Um estudo sobre Cartilha Analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)* (BERNARDES, 2003).

As informações trazidas por estas fontes concordam no que se refere a datas relevantes, como nascimento e morte, assim como em relação a marcos profissionais importantes, mas não se aprofundam sobre alguns temas, tornando necessário o estabelecimento de um diálogo visando à ampliação e ressignificação dos fatos apresentados, a partir do cotejo com os dados levantados posteriormente.

A primeira das quatro fontes listadas, a *Revista de Ensino*, data de 1908, época em que Arnaldo de Oliveira Barreto vivia uma fase bastante atuante no ensino paulista, tendo sido indicado para a direção do prestigiado *Gymnasio de Campinas*, atual Colégio Culto à Ciência. O artigo é uma “Homenagem da Revista de Ensino” a ele, trazendo uma foto sua ilustrando a matéria. (Anexo 2)

Este artigo constitui tópico de bastante interesse, pois é legítimo supor que algumas informações ali postas tenham sido prestadas pelo próprio A. Barreto, ficando a abundante adjetivação elogiosa a cargo dos redatores do periódico, entre os quais Theodoro Jeronymo Rodrigues de Moraes e Benedicto Maria Tolosa, companheiros com os quais ele havia compartilhado o trabalho na própria *Revista de Ensino*. Theodoro de Moraes escrevera um texto, “O velho Mestre”<sup>20</sup>, dedicado a Barreto e publicado na *Revista de Ensino* nº 4, de 1902.

Apesar da riqueza de informações, no entanto, é preciso considerar que esta matéria da *Revista de Ensino* foi publicada quando A. Barreto tinha 39 anos e estava em pleno processo de crescimento profissional, portanto restam ainda os fatos ocorridos nos dezessete anos seguintes da vida deste educador, que viria a falecer em 1925. Outra limitação decorre das características da relação estabelecida entre um periódico e o público a quem é destinado: alguns fatos narrados parecem fazer parte do contexto dos leitores da revista – pessoas ligadas

<sup>19</sup> *Revista de Ensino*, n. 3, p. 9-12, setembro de 1908.

<sup>20</sup> *Revista de Ensino*, n. 4, p. 741, outubro de 1902.

ao ensino oficial de São Paulo - o que faz com que um leitor contemporâneo tenha dificuldades para avaliar o significado de determinadas informações naquele contexto específico.

Finalmente, há que se considerar a natureza do texto: trata-se da homenagem a um educador que havia exercido de 1902 a 1903 a importante função de Redator-chefe da mesma *Revista*, tendo feito parte do grupo que lutou para que o periódico se firmasse como referência para o professorado de São Paulo. Sendo assim, como o objetivo principal era prestar uma homenagem a Arnaldo Barreto, recém-nomeado Diretor do *Gymnasio de Campinas*, o artigo concentra-se em tecer elogios a seu caráter e a sua competência profissional, não detalhando informações sobre outros aspectos.

A segunda das fontes disponíveis, a *Polianteia Comemorativa do 1º Centenário do Ensino Normal de S. Paulo*, foi publicada em 1946, portanto onze anos após o falecimento de Arnaldo Barreto. Na parte dedicada a homenagear professores importantes para a história da escola, há uma coluna dedicada a este educador, cujas informações repetem algumas daquelas trazidas pelo artigo da *Revista de Ensino*. Há também outras inéditas, muitos elogios – característica do gênero em que se inclui a publicação – e mais uma foto do educador, só que mais velho, possivelmente da época em que ocupou o posto de diretor da Escola Normal de São Paulo. A leitura deste texto informa, acima de tudo, a respeito do lugar de destaque que A. Barreto atingira no que se refere a sua atuação profissional, ressaltando suas realizações quando foi professor, Inspetor de Ensino, Diretor da Escola Normal da Praça da República, entre outros.

A terceira fonte, o *Dicionário de Autores Paulistas*, de 1954, parece ter buscado informações na *Polianteia*, mas inova ao se dispor a fornecer uma bibliografia das obras publicadas por Arnaldo Barreto. As referências fornecidas, entretanto, nem sempre são completas, principalmente no que se refere aos títulos e datas de publicação das obras da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos.

A quarta fonte, *O patinho feio de H. C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*, de 1999, tem como diferencial em relação às demais o fato de trazer dados sobre a atuação de Arnaldo Barreto junto à Weiszflog Irmãos, posteriormente Companhia Melhoramentos, na qualidade de idealizador da Biblioteca Infantil. A autora da tese pesquisou *O patinho feio*, primeiro volume da coleção de livrinhos, tendo tido acesso aos arquivos da Editora Melhoramentos, onde encontrou documentos importantes sobre a ida de Arnaldo Barreto para a editora, quando esta ainda se denominava Weiszflog Irmãos.

Uma vez que durante a realização da presente pesquisa, devido a impedimentos de ordem institucional e organizacional da empresa, não foi possível realizar uma visita para consulta direta aos arquivos da Melhoramentos<sup>21</sup>, o trabalho de Menin torna-se a única fonte a respeito de dados trazidos, por exemplo, pelo contrato assinado por Arnaldo Barreto quando do surgimento da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos, documento ao qual aquela pesquisadora teve acesso.

Finalmente, o Trabalho de Conclusão de Curso de Bernardes, de 2003, traz informações pesquisadas nas fontes acima descritas, acrescidas de pesquisa de Mortatti (2000), oferecendo contribuições valiosas que ajudam a completar as informações sobre a Bibliografia de Arnaldo de Oliveira Barreto trazidas por Melo (1954), por conter um extenso levantamento da bibliografia *de e sobre* Arnaldo de Oliveira Barreto, no qual são listadas todas as referências encontradas sobre o educador, num trabalho minucioso que muito auxiliou no levantamento de dados sobre a obra do autor.

São muitas as informações já levantadas pelas fontes anteriormente citadas, portanto este capítulo se dispõe a continuar o trabalho de conhecer mais sobre Arnaldo Barreto, buscando novos dados sobre sua trajetória pessoal e profissional, como as datas em que ocorreram fatos relevantes para sua biografia, além de maiores informações sobre sua formação escolar e atuação no ensino público paulista.

Para levantar tais dados, as informações trazidas pelas fontes já descritas foram reunidas e comparadas, procurando-se ampliá-las com outros elementos encontrados em prefácios e dedicatórias de obras publicadas pelo autor e, principalmente, com notícias pesquisadas no acervo digitalizado de periódicos publicados no estado de São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro, no período compreendido entre 1889 e 1925, inicialmente; posteriormente, este período recuou a 1876 e projetou-se até 1966, ao serem incluídos na busca dados sobre os familiares de Arnaldo Barreto (pais, irmãos, sobrinhos e filhos).

A busca teve início pelo acervo digitalizado disponibilizado no *site* do jornal *O Estado de São Paulo*, que oferece acesso a exemplares de *A Província de S. Paulo* e do próprio *O Estado de S. Paulo*. A segunda fonte de pesquisa foi o *site* do *Jornal Folha de S. Paulo*, que disponibiliza edições dos periódicos *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*. Finalmente, foram realizadas buscas no *site* da Fundação Biblioteca Nacional, cuja Hemeroteca digital disponibiliza periódicos extintos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de

---

<sup>21</sup> A Editora Melhoramentos forneceu dados valiosos sobre a Coleção Biblioteca Infantil, enviados por correio eletrônico, mas informou que a visita à empresa para pesquisa direta não seria possível, tendo em vista o grande número de pesquisadores que nos últimos tempos têm feito tal solicitação.

outros estados brasileiros. Esse último acervo foi especialmente importante para fornecer informações sobre o período em que Arnaldo Barreto morou na capital federal.

Essas buscas permitiram a contextualização e a determinação de datas para alguns acontecimentos da biografia de A. Barreto. Propiciaram, também, algumas constatações e descobertas, como o fato de que o pai de Arnaldo Barreto, o Sr. Antonio Jesuíno de Oliveira Barreto, realmente recebeu a comenda de “Official da Ordem da Rosa”, como informado pela *Revista de Ensino* de 1908, conforme se vê em errata publicada no *Diario do Rio de Janeiro*, de 23 de novembro de 1869, página 1, onde se corrige erro no nome do Sr. Antonio Jesuíno:

*Rectificações.* – Declarou-se que o nome do farmacêutico condecorado com o grão de cavaleiro da ordem da Rosa, por decreto de 2 de Dezembro de 1858, em atenção aos serviços prestados por ocasião da epidemia da cholera-morbus, é Antonio Jesuíno de Oliveira Barreto e não André Jesuíno de Oliveira Barreto.

É evidente que isso não afeta significativamente o conjunto de informações sobre A. Barreto, mas pode ser utilizado a título de exemplo de como as buscas nos periódicos foram capazes de corporificar os fatos do passado deste educador através das muitas notícias localizadas sobre a vida profissional e pessoal de integrantes da família Barreto, uma vez que na São Paulo do final do século XIX e início do século XX, um simples necrológio poderia conter o nome e a ocupação dos cônjuges, filhos e netos da pessoa falecida.

Nos jornais, ainda, foram localizadas fotos de Arnaldo Barreto (Anexo 2) que não constavam das outras fontes, do período em que prestou serviços na Marinha brasileira e nas escolas do Lloyd brasileiro. Graças às notícias também foi possível descobrir que ele foi maçom, tendo pertencido à diretoria da Loja Piratininga, em 1905, na função de orador (*Correio Paulistano*, 18/05/1905, p. 3). Esta informação é importante, pois muitos republicanos e homens de letras do período foram filiados à maçonaria, o que insere Barreto em um círculo até então não mencionado em sua biografia.

A seguir, foram indicados os periódicos pesquisados, por base, esclarecendo que estão relacionados apenas aqueles em que efetivamente foram encontradas notas, notícias e reportagens em resposta aos termos escolhidos para as buscas:

Quadro 2: Periódicos e bases pesquisados

BASE VISITADA	PERIÓDICOS EM QUE FOI ENCONTRADO MATERIAL DE INTERESSE DA PESQUISA
1. Acervo de <i>O Estado de São Paulo</i> <sup>22</sup>	- <i>A Província de São Paulo</i> (São Paulo) - <i>O Estado de São Paulo</i> (São Paulo)
2. Acervo <i>Folha de S. Paulo</i> <sup>23</sup>	- <i>Folha do Dia</i> (São Paulo) - <i>Folha da Noite</i> (São Paulo)
3. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional <sup>24</sup>	- <i>A Noite</i> (Rio de Janeiro) - <i>Correio da Manhã</i> (Rio de Janeiro) - <i>Gazeta de Notícias</i> (Rio de Janeiro) - <i>Jornal do Brasil</i> (Rio de Janeiro) - <i>O Correio Paulistano</i> (São Paulo) - <i>O Imparcial</i> (Rio de Janeiro) - <i>O Paiz</i> (Rio de Janeiro)

Fonte: dados organizados pela pesquisadora

As informações obtidas nestas e nas outras fontes foram dispostas em um quadro, ano a ano, com o objetivo de traçar uma linha cronológica desde 1869, ano de nascimento de A. Barreto, até 1925, data de seu falecimento. Ao lançar os dados dessa forma, construiu-se uma narrativa entre acontecimentos, resultando na produção de um histórico da trajetória profissional e pessoal deste professor paulista.

### 1.1 Arnaldo de Oliveira Barreto: infância, juventude e constelação familiar (1869 a 1888)

Arnaldo de Oliveira Barreto nasceu em 12 de setembro de 1869, na cidade de Campinas/SP, filho do Sr. Antonio Jesuíno de Oliveira Barreto, gaúcho, e de D. Aristhêa Braziliiana de Lemos Barreto, natural do estado da Bahia.

O pai de A. Barreto, Sr. Antonio Jesuíno de Oliveira Barreto, formou-se farmacêutico em 1857, na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo posteriormente sido farmacêutico do exército. Foi proprietário da “Pharmacia Imperial”, estabelecimento comercial que em 1870 estava situado no Largo do Rosário, número 35, na cidade de Campinas (ABRAHÃO, 2008, p. 56), conforme dados do receituário. (Anexo 3).

<sup>22</sup> O jornal *O Estado de S. Paulo* nasceu com o nome de *A Província de São Paulo*, em 4 de janeiro de 1875. Seus fundadores foram um grupo de republicanos, liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, que decidiram criar um diário de notícias para combater a monarquia e a escravidão. Em 1º de janeiro de 1890, após a proclamação da República, o jornal mudou de nome, passando a chamar-se *O Estado de S. Paulo*.

Disponível em: <[http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1870.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm)>, acesso em: 14/07/2013.

<sup>23</sup> No acervo, encontram-se digitalizados estes jornais a partir de 1921.

<sup>24</sup> Portal de periódicos nacionais que proporciona consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos e de publicações seriadas. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>, acesso em: 14/07/2013.

Em Bresciani (1979), há mais uma referência ao Sr. Antonio Jesuino, que esteve envolvido em um processo judicial no ano de 1873. O que está relatado é que ele havia alugado seu escravo Francisco a José de Souza Teixeira, proprietário do Hotel do Comércio, sito à Rua Direita, na cidade de Campinas. O escravo, porém, não teria ficado satisfeito com o arranjo imposto e em 31 de outubro de 1873, atacou a golpes de canivete o comerciante a quem fora alugado, o que acarretou sua prisão e condenação à pena de 400 chibatadas. Não tendo como saldar as dívidas resultantes do incidente, o Sr. Antonio Jesuino entregou o escravo para quitação do débito.

Desses dois registros, pode-se inferir que Arnaldo Barreto nasceu em uma família pertencente à pequena burguesia campineira. Seu pai era comerciante e proprietário de pelo menos um escravo. No entanto, pelo desenrolar do processo pesquisado por Bresciani (1979, p. 27 e 28), a conclusão é que o Sr. Antonio Jesuino talvez dispusesse de poucos recursos econômicos, uma vez que precisou vender o escravo ao homem que este havia atacado, “pela quantia de oitocentos mil reis, que deixa de receber por que tinha de dar ao comprador maior quantia pelo dano que o mesmo escravo fez na pessoa do comprador (...)” (BRESCIANI, 1979, p. 28). Na época destes acontecimentos, Arnaldo Barreto tinha três anos de idade.

O segundo dos seis filhos do casal Antonio e Aristhea, A. Barreto teve ainda os seguintes irmãos: Armando José de Oliveira Barreto (falecido em 1887), Raul de Oliveira Barreto (falecido provavelmente em 1945), René de Oliveira Barreto (falecido em 1916), Maria das Dores Barreto Fernandes Braga (falecida em 1941) e Antonio de Oliveira Barreto (falecido em 1957).

Dos irmãos de A. Barreto foi possível estabelecer com precisão apenas a data de nascimento de René Barreto (1872), que também foi professor da Escola Normal e Inspetor de Ensino, e cujos dados biográficos se encontram na *Polianteia*, já citada. Dos demais, os dados obtidos são provenientes de necrológios publicados no Jornal *O Estado de S. Paulo*.

Em 1876, quando A. Barreto tinha apenas sete anos de idade, ocorreu um infortúnio que afetou profundamente a vida da família. A *Província de São Paulo*, de 25/10/1876, traz uma notícia curta que diz: “Rio Claro – Falleceu n’aquela cidade o pharmaceutico residente em Campinas, sr. Antonio Jesuino de Oliveira Barreto”.

Na sociedade patriarcal brasileira da época, o falecimento do pai era um acontecimento que trazia consequências que iam além da tristeza e do abatimento provocados por uma perda dessa natureza, com implicações que afetavam a própria subsistência da família, que “ficou á míngua de recursos” (*Revista de Ensino*, 1908, p. 9): morto o chefe da

família, o responsável pelo sustento de todos, como prover meios para a subsistência da esposa e dos seis filhos, todos menores?

Outro problema também logo se apresentaria: “á míngua de recursos”, como suportar o pagamento das despesas com a educação dos filhos mais velhos?

Quando do falecimento do pai, pelo menos Armando, Arnaldo e Raul Barreto estudavam no afamado Colégio Internacional de Campinas<sup>25</sup>, fundado e dirigido por muitos anos pelo norte-americano Reverendo Nash Morton, pastor da Igreja Presbiteriana, e que contava em seu quadro docente com mestres de talento como o jornalista republicano Francisco Rangel Pestana.

Três meses antes do falecimento do Sr. Antonio Jesuíno, a *Província de São Paulo* publicou relato escrito por Rangel Pestana, então proprietário e redator do periódico, em que este informa haver participado de uma festa promovida pelo Colégio, na qual, entre outras atividades, houvera a distribuição de prêmios aos alunos que mais se distinguiram nos exames das disciplinas estudadas no semestre. Dentre estes, encontra-se o nome do irmão mais velho de A. Barreto, Armando Barreto, que recebeu “distincção” e declamou um texto sobre Xerxes. (*A Província de S. Paulo*, Quinta-feira, 29 de junho de 1876, p. 1).

Ribeiro (1981) traz em sua obra a reprodução fac-similar do “Catalogo do Collegio Internacional de Campinas no anno collegial de 1877”, publicado pela Typografia da *Gazeta de Campinas*, em 1878, o qual apresenta o “Catalogo dos alumnos que freqüentavam o estabelecimento em 1877”. Assim, vemos à página 7 do catálogo, o registro da passagem de Arnaldo Barreto e seus irmãos pelo Colégio:

---

<sup>25</sup> Escola fundada e administrada pelos reverendos norte-americanos George Morton e Edward Lane, que trazem para o Brasil a versão presbiteriana da mensagem evangélica “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”. Funcionou em Campinas durante os anos de 1873 a 1892, sendo que o Rev. Morton foi seu diretor até o ano de 1879, portanto durante o período em que Arnaldo Barreto provavelmente estudou lá. Segundo Bencosta (1996, p. 74), “as escolas americanas destacavam-se por seus métodos baseados primeiramente na prática e na observação e depois na teoria”, ao contrário do que era feito pelas escolas brasileiras da época, que se utilizavam de teorias e regras abstratas como método de ensino, o que era apontado como nocivo à escolarização das crianças e jovens. Apesar da orientação religiosa protestante, a liberdade de culto estava assegurada aos alunos do Colégio Internacional, dentre os quais se encontravam os filhos da nascente elite campineira, representada por nomes como Francisco Glicério, Bernardino de Campos, Hércules Florence, M.R. de Moraes Salles e Campos Salles, entre outros. Em 1892, em virtude do surto de febre amarela que castigou Campinas, os missionários presbiterianos transferiram suas atividades religiosas e educacionais para Lavras, Minas Gerais. Segundo Bencosta (1996, p. 74), isso marca o ponto em que o “Colégio Internacional não somente encerra suas atividades na cidade, mas também conclui sua história enquanto instituição que tentou, e até certo ponto conseguiu com sucesso, a formação de um cidadão identificado com o mundo novo que se abria para a sociedade de Campinas”. (BENCOSTA, 1996, p. 109)

NOMES DOS ALUMNOS	NOMES DOS PAES	RESIDENCIA
Oliveira Barreto, Armando	Viuva D. A. de O. Barreto	Campinas
Oliveira Barreto, Arnaldo J. de	Viuva D. A. de O. Barreto	Campinas
Oliveira Barreto, Raul J. de	Viuva D. A. de O. Barreto	Campinas

(“Catalogo do Collegio Internacional de Campinas no anno collegial de 1877”, in RIBEIRO, Boanerges, 1981)

Arnaldo Barreto teria estudado no Colégio Internacional pelo menos até 1877, ano em que completou oito anos. Com a morte do pai, porém, ele “abriu mão dos estudos e entrou para as officinas do *Diario de Campinas*, cujas caixas de typo mal podia alcançar, por tão pequeno ser o artifice” (*Revista de Ensino*, 1908, p. 9), do que é possível deduzir que passou a trabalhar como linotipista neste jornal campineiro. O pouco dinheiro que recebia contribuía para a manutenção do irmão Armando, que havia ido cursar engenharia civil no Rio de Janeiro, na então *Escola Polytechnica*.

Já Bencosta (1996, p. 133) elabora uma “Relação dos alunos matriculados no Colégio Internacional entre os anos de 1874/1891”, a qual relaciona os nomes de 218 alunos matriculados na instituição no período mencionado, ano a ano. Em tal relação encontram-se os nomes de Armando Oliveira Barreto nos anos de 1874 a 1878, e o de Arnaldo O. Barreto apenas em 1874, ano em que provavelmente ingressou na escola, aos 5 anos de idade. Confrontando este dado com o do catálogo reproduzido na obra de Ribeiro (RIBEIRO, 1981, p. 7), somos levados a concluir que Arnaldo Barreto tenha ficado no Colégio Internacional no período de 1874 a 1877/78, tendo, portanto, estudado lá pelo período equivalente ao que o Internacional chamava de 1ª escola, 2ª Escola, 3ª Escola e 4ª Escola (BENCOSTA, 1996, p. 95), recebendo aí uma formação que incluía aprender a ler e a escrever, bem como as quatro operações, além de inglês, latim e da leitura de autores clássicos em inglês e em português.

A insistência na questão sobre a instituição onde A. Barreto teria estudado se explica: se ele saiu da escola muito cedo para ajudar no sustento dos irmãos, onde teria adquirido os conhecimentos que lhe permitiram passar no exame para a Escola Normal e, mais que isso, tornar-se autor de cartilhas e livros de leitura, redator chefe da *Revista de Ensino* e responsável pela criação e edição de uma coleção de livros infantis que conta com títulos traduzidos de outros idiomas?

Num tempo em que a maior parte das escolas era particular, e as escolas públicas existentes para meninos, segundo o *Almanack* de Campinas para 1873 (*apud* BENCOSTA, 1996, p. 31), reduziam-se a duas - a escola de primeiras letras de Manuel da Luz Cintra, e a de Manuel de Campos Penteado Júnior - cabe indagar: teria A. Barreto frequentado aulas particulares com algum professor campineiro, ou o trabalho constante em jornais da época

teria contribuído para sua formação intelectual - a exemplo do que ocorreu com vários escritores brasileiros que viveram no século XIX?

De concreto, há o fato de que o ensino naquele período não era obrigatório e nem unificado no país. Sabe-se que após os estudos elementares, os jovens frequentavam cursos preparatórios para o ingresso nas faculdades, como a de Direito do Largo de São Francisco, ou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro - caminho percorrido pelo irmão mais velho de A. Barreto.

No caso dele, não é possível determinar se frequentou algum tipo de escola no período entre 1879 e 1889, ano em que ingressou na Escola Normal de São Paulo. Neste período, o que se levantou é que em 1884, aos 15 anos, ele teria ido morar com o irmão Armando, no Rio de Janeiro, onde “adquiriu uma actividade por todos admirada” (*Rev. de Ensino*, 1908, p. 9). Ao que tudo indica, essa atividade seria a de Tipógrafo, uma vez que ele já tinha experiência como linotipista.

As fontes consultadas não mencionam nenhuma informação sobre este período, o que suscita algumas outras questões: quando A. Barreto teria se mudado de Campinas para São Paulo? Sabe-se que seu irmão René Barreto também cursou a Escola Normal; isso indica que a mãe e os outros irmãos também se mudaram para aquela cidade? No jornal *A Província de São Paulo*, por exemplo, a única notícia deste período encontrada traz a data de 05 de agosto de 1884, de Campinas, informando que “D. Aristhéa Brasileira de Lemos Barretto libertou também suas escravas Rosalina e Josephina com obrigação de lhe prestarem serviços por seis annos.”

Isso confirmaria o perfil socioeconômico ao qual a família Barreto pertenceu, já que era comum a posse de escravos nas famílias de membros da pequena burguesia. Lembrando-se do outro cativo já citado, pode-se entender que a família Barreto possuiu ao menos três escravos. Uma possibilidade que explicaria a libertação das escravas talvez seja a formatura do primogênito, Armando, que por volta dessa época já havia concluído seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, retornando com o título de engenheiro e passando a trabalhar na Companhia Mogyana<sup>26</sup>, incumbindo-se “da direcção do lar, alliviando o peso desse sagrado compromisso de sobre os hombros dos irmãos – Raul, Arnaldo e René, nesse tempo já hábil typographo”. A título de esclarecimento, apesar da ambiguidade sugerida pela redação, o “hábil typographo” é Arnaldo Barreto e não René Barreto (*Revista de Ensino*, 1908, p. 9).

---

<sup>26</sup> Ortografia da época em que esta companhia férrea foi fundada.

No entanto, mais uma vez, uma tragédia se abateu sobre a família Barreto: em 20/09/1887, apenas três anos após concluir o curso de Engenharia, morreu “afogado no rio Jaguára, no ponto denominado *Pedras de Amolar*, o ilustrado e estimado moço, dr. Armando Augusto de Oliveira Barretto, engenheiro da Companhia Mogyana.” (*A Província de São Paulo*, 22 de setembro de 1887, p. 1).

Este acontecimento foi duplamente marcante para Arnaldo Barreto: além de perder o irmão, de quem havia sido também companheiro de lutas, a família ainda ficou durante quase um mês à espera de que o corpo do jovem fosse localizado, o que ocorreu apenas no início de outubro. Ainda assim, segundo notícia publicada em *A Província de São Paulo* (de 16 de outubro de 1887, p. 1), na impossibilidade de se transportar o corpo para o povoado mais próximo, este foi “dado á sepultura na ilha do Caidor, ficando o logar marcado por uma cruz”.

Segundo a breve biografia publicada pela *Revista de Ensino*, em 1908, teria sido durante aquela espera angustiante pelo encontro do corpo do irmão que A. Barreto “dispoz-se a seguir uma carreira mais elevada e que lhe absorvese os dias, abraçando um teor de vida mais sisudo” (*Revista de Ensino*, p. 10), ou seja, “deparou-se lhe o do magisterio, cheio de encantos (...) queria ser um mestre e não precisava dum excessivo esforço para applicar á direcção e á educação dos espíritos o seu conhecimento da natureza humana”. (*Revista de Ensino*, 1908, p. 10).

## **1.2 Ingresso na Escola Normal: período de mudanças e transformações**

Cumprindo a decisão tomada quando da morte do irmão mais velho, Arnaldo Barreto já se encontrava matriculado na Escola Normal de São Paulo ao ser proclamada a República, tendo sido “aprovado com distinção” (*Revista de Ensino*, p. 10) nos exames de suficiência realizados em dezembro de 1888. À época do ingresso, ele tinha 19 anos.

A Escola Normal em que Arnaldo Barreto, Gabriel Prestes, Ramon Roca Dordal, Oscar Thompson e tantos outros estudaram ainda funcionava em um velho casarão, situado à Rua da Boa Morte, nº 39, que teria sido qualificado como “pardiheiro” pelo imperador D. Pedro II, após visita ao local em 1886. Apenas em 1894 seria inaugurado o edifício da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República, na cidade de São Paulo.

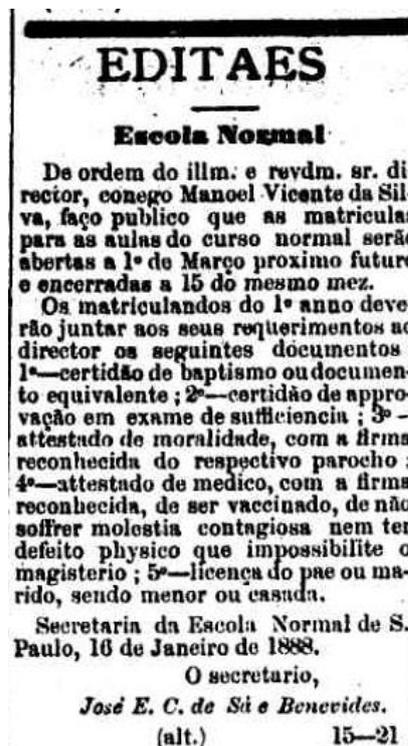
Ao referir-se à década de 1880, Monarcha (1999, p. 113) afirma ter havido neste período um crescimento na procura pela Escola Normal de São Paulo, que

atrai indivíduos, em sua grande maioria pobres à procura de promoção social. A carta de normalista possibilita aquisição de cultura e oportunidade de um emprego (ainda que menor) na administração pública – olhos e braços da Monarquia – ou no comércio local ou, ainda, o ingresso na Faculdade de Direito.

Além das motivações apresentadas pela *Revista de Ensino* para que Arnaldo Barreto escolhesse o magistério, pode-se constatar ainda que ele também se enquadrava no perfil apresentado por Monarcha: era órfão, pobre e cedo havia sido obrigado a abandonar a escola. O fato de ter acompanhado o irmão durante a época em que este cursava Engenharia Civil no Rio de Janeiro, somado ao trabalho que exerceu em jornais, certamente poderiam ser apontados como fatores que contribuiriam para que valorizasse a aquisição de cultura e conhecimento, além do próprio fato de que a profissão de professor significaria o acesso a um lugar de certo prestígio social. Também é possível supor que seguir uma carreira de nível superior, como Direito, Engenharia ou Medicina – alternativas disponíveis à época – certamente não eram opções compatíveis com as dificuldades econômicas enfrentadas pela família de A. Barreto.

Sobre as exigências para o ingresso na Escola Normal, o Edital a seguir, publicado pelo Jornal *A Província de S. Paulo*, dá providências sobre os documentos necessários para a matrícula naquele estabelecimento de ensino:

Figura 1 – Edital de Ingresso na Escola Normal



Fonte: *A Província de S. Paulo*, 17 de fevereiro de 1888, p. 2.

Sabendo que Arnaldo Barreto prestou exame em 16 de dezembro de 1888 (*Correio Paulistano*, 17/12/1888, p. 2), que foi aprovado e que se matriculou no início de 1889, provavelmente o tenha feito sob as regras deste edital, que esclarece a respeito da formação escolar dos candidatos: não há exigência de grau mínimo anterior, apenas se pede a aprovação no exame de suficiência<sup>27</sup>, portanto A. Barreto pode ter cursado formalmente apenas os anos que passou no Colégio Internacional e frequentado, talvez, as aulas do Curso Preparatório Anexo à Escola Normal, criado em 1880, com duas classes para cada sexo (REIS FILHO, 1995, p. 152), o qual funcionou até a Reforma Caetano de Campos, iniciada em 1890.

O período em que A. Barreto frequentou a Escola Normal (1889-1891) foi marcado por grandes transformações nos campos político, social e educacional. Assim, se no ano em que prestou exames para o ingresso houve a abolição da escravidão no Brasil, ao final de seu primeiro ano como normalista se deu a Proclamação da República, saudada entusiasticamente pelos alunos da Escola Normal, que “incorporados e levando seu estandarte, foram anteontem [17/nov./1889] cumprimentar o governo provisório do Estado de São Paulo”. (*A Província de S. Paulo*, 19/11/1889, p. 1).

Em 1890, quando Arnaldo Barreto estava cursando o segundo ano, teve início o processo de reforma da Escola Normal de São Paulo, primeiro passo para a reforma geral da própria instrução pública, pois “para os instituidores da República, a instrução popular – a Escola Normal e a instrução primária – é um centro multiplicador das luzes, que colocam as idéias em marcha, impulsionando a história em direção ao progresso e à liberdade” (MONARCHA, 1999, p. 172).

Carvalho (2011, p. 7) também corrobora este ponto de vista, ao afirmar que “a escola foi, no imaginário republicano, signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o Progresso”. Para executar as reformas que concretizariam os anseios republicanos no campo da instrução pública, foi escolhido, em dezembro de 1889 – sob o governo de Prudente de Moraes e por indicação de Rangel Pestana - o Dr. Caetano de Campos, médico renomado e lente da cadeira de Biologia da Escola Normal, que, no entanto, não pôde completar a tarefa

---

<sup>27</sup> Segundo Reis Filho (1995, p. 155), “a admissão ao curso normal exigia preparo adequado nas disciplinas do ensino elementar, verificado por meio de exame de suficiência ou admissão nas seguintes matérias: caligrafia e ortografia; leitura e interpretação de trecho lido em português, aritmética elementar (quatro operações de inteiros e sistema legal de pesos e medidas); geografia descritiva elementar, noções de cosmografia, leitura e tradução do francês, manifestando prática da língua”. (Regulamento da Escola Normal de São Paulo, *Coleção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo, 1889-1891*, tomo I, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, nota informativa do autor, p. 171).

de que fora incumbido, pois em setembro de 1891 veio a falecer repentinamente, deixando para outros a continuidade da ação reformadora que iniciara.

A reforma da instrução pública paulista teve início pela reforma da Escola Normal, em 1890, ainda sob o comando de Caetano de Campos, com a ampliação dos programas das disciplinas ali ministradas e pela criação da Escola-Modelo, “considerada o coração da reforma” (SOUZA, 2009, p. 29).

Em setembro de 1892, através da Lei nº 88, de setembro de 1892, foi instituído o ensino primário público seriado, dividido em Preliminar (obrigatório dos 7 aos 12 anos) e Complementar. Também foi definida a adoção do método de ensino intuitivo e a criação de três ginásios para o ensino secundário, sendo um deles obrigatoriamente na capital. (MARCÍLIO, 2014; SOUZA, 1998 e 2009).

Para Marcílio (2014, p. 138),

foi deveras, um plano abrangente e que fixou as bases do ensino público paulista em ampla dimensão. De tal importância foi essa reforma que durou mais do que o costumeiro, influenciou a reforma de outros Estados e seu arcabouço sofreria nos anos subsequentes apenas aperfeiçoamentos pontuais.

A Reforma de 1892 preocupou-se, sobretudo, com o ensino primário e com a preparação de seus professores, por meio de uma Escola Normal renovada. Os ensinos superior e secundário mereceram menor atenção de seus idealizadores. Pretendiam estes dar o salto para a civilização, começando pelo combate ao analfabetismo.

De todas estas determinações, a que afetou mais de perto a atuação dos professores formados pela Escola Normal, entre os quais Arnaldo Barreto, foi aquela referente ao ensino primário público graduado, que determinou a criação e implantação dos grupos escolares<sup>28</sup> no Estado de São Paulo, o que ocorreu, segundo Souza (1998, p. 15-16), “no interior do projeto republicano de educação popular”, tornando-se a escola primária “uma das principais divulgadoras dos valores republicanos”.

Os grupos escolares eram considerados o espaço mais adequado para a promoção da educação popular, por serem

escolas modelares onde era ministrado o ensino primário completo com um programa de ensino enriquecido e enciclopédico utilizando os mais modernos métodos e processos pedagógicos existentes na época. Consequentemente, *eles necessitaram da produção de um novo profissional, isto é, professores com o domínio dos novos métodos de ensino.* (SOUZA, 1998, p. 16, grifos meus).

Estes “professores com o domínio dos novos métodos de ensino”, ou seja, com conhecimentos sobre o método intuitivo, eram aqueles formados pela Escola Normal, polo irradiador das reformas.

---

<sup>28</sup> Sobre a implantação e construção da escola primária, são obras fundamentais as de SOUZA, R.F. de, 1998 e 2006.

Para Monarcha (1999, p. 210),

os alunos que concluem o Curso Normal da Escola Normal da Capital integram o escol do professorado paulista, exercendo o magistério nas escolas complementares e ginásios e ocupando os cargos técnico-burocráticos da instrução pública – inspetores distritais de ensino, inspetor geral, diretores das escolas-modelo e grupos escolares. E é esse escol de normalistas, particularmente aqueles que exercem o magistério nas escolas-modelo ou ocupam postos técnico-burocráticos, que irá produzir novos conhecimentos aplicados à educação – cartilhas, métodos e técnicas de ensino, bases psicológicas e fisiológicas da educação, organização escolar -, colocando termo à hegemonia exercida pelos bacharéis em direito no campo da instrução pública: a educação configura-se como objeto de investigação que deve ser tematizado pelos próprios normalistas.

Muitos destes normalistas diplomados pela Escola Normal nos anos finais da monarquia e iniciais da República, ainda segundo Monarcha (1999, p. 214), “ganham projeção política e administrativa”, citando-se entre eles “(...) Gabriel Prestes, Ramon Roca Dordal, Romão Puiggari, Thomaz Paulo Bom Sucesso Galhardo (...) René e *Arnaldo Oliveira Barreto*, Oscar Thompson, Pedro Voss, entre outros” (grifo meu).

Para Marcílio (2014, p. 135), “O Estado de São Paulo teve duas reformas importantes em sua história do ensino da Primeira República: a primeira, de 1892, e a segunda, de 1920”. A trajetória profissional de Arnaldo Barreto e dos outros normalistas citados por Monarcha (1999) só pode ser acompanhada e analisada sob a ótica desse movimento de reforma da educação pública paulista. No caso de Arnaldo Barreto, especificamente, este concluiu a Escola Normal em 1891, indo lecionar em 1892 em Batatais, ainda sob o antigo regime, no qual o próprio professor deveria providenciar local, mobiliário e material didático para instalar a escola e desenvolver suas atividades. A partir de 1893, quando a reforma de 1892 começou a ser efetivamente implantada, todos os acontecimentos da carreira dele podem ser associados a este movimento maior, que moldou o ensino paulista nas primeiras décadas após a proclamação da República.

Isso o insere em uma configuração mais ampliada, orientada para o coletivo, ou seja, para a rede de amigos e pessoas com quem trabalhou e conviveu, principalmente a partir de seu ingresso na Escola Normal e na Escola Modelo, situando-o também como indivíduo social, que se formou a partir de acontecimentos e vivências comuns aos demais indivíduos de distintos tempos históricos – o Império da infância e adolescência, em Campinas e no Rio de Janeiro, onde morou com o irmão - mas, principalmente, a República, proclamada quando ele estava no final do 1º ano da Escola Normal, levando-o a compartilhar as ideias do grupo republicano paulista, que conferia à instrução pública lugar central na formação plena dos cidadãos.

Caetano de Campos<sup>29</sup>, Gabriel Prestes<sup>30</sup>, Cezario Motta Junior<sup>31</sup>, Dr. Bernardino de Campos<sup>32</sup> e Oscar Thompson<sup>33</sup> – nomes presentes na dedicatória da 5ª edição (1910) da obra *Leituras Moraes*, aprovada em 1896 pelo Conselho Superior de Instrução Pública de São Paulo, e publicada pela Livraria Francisco Alves quando Arnaldo Barreto já era “Inspector das Escolas-Modelo anexas à Escola Normal de S. Paulo”. Especificamente no caso dos três últimos nomes, segue-se o complemento: “a quem a instrução publica paulista deve quase tudo o que é hoje”, devendo entender-se este “quase tudo” como referência às reformas levadas a cabo na Escola Normal da Praça e na instrução pública paulista como um todo.

Do ponto de vista profissional, Oscar Thompson foi aquele com quem Arnaldo Barreto trabalharia mais de perto, e com quem conviveu diretamente por um número maior de anos: foi seu colega durante os três anos de Escola Normal (1888-1890), reencontrou-o na Escola Modelo (1894), onde Thompson era auxiliar de Miss Browne e, posteriormente, acompanhou-o durante parte do tempo em que este dirigiu a Escola Normal, trabalhando como seu auxiliar, no período de janeiro/1900 a janeiro/1906.

Oscar Thompson também foi influência importante na questão da adesão de A. Barreto ao método analítico, do qual este se tornou defensor e divulgador, havendo escrito a *Cartilha Analítica*, uma das mais adotadas no estado de São Paulo e em alguns outros estados

---

<sup>29</sup> *Dr. Antonio Caetano de Campos* (São João da Barra-RJ/1844 – São Paulo-SP/1891): médico e educador brasileiro. Colaborou com Prudente de Moraes, Rangel Pestana e Gabriel Prestes na reforma de ensino primário e normal de 1890. Dirigiu a Escola Normal de São Paulo de janeiro de 1890 até sua morte, em 12 de setembro de 1891. Promoveu ampla reforma do sistema de ensino, inclusive a reestruturação da formação de professores na Escola Normal sob sua direção. (*Enciclopédia Larousse Cultural* – Brasil de A a Z, 1988, p. 154)

<sup>30</sup> *Prof. Gabriel Prestes* (Palmeiras-PR/1867 – São Paulo-SP/1911): apesar de ter nascido no Paraná, Gabriel Prestes fixou residência com sua mãe viúva em Campinas (SP), onde frequentou o curso primário em 1877. Em 1888, diplomou-se professor, com distinção, pela Escola Normal de São Paulo. Em 1890 filiou-se ao Partido Republicano Paulista, sendo eleito deputado como representante dos professores. Foi diretor da Escola Normal no período de 1892 a 1898, quando se exonerou do cargo por não concordar com a nova regulamentação do ensino. Nome dos mais importantes para a efetivação da Reforma iniciada por Caetano de Campos, Gabriel Prestes foi responsável pela mudança da Escola Normal para o edifício da Praça da República, pela instalação de Escolas Modelo Complementares e outras medidas que muito contribuíram para o desenvolvimento do ensino público paulista. Disponível em: [http://www.reformaescolas.prefeitura.sp.gov.br/em1005/forms/frmEscola.aspx?codigo\\_escola=091863](http://www.reformaescolas.prefeitura.sp.gov.br/em1005/forms/frmEscola.aspx?codigo_escola=091863), acesso em 31/07/2013.

<sup>31</sup> *Cesário Mota Júnior*: político brasileiro (1847-1897). Participou da campanha republicana. Em 1890, elegeu-se deputado federal e participou da Constituinte de 1891. Remodelou a instrução pública do Estado, fundou estabelecimentos gratuitos de ensino, de nível médio, e a Escola Politécnica de São Paulo. (*Enciclopédia Larousse Cultural* – Brasil de A a Z, 1988, p. 545)

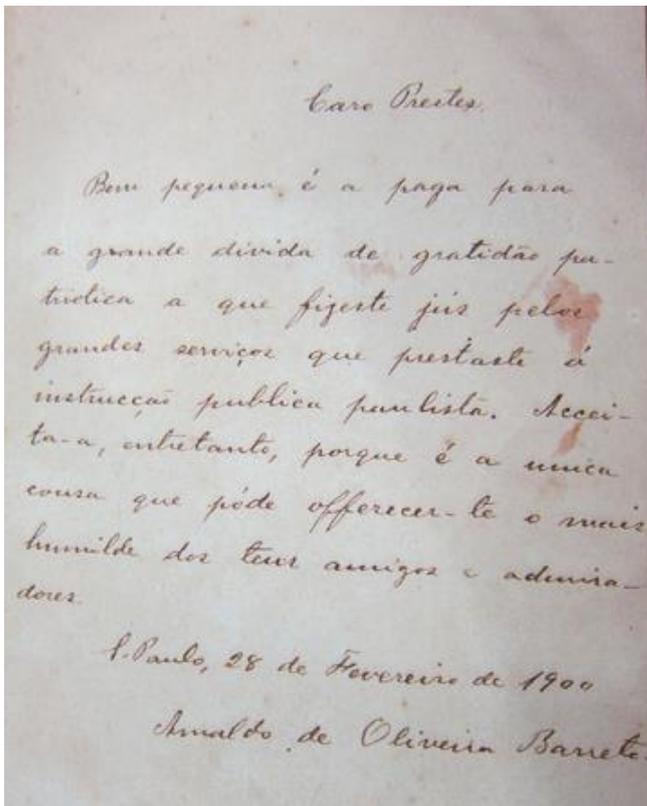
<sup>32</sup> *Bernardino de Campos*: político brasileiro (1841-1915). Deputado à Constituinte (1890), Governador de São Paulo em 1892 e Senador em 1896. Reeleito senador em 1900, renunciou ao mandato dois anos depois, para governar São Paulo pela segunda vez (1902-1904). (*Enciclopédia Larousse Cultural* – Brasil de A a Z, 1988, p. 154)

<sup>33</sup> *Oscar Thompson* (1872-1935): diplomado pela Escola Normal de São Paulo, em 1891, Thompson atuou como diretor da Escola Normal de São Paulo (1901 a 1920, com interrupções). Foi ainda Diretor Geral da Instrução Pública (1909-1910 e 1917-1920); incentivador e divulgador do método analítico para o ensino da leitura e na produção de cartilhas; criador da Directoria Geral da Instrução Pública, dentre outros. (MORTATTI, 2000, p. 123)

do Brasil, alguns anos após haver escrito a *Cartilha das Mães*, que utilizava o método da palavrão.

Outro nome importante deste período, tanto para Barreto quanto para Thompson, é Gabriel Prestes, por quem Arnaldo Barreto sempre manifestou grande admiração. É provável, inclusive, que eles tenham se conhecido ainda na infância, em Campinas, já que Gabriel Prestes frequentou o Colégio Internacional na mesma época em que Arnaldo Barreto. De todo modo, essa admiração de Barreto pelo educador e defensor das causas da instrução pública também se manifesta em dedicatória manuscrita que se encontra no exemplar de *Leituras Moraes*, publicado em 1900, pertencente ao acervo do Centro Mário Covas, a qual se transcreve a seguir:

Figura 2 – Dedicatória a Gabriel Prestes



*Caro Prestes,*

*Bem pequena é a paga para a grande dívida de gratidão patriótica a que fizeste jus pelos grandes serviços que prestaste á instrucção publica paulista. Aceita-a, entretanto, porque é a única coisa que pôde offerecer-te o mais humilde dos teus amigos e admiradores.*

*S. Paulo, 28 de Fevereiro de 1900*

*Arnaldo de Oliveira Barreto*

Fonte: *Leituras Moraes*, 1900. Depositado no Centro de Referência em Educação Mário Covas.

Nessa dedicatória, além de reconhecer a importância de Prestes no cenário da instrução pública paulista – campo ligado a um projeto político de longo prazo – Arnaldo Barreto se coloca como admirador, mas também amigo (“o mais humilde”), o que indica uma convivência fora do campo profissional.

### 1.3 – Trajetória profissional: de normalista a diretor da Escola Normal da Praça

Apesar de estar tão fortemente ligado ao grupo que modificou os rumos do ensino público paulista, Arnaldo de Oliveira Barreto também deve ser visto de maneira individualizada, de modo que se possa avaliar sua trajetória profissional – que é única e singular - mesmo considerando-se que a parte sempre reflete o todo a que pertence.

Assim, procurar-se-á traçar tal trajetória de um ponto de vista cronológico, a partir de um olhar para os espaços profissionais ocupados por Arnaldo Barreto, sem deixar de considerar também acontecimentos relevantes de sua biografia.

#### 1.3.1 1888 a 1898: formação e início da carreira

Como parte da intenção de oferecer escolarização de qualidade para todos os cidadãos da recém proclamada República, o Decreto nº 27, de 12 de março de 1890 instituiu uma nova configuração didático-pedagógica, reformando o programa de estudo da Escola Normal, de modo a propiciar preparo prático a seus alunos.

Obedecendo às disposições deste decreto, o quadro de disciplinas e cadeiras passa a ser o seguinte:

*Primeiro Ano:* Português; Aritmética; Geografia e Cosmografia; Exercícios Militares – seção masculina; Prendas e Exercícios Escolares – seção feminina; Caligrafia e Desenho.

*Segundo Ano:* Português; Álgebra e Escrituração Mercantil – seção masculina; Geometria; Física e Química; Ginástica; Música; Desenho; Economia Doméstica e Prendas – seção feminina.

*Terceiro Ano:* História do Brasil; Biologia; Educação Cívica e Economia Política; Organização das escolas e sua direção; Exercícios práticos.

(REIS FILHO, 1995, p 52-53).

Sobre a trajetória escolar de A. Barreto na Escola Normal, é mais do que provável que esse tenha sido o programa de estudos aplicado à sua turma a partir do segundo ano do curso, até mesmo porque, no terceiro ano, foi criada a cadeira “Organização das escolas e sua direção”, disciplina que consta da publicação dos resultados de Barreto em 1891, seu último ano na Escola Normal. Assim, é possível acompanhar o desempenho dele em seis disciplinas durante os três anos em que estudou naquele estabelecimento de ensino, através dos resultados dos exames, publicados por jornais da época.

É possível saber que os alunos eram avaliados tendo em vista três conceitos: a aprovação podia se dar “com distincção”, “plenamente” ou “simplesmente”. No caso de A.

Barreto, os conceitos traçam o retrato de um estudante com um desempenho acima da média, que foi aprovado sempre com ótimas notas, o que pode ter sido o ponto de partida para muitas oportunidades surgidas posteriormente, na forma de convites para assumir classe e desempenhar tarefas ligadas à Escola Normal.

A seguir, o desempenho obtido por A. Barreto em algumas disciplinas, ao longo dos três anos passados na Escola Normal:

1º ano  
Desenho – Plenamente  
Aritmética – Plenamente  
(*O Estado de S. Paulo*, 05/12/1889, p. 2)

2º ano  
Português – Plenamente  
Geometria – Distinção  
(*O Estado de S. Paulo*, 29/11/1890)

3º ano  
História – Distinção  
Organização das Escolas – Plenamente  
(*O Estado de S. Paulo*, 5/12/1891, p. 2)

Para sustentar-se durante o período em que estudou na Escola Normal, A. Barreto contou com a ajuda do irmão, René Barreto, também normalista, e com os poucos recursos advindos de trabalhos no *Diario Mercantil*, no *Vigilante* e no *Prego* (*Revista de Ensino*, 1906, p.10), provavelmente exercendo as funções de tipógrafo e/ou revisor. Neste período pode ter conhecido sua primeira esposa, D. Anna Athayde de Andrade, que também foi aluna da Escola Normal.

Em 1892, já formado, Arnaldo Barreto e a esposa foram para Batatais, onde enfrentaram as dificuldades encontradas pelos professores iniciantes, que precisavam alugar um local para montar a própria escola, além de providenciar o material didático necessário para seu funcionamento. Os dois teriam montado a escola inicialmente no teatro da cidade e, posteriormente, em uma cadeia pública desativada.

Em 1893, data de criação dos grupos escolares, o *Estado de S. Paulo* publicou que “foi removido da 1ª cadeira da cidade de Batataes, para o bairro de Rebouças em Campinas [atual município de Sumaré], o professor publico Arnaldo de Oliveira Barreto” (16/03/1893, p. 1). Segundo a *Revista de Ensino* (1906, p. 10), a remoção se deveu à necessidade de tratar problemas de saúde de D. Anna Athayde, que pediu remoção para a 4ª Cadeira de Campinas.

Já no ano seguinte (1894), Arnaldo Barreto foi convidado por Miss Browne para

reger uma classe na Escola Modelo da capital, sendo nomeado professor adjunto<sup>34</sup> (*Jornal Correio Paulistano*, de 28/07/1894, p. 1), juntamente com Ramon Roca Dordal e mais cinco novos mestres. Quando Miss Browne e sua equipe se transferiram para a Escola Modelo Anexa à Escola Normal, ou Escola Modelo Caetano de Campos, inaugurada em agosto deste mesmo ano, Oscar Thompson foi efetivado na direção da Escola Modelo do Carmo, que passou a denominar-se Segunda Escola Modelo (*Polianteia*, 1946, p. 31).

A leitura das memórias<sup>35</sup> do Prof. Jorge Americano, nascido no ano de 1891, torna possível um vislumbre do que era a Escola Modelo na época, além de evocar a presença de A. Barreto neste espaço:

A escola era bem organizada. Cesário Mota, Caetano de Campos, Miss Brown (*sic*), norte-americana que vivera alguns anos no Rio de Janeiro, tinham modernizado o ensino. Os professores amavam a tarefa. Ensinava-se bem. “Cartilha das Mães”, de Arnaldo Barreto, *o qual dirigia, com o título de Inspetor, a sessão masculina*. As sílabas da cartilha eram impressas a vermelho e preto, para destacar: Ó I-vo, a a-ve vo-ou? Vo-ou. Vo-vó viu? Viu. Vo-vô viu. E-va viu. Vi-va vo-vô.” (AMERICANO, 1957, p. 23-24 – grifos meus)

Ao fim do recreio seu Arnaldo [Arnaldo Barreto] vinha ao patamar da escada, com uma sinêta na mão. Meninos corriam a êle, pedindo para deixa-los bater a sinêta. Seu Arnaldo a entregava a um deles. Primeira badalada, parar onde estivesse. Segunda, tomar lugar na fila, junto à professora. Terceira, marchar, para voltar às aulas. (AMERICANO, 1957, p. 26 – grifos meus)

Também conhecida como “Escola Modelo do Carmo” por ter sido instalada inicialmente no sobradão da Igreja do Carmo, a primeira Escola Modelo foi inaugurada em 16 de junho de 1890, com o objetivo de servir como campo para a prática pedagógica dos alunos do último ano da Escola Normal; ela era, segundo cronistas da época, “a filha diletta dos carinhos de Caetano de Campos” (*Polianteia*, 1946, p. 31).

Segundo Souza (1998, p. 39), a Escola Modelo “foi considerada a base da reforma da instrução pública”, tendo sido pensada por Caetano de Campos para ser “a instituição modelar, o paradigma de escola primária a ser seguido pelas demais escolas públicas do Estado” (SOUZA, 1998, p. 40).

Ainda segundo Souza (1998), as escolas-modelo foram escolas preliminares privilegiadas quanto às instalações físicas e ao material didático utilizado e ao nível dos

<sup>34</sup> Segundo Souza (1998, p. 71), “adjuntos de diretor” era a denominação dada aos professores efetivos das escolas isoladas absorvidos pelos grupos escolares quando da reunião de escolas. Posteriormente, o termo “adjunto” passou a designar o professor de grupo escolar, predominando “o critério da livre nomeação pelo governo [...], recaindo sobre professores formados pela Escola Normal ou escolas complementares”. A nomeação de A. Barreto pode ter se dado nestes termos.

<sup>35</sup> *São Paulo Naquele Tempo – 1895 – 1915*: interessante obra memorialística, na qual o Prof. Jorge Americano, catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito da USP, conta sua infância e juventude na cidade de São Paulo.

professores “escolhidos entre os melhores alunos da Escola Normal”<sup>36</sup>. Foram “instituições de propaganda do governo republicano”, e dentre todas elas destacou-se a Escola-Modelo “Caetano de Campos”, referência suprema para todas as demais.

A primeira Escola Modelo compreendia duas seções, uma para meninas e outra para meninos, inicialmente dirigidas, respectivamente, por D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e por Miss Marcia Priscilla Browne<sup>37</sup>, contratadas por Caetano de Campos para implantarem uma escola de ensino reformador, ou seja, baseada nos princípios pedagógicos de Pestalozzi, Froebel e outros nomes ligados ao ensino intuitivo.

A passagem pela Escola Modelo do Carmo pode ser considerada o divisor de águas na carreira profissional de A. Barreto. Graças à experiência aí adquirida<sup>38</sup>, em 1896 ele é nomeado, em comissão, para organizar e exercer o cargo de Diretor do Grupo Escolar de Lorena, inaugurado naquele ano, juntamente com os de Itatiba e Jundiaí (SOUZA, 1998, p. 52). Ao reassumir seu cargo de professor em 1897, após concluir sua comissão em Lorena, ele foi nomeado Inspetor das Escolas Anexas, função que acumulou juntamente com a de auxiliar do diretor da Escola Normal, Prof. Oscar Thompson.

Outro aspecto bastante importante da carreira profissional de A. Barreto também parece ter surgido a partir do trabalho na Escola Modelo do Carmo: o de escritor de livros didáticos. Em 1895, foi publicada a *Grammatica Escolar*, escrita em parceria com Oscar Thompson, Benedicto Maria Tolosa e Ramon Roca Dordal – colegas da Escola Modelo que ocupariam cargos importantes na instrução pública paulista, e com os quais A. Barreto manteria relações de amizade por toda a vida. As fontes consultadas não fazem referência a esta obra, mas sua existência emergiu da pesquisa em jornais digitalizados:

#### **GRAMMATICA ESCOLAR**

Os dignos professores de algumas Escolas Modelos desta capital, srs. Oscar Thompson, Benedicto Maria Tolosa, Arnaldo de Oliveira Barreto e Ramon Roca Dordal, nos offereceram um exemplar do seu interessante trabalho didactico sob o titulo supra.

(...)

(Jornal *Correio Paulistano*, 17 de abril de 1895, p. 2)

<sup>36</sup> O que se aplica a Arnaldo Barreto, conforme resultados de exames já citados anteriormente.

<sup>37</sup> *Miss Marcia Priscilla Browne*, educadora norte-americana, veio para São Paulo para trabalhar na “Escola Americana”, em 1886. Em 1890, foi para a Escola Modelo, “emprestada” pelo dr. Horace Lane. Segundo Antonio d’Avilla, era “rica, independente, autoritária, sem medo dos homens, impetuosa e ao mesmo tempo compassiva e boa, estranha figura de idealista e realista, governou de 1890 a 1896 a nossa buliçosa e inteligente criançada.” (*Poliantheia*, p. 95). Miss Browne foi Diretora da seção masculina da Escola Modelo do Carmo e Diretora da Escola Modelo anexa à Normal da Praça, tendo contribuído de forma decisiva para a estruturação da escola primária paulista, do ponto de vista dos métodos, das aulas, disciplina e práticas pedagógicas.

<sup>38</sup> Segundo Souza (1998, p. 73), “para nomeação de diretor de grupo escolar passava a ser necessário o efetivo exercício de dois anos em escola-modelo ou em grupo escolar”, requisito atingido por Arnaldo Barreto.

A *Cartilha das Mães*, outra obra didática importante de autoria de A. Barreto, também foi escrita e publicada nesse período. Notícia de *O Estado de São Paulo* de 07/mar./1895 informa que esta cartilha já fora aprovada pelo Conselho Superior, e que A. Barreto estaria tratando de sua impressão, que se concretizou em um prazo muito curto: o mesmo periódico publicou, em 21 de junho do mesmo ano, uma espécie de resenha da obra, que acabara de ser lançada:

CARTILHA DAS MÃES

Tal é o título de uma interessante obrinha escolar, que acaba de dar á publicidade o professor Arnaldo de Oliveira Barreto.

É tão pobre a nossa literatura didactica, tão escassos têm sido os bons livros educativos, que é sempre com desvanecimento que noticiamos qualquer tentativa que represente algum esforço para enriquecer a nossa bibliografia escolar.

A *Cartilha das Mães* parece-nos uma dessas tentativas, digna de certo apreço.

(...)

(*O Estado de S. Paulo*, 21 de junho de 1895. p. 1)

Em 1897, A. Barreto tornou-se Inspetor das Escolas Anexas, cargo ligado à Inspetoria do Ensino que, segundo Souza (1998, p. 83), havia sido concebida como “corporação técnica com a finalidade de organizar e orientar o ensino primário quanto às questões pertinentes à metodização e à uniformização do ensino, conforme os modernos processos pedagógicos”, mas que logo passou a assumir funções burocráticas de administração e fiscalização do ensino.

Este mesmo ano também marcaria tristemente a vida pessoal de Arnaldo Barreto, pois faleceu, em 18 de agosto de 1897, aos 25 anos de idade, sua esposa, D. Anna Atayde, deixando dois filhinhos pequenos: Mauro e Rubens de Oliveira Barreto, o segundo nascido em 1895 (*O Estado de São Paulo*, 19/08/1887, p. 2).

Em 1898, Arnaldo Barreto casou-se em segundas núpcias com D. Maria Francisca de Souza Barreto, filha de um fazendeiro da cidade de Capivari, no entanto ficou viúvo novamente: *O Estado de S. Paulo* de 11 de dezembro de 1898 informou, numa nota breve, o falecimento de D. Maria Francisca, em consequência de um parto trabalhoso.

### 1.3.2 1900 a 1916: a consolidação da carreira

Este período é marcado por conquistas que consolidaram o prestígio profissional de Arnaldo Barreto, como a publicação de outras obras escolares, entre as quais se destaca a *Cartilha Analítica* (em 1909), que contribuiu para o processo de implantação e aplicação do método analítico para o ensino da leitura (tornado obrigatório na escola primária paulista), assim como pela nomeação para exercer importantes funções no campo da instrução pública.

Além da Escola Normal e da Escola Modelo, também merece destaque o período em que Arnaldo Barreto foi Redator-Chefe da *Revista de Ensino*,<sup>39</sup> um periódico publicado entre 1902 e 1918 pela Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, com o objetivo de “não só facilitar a tarefa do mestre, divulgando os melhores métodos<sup>40</sup> e processos de ensino, como [...] orientar o governo e os nossos legisladores na elaboração das leis futuras sobre instrução pública”<sup>41</sup>. Este periódico também cumpriu um papel importante ao divulgar o ideário republicano para o ensino em São Paulo, bem como ao defender a adoção do método analítico para o ensino da leitura.

Segundo Catani (2003), em fevereiro de 1901, portanto cerca de um ano antes de sair o primeiro número da *Revista de Ensino*, Arnaldo de Oliveira Barreto já havia sido nomeado por Fernando Martins Bonilha, presidente da Associação, para ser redator-chefe do periódico, convidando então Romão Puiggari<sup>42</sup> para auxiliá-lo como redator-secretário e indicando uma equipe de redatores-efetivos formada por: Joaquim Luiz de Brito (Diretor do Grupo Escolar da Bela Vista); João Pinto e Silva (diretor do Grupo Escolar de São João); João Lourenço Rodrigues (Diretor da Escola Complementar Prudente de Moraes); Alfredo Bresser da Silveira (diretor do Grupo Escolar do Carmo, transformado em Escola Modelo anexa à Escola Normal); Emílio Mário Arantes (Inspetor Escolar); Ramon Roca Dordal (professor da 2ª Escola Modelo anexa à Escola Normal e, posteriormente, diretor do 1º Grupo Escolar do Brás), e João Chrysóstomo B. dos Reis Jr. (Inspetor escolar). (CATANI, 2003, p. 50 e 53)

Arnaldo Barreto manter-se-ia à frente da *Revista de Ensino* de abril de 1902 a fevereiro de 1904, espaço de tempo em que o periódico teve publicação bi-mensal, sendo subsidiado pelo governo do Estado de São Paulo.

Segundo Mortatti (2000, p. 135),

tanto na Diretoria da Associação quanto na Comissão de Redação da *Revista* teve-se a participação de *um grupo representativo de professores normalistas sempre próximo dos órgãos oficiais da instrução pública*, como, por exemplo, Oscar Thompson, João Lourenço Rodrigues, João Chrysostomo Bueno dos Reis Filho, José Escobar, Mariano de Oliveira, Antonio R. Alves Pereira, João Pinto e Silva, Ramon Roca Dordal e *Arnaldo Barreto*. (grifos meus)

<sup>39</sup> Sobre a *Revista de Ensino* e a Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, ver CATANI, D., 2003.

<sup>40</sup> Nesta e nas demais referências e citações, optou-se por manter a ortografia oficial da época.

<sup>41</sup> *Revista de Ensino*, n. 1, p. 3, abril, 1902.

<sup>42</sup> *Romão Puiggari* (1865-1904) nasceu na Espanha, mas veio para o Brasil ainda jovem. Formado pela Escola Normal em 1888, foi professor em Mogi-Mirim, na Escola Modelo anexa à Escola Normal, e diretor do 1º Grupo Escolar do Brás. Foi também autor de uma série de livros didáticos em parceria com Arnaldo Barreto. (*Polianteia*, 1946, p. 101-102).

A seguir, serão destacados outros momentos da trajetória profissional de Arnaldo Barreto ocorridos no período aqui delimitado (1900 a 1916), que merecem destaque pelo que representaram na carreira deste educador:

*a) A direção do Gymnasio de Campinas*

Arnaldo Barreto tomou posse como diretor do Gymnasio de Campinas – posteriormente Colégio Culto à Ciência<sup>43</sup> - em 10 de janeiro de 1906, nomeado por Cardoso de Almeida, então Secretário do Interior, para exercer um cargo de direção em outro nível de ensino que não o preliminar. Além de significar um passo muito importante em sua carreira, dada a importância desta escola na época, a nomeação também significou para Arnaldo Barreto a oportunidade de regressar à cidade em que nascera, no prestigiado cargo de diretor do estabelecimento de ensino mais importante de lá e o segundo do Estado de São Paulo, que tinha em seu quadro professores como Américo Brasiliense Antunes de Moura, de Português; Bento Ferraz, de Literatura, e João Atzingen, professor de alemão, que havia sido seu colega de turma na época da Escola Normal.

Durante o tempo em que esteve em Campinas, A. Barreto também se tornou um dos sócios-proprietários do jornal *Correio de Campinas*, juntamente com os senhores Dr. Alberto Sarmiento e Basílio de Magalhães (*Correio Paulistano*, 22/01/1908, p. 8), além de haver publicado, em 1909, o livro *Palestras sobre ensino por Francis Parker*, organizado em co-autoria com o Prof. José Stott, lente de inglês do Ginásio de Campinas.

Em 03/02/1911, no entanto, ele deixou o cargo de Diretor do Ginásio campineiro para exercer a função de Inspetor Escolar para a qual fora nomeado, voltando a residir na cidade de São Paulo.

*b) A escola de aprendizes marinheiros*

Em 25 de Julho de 1911, comunicado publicado no Diário Oficial da União informa sobre a nomeação de Arnaldo Barreto para prestar serviços junto à Marinha brasileira

---

<sup>43</sup> O Colégio “Culto à Ciência” foi inaugurado em 12/01/1874, resultado de um movimento iniciado em 1869 por representantes da elite econômica e social de Campinas, todos republicanos e membros da loja Maçônica Independência, que desejavam a criação de um estabelecimento de ensino leigo. Segundo Cantuária (2000, p. 37), “ao que parece, o Colégio Culto à Ciência preencheria duas funções: atender à demanda das famílias dirigentes por uma modalidade específica de formação para seus filhos e ocupar o espaço, na propaganda republicana, de iniciativa exemplar, simbólica.” Em 8/03/1895, foi feita a transferência do patrimônio do antigo “Culto à Ciência” para o Governo do Estado de São Paulo, sendo criado pelo Decreto-lei nº 284, de 15/03/1895, o Gymnásio de Campinas.

Em 1901, o Decreto nº 3928, de 16 de fevereiro, equiparou o Ginásio de Campinas ao Ginásio Nacional Pedro II, de modo que seus diplomas passavam a dar acesso a qualquer academia superior do país. (PAULA, 1946). Disponível em <[http://www.cultoaciencia.net/pag\\_monografia.htm](http://www.cultoaciencia.net/pag_monografia.htm)>, acesso em: 16/07/2013.

no que diz respeito à organização dos cursos primários das escolas de aprendizes marinheiros:

Sr. Capitão de fragata Henrique Boiteux:

N. 3.407 – Comunico-vos que resolvi nomear-vos para em comissão com o capitão de corveta Heraclito da Graça Aranha e o professor Arnaldo de Oliveira Barreto, organizardes um projecto de regulamento para as escolas de aprendizes marinheiros e para uma escola de grumetes, de acordo ‘com as normas geraes que se encontram no relatório que apresentei ao Min. Sr. Presidente da Republica. Ao professor Arnaldo do (sic) Oliveira Barreto competirá, especialmente, a dinamização dos cursos primários das referidas escolas, elaboração dos respectivos programas, indicação de métodos de ensino, compêndios, material do ensino e tudo o mais em que possa ser proveitosa a sua colaboração como especialista.

(*Diário Oficial da União*, 25/07/1911, página 22, Seção 1 – DOU)

Outras notícias publicadas em jornais da época, em especial uma longa reportagem de *O Estado de S. Paulo*, de 14 de agosto de 1912, intitulada “Os nossos marinheiros de amanhã”, escrita pelo professor normalista J. Cardoso, que na ocasião visitou a Escola de Aprendizes de Marinheiros da Capital Federal, na Ilha das Cobras, também trazem informações que ajudam a entender em que circunstâncias se deu essa passagem de Arnaldo Barreto pelas escolas da marinha.

Sobre este episódio, a *Polianteia* (1946, p. 105) informa que Arnaldo Barreto foi “organizador e diretor das Escolas de Aprendizes Marinheiros e Grumetes e das Escolas do Lloid (sic) Brasileiro” e que sua “designação para esse posto foi feita em 1911, pelo dr. Carlos Guimarães<sup>44</sup>, a pedido do ministro da Marinha”. A mesma fonte traz ainda uma seção intitulada “Bandeirismo” (*Polianteia*, 1946, p. 69-75), dentro da qual se fala sobre as Escolas de Aprendizes Marinheiros.

Segundo a *Polianteia* (*op. cit.*, p. 69), o “Bandeirismo no ensino constitui também uma fase da historia paulista e é, sem dúvida alguma, reflexo da escola normal”. Por “bandeirismo”, entenda-se a contratação de educadores paulistas por governos de diversos estados brasileiros, a fim de orientarem o processo de reorganização da instrução pública desses estados (SOUZA, 2006, p. 119), numa ação comparada à dos antigos bandeirantes paulistas, vistos aqui como arrojados desbravadores.

Segundo a própria *Polianteia*,

[a Escola Normal] começou espalhando professores primários dentro do Estado, de cidade em cidade, de bairro em bairro. Continuou a espalhá-los, depois, através de escolas que dela se formaram, á sua imagem e semelhança, distribuídas estrategicamente por Oscar Thompson; e, mais tarde, as sete dezenas de outras, oficiais e livres jogadas aos quatro ventos. E não parou aí. Seus filhos ou netos, atravessando a fronteira paulista, foram organizar escolas primarias na Marinha; foram a Santa Catarina, a Mato Grosso, ao Ceará, ao Espirito Santo, a Pernambuco, ao Distrito Federal, a Goiás, ao Rio Grande do Sul, ao Territorio de Ponta Porã. Certas vezes, não tendo ela ido aos Estados, os Estados vieram a ela. (ALMEIDA JÚNIOR, 1946, p. 15, grifo meu).

<sup>44</sup> Secretário do Interior no início do governo de Manuel Joaquim de Albuquerque Lins (1908-1912).

Desse modo, a passagem de A. Barreto pelas escolas da Marinha deve ser vista, segundo a ótica da época, como uma tarefa cívica, que outros professores da Escola Normal também desenvolveram em outros estados brasileiros e até no exterior. O que se percebe é a existência de um poder centralizado na Escola Normal de S. Paulo, sustentado e exercido por aqueles que nela se formaram. Pode-se dizer, assim, que a Escola Normal funcionou como um *locus* de divulgação de um modelo de instrução pública para a formação dos brasileiros, compartilhado por Arnaldo Barreto, ex-aluno, professor, autor de livros escolares e inspetor, que integrou, juntamente com outros ex-normalistas, uma rede que influenciou os rumos da instrução pública paulista desde a proclamação da República.

Especificamente no caso de Barreto, em 1911 – um ano após a Revolta da Chibata<sup>45</sup> – o governo de S. Paulo foi procurado pelo Almirante Marques Leão, ministro da Marinha, que desejoso de elevar a qualificação profissional dos marinheiros brasileiros, buscou a indicação de nomes para procederem à reorganização das Escolas de Aprendizes Marinheiros. A escolha recaiu sobre A. Barreto, pela competência demonstrada como Diretor do Ginásio de Campinas e pela experiência na Inspeção de Ensino, o qual, num primeiro momento, ficou encarregado de organizar o regulamento e, posteriormente, ganhou o direito de escolher um grupo de professores para acompanhá-lo na missão.

A primeira escola foi instalada na Ilha das Cobras, e contava com alunos “recrutados entre a ínfima ralé, escoria dos suburbios, crianças que a policia não sabia onde colocar” (*Polianteia*, 1946, p. 71). A tarefa dos professores paulistas seria ensinar esses meninos a ler, a escrever, a fazer operações matemáticas, além de mudar seu comportamento e suas atitudes, “civilizando-os” e tornando-os indivíduos com elevados sentimentos morais, que amassem a pátria e que respeitassem as ordens de seus superiores.

---

<sup>45</sup> Também chamada de “Revolta dos Marinheiros”, foi um movimento que eclodiu na noite de 22 para 23 de novembro de 1910, na baía do Rio de Janeiro. Revoltados pelos castigos corporais impostos aos marinheiros que desobedeciam a alguma regra (25 chibatadas), cerca de 2.300 marinheiros, liderados por João Cândido Felisberto, tomaram o controle dos encouraçados Minas Gerais, São Paulo e do cruzador-ligeiro Bahia (recém-construídos na Inglaterra) e do antigo encouraçado Deodoro. Uma carta reivindicando melhores condições de trabalho e modificações na legislação penal e disciplinar, com destaque para a extinção das chibatadas, foi enviada ao governo. Com os canhões das embarcações apontados para a cidade do Rio de Janeiro, os marinheiros ameaçavam bombardear a capital do país, caso suas exigências não fossem atendidas. O governo cedeu às pressões dos marujos, e em 27 de novembro de 1910 a chibata foi abolida da Marinha de Guerra brasileira, mas apesar das promessas de anistia por parte do Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, houve punições severas e prisões, inclusive contra o líder da revolta, João Cândido, que foi expulso da Marinha. (*Enciclopédia Larousse Cultural*, 1988, p. 501).

Esse engajamento da missão paulista em um projeto ligado às Forças Armadas é sintomático das convicções reinantes nas primeiras décadas do período republicano, quando se acreditava que a vida militar seria o caminho para o aperfeiçoamento de parte da população brasileira, inclusive a rural, que assim teria acesso ao letramento e a hábitos civilizados e modernos.

Olavo Bilac – poeta, jornalista e fundador da Academia Brasileira de Letras - foi um dos que assumiram a defesa desses ideais. Nos anos de 1915 e 1916 engajou-se em uma luta ardorosa em prol do Serviço Militar Obrigatório e dos tiros-de-guerra, tendo percorrido o país conclamando os jovens a “servirem a pátria”. Em 1916 chegou a fundar a Liga de Defesa Nacional e por todos os seus esforços em defesa do modelo de recrutamento ainda vigente, recebeu o título de “Patrono do Serviço Militar”.<sup>46</sup>

O trecho a seguir, de 1924, escrito pelo jornalista gaúcho Roque Callage, diz muito deste espírito de valorização da experiência no Exército por parte de recrutas advindos do campo:

Num espaço de tempo tão curto, sob o efeito eficaz de uma instrução contínua, o espírito bronco do rapaz, que da vida, aos vinte e um anos, só conhecia o cavalo e o campo, já se sentia desenvicilhado da nômade ignorância da campanha natalícia. Rapidamente aprendera a ler e já sabia assinar o nome. Foi um verdadeiro milagre. Pouco a pouco um gênio familiar e tocante, uma viva centelha invisível incutia no quartel, à coletividade dos conscritos, as primeiras noções da Pátria. Na sua totalidade filhos das colônias, sem escolas, das campinas abandonadas, onde lá uma que outra aula existe muitas vezes num raio de oito a dez léguas de distância, só no quartel encontravam os jovens soldados quem lhes alumiasse um pouco o espírito, fazendo-lhes ver acima dos interesses pessoais, das pequenas exigências egoísticas do Eu, a razão de ser da nacionalidade. Começavam aos poucos amar a sua história, a compreender os seus símbolos e a sentir a vitalidade do seu sangue. A maioria da mocidade, de que aquele jovem fronteiriço podia ser um exemplo, se transformou em pouco tempo, radicalmente, passando de uma fase de inércia para uma outra mais bela, mais lúcida, de ardoroso civismo. Era os heróis de Esparta, que renasciam agora com os albores de uma educação que até então lhes faltara. (CALLAGE, 1924, p. 47-49).<sup>47</sup>

A tarefa de A. Barreto como diretor e inspetor escolar foi coordenar os seus auxiliares, que deveriam ensinar aos alunos o conteúdo do curso primário, depois do que estes estariam aptos a ingressar no curso de grumetes (ensino mais técnico, a bordo de navios-escola) e, finalmente, a cursar as escolas profissionais de especialidades (telegrafista, maquinista, eletricitista, etc.).

As notícias dos jornais da época deram conta do sucesso que alcançou o trabalho dos professores paulistas, a ponto de o próprio Presidente da República haver ido à Ilha das

<sup>46</sup> Disponível em: <[http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset\\_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/olavo-bilac](http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/olavo-bilac)>, acesso em: 16/07/2014.

<sup>47</sup> Contribuição da Profa. Regina Zilberman, quando do exame de qualificação.

Cobras para assistir aos exames finais. No entanto, em São Paulo, um incidente noticiado pelo Jornal *O Estado de São Paulo* revela que nem todos concordavam com o fato de um funcionário pago pelo tesouro estadual prestar serviços para a Marinha brasileira: em sessão da Câmara Federal, o Deputado por São Paulo, Dr. Martim Francisco<sup>48</sup>, apresentou requerimento solicitando informações sobre o comissionamento do “indivíduo Arnaldo Barreto”:

CAMARA FEDERAL

(...)

O sr. **Martim Francisco** apresenta o seguinte requerimento:

“Requeiro que pelo Ministerio da Marinha sejam prestadas as seguintes informações: a que título, por que verba, com quantas horas de trabalho, com que ordenado, e em que compartimento daquele Ministerio funciona o individuo Arnaldo Barreto.”

O requerimento foi apoiado, sendo encerrada a sua discussão e adiada a votação.

(seção TELEGRAMAS – Serviço especial do “O Estado de S. Paulo”, da Agência Havas e da Agência Americana – INTERIOR/RIO) - *O Estado de S. Paulo*, 05/11/1912, p. 1.

Em reação ao requerimento do Deputado paulista, Ramon Roca Dordal, presidente da Associação Beneficente do Professorado Paulista e Inspetor Escolar, juntamente com os professores adjuntos do grupo escolar do Triunfo, enviaram telegramas se solidarizando com Arnaldo Barreto em relação ao “incorrecto proceder” do deputado federal por S. Paulo, Martim Francisco, que em “termos indelicados” pede “informações ao Ministerio da Marinha sobre a vossa pessoa e o papel que aí (Escola Aprendizes de Marinheiros) nobremente desempenhais”... (*O Estado de S. Paulo*, 08/11/1912, p. 2).

O caso ainda teve outro desdobramento: em 11 de novembro do mesmo ano, o Jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma nota assinada pelos “Professores Paulistas”, em que se denuncia que os professores públicos do Estado teriam sido “coagidos, pelos seus superiores hierarquicos, a assinar um protesto contra o deputado dr. Martim Francisco, por haver êste pedido na Camara Federal informações a respeito do professor primario sr. Arnaldo Barreto, vimos neste sentido pedir ao dr. Secretario do Interior as necessarias providencias”. A nota continua dizendo que houve Grupo Escolar em que os professores chegaram a enviar tal protesto, ameaçados que foram pelos “srs. fiscalizadores do ensino”.

---

<sup>48</sup> **Martim Francisco** Ribeiro de Andrada (neto): São Paulo, 1853 – Rio de Janeiro, 1927. Cursou a Faculdade de Direito de S. Paulo, diplomando-se em 1875. Pertenceu a uma família paulista tradicionalmente envolvida em assuntos políticos. Seu avô era irmão de José Bonifácio de Andrada, o Patriarca da Independência. Além de advogado, foi jornalista e escritor, tendo exercido ainda vários cargos políticos: foi Deputado provincial, por São Paulo, em 1878; Deputado geral, ainda no tempo do Império. Presidente do Espírito Santo (1882), senador e secretário da Fazenda, em São Paulo, no governo de Cerqueira César, e Deputado federal em 1909. (MELO, 1954, p. 49-50).

Finalizando o incidente, em 13/11/1912 foi publicada outra nota, em que se informa o desfecho do caso:

O honrado Govêrno do Dr. Rodrigues Alves reprovou o acto dos Inspectores e alguns directores de grupos escolares terem assinado um protesto contra o deputado dr. Martim Francisco que na Camara Federal pediu informação relativamente ao professor Arnaldo Barreto. *A audacia dos srs. Inspectores Escolares é enorme.*

*Será por isso que há muito tempo êles mercantilizam os livros e cadernos escolares e apesar da celeuma levantada, cujo eco se reproduziu na Imprensa da Capital da Republica, e os nossos deputados não tiveram ainda coragem de pedir informações ao Governo? Se tivessem tal coragem succeder-lhe hia o mesmo que ao Dr. Martim Francisco, isto é, reunir-se hiam, nesta Capital, os inspectores Escolares para obrigar os professores publicos a levantarem um protesto contra o deputado que tivesse a audacia de solicitar informação sôbre o monopólio dos livros escolares...*

*A inspectoría é hoje uma fôrça. É mais do que isso... é uma oligarquia cujo fim é o que vemos.*

O exmo. sr. dr. Presidente do Estado já isso está compreendendo, tanto que, agora, acaba de reprovar o acto, “sem classificação”, de coagirem professores a assinar um protesto contra um representante da Nação...

O PROFESSORADO PAULISTA

(*O Estado de São Paulo*, 13/11/1912, p. 13, grifos meus)

Aparentemente, a solicitação do Deputado não interferiu na permanência de Arnaldo Barreto à frente das Escolas de Aprendizes Marinheiros: ele ficou na função até janeiro de 1914, quando o novo ministro da Marinha, Alexandrino Farias de Alencar, dá por encerrada a Missão Paulista, alegando questões econômicas e dispensando os préstimos de A. Barreto, que retornou a São Paulo e reassumiu suas funções como Inspetor de Ensino, em 12/02/1914.

Sobre a nota assinada pelo “Professorado Paulista”, não se pode deixar de comentar as críticas ali registradas contra “a inspetoria”, essa “oligarquia” à qual pertenciam Arnaldo Barreto e Ramon Roca Dordal, iniciador do protesto contra o pronunciamento do deputado federal. Mais diretamente, pode-se apontar como relevante a crítica ao “monopólio dos livros escolares”, considerando o fato de que A. Barreto foi autor de várias obras aprovadas pela instrução pública (por exemplo: *Cartilha das Mães*, *Cartilha Analítica*, série de livros de leitura Puiggari-Barreto), assim como o foi também Ramon Roca Dordal, autor da *Cartilha Moderna*, por exemplo, bem como de outras obras escritas em parceria com o próprio A. Barreto: *Cadernos de Caligrafia*, *Cadernos de Cartografia* e *Leitura Manuscripta*, apenas para citar algumas delas.

Tendo em vista a intenção dos missivistas em atacar Ramon Roca Dordal, e sabendo que as obras dele e de A. Barreto eram amplamente adotadas nas escolas de São Paulo e de outros estados, isso explicaria a acusação feita na nota sobre monopólio e oligarquia. Se estes profissionais eram os superiores hierárquicos de diretores e professores dos grupos escolares, o que a carta aponta é que o fato de tais obras serem amplamente

utilizadas no trabalho didático das escolas paulistas se deveria a favorecimento, e não à qualidade destas, portanto não refletiriam a “opção” dos professores, mas sim a imposição das hierarquias superiores, que avaliavam, inspecionavam, promoviam palestras, reprimiam, etc.

Mais que uma querela política, talvez o episódio em questão revele uma mudança no perfil dos professores dos grupos escolares, e também o enfraquecimento da influência da “geração heroica” que ajudara a implantar tantas mudanças importantes para o sistema de ensino público do estado de São Paulo, da qual Ramon Roca Dordal e Arnaldo Barreto fizeram parte.

Finalizando o recorte proposto para esse período, em outubro de 1915 Arnaldo Barreto decidiu enveredar pelo caminho da publicação de livros destinados à infância, porém não mais livros de leitura como os que já publicara, mas sim outros, pertencentes ao campo da fantasia e da ficção. Assim, em outubro deste ano ele propôs à Weiszflog Irmãos a publicação de uma série de livros para a infância, uma Biblioteca Infantil, que será objeto de análise nos Capítulos 2, 3 e 4.

### *1.3.3 1917 a 1925: aposentadoria, Lloyd Brasileiro e direção da escola normal*

Aparentemente, A. Barreto pretendia se estabelecer na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, após se aposentar. O Jornal *O Paiz*, de 13/05/1916, traz uma nota informando que “adquiriram imóveis as seguintes pessoas: (...) Arnaldo de Oliveira Barreto, predio á rua Guimarães Caipora<sup>49</sup>, n. 113, por 8:000\$ (...)”.

Três dias depois, *O Estado de S. Paulo*, de 16/06/1916, p. 3, informa que “requereu aposentadoria o inspetor escolar Sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, que no dia 19 do corrente, será submetido á inspecção de saúde pelos drs. José Arantes, Eduardo Rodrigues e Aloysio Fagundes”.

A. Barreto tinha então 46 anos; iria completar 47 em setembro daquele ano. Um mês depois, o mesmo periódico informou que fora concedida uma licença “de seis meses ao inspetor escolar sr. Arnaldo de Oliveira Barreto.” (*O Estado de S. Paulo*, 16/07/1916), que desse modo pôde voltar ao Rio de Janeiro e, provavelmente, começar seu trabalho junto ao Lloyd brasileiro.

Quanto ao encerramento da carreira no serviço público, a ficha funcional localizada no acervo da Escola Normal Caetano de Campos (Anexo 3) informa que ele se

---

<sup>49</sup> Atual Rua Bolívar, no bairro de Copacabana.

aposentou definitivamente apenas em 18 de abril de 1917: “Por decreto desta data foi-lhe concedida aposentadoria nos termos do art. 62 da Constituição Política do Estado, art. 1º, letra ‘b’, visto achar-se fisicamente impossibilitado de continuar a exercer o seu cargo e ter provado contar 24 anos e 12 dias de efetivo exercício”.

No entanto, Arnaldo Barreto não se afastaria das atividades ligadas ao ensino: em 24/out./1917, o jornal carioca *O Paiz* divulgou o quadro da “Secção do ensino profissional do Lloyd Brasileiro”, onde aparece o nome de Barreto como Diretor do Grupo Escolar Ramos de Azevedo, com o salário de 900\$.

Segundo Oliveira (1996, p. 156), as escolas do Lloyd eram o Grupo Primário Ramos de Azevedo, que habilitava os alunos aprovados para as funções de moço, taifeiro e foguista; a Escola Profissional de Artes e Construção Naval, que formava os artífices e operários, e a Escola de Máquinas e Pilotagem, que formava os oficiais da marinha mercante. Havia ainda a parte prática, constituída pelo ensino de máquinas e o ensino de pilotagem, ministrado a bordo do navio Wenceslau Braz.

Ainda segundo Oliveira (1996), essa distribuição obedecia a um plano de ensino autorizado pelo Congresso Nacional pela Lei nº 324, de 5 de janeiro de 1917, (ano em que A. Barreto ingressou no Lloyd), e que também autorizava a utilização de subvenções determinadas no orçamento da República.

A. Barreto permaneceu no Lloyd (Rio de Janeiro) até julho de 1920, quando foi anunciado o fechamento das escolas mantidas pela companhia, que vinha atravessando uma crise financeira. Ele, juntamente com outros professores, lutou para impedir o fechamento das escolas, chegando até a ser recebido pelo Presidente Epitácio Pessoa, em 01/08/1920, quando entregou um memorial pedindo que as escolas do Lloyd fossem mantidas. O longo discurso pronunciado por ele chegou a ser publicado na íntegra pelo jornal *A Noite*, de 31/07/1920, mas isso não impediu o fechamento das escolas do Lloyd.

No entanto, uma longa reportagem publicada em 17 de março de 1922, no *Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, com uma foto de Barreto (Anexo 2), descreve a Escola Profissional mantida pela Companhia de Navegação do Lloyd Brasileiro, localizada na Ilha de Mocanguê, no Rio de Janeiro. Pelas informações trazidas, a escola havia sido fundada há apenas cinco meses, portanto por volta de outubro de 1921, com o objetivo de proporcionar instrução aos aprendizes das oficinas do Lloyd, sendo Arnaldo Barreto seu diretor.

Antes da criação dessa escola, entretanto, Arnaldo Barreto aparentemente permaneceu no Rio de Janeiro. Anúncio publicado em novembro de 1920 pelo *Jornal Correio da Manhã* comunica a futura instalação do “Colégio Internacional”, estando citado o nome de

A. Barreto como um dos diretores do estabelecimento, que tinha o mesmo nome do colégio campineiro no qual ele havia estudado em sua infância. Não foi possível determinar se esse colégio chegou ou não a funcionar, mas seguindo as notícias levantadas nos jornais da época, apenas em 1924 Barreto teria voltado a São Paulo, atendendo a convite do governo estadual para assumir cargos elevados, ainda que já estivesse aposentado.

As fontes consultadas (*Polianteia*, por exemplo) registram nesse ano, 1924, apenas o fato de ele haver assumido a direção da Escola Normal Caetano de Campos, em outubro; no entanto, os periódicos consultados (Jornais como *Folha da Noite* e *Folha do Dia*) apontam que, antes disso, A. Barreto teria ocupado o cargo de Diretor da Instrução Pública, o cargo mais elevado dentro da hierarquia da educação paulista, abaixo apenas do próprio ocupante da Secretaria do Interior. Esse fato é noticiado por dois jornais, um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro:

O illustre mestre sr. Arnaldo Barreto que vae ser o director da Instrucção Publica, pertence à velha guarda dos pedagogos notaveis que fizeram a grandeza do ensino em S. Paulo. (Jornal *Folha da Noite*, 23/04/1924, p. 1).

OS NOVOS DIRECTORES DA INSTRUCÇÃO PUBLICA E ESCOLA NORMAL S. PAULO, 4 (D) – Estão assentadas as nomeações dos Drs. Arnaldo Barreto, para director da Instrucção Publica, e Pedro Voss, para Director da Escola Normal. (*Jornal do Brasil*, 05/06/1924).

O Sr. Arnaldo Barreto director geral da Instrucção Publica compareceu à posse do sr. Pedro Voss na Escola Normal. Ambos congratularam-se, na qualidade de expoentes da velha guarda, com a reposição das coisas nos seus eixos em materia de ensino publico.

(*Jornal Folha da Noite*, 03/07/1924, p. 1)

Já em 08/08/1924, o Jornal *Folha da Noite* publicou a seguinte nota, que anunciava a indicação de A. Barreto para o cargo de lente da cadeira de didática da Escola Normal da Capital:

Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto

SUA REVERSÃO AO MAGISTERIO

No despacho de hontem do Sr. Presidente do Estado como titular da pasta do interior foi assignado o decreto nomeando, em vista dos termos do laudo de inspecção de saude a que foi submetido em 7 do corrente e em virtude do qual foi considerado em condições de ser revertido á atividade do magisterio publico do Estado o sr. Professor Arnaldo de Oliveira Barreto, ex-inspector escolar aposentado, para exercer o cargo de lente interino, da cadeira de didática da Escola Normal da Capital.

E assim A. Barreto estava de volta, oficialmente, ao ensino público paulista, na Escola Normal, a qual ele conhecia tão bem, reconhecido como um dos “pedagogos” notáveis (a “velha guarda”) que fizeram a grandeza do ensino de São Paulo. Entretanto, ele não ficaria muito tempo na função de professor; o *Jornal do Brasil* de 5 de outubro de 1924 noticia que “Hontem, perante o Secretario do Interior, tomou posse do cargo de director da Instrucção Publica o professor Pedro Voss, que tambem deu posse ao professor da Escola Normal, Sr.

Arnaldo Barreto” (no cargo de Diretor da Escola Normal, que ele assumira em 02/10/1924, conforme consta de sua Ficha de Exercício, no Anexo 3).

Por que A. Barreto teria saído do cargo de Diretor da Instrução Pública<sup>50</sup>? Teria sido esse um arranjo político, ou o desejo do velho educador de terminar sua carreira na função já exercida por homens ilustres a quem ele tanto admirava? O mais provável é que ele tenha estado envolvido numa disputa política, sendo a Escola Normal um ponto estratégico, palco de discussões sobre os rumos da instrução pública paulista. Deste modo, ao mudar o governo, muda também a direção da escola.

Independente dos motivos que levaram Arnaldo Barreto a este posto, pode-se imaginar que aquele deva ter sido um momento histórico em sua vida: dirigir a escola onde havia estudado e sido auxiliar de diretor por tanto tempo; retomar, enfim, o projeto político de Caetano de Campos, Gabriel Prestes, Oscar Thompson e tantos outros, de continuar a espalhar, usando uma metáfora republicana, “as luzes do conhecimento”.

Porém, apenas nove meses após ser empossado no cargo de diretor, em 24/07/1925, “após pertinaz molestia”, “o velho mestre” faleceu em São Paulo, aos 56 anos, tendo sido sepultado no cemitério do Araçá. Com ele morreu também uma época, iniciada com Caetano de Campos, Miss Browne, Gabriel Prestes. A ênfase nos métodos e processos de ensino, a supremacia do método analítico, ou método intuitivo analítico, promovidos por Oscar Thompson, pelo próprio A. Barreto e por tantos outros de sua geração, vão cedendo lugar para a institucionalização da psicologia como método de conhecimento, com o retorno da matéria Psicologia experimental ao currículo das escolas normais secundárias e a instalação do Gabinete de Psicologia Experimental e Pedagogia Antropológica na Escola Normal da Praça (MONARCHA, 1999).

Em outras palavras, cai o pano para a geração de Arnaldo de Oliveira Barreto; inicia-se o ciclo protagonizado por Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e os educadores escolanovistas.

---

<sup>50</sup> A demora em definir as nomeações talvez estivesse relacionada à Revolta dos Tenentes, que praticamente paralisou a cidade de São Paulo durante Julho de 1924.

*Revolta Paulista de 1924*: estourou no dia 5 de julho de 1924 e foi o maior conflito armado já ocorrido na cidade de São Paulo, caracterizando-se por ser uma Revolta tenentista, ou seja, rebeliões praticadas por jovens oficiais que compunham o Exército brasileiro, descontentes que estavam com a situação política do país. A sede do governo do Estado chegou a ser atacada, e mais de 300 mil pessoas saíram refugiadas da cidade de São Paulo, inclusive o próprio presidente do Estado, Carlos de Campos, que retornou à cidade apenas no começo de agosto de 1924, quando a Revolta foi encerrada.

Fonte: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/revolta-paulista-de-1924/>> - acesso em: 31/07/2013.

#### 1.4 Palavras finais: um “soldado do ensino”

Hannah Arendt (1987, p. 140), ao escrever a biografia de Walter Benjamin, afirma que em todo grupo conta, apenas, “a fidelidade ideológica, visto que somente a ideologia, não o nível e a qualidade, pode manter um grupo coeso”. As palavras desta autora aplicam-se aos diversos grupos a que Arnaldo Barreto esteve ligado: mais que redes de relações, os indivíduos que os integraram tinham a mesma ideologia em comum: eram republicanos, positivistas, funcionários públicos, com uma visão de escola e de ensino que os aproximava. Um grupo que lhe deu espaço para se firmar profissionalmente no âmbito da instrução pública de São Paulo, como professor, diretor e inspetor escolar, além de ter contribuído para seu sucesso como autor de cartilhas, livros de leitura e organizador de uma coleção de livros para o público infantil.

Os dados e informações levantados mostram uma rede de amizades construídas no âmbito profissional, talvez porque as fontes utilizadas sejam da esfera pública. Um exemplo, no entanto, ultrapassa este campo profissional, revelando uma demonstração de amizade fraterna. Quatro anos após a morte de Arnaldo Barreto, em 1929, Ramon Roca Dordal iniciou a coleta de dinheiro (uma *subscrição*, em linguagem da época) para angariar recursos a fim de que fosse construído um túmulo de mármore para o amigo, no Cemitério do Araçá, onde este se encontrava sepultado.

Assim, em 6 de janeiro de 1931, com a presença da família e dos “amigos e admiradores do saudoso educador prof. Arnaldo Barreto”, o túmulo é finalmente inaugurado. (*O Estado de S. Paulo*, 10/01/1931, p. 6).

Na lista de pessoas presentes à cerimônia, divulgada pelo jornal, encontram-se os nomes do prof. João Lourenço Rodrigues, com quem A. Barreto trabalhara na Escola Normal e na *Revista de Ensino*, de Pedro Voss (da Escola Normal), de Cymbelino de Freitas e Waldomiro Silveira, antigos alunos da Escola Normal e professores que trabalharam com ele nas Escolas de Aprendizes Marinheiros. Em nome da família de Arnaldo Barreto, falou o amigo de todas as horas: Ramon Roca Dordal. Oscar Thompson, já afastado das funções relativas à instrução pública, não consta entre os nomes presentes, não se podendo precisar o motivo de tal ausência.

Não há informações sobre o túmulo ter um epitáfio, mas certamente as palavras de D. Carolina Ribeiro, diretora do Instituto de Educação “Caetano de Campos” (1939-1947), na

abertura da *Polianteia Comemorativa do 1º centenário da Escola Normal* (1946), resumiriam a imagem pública que Arnaldo Barreto procurou firmar de si - a de um “soldado do ensino”<sup>51</sup>:

*E então, quando, afinal, vosso labor já findo,  
Quiserdes repousar, bem podereis dizer:  
- Servindo a minha Pátria e a meu Deus servindo,  
Cumprir o meu dever.*

---

<sup>51</sup> Revista de Ensino, set. de 1908 – Ano VII – n. 3, p. 12

## CAPÍTULO 2

### A BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS NO PANORAMA GERAL DA LITERATURA BRASILEIRA PARA A INFÂNCIA: *histórias de ternura*,<sup>52</sup> *escritas em elegante e simplíssimo vernáculo*<sup>53</sup>

“Em outubro de 1915 – portanto há cinquenta anos – as crianças de nossa terra recebiam, pela primeira vez, os olhos certamente muito arregalados, um volumezinho de aspecto atraente, capa dura, com uma figura que depois se tornaria tradicional – a da vovòzinha acolhedora a desfiar suas estórias de ternura – e páginas coloridas, maravilhosamente ilustradas. Era o livrinho infantil O PATINHO FEIO, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN, ADAPTADO À MENTALIDADE DA NOSSA INFÂNCIA PELO EDUCADOR<sup>54</sup> Arnaldo de Oliveira Barreto, contendo ilustrações inesquecíveis vividas pelo pincel mágico de FRANCISCO RICHTER.

Com êsse volumezinho assinalava-se, também, a orientação da empresa, então sob a razão social de WEISZFLOG IRMÃOS, depois COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO – INDÚSTRIAS DE PAPEL, de marcar sua linha de lançamentos no campo de sadias e construtivas obras culturais.

A “Biblioteca Infantil”, que nascia sob a inspiração de WALTHER WEISZFLOG, um homem bom, amigo da infância e da natureza, iria alcançar 100 volumes, espalhando-se por todo o país, como a mais popular coleção de livros para crianças, incorporando-se por assim dizer ao patrimônio cultural de cada família”. [...]<sup>55</sup>

<sup>52</sup> Expressão tirada da apresentação do livro *Estórias Maravilhosas* (ANDERSEN, H.C., 1965, p. 1).

<sup>53</sup> Expressão tirada do *Catálogo de Obra da Cia. Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos incorporada, agosto/1924)*.

<sup>54</sup> Os trechos em caixa alta aparecem deste modo na obra consultada.

<sup>55</sup> Trecho da apresentação do livro *Estórias Maravilhosas* (ANDERSEN, H.C., 1965, p. 1)

A história da literatura brasileira para crianças já foi adequadamente pesquisada e escrita por autores como Leonardo Arroyo (1968), Lajolo & Zilberman (1986; 1987) e Nelly Novaes Coelho (1991; 1995), para citar apenas os nomes que se tornaram canônicos por constituírem referência para os estudos do gênero, considerando especialmente o conteúdo das obras aqui referenciadas.

Sendo assim, não se pretende traçar um estudo, mesmo que panorâmico, da história das obras e do que se entende por literatura infantil desde o surgimento do gênero no Brasil. A intenção é compor um quadro que indique aspectos da circulação de obras infantis no período compreendido entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX, a partir de um conjunto de livros antigos reunido para uma pesquisa (Anexo 4).

O objetivo desse movimento investigativo é procurar visualizar, ainda que de forma amostral, o tipo de obra destinada à infância brasileira que havia antes do surgimento da Biblioteca Infantil Melhoramentos, em 1915, obras que Arnaldo de Oliveira Barreto provavelmente deve ter conhecido como leitor/aluno e professor, e que podem guardar relação com o projeto oferecido à Irmãos Weiszflog, principalmente no que diz respeito à escolha dos títulos que compõem a primeira fase da coleção.

Não se pretende, tampouco, empreender uma busca de que resulte o inventário completo dos livros destinados à infância brasileira nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX - até porque o objetivo é o estudo dos 28 primeiros volumes da Biblioteca Infantil Melhoramentos. Entretanto, a reunião de outros livros infantis antigos possibilita a comparação com os livrinhos da coleção de Arnaldo Barreto, principalmente do ponto de vista da materialidade. Tal movimento parte do pressuposto de que para se firmar como produto cultural que conquistasse mais leitores, ao mesmo tempo em que foi necessário estabelecer um diálogo com o que já havia publicado e divulgado para o público infantil, os livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos precisaram se distinguir – em alguma medida – da produção disponível para este mesmo público na segunda década do século XX.

Deste modo, este capítulo se norteará pela busca de respostas às seguintes questões: 1) O que foi a Coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos?; 2) Como esta coleção se situa no campo dos livros infantis destinados às crianças brasileiras do início do século XX?; 3) A que autores e fontes pertencem as histórias que compõem os 28 volumes da primeira fase da coleção?; 4) Qual o significado da coleção no panorama geral da literatura infantil brasileira?

## 2.1 Livros para crianças que circularam no Brasil nos anos finais do século XIX e iniciais do XX – outras bibliotecas infantis

Entrar no universo das publicações de livros infantis é também desvelar um pouco do mercado editorial brasileiro, uma vez que as principais editoras do período, como a Garnier, a Laemmert, a Francisco Alves e a Quaresma já publicavam obras para crianças muito antes da Irmãos Weiszflog, sem contar os livros destinados à infância que por aqui circulavam, escritos e impressos em Portugal ou em países como França, Inglaterra, Estados Unidos e Espanha, conforme conjunto de livros reunidos para a pesquisa. (Anexo 4)

Assim, situar os livros da primeira fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos no campo maior da história da literatura infantil brasileira através de um olhar investigativo sobre sua materialidade - capas, paratextos e conteúdos – talvez possa corporificar e detalhar o que já está dito e referenciado na bibliografia sobre o assunto, de modo a talvez compreender se esta coleção representou, como sugere a citação apresentada na introdução deste capítulo, ponto de ruptura ou de continuidade em relação a esse conjunto de obras, parte do cânone para a infância brasileira de determinado período histórico.

A bibliografia consultada registra que as primeiras produções no campo da literatura para crianças no Brasil, em termos de impressão e comercialização, “surgem a partir dos últimos anos do século XIX, quando ocorre um esforço sistematizado de produção de obras infantis, inclusive com a abertura de canais e estratégias regulares de circulação entre o público”<sup>56</sup> (LAJOLO e ZILBERMAN, 1986, p. 15). É por essa época, mais precisamente em 1882, que o jornalista e professor Carlos Jansen traduziu para o português a obra *Contos seletos das mil e uma noites*, publicada pela Laemmert & Cia.

### 2.1.1 Carlos Jansen e a adaptação de clássicos para a juventude

Do período inicial de constituição da literatura infantil brasileira referido por Lajolo e Zilberman (1986), foram localizadas durante a pesquisa três obras de Carlos Jansen: o próprio *Contos seletos das mil e uma noites*, *Robinson Crusóé* (1885) e *As aventuras do Barão de Münchausen* (1891). O manuseio de tais obras tornou possível inferir que talvez Arroyo esteja se referindo a impressos como estes ao falar de “volumes pesados, com aquela seriedade doutoral dos lançamentos do século XIX” (1968, p. 187). Ambos os volumes

---

<sup>56</sup> O que não significa que antes, no país, não circulassem obras destinadas às crianças. No século XVIII, por exemplo, já havia uma importação regular de obras infantis para o Rio de Janeiro. Segundo Márcia Abreu, no período anterior à transferência da corte portuguesa para o Brasil, *Les Aventures de Télémaque*, de François de Salignac de la Mothe-Fénelon, estava entre os livros remetidos com maior regularidade para o Rio de Janeiro. (ABREU, s/d)

referidos medem 21 x 15 cm e têm mais de cem páginas. O volume de *As mil e uma noites*, por exemplo, tem 290 páginas<sup>57</sup>; tendo a impressão sido feita em letras miúdas. Trazem ilustrações, a maioria em preto e branco, além de alguns “esplendidos chromos”, como informado na página de rosto de *Robinson Crusóé*; são dirigidos “para a mocidade brasileira”, não especificamente para crianças.

Os prefácios são feitos por autores consagrados da literatura brasileira: Machado de Assis (*As mil e uma noites*) e Silvio Romero (*Robinson Crusóé*), o que pode sinalizar a busca de legitimação para um gênero que ensaiava seus primeiros passos em nossas letras – livros para o público infantil.

A relação que se pode estabelecer entre a produção de Carlos Jansen e a Biblioteca Infantil idealizada e organizada por Arnaldo Barreto é que este último provavelmente conheceu e leu os títulos de autoria de Carlos Jansen, inclusive em decorrência de seu trabalho no ensino primário paulista. Assim, a seleção de algumas histórias da Biblioteca Infantil pode ter tido influência direta ou indireta do livro *As mil e uma noites*, de Carlos Jansen, mais especificamente no caso de *Viagens maravilhosas de Sindbad Marinheiro* (nº VI da coleção), *O califa cegonha* (nº VIII), *Aladino e a lâmpada maravilhosa* (nº XIX) e *Ali-Babá e os quarenta ladrões* (nº XXIII), pertencentes a este universo dos contos orientais.

### 2.1.2 Figueiredo Pimentel e a Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma

Outro fato importante para a constituição do campo da literatura infantil brasileira ocorreu em 1894, quando a Livraria Quaresma lançou os *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel, obra que, segundo Arroyo (1968, p. 177), “instaura na literatura infantil brasileira uma nova orientação: a popular. Isto é, o livro de autores clássicos já não se apresentava apenas através de edições que visavam exclusivamente ao público escolar”. Deste modo, para Arroyo, “popular” parece ser entendido como oposição a “escolar”; popular como não estrangeiro, como ligado à tradição oral, que busca alcançar um público mais amplo, não apenas a criança que frequenta o grupo escolar; um público, em suma, que se identifica com as práticas ligadas à oralidade.

Exemplo daqueles livros dirigidos à infância, mas cujas edições visavam

---

<sup>57</sup> O volume localizado está sem a capa e faltando a(s) página(s) do final: a última é a 290, mas não é o fim da história que está sendo contada (“Agib, o curioso”); como falta o índice, não há como precisar se esta é mesmo a última história, ou qual o número total de páginas do livro.

basicamente ao público escolar, são os *Livros de Leitura*, como *O amiguinho do Nhónhó*<sup>58</sup> (1882), escrito por Meneses Vieira<sup>59</sup>, título que circulava no âmbito escolar e que traz textos sobre temas que encerram normas de conduta moral, seguidos de “exercícios oraes e escriptos”, com o atrativo de serem ilustrados por gravuras em preto e branco.

Outro exemplo desse tipo de livro escolar é a série Puiggari-Barreto (1904), organizada pelo próprio Arnaldo Barreto em parceria com Romão Puiggari, composta por quatro livros de leitura, ou aquela de autoria de Felisberto de Carvalho<sup>60</sup> (1892)<sup>61</sup>.

Em outra direção, no campo das obras de destinação não marcadamente didática como a dos livros escolares, Pedro da Silva Quaresma, livreiro-editor proprietário da Livraria Quaresma, foi um dos primeiros a perceber a necessidade de se produzir livros que atendessem aos anseios das crianças brasileiras, até então limitadas a ler obras infantis que circulavam em coletâneas estrangeiras, especialmente francesas, ou em traduções repletas de palavras e expressões próprias do português de Portugal, o que dificultava o entendimento das histórias. Assim, em 1894, sua livraria-editora lança *Contos da Carochinha*, coletânea composta de textos recolhidos da tradição oral e organizada por Figueiredo Pimentel que, segundo Câmara Cascudo (s/d, p. 48), traduziu, adaptou e registrou centenas de histórias, tornando-se, assim, “o popularizador da literatura infantil.”

Jornalista, poeta e inicialmente autor de livros com títulos e temas considerados escandalosos pela sociedade brasileira de sua época, Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) não parecia ser o nome mais indicado para figurar como organizador de uma coleção destinada a crianças: seu livro *O aborto*<sup>62</sup>, publicado em 1893, pela Livraria Quaresma, recebera duras críticas, envolvendo o autor em polêmicas registradas pelos jornais. Apesar disso, no entanto, foi ele o escolhido por José de Matos, caixeiro e braço direito de Pedro Quaresma, para dirigir a Biblioteca Infantil daquela livraria, com a aprovação do patrão.

Ao que parece, a aposta comercial de José de Matos e de Pedro Quaresma no nome de F. Pimentel revelou-se acertada: *Contos da Carochinha* transformou-se em sucesso de venda. Anúncio publicado no *Jornal do Brasil*, apenas nove meses após o lançamento do

<sup>58</sup> Há no conjunto de livros reunidos para a pesquisa um exemplar de *O amiguinho de Nhónhó*, publicado em 1909, pela Livraria Francisco Alves.

<sup>59</sup> Joaquim José de Meneses Vieira (Rio de Janeiro, 1851-1897), médico, professor e intelectual que se destacou entre os que marcaram a evolução das ideias pedagógicas e a prática de ensino em sua época. (COELHO, 1991, p. 210)

<sup>60</sup> Felisberto de Carvalho (Rio de Janeiro, 1850-1898) foi jornalista, músico, professor e autor de livros didáticos.

<sup>61</sup> Sobre os livros de leitura da série Puiggari-Barreto e de Felisberto de Carvalho, ver *As faces do livro de leitura*, de Cátia Regina Guidio Alves de Oliveira e Rosa Fátima de Souza. Cadernos Cedex, ano XX, nº 52, novembro/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>, acesso em 20/03/2014.

<sup>62</sup> Sobre Figueiredo Pimentel e a repercussão de *O aborto*, ver EL FAR, A., 2004, p. 253 a 263.

livro, informava que a obra já se encontrava em sua terceira edição,

enriquecida de grande número de esplendidas gravuras e vinhetas, acrescentada de mais vinte primorosíssimos contos, inteiramente novos, e com uma deslumbrante capa impressa a cores, representando a avósinha contando aos netinhos os – Contos da Carochinha, - um elegante volume de perto de 400 pags, enc. [e custando] 3\$000. (*Jornal do Brasil*, 01/01/1895, p. 6)

Em 1896, F. Pimentel acrescentou novos títulos à Biblioteca Infantil Quaresma, com a publicação de *Histórias da Avósinha* e *Histórias da Baratinha*. Já em 1898, desta vez pela J. G. de Azevedo/Francisco Alves, publicou *Histórias de Fadas*, obra sobre a qual os estudos de literatura brasileira para a infância trazem poucas informações<sup>63</sup>. O conjunto de livros reunido para esta pesquisa possui um exemplar desta obra, publicado no ano de seu lançamento<sup>64</sup>, que F. Pimentel não publicou pela Quaresma, apesar de estar circunscrita ao mesmo universo temático da Biblioteca Infantil sob sua direção.

“Livro para crianças contendo a melhor, mais escolhida e mais variada collecção de contos populares, reunidos por Figueiredo Pimentel” - esta é a informação que se encontra na folha de rosto do pequeno volume de *Histórias de Fadas*, publicado em 1898, no Rio de Janeiro, pela Livraria de J. G. de Azevedo, mas editado na *Typ. Jablonski, Vogt e Cia*, em Paris, e de propriedade comercial da Livraria Francisco Alves, nome que consta da capa do volume.

Esse fato, mais do que um provável desentendimento entre F. Pimentel e Pedro Quaresma, pode indicar a projeção que esse tipo de livro – contos de tradição oral destinados ao público infantil – parecia já ter alcançado naquele momento, a ponto de despertar o interesse de uma casa editora como a Francisco Alves, que por sua experiência na área da publicação de livros escolares, certamente já identificara o potencial de vendas do gênero e do autor junto aos leitores infantis.

Da produção de Figueiredo Pimentel, há vários exemplares no conjunto de obras reunidas para a pesquisa, mas apenas dois serão destacados: *Contos da Carochinha* e *Histórias de Fadas*, por apresentarem pontos em comum com a Coleção Biblioteca Infantil da Irmãos Weiszflog, futura Melhoramentos. Lajolo e Zilberman (1987, p. 31) defendem que a coleção organizada por Arnaldo Barreto seria “a retomada atualizada da idéia da Livraria

<sup>63</sup> L. Arroyo (1968, p. 177) se refere a esta obra como “*Contos de fadas*, ou *Histórias de fadas*”, informando haver sido publicada em 1896; Lajolo e Zilberman (1987) seguem Arroyo e também registram 1896 como a data de publicação da obra; da bibliografia consultada, apenas Leão (2002) indica 1898 como data de publicação de *Histórias de Fadas*.

<sup>64</sup> Anúncio publicado na *Gazeta de Notícias* de 1º de setembro de 1898 confirma 1898 como a data em que se publicou a obra: “LIVROS PUBLICAÇÕES de 1898 – **Historias de Fadas**, 1 vol. com est. 3\$000 (...) e muitas outras obras por preços baratissimos na Livraria Azevedo, á Rua de Uruguayana, n. 33.” (grifo meu)

Quaresma”, afirmação que será considerada de modo mais aprofundado neste capítulo.

No caso de *Contos da Carochinha*, o exemplar consultado apresenta na capa, entre outras figuras, a de uma avó contando histórias para crianças, capa esta que seria mantida nos outros volumes da biblioteca Infantil da Livraria Quaresma. As capas dos livrinhos da biblioteca Infantil Melhoramentos “herdam” a figura de uma mulher mais velha contando histórias para crianças, embora numa nova composição gráfica<sup>65</sup>.

Quanto ao conteúdo de *Contos da Carochinha* e de *Histórias de Fadas*, este guarda certa semelhança com aquele que seria o da futura Biblioteca Infantil Melhoramentos, considerando-se o tipo de histórias escolhidas. No caso de *Histórias de Fadas*, por exemplo, as 20 histórias trazidas pelo exemplar já haviam sido publicadas em coletâneas para crianças de outros países como Portugal, França e Inglaterra<sup>66</sup>, fazendo parte, portanto, do cânone da literatura destinada à infância.

No livro, apenas o próprio F. Pimentel figura como autor, mas é possível identificar 9 contos de Charles Perrault; 5 de Andersen; 2 dos Irmãos Grimm; 2 de Madame D’Aulnoy; 1 conto da tradição oral portuguesa e, finalmente, “A Princesa Fina”, cuja autoria não foi possível precisar.

*Histórias de Fadas*, título do volume, provavelmente remete à influência francesa de Madame D’Aulnoy<sup>67</sup>, que até 1698 publicara *Contos de fadas; Novos contos de fadas* ou *As fadas em moda; Ilustres fadas*, etc. Segundo Coelho (1991, p. 98), em 1695 a jovem baronesa Marie D’Aulnoy “inicia a publicação de oito volumes de contos maravilhosos que, desafiando o racionalismo clássico e o ‘modelo dos antigos greco-latinos’, lançavam a ‘moda das fadas’ entre os adultos. Moda que vai durar anos”.

Este aspecto constitui uma diferença em relação ao título das demais obras infantis publicadas por F. Pimentel; *Contos da Carochinha*, por exemplo, remete à influência do folclore português. Em Portugal, “carocha” (barata pequena) é a personagem de uma

<sup>65</sup> No conjunto de obras reunidas para a pesquisa, há dois volumes dos *Contos da Carochinha*: um publicado nos anos 50 do século XX, trazendo a avozinha na capa, e outro, de 1925, em encadernação de capa dura, verde, sem a imagem da avó, muito semelhante à dos livros para adultos.

<sup>66</sup> Figueiredo Pimentel provavelmente leu os contos de Perrault, Andersen e Madame D’Aulnoy em francês. É possível consultar versões digitalizadas dessas coletâneas, em francês, na Gallica:

1) **Contes D’Andersen**, traduits du danois par D. Soldi, Librairie Hachette et cie, 1876.

Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56195237/f8.image>

2) PERRAULT, Charles. **Contes du Temps Passé**. Paris: L Curmer, 1846.

Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b2200119s/f2.item>

<sup>67</sup> “Na mesma época em que Charles Perrault começava a publicar seus *Contos*, também em Paris a jovem baronesa Marie D’Aulnoy (...) pôe em moda os ‘contos de fadas’.” (COELHO, 1991, p. 98)

narrativa popular<sup>68</sup> que passou a ser sinônimo de histórias para crianças. Segundo Brito Broca (1994, p. 49), os títulos infantis publicados por F. Pimentel, especialmente os *Contos da Carochinha*, “incorporaram ao nosso idioma um termo e ao nosso folclore essa imagem da Carochinha, uma velha bondosa e afável a distrair os pequenos, com suas narrativas feéricas”, o que explicaria a imagem presente nas capas dos livros da Biblioteca Infantil Quaresma e, talvez, a avó da capa da Biblioteca Infantil Melhoramentos.

Do ponto de vista do conteúdo, a leitura do índice de *Contos de fadas* e do anúncio do *Jornal do Brasil* de 1895 divulgando a 3ª edição de *Contos da Carochinha* mostra a repetição dos seguintes títulos nas duas obras: *O pequeno polegar*; *Chapeozinho vermelho*; *O gato de botas*; *O Barba-Azul* e *A bela adormecida no bosque* – todos de Charles Perrault.<sup>69</sup>

O tipo de texto que integra os livros da Biblioteca Infantil Melhoramentos parece ter sido escolhido desse mesmo repositório buscado por Figueiredo Pimentel: considerando apenas o índice de *Contos da Carochinha* e de *Histórias de Fadas*, são encontrados nove títulos que se repetem na Biblioteca Infantil de Arnaldo Barreto: *O gato de botas*; *O chapéozinho vermelho*; *O pequeno polegar*; *Aladin ou a lâmpada maravilhosa*; *A gata borralheira*; *O soldadinho de chumbo*; *O patinho torto (O patinho feio)*; *O anão amarelo e Branca como a neve*<sup>70</sup>.

Outras histórias presentes na Biblioteca Infantil da Melhoramentos também constam de outros volumes da Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma, a saber: em *Histórias do Arco da Velha* (1897), encontramos “O anjo”; em *Histórias da Avósinha* (1896), “O sargento verde”, “A gatinha branca” e “O dr. Grilo”; finalmente, em *Histórias da baratinha* (1896), “O califa cegonha”.

Sendo assim, num primeiro momento pode-se dizer que o projeto editorial da Biblioteca Infantil Melhoramentos seria trazer o já conhecido, o já amplamente aprovado pelo público infantil ao qual a coleção se destinava; não é novo porque traz novas histórias. Elas já estavam em Figueiredo Pimentel, nos livros portugueses que por aqui circulavam e em Carlos Jansen. Portanto, pode-se pensar que Arnaldo Barreto parecia reconhecer as possibilidades comerciais de livros contendo contos de fadas e outras histórias de tradição oral, tipo de literatura com grande probabilidade de fazer sucesso junto ao público leitor visado.

<sup>68</sup> Trata-se da baratinha do refrão: “Quem quer casar com a D. Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha”, parte de conhecida narrativa de domínio popular.

<sup>69</sup> Os títulos estão grafados de acordo com o modo como aparecem no índice da obra.

<sup>70</sup> Idem nota anterior.

### 2.1.3 Obras infantis da Livraria Francisco Alves e livros estrangeiros para crianças que circularam no Brasil

A editora, porém, que apresenta a maior variedade de publicações destinadas ao público infantil talvez seja a Francisco Alves que, como vários estudos<sup>71</sup> já demonstraram, especializou-se, a partir do final do século XIX, na publicação de livros voltados para o público escolar, portanto, infantil. Dessa editora há, no conjunto de obras reunidas para a pesquisa, um exemplar de *Poesias infantis* de Olavo Bilac (1913) e um de *Contos infantis* de Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida, numa edição de 1922, ambos com capa que apresenta o mesmo projeto gráfico: quatro garotos, dos quais três estão lendo, em meio a um cenário que remete, de forma minimalista, à natureza brasileira.

Este detalhe da capa igual para obras diferentes pode ser visto como elemento identificador de uma obra voltada para um mesmo tipo de público (o infantil), a exemplo do que já ocorria com os livros da Quaresma, e que será adotado pelo projeto editorial pensado por Arnaldo Barreto para a Biblioteca Infantil Melhoramentos, lançada alguns anos depois.

Outros exemplares que merecem destaque são *Que amor de criança* (1903) e *Memórias d'um burro* (1915), da Condessa de Ségur<sup>72</sup>, publicados pela Francisco Alves, pela repercussão que a obra dessa autora francesa teve entre as crianças brasileiras, e porque *Memórias d'um burro* foi incluída na Biblioteca Infantil Melhoramentos por A. Barreto, que sempre teve seus livros para o público escolar publicados por esta mesma editora.

Também foram localizadas obras de Charles Perrault e de Hans Christian Andersen (autor do qual Arnaldo Barreto adaptou histórias para os cinco primeiros volumes da Biblioteca Infantil) em francês, em inglês e em espanhol, numa constatação de que as crianças brasileiras, a exemplo do que ocorria com a elite letrada do final do século XIX e início do XX, lia obras em outros idiomas, talvez sob influência das governantas e preceptoras alemãs e francesas que por aqui trabalharam. Arroyo (1968, p. 79), inclusive, aponta este como um dos fatores que acabaram por provocar um atraso no processo de formação da literatura brasileira destinada à infância:

Com efeito, mestres e mestras tanto franceses, como alemães, ingleses ou norteamericanos utilizavam-se as mais das vezes de sua própria língua. Indicavam assim

<sup>71</sup> Sobre a Livraria Francisco Alves, ver estudos de:

1. BRAGANÇA, A., 1999.

2. BRAGANÇA, A.: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0631-1.pdf>>, acesso em: 21/05/2014.

3. HALLEWELL, L., 2005, p. 269-294.

<sup>72</sup> Sobre a Condessa de Ségur, ver LEÃO, A: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/3407.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3407.pdf)>, acesso em: 20/01/2014.

leituras em suas línguas de origem, criando um consumo de livros que não aqueles de língua portuguesa. Durante muito tempo o livro em português não constituiu nenhuma necessidade para os meninos brasileiros.

Estes livros em inglês e em francês interessam à pesquisa porque algumas obras de Andersen, pouco adaptado e traduzido por aqui, ao contrário dos Grimm e de Perrault, podem ter sido lidas por Arnaldo Barreto para fazer a adaptação de alguns títulos de sua biblioteca infantil. É importante lembrar que, no final do século XIX, ele trabalhou diretamente com Miss Browne, a educadora norte-americana que esteve à frente da implantação da Escola Modelo anexa à Escola Normal, além de ter traduzido pelo menos uma obra do inglês para o português<sup>73</sup>, sendo, portanto, lícito inferir que possuísse conhecimentos neste idioma.

Estes livros estrangeiros, diferentemente dos de Jansen, de Pimentel e dos infantis da Francisco Alves, têm tamanho reduzido: são livros pequenos (12 x 18 cm.), a exemplo do que seriam os da futura coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos – o que pode indicar que essas dimensões reduzidas para os livros infantis já fosse uma característica firmada em outros países.

Nesse setor do conjunto de obras, há um *Hans Andersen's fairy tales*, publicado pela Ginn and Company, em 1914; um *Andersen's fairy tales*, da Macmillan, de 1911; um *Contes D'Andersen*, da Librarie Hachette, de 1924, que trazem alguns dos títulos que seriam adaptados por Arnaldo Barreto a partir de 1915, inclusive *O patinho feio*, o primeiro número a ser publicado pela coleção, assim como *O soldadinho de chumbo* e *O anjo*, entre outros, no que pode ser visto como parte de uma tradição à qual a biblioteca Infantil Melhoramentos vai se filiar.

O material exemplifica que o processo de produção de livros voltados especialmente para a infância brasileira se aproxima do que ocorreu nos países europeus, mas que também acompanha o percurso de circulação de outros gêneros da chamada literatura popular, cuja origem se encontra fortemente ligada à oralidade, do mesmo modo que a da própria literatura infantil. Assim, esses contos de fadas lidos pelas crianças brasileiras do século XIX e das primeiras décadas do XX, traduzidos ou adaptados por Figueiredo Pimentel, Arnaldo de Oliveira Barreto e outros, também o foram por crianças inglesas, francesas, alemãs e portuguesas, contribuindo para a criação de certo imaginário compartilhado, o que acarretou o surgimento de determinadas preferências e gostos.

Os contos de fadas de origem europeia trouxeram para nosso país os castelos, reis,

---

<sup>73</sup> Trata-se de *Palestras sobre ensino*, por Francis Parker – traduzida por Arnaldo de Oliveira Barreto e José Stott, Typ. “Livro Azul” – A. B. de Castro Mendes, Campinas, 1900.

príncipes, princesas, fadas, bruxas, gigantes, lobos que devoram meninas, enfim, toda uma gama de referências históricas, geográficas e culturais que, certamente, iriam exercer algum tipo de influência na formação dos leitores mirins, determinando a produção de um tipo de literatura que se consolidaria como modelo de leitura a ser oferecido à infância brasileira, e que persistiu de modo predominante até pelo menos as duas primeiras décadas do século XX. No caso da Biblioteca Infantil Melhoramentos, a seleção do repertório de grande parte de seus títulos valoriza estes aspectos, já que não busca inovação, mas a apresentação do já conhecido pelo público leitor, só que em um novo formato editorial.

A seguir, será feita a apresentação da organização e constituição dos títulos da Biblioteca Infantil Melhoramentos, enfatizando-se as obras da primeira fase, publicadas entre 1915 e 1925, período em que esteve sob a direção de Arnaldo Barreto.

## **2.2 Biblioteca Infantil Melhoramentos: breve histórico da coleção**

Segundo Chartier (1999, p. 70), na linguagem vulgar o termo *biblioteca* impõe-se para qualificar o gênero. Assim, o *Dictionnaire* da Academia Francesa chama “também bibliotecas as coleções e compilações de obras da mesma natureza”. Ainda segundo este autor, “os livreiros do século XVIII publicam em profusão essas coleções de volumes múltiplos que reúnem um grande número de obras já publicadas de um dado gênero (romance, conto, relato de viagem)” (CHARTIER, 1999, p. 70-71).

O historiador adverte, porém, que nem todas essas coleções são denominadas especificamente como “bibliotecas”, apesar de organizadas segundo as características do gênero, citando como exemplo algumas obras, dentre elas *Le cabinet des fées* (1785-1789), reunião de contos de fadas de autores diversos, publicados em quarenta e um volumes *in-octavo*, por iniciativa do livreiro-editor Charles Garnier.

Sendo assim, é possível pensar que, primeiramente a Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma, e, posteriormente a da Editora Melhoramentos, dentre outras, se filiam a essa tradição das “bibliotecas sem muros”, para empregar expressão do próprio Roger Chartier – mas no campo dos livros destinados à infância.

No que se refere a sua trajetória editorial, a Biblioteca Infantil Melhoramentos pode ser dividida em duas fases. Durante a primeira, que vai de 1915 a 1925, a coleção esteve sob a responsabilidade de seu idealizador e organizador, o Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, representante da corrente de professores normalistas do chamado “período áureo” da educação paulista. Já durante a segunda, que engloba o período compreendido entre 1926 e

1958, a coleção passou a ser coordenada pelo Prof. Manoel B. Lourenço Filho, representante da corrente que valorizava a psicologia como instrumento para se reformar a educação, e que propôs uma série de mudanças no ensino paulista, no interior do que ficou conhecido como movimento escolanovista.

Esta tese se propõe a olhar de modo mais acurado para a primeira fase da coleção, pois apesar de citada por estudiosos da literatura infantil brasileira, como Arroyo (1990); Coelho (1991; 1995); Lajolo e Zilberman (1987; 1996); Menin (1999) e Soares (2007), tal coleção ainda não foi objeto de um estudo que olhasse para seu conteúdo e projeto editorial de modo extensivo – em relação à coleção completa – e de modo intensivo, no que diz respeito aos 28 volumes da primeira fase<sup>74</sup>. Os estudos se referem apenas à “coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos”, como se esta coleção fosse um todo absoluto, ou como um conjunto desencarnado de títulos (COELHO, 1995), sem fornecer informações sobre, por exemplo, o conteúdo das histórias e das ilustrações, exceção feita ao trabalho de Menin (1999) - que se dedicou ao estudo de *O patinho feio* - e Soares (2007), que analisou trechos das versões de *A gata borralheira* publicadas em ambas as fases da coleção.

No entanto, mesmo nesses últimos trabalhos, o foco é uma obra, e não o conjunto de títulos da coleção, um todo carregado de informações capazes de contribuir para a construção de novos e a ampliação de antigos entendimentos sobre a literatura infantil brasileira.

Sendo assim, a opção por este primeiro conjunto de títulos se deu por três razões principais: a) ele traz as marcas que indiciam o início e a vocação da coleção; b) é mantida a identidade quanto ao adaptador dos textos e ao ilustrador (são os mesmos, em todos os livros); c) foi publicada num período que marca, no Brasil, o surgimento de um mercado editorial voltado especificamente para o público infantil.

### 2.2.1 O surgimento da Biblioteca Infantil Melhoramentos

Em que circunstâncias foi criada a Biblioteca Infantil Melhoramentos? Segundo Donato (1990), em livro comemorativo aos cem anos da Editora, em 1908 a então Weiszflog Irmãos<sup>75</sup> publicava com sucesso material escolar, sendo bastante elogiada pela qualidade

<sup>74</sup> Algumas informações deste capítulo sobre o período de 1915-1925 da Coleção também estão presentes em MAZIERO, M.D.S. e FERREIRA, N.S.A., 2011.

<sup>75</sup> Segundo Soares (2007, p. 461), “A Companhia Melhoramentos de São Paulo foi fundada em 1890, voltada inicialmente à fabricação de papel e logo às atividades gráficas e editoriais. No final dos anos 1910, passou a produzir material escolar, como mapas e cadernos de caligrafia. Em 1912, os prelos dos Weiszflog imprimiram livros da Francisco Alves, muitos deles didáticos, o que suscitou a aproximação entre a Melhoramentos e

técnica de suas impressões. Em 1909, “ingressou na área escolar com produtos prontamente tornados indispensáveis: os Mapas Parker para Lições de Aritmética, os cadernos de Caligrafia Americana números de 1 a 6; a Caligrafia Vertical, de Francisco Viana”. (DONATO, 1990, p. 44).

Graças a esse sucesso, em 1912 a editora Francisco Alves procurou os prelos da Weiszflog para a impressão de seus livros, o que, segundo Donato, fez “entrar pela oficina o educador Arnaldo de Oliveira Barreto. Terá sido aquele um instante mágico para o desenvolvimento do ensino e da literatura infantil. Diretor da Escola Normal de São Paulo, incentivava a renovação educacional”. (DONATO, 1990, p. 44).

Três pontos chamam a atenção no parágrafo anterior: 1) o fato de uma das maiores e mais importantes editoras do período procurar a Weiszflog Irmãos para a impressão de suas obras mostra a consolidação da maestria técnica deste estabelecimento gráfico. No conjunto de livros reunidos para a pesquisa, há obras infantis da Francisco Alves impressas e editadas até em Paris; 2) à época, Arnaldo Barreto ainda não era Diretor da Escola Normal, o que só iria ocorrer em 1924, conforme consta do Capítulo 1 do presente estudo. No período a que se refere Donato, Barreto fora indicado para a direção das Escolas de Aprendizagem Marinheiros, no Rio de Janeiro; 3) o modo como Donato se refere à chegada de A. Barreto à Irmãos Weiszflog, futura Melhoramentos: “instante mágico para o desenvolvimento do ensino e da literatura infantil”.

A respeito deste último ponto, pode-se entrever a importância que a editora deseja atribuir à Coleção que Barreto iniciaria. A questão que levantamos é: tal afirmação deve ser encarada como simples discurso elogioso, exigência intrínseca ao objetivo do livro escrito por Donato (enaltecer a trajetória da Melhoramentos, a responsável pela publicação da obra), ou poderia ser confirmada, considerando a história da própria literatura infantil brasileira?

Este adjetivo “mágico” também poderia ser traduzido como o início da aliança entre um autor reconhecido no campo da educação e uma empresa que faria da edição e produção de livros infantis seu principal produto editorial? Ou seja, “mágico” porque significou uma inovação no campo editorial para a então Weiszflog Irmãos, que ingressou assim no promissor circuito escola-literatura para crianças?

O fato é que, ainda segundo Donato (1990, p. 45), os Weiszflog, graças aos elogios recebidos de educadores e autores, bem como ao sucesso alcançado com a produção de livros e material didático, aceitaram a sugestão de se tornar, além de impressores, editores,

---

Arnaldo de Oliveira Barreto. [...] *Partiu do educador o incentivo para que os Weiszflog se introduzissem nesse campo e, simultaneamente, no dos livros de literatura infantil.*” (grifos meus)

para o que teriam concorrido as palavras de incentivo de Arnaldo Barreto, transcritas nas memórias de Walther Weiszflog, um dos irmãos proprietários-editores:

“Por que vocês não editam livros? Eu vou lhes trazer um bom autor de cartilhas e livros de leitura. Com a boa execução que vocês conseguem, os livros logo serão adotados nas escolas. Eu mesmo estou comprometido com Alves, e por isso não posso escrever livros escolares para o primário, mas tenho um original para uma seleta *Vários Estilos*, que posso vender. E também o *Livro das Mães*”. (DONATO, 1990, p. 45, com aspas no original).

A citação aponta para o fato de Arnaldo Barreto demonstrar um grande conhecimento a respeito do funcionamento do mercado de livros escolares: ele percebe que há espaço nesse mercado para os livros que a Weiszflog viesse a publicar, além de informar onde estaria o público consumidor: nas escolas primárias. Também revela uma faceta dos contratos entre editoras e autores: por publicar livros escolares para o primário na Francisco Alves, ele não poderia publicar títulos com a mesma destinação em outro estabelecimento gráfico.

A promessa de Arnaldo Barreto de vender obras escolares para a Weiszflog Irmãos cumpriu-se em 1916, com a publicação da seleta *Vários Estilos*. Mas a maior contribuição que Barreto deu para a constituição daquela que seria a futura Editora Melhoramentos parece ter se dado mesmo no campo dos livros infantis, filão editorial que inaugurou a bem sucedida trajetória da empresa no mundo da edição e da publicação de obras para a infância no Brasil.<sup>76</sup>

Segundo Menin (1999, p. 152), Arnaldo de Oliveira Barreto ofereceu formalmente à Weiszflog Irmãos a venda de sua Biblioteca Infantil através de uma carta (à qual esta autora teve acesso na década de 90 do século XX), datada de 4/08/1915. Ainda segundo Menin, parte desta carta já havia se perdido antes de ela ter tido contato com o documento. Nos arquivos e documentos da Editora Melhoramentos, Menin (1990) também encontrou o contrato de compra e venda firmado entre Arnaldo Barreto e a Weiszflog Irmãos, assinado em 28/08/1915, portanto no mesmo mês de envio da carta do educador.

Menin transcreve trechos deste contrato de compra e venda, os quais é importante reproduzir por trazerem informações relevantes à compreensão das intenções e objetivos de Arnaldo Barreto em relação à sua Biblioteca Infantil:

Arnaldo de Oliveira Barreto é actualmente<sup>77</sup> único e exclusivo autor de um trabalho intitulado *Bibliotheca Infantil destinado a leitura de [sic] infância brasileira para o cultivo de sua imaginação e gosto literário...* a Weiszflog Irmãos caberá imprimir o

<sup>76</sup> Segundo Hallewell (2005, p. 334), “A viga mestra da atividade editorial da Melhoramentos está apoiada na literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos, que respondem aproximadamente por dois terços da produção total em títulos. Em 1967, uma relação de fontes de livros para crianças utilizada pela Biblioteca Pública de São Paulo concedeu o primeiro lugar à Melhoramentos [...]”

<sup>77</sup> Respeitou-se a ortografia da época.

trabalho com toda nitidez e arte, afim de pela sua esthetica, *corresponder aos intuitos educativos do referido trabalho*. (p. 2)

[...]

A Editora compromete-se em divulgar o trabalho de forma que ele seja adotado não somente nas escolas do Estado de São Paulo como nas outras escolas do Brazil, que colaborará do melhor modo possível para que o referido trabalho seja feito com o mais (ilegível) exequível e que facilmente não fara qualquer outro trabalho semelhante adaptável ao mesmo fim da Bibliotheca infantil destinado a infancia brasileira e ao cultivo de sua imaginação e gosto literário. (p. 3). (MENIN, 1999, p. 153<sup>78</sup>, grifos meus).

Os dados apresentados por Menin de forma tão objetiva levam a algumas considerações e análises. Em primeiro lugar, deve-se destacar a questão da destinação inicial prevista por Barreto para sua coleção: apesar de voltada à leitura da infância, de modo a cultivar “sua imaginação e gosto literário”, tal destinação tem “intuitos educativos”, conforme está no contrato. Deste modo, pode-se entender que Arnaldo Barreto idealizou os livrinhos da Biblioteca Infantil pensando que estes pudessem ser adotados com fins escolares, talvez num caminho semelhante ao da série de que ele próprio era autor, juntamente com Ramon Puiggari.<sup>79</sup>

Lajolo e Zilberman (1987) apontam o fato de que, no final do século XIX e início do século XX, a literatura para crianças no Brasil integrava um “Projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos” (p. 32). Deste modo, as exigências feitas por Barreto no contrato assinado com a Irmãos Weiszflog refletem seu modo de encarar os livros para a infância: eles seriam destinados ao ambiente escolar, porque lá estariam as crianças cujo gosto literário precisava ser formado – e que são também, em última instância, o público que poderia garantir o sucesso destes livros.

A vocação “escolar” pensada por Barreto para sua coleção de livrinhos aparece mais claramente na cláusula em que há a exigência de que a Editora se comprometa a “divulgar o trabalho de forma que ele seja *adotado* não somente *nas escolas do Estado de São Paulo como nas outras escolas do Brazil*” (grifos meus), o que mostra o alcance que o educador esperava que sua coleção tivesse – aliás, próprio do lugar ocupado por ele naquele momento. Como Inspetor da Instrução Pública e autor de livros didáticos de sucesso, A. Barreto certamente conhecia os caminhos a percorrer para que um livro destinado ao público infantil se tornasse sucesso editorial no universo da escola primária – local onde estavam

<sup>78</sup> Nota da autora também informa que o Contrato foi “Firmado em cartório, no 2º Tabelião de Notas, à rua Álvares Penteado, 32ª-SP, no Livro de Notas no 298, fls 3, em 28/08/1915. Há uma cláusula na escritura esclarecendo que caberia ao autor multa de 1.000\$000 réis, caso produzisse outra obra com o mesmo intuito”. (MENIN, 1999, p. 153)

<sup>79</sup> Trata-se da série Puiggari-Barreto, composta de quatro Livros de Leitura, a que já foi feita referência anteriormente.

concentrados os leitores visados. O que se pode perceber é a existência de um ciclo: a editora quer um autor para crianças que seja aceito e reconhecido pelo ambiente escolar – e o autor se compromete a elaborar uma obra destinada ao público escolar, pois conhece as exigências desse tipo de obra.

Em 1918, a propósito, o *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo* publicou uma relação de obras que receberam “aprovação oficial para as escolas preliminares” na categoria de “leituras suplementares e auxiliares”. Ao lado de outras obras, entre elas *Poesias infantis*, de Olavo Bilac, e *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida, encontra-se a indicação da “Bibliotheca Infantil organizada por Arnaldo Barreto”<sup>80</sup> (*Anuario do Ensino do Estado de S. Paulo*, 1918, p. 149)<sup>81</sup>.

Segundo Razzini (2011, p. 110),

Indicadas para o treino daqueles que já sabiam ler, as listas de livros para leituras suplementares e auxiliares tornaram-se comuns na primeira década do século XX. Essa modalidade de leitura complementar, inicialmente feita em sala de aula com livros escolares, aos poucos vai ganhando contornos mais amplos, admitindo obras de valor mais estético e menos didático, como por exemplo os pequenos volumes da Biblioteca Infantil, organizada e adaptada por Arnaldo Barreto a partir de 1915, estreitando os laços da literatura infantil com a escola.

As obras da Biblioteca Infantil Melhoramentos se aproximam das de Bilac e de Júlia Lopes de Almeida quanto à função: todas elas se propõem a contribuir para aproximar as crianças da leitura e do texto literário, portanto, sob esse aspecto, seriam parte de um mesmo projeto, o de oferecer às crianças leitura como fruição; leitura para a escola, mas não para o ensino, como os livros seriados. Por outro lado, quanto ao formato, são distintas: enquanto o livro de Bilac e o de Júlia L. de Almeida são volumes únicos, com vários poemas um, e várias pequenas histórias, outro, a Biblioteca Infantil é uma coleção, composta de vários livrinhos que trazem diferentes “historietas”; talvez por isso a indicação se refira à “Bibliotheca Infantil organizada por Arnaldo Barreto”, sem precisar quais títulos são recomendados.

Nesse período histórico, não se pode pensar em “livro escolar” como oposto a “livro infantil não escolar”. No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, não havia fronteira entre literatura de ficção e livro escolar. Autores que hoje poderíamos classificar como “literários” tiveram suas obras indicadas para as escolas primárias brasileiras como livro de leitura, conforme consta do *Anuário do Ensino* anteriormente citado. É este o

<sup>80</sup> Apesar de constar entre as 38 obras que a Comissão Revisora de livros didáticos indicou para adoção, a Biblioteca Infantil Melhoramentos não consta do relatório final expedido pela Diretoria Geral da Instrução Pública, com a relação dos livros efetivamente adotados nas escolas paulistas. (OLIVEIRA e TREVISAN, 2015, p. 121 e 122).

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/AEE19180000.pdf>> Acesso em: 03/01/2014.

caso de Olavo Bilac e das irmãs Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, autores de *Poesias infantis* e de *Contos infantis*, respectivamente, ambas publicadas pela Francisco Alves. Isto mostra que o gênero destinado ao cultivo da imaginação e do gosto literário, por tradição, não podia prescindir dos intentos educativos.

Até mesmo *A menina do narizinho arrebitado* (1920), o primeiro livro infantil de Monteiro Lobato, tido como “pai” da literatura infantil brasileira, “submetido à aprovação do governo de São Paulo e acrescido de aventuras inéditas, foi aceito e adotado para uso no segundo ano das escolas públicas, tirando em 1921 a edição recorde de 50.500 exemplares” (AZEVEDO e outros, 1997, p. 161).

No caso de Arnaldo Barreto, pode-se dizer que ele criou sua Biblioteca Infantil como material “de leitura específica para crianças”, muitas das quais alunas da instrução pública. No entanto, o interesse deste educador por uma produção voltada para a formação do gosto literário das crianças e para o cultivo de sua imaginação já pode ser percebido antes da publicação da Biblioteca Infantil. Como redator-chefe da *Revista de Ensino*<sup>82</sup> no período compreendido entre 1902 e 1904, ele havia inaugurado uma seção intitulada “Literatura Infantil”.

A estrutura da revista e a decisão sobre os textos a serem publicados ficava a cargo do redator-chefe, nomeado pelo presidente da Associação, portanto a influência de Barreto na criação e manutenção dessa seção desde o primeiro número da revista não pode ser ignorada. Nesta seção foram publicados textos de Zalina Rolim, Romão Puiggari (muitos deles adaptações e traduções de textos infantis de autor espanhol), do próprio Arnaldo Barreto, e de pessoas ligadas à instrução pública de São Paulo – de professores a Inspetores<sup>83</sup>.

Quanto à Biblioteca Infantil Melhoramentos, apesar de ter estado presente no ambiente escolar, sua circulação parece ter se estendido para além dos bancos escolares, como também ocorreu com as obras de Júlia Lopes de Almeida e Olavo Bilac, sendo possível afirmar que foram lidos por escolares, mas não exclusivamente na escola.

Além da questão da destinação pensada por A. Barreto para a coleção que se iniciava, o contrato de venda da Biblioteca Infantil Melhoramentos apontado por Menin (1999) também se refere a recibos que registram a quantia paga pela Weiszflog Irmãos a Arnaldo Barreto pelos primeiros volumes da coleção. Segundo ela, em 06/08/1915, ele

---

<sup>82</sup> Periódico mantido pela Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo e publicado entre 1902 e 1918.

<sup>83</sup> Sobre este tema, ver também MAZIERO, M.D.S.: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais.php>. acesso em 15/01/2014.

“recebe a quantia de 1.950\$000 réis pela entrega dos três [primeiros] volumes”, os mesmos citados na carta datada de 04/08/1915 (MENIN, p. 154).

Tal informação suscita o desejo de entender o que significava tal quantia para o mercado editorial da época, até para se avaliar o valor comercial atribuído à transação pelas partes envolvidas. Bragança (1999), em artigo sobre a política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil, informa que, em 1902, a obra *Theatro infantil* rendeu em direitos autorais a seus autores, Olavo Bilac e Coelho Netto, a quantia de 2:000\$000, a mesma que estes autores receberam pelo livro *A Pátria brasileira* (p. 463). Já Lajolo e Zilberman (1996) informam que João do Rio, em 1910, recebeu da Garnier pela direção de uma coleção de clássicos em vinte volumes, a quantia de 1:200\$000.

Sendo assim, é possível deduzir que a quantia recebida por A. Barreto da Weiszflog Irmãos pelos três volumes iniciais da coleção Biblioteca Infantil era significativa para os padrões da época, indiciando, talvez, o retorno financeiro que os editores contavam obter com a incursão no mercado de livros infantis. Como parâmetro de avaliação, no ano seguinte A. Barreto adquiriu um imóvel na cidade do Rio de Janeiro<sup>84</sup> pela quantia de 8:000\$000, o que significa que o valor recebido da editora representava um quarto do valor deste imóvel.

No período de dez anos em que permaneceu ligado à Melhoramentos, Arnaldo Barreto parece ter exercido funções que foram além daquelas que se espera de um autor de obras infantis ou escolares. Hallewell (2005, p. 334) se refere a ele como o “primeiro gerente da Weiszflog Irmãos”, mas não explica em que ano isso teria ocorrido. A Melhoramentos também não pôde acrescentar maiores informações sobre o assunto<sup>85</sup>.

Arroyo (1868, p. 186), por sua vez, informa apenas que

Desde 1915 Arnaldo de Oliveira Barreto, *que não deixou nenhuma documentação a respeito*, vinha dirigindo para as Edições Melhoramentos, com espírito verdadeiramente renovador, uma Biblioteca Infantil que se tornaria famosa com o correr dos anos e a publicação *de mais de 100*<sup>86</sup> títulos na série”. (grifos meus)

Um ponto mencionado na bibliografia consultada e que merece ser destacado é a preocupação de Arnaldo Barreto com a qualidade do novo projeto editorial, preocupação esta que aparece formalizada no contrato de compra e venda assinado com a Weiszflog Irmãos:

<sup>84</sup> Conforme nota publicada no Jornal *O Paiz*, de 13/05/1916, p. 3.

<sup>85</sup> A bibliotecária da Editora Melhoramentos enviou de maneira pronta e amável, em 21/06/2011, por *e-mail*, os dados disponíveis sobre a publicação dos livros da coleção. Em contato telefônico, confirmou a informação de que Arnaldo Barreto teria sido gerente da Weiszflog, mas declarou não ter conhecimento da existência de nenhum documento que detalhasse oficialmente este vínculo.

<sup>86</sup> Note-se que Arroyo cita “mais de cem” números, quando na verdade foram exatamente 100.

“[...] à Weiszflog Irmãos caberá imprimir o *trabalho com toda nitidez e arte*, afim de pela sua esthetica, corresponder aos intuitos educativos do referido trabalho.” (MENIN, 1999, p. 153, grifo meu).

Ainda segundo esta pesquisadora (MENIN, 1999, p. 152), é em carta datada de 4/08/1915 que Arnaldo Barreto apresenta à Weiszflog Irmãos sua ideia para a coleção, já oferecendo os três primeiros títulos para publicação. Da parte que restou da carta, segundo Menin, constam outros detalhes contratuais, entre os quais uma exigência interessante: a de que ele, Professor Arnaldo Barreto, ficaria encarregado da correção das provas tipográficas.

Esta exigência revela alguém com conhecimentos que vão além do simples domínio do campo da escrita, já esperado de todo escritor; revela alguém que não se preocupa apenas com a simples revisão do texto escrito, mas que conhece o trabalho que é feito na oficina de impressão, o que pode ser explicado pelo amplo conhecimento que Arnaldo Barreto tinha do mundo dos jornais e impressos, conforme relatado no Capítulo 1.

### 2.2.2 *As histórias trazidas pelos livros da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos – primeira fase*

Em 1915, quando enviou os três primeiros títulos da Coleção Biblioteca Infantil para a Weiszflog Irmãos, Arnaldo Barreto tinha 46 anos e já estava próximo de se aposentar de suas funções junto à Instrução Pública de São Paulo, o que iria ocorrer oficialmente em 1917.

Em 1924, após nove anos à frente da coleção, o próprio A. Barreto organizou e publicou um Catálogo (Anexo 5), em que descreve a Biblioteca Infantil nos seguintes termos:

Destinadas à infância, poucas obras têm preenchido os inumeros requisitos para a perfeição como esta série de contos populares, organizada pelo prof. Arnaldo Barreto. Escoimada de inconveniências, tão ao sabor de narrativas e fantasias tradicionais, que são perigosas para a formação moral da creança, a “Biblioteca Infantil” tem um duplo valor: excita o interesse e a imaginação dos meninos e incita-os ao bem com o exemplo e a recompensa dos bons e o castigo final dos perversos. Escriptos em elegante e simplíssimo vernaculo, os contos são farta e primorosamente ilustrados, em trichromia.

(*Catálogo de Obra da Cia. Melhoramentos de S. Paulo [Weiszflog Irmãos incorporado]*, agosto de 1924, p. 1 e 2).

Comparando este anúncio às informações levantadas por Menin (1999) quando da assinatura do contrato por Arnaldo Barreto, podemos perceber que, aparentemente, a coleção havia encontrado seu caminho: a) trata-se de uma “série de contos populares” - como os de outras coleções que já havia no mercado; b) Arnaldo Barreto é seu *organizador*; c) está livre de “inconveniências” que possam comprometer a formação da criança, contribuindo em duas

frentes: para despertar seu interesse e sua imaginação, e para sua formação moral, através dos bons exemplos; d) estão escritos de forma simples, mas correta – portanto, contribuiriam, ainda, para a formação intelectual dos leitores, levando a entender que nem todos os livros infantis do período fossem assim; e) são primorosamente *ilustrados* – característica extremamente importante. No momento em que o setor impressão se fortalece e cresce no país, o livro *O patinho feio*, segundo texto informativo disponível na página *on-line* da própria Editora Melhoramentos,<sup>87</sup> “é o primeiro no Brasil editado em quatro cores”, o que se constituiu no grande diferencial da coleção.

O catálogo traz ainda uma lista com os títulos dos vinte e oito primeiros livros da coleção, títulos estes que formam o conjunto denominado neste trabalho como *primeira fase* da coleção, aquela em que Arnaldo Barreto atuou como seu coordenador<sup>88</sup>.

De todos os autores pesquisados, apenas Coelho (1995, p. 31) registra o título destes volumes, que é sempre o da história principal, aquela que vem anunciada na capa dos exemplares e nas páginas do catálogo de 1924 (Anexo 5). Ao manusear os exemplares de cada um dos títulos, porém, constata-se que praticamente todos eles trazem mais de uma história; sendo assim, temos 28 títulos, mas um total de 58 diferentes narrativas.

No quadro a seguir, é apresentado o título das histórias trazidas em cada volume, bem como a autoria que a editora reconhece para cada uma delas, além da data da 1ª edição das obras; estes dois últimos dados foram enviados pela Editora Melhoramentos:

Quadro 3 – Títulos publicados durante a 1ª fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos

TÍTULO E HISTÓRIAS TRAZIDAS EM CADA VOLUME	AUTORIA <sup>89</sup>	1ª EDIÇÃO <sup>90</sup>
I. <i>O patinho feio</i> <sup>91</sup> O anjo	Hans C. Andersen Hans C. Andersen	out/1915
II. <i>O soldadinho de chumbo</i> <i>O cofre que voa</i> <i>A vendedora de phosphoros</i>	Hans C. Andersen Hans C. Andersen Hans C. Andersen	dez/1915

<sup>87</sup> Disponível em <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/a-editora/historico/>, acesso em 22/01/2014.

<sup>88</sup> Até 1925, ano de falecimento do Prof. Arnaldo Barreto, foram de fato publicados 26 títulos, mas como o catálogo já traz indicado o título dos números 27 e 28, deduz-se que estes já estivessem prontos para impressão. Segundo os dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, porém, estes dois últimos títulos só foram efetivamente lançados em 1926 e 1927, quando Lourenço Filho assumiu a direção da Biblioteca Infantil.

<sup>89</sup> Dados enviados pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011, atendendo à solicitação da pesquisadora; trata-se de uma listagem intitulada “EDITORA MELHORAMENTOS – BIBLIOTECA JUN/2011 – RELAÇÃO DAS SÉRIES: BIBLIOTECA INFANTIL”, que traz dados sobre autoria, ilustrador(es) e edições publicadas de cada uma das obras da coleção.

<sup>90</sup> Idem nota anterior.

<sup>91</sup> Destacamos, em itálico, a história que dá título ao volume.

TÍTULO E HISTÓRIAS TRAZIDAS EM CADA VOLUME	AUTORIA	1ª EDIÇÃO
III. <i>O velocino de ouro</i> : da mitologia grega – 1ª parte <i>O velocino de ouro</i> : da mitologia grega – 2ª parte	CMSP (“Companhia Melhoramentos de São Paulo”)	nov/1915
IV. <i>O isqueiro encantado</i> <i>O rouxinol</i>	Hans C. Andersen Hans C. Andersen	1916
V. <i>Os cisnes selvagens</i>	Hans C. Andersen	1917
VI. <i>Viagens maravilhosas de Sindbad marinheiro</i> : dos contos das mil e uma noites – 1ª parte <i>Viagens maravilhosas de Sindbad marinheiro</i> : dos contos das mil e uma noites – 2ª parte	CMSP	1917
VII. <i>A rosa mágica</i>	CMSP	1917
VIII. <i>O califa Storck</i> : dos contos das mil e uma noites (renomeado posteriormente como <i>O califa cegonha</i> )	CMSP	1917
IX. <i>As três cabeças de ouro</i> <i>A galinha inteligente</i>	L. Fanus	1918
X. <i>Memórias de um burro</i>	Condessa de Ségur	1918
XI. <i>O filho do pescador</i> : do folclore brasileiro	Arnaldo de Oliveira Barreto	1918
XII. <i>O gato de botas</i> <i>Branca de neve</i>	Jakob L.K. Grimm; Wilhelm K. Grimm	1919
XIII. <i>Os três príncipes coroados</i> ; <i>O príncipe do limo verde</i> : contos do folclore brasileiro	Arnaldo de Oliveira Barreto	1919
XIV. <i>O sargento verde</i> ; <i>Linda flor</i> : contos do folclore brasileiro	Arnaldo de Oliveira Barreto	1920
XV. <i>A serpente negra</i> : contos do folclore brasileiro <i>Naraca e Amira</i> : conto indiano	Arnaldo de Oliveira Barreto	1921
XVI. <i>O lago das pedras preciosas</i> : do folclore chinês	Arnaldo de Oliveira Barreto	1921
XVII. <i>A festa das lanternas</i> ; Sing-Sun: contos do folclore chinês	Hans Christian Andersen	1921
XVIII. <i>Flor Encarnada</i> ; Pérola da manhã: contos do folclore africano	Arnaldo de Oliveira Barreto	1921
XIX. <i>Aladino e a lâmpada maravilhosa</i>	CMSP	1922
XX. <i>A borboleta amarela</i> ; Um verdadeiro juiz; O Doutor grilo	Arnaldo de Oliveira Barreto	1923
XXI. <i>A galinha dos ovos de ouro</i> ; A rainha das abelhas; Os três ramos verdes	CMSP	1923
XXII. <i>A gata borralheira</i> ; As fadas; Chapelinho vermelho; O pescador e o peixinho dourado	Charles Perrault	1923
XVIII. <i>Ali-Babá e os quarenta ladrões</i> : dos contos das Mil e uma Noites; O velhinho que faz reflorir árvores mortas; Folhinha de alface	CMSP Irmãos Grimm	1923
XXIV. <i>O anão amarelo</i> ; A princesa papoula	Condessa de Aulnoy	1924
XXV. <i>A veadinha cor de neve</i> ; O rei orgulhoso	Condessa de Aulnoy	1924
XXVI. <i>A pétala de rosa</i> : imitação; A cabrinha branca	CMSP Charles Perrault	1924

TÍTULO E HISTÓRIAS TRAZIDAS EM CADA VOLUME	AUTORIA	1ª EDIÇÃO
XXVII. <i>O gigante de cabelos de ouro</i> ; A princesa dos cabelos de ouro; lenda japonesa; O tri... tri.... do grilo; O festim celeste	Jakob L.K. Grimm; Wilhelm K. Grimm	1926
XXVIII. <i>O cavaleiro do cisne</i> ; lendas do Reno; A gatinha branca; Aventuras do pequeno polegar	CMSP Charles Perrault	1927

Fonte: dados fornecidos pela Editora Melhoramentos (Editora Melhoramentos – Biblioteca set/2010 – Relação das obras infanto-juvenis lançadas entre 1915/1969).

Os próprios títulos e o conteúdo das histórias trazidas pela coleção confirmam, em grande parte, o que afirmou Arroyo (1988, p. 186):

O significado revolucionário da iniciativa de Arnaldo de Oliveira Barreto, do ponto de vista da criança, parece estar mais na apresentação gráfica dos volumes *do que propriamente no conteúdo*. [...] É verdade também que tanto Andersen, como Perrault, como Schmid e outros clássicos, já não eram estranhos aos meninos brasileiros, quer através de traduções e adaptações portuguesas, quer quanto a empreendimento brasileiro, durante o século passado (XIX). (grifo meu)

Como sinalizava o mestre Leonardo Arroyo, a iniciativa de Arnaldo Barreto está calcada em reproduzir/repetir o que sempre fez parte da constituição do gênero literatura infantil, tanto em outros países como no Brasil: a apropriação de um discurso da tradição popular, anônimo, constituído por narrativas nascidas e transmitidas através da tradição oral. Parte-se do já conhecido, isto é, do reconhecido pelo público como parte da própria natureza humana. Foi assim com as histórias de tradição oriental, de que *As mil e uma noites* é exemplar; com Charles Perrault, na França (séc. XVII), com os Irmãos Grimm, na Alemanha (séc. XVIII) e com Andersen, na Dinamarca (séc. XVIII) – principais responsáveis pela transposição de histórias contadas por representantes das camadas populares para a forma escrita.

No Brasil, temos Figueiredo Pimentel dando continuidade a essa tradição – à qual também se filia a Biblioteca Infantil Melhoramentos – que como tradição é antiga, mas que está sempre sendo reinventada.

Assim, seguindo este caminho da tradição, mas com toques de invenção, encontram-se na coleção:

a) Quatro narrativas extraídas de *As mil e uma noites*, que segundo Coelho (1991, p. 19), é “a mais célebre compilação de contos orientais que circula no mundo ocidental (embora sem grande importância na literatura árabe)”: *Sindbad*; *O califa Storck*; *Aladin*; *Ali-Babá*.

b) Adaptação de três histórias de *Os contos da Mãe gansa* (*Contes de Ma Mère l'Oye*, publicado em 1697), de Charles Perrault, “escrito num momento em que ainda não

existia o gênero ‘literatura infantil’; com o tempo, se divulgam como leitura para crianças, se immortalizando” (COELHO, 1991, p. 85): *A gata borralheira; Chapelinho vermelho; As fadas.*

c) Adaptação de sete narrativas com autoria atribuída aos Irmãos Grimm, que publicaram em 1812 o volume *Contos de fadas para crianças e adultos*, resultado da recolha de material folclórico coletado da memória popular, principalmente entre camponeses da atual Alemanha: *O gato de botas; Branca de Neve; Folhinha de alface; O gigante dos cabelos de ouro; A princesa dos cabelos de ouro; O tri...tri...do grilo e O festim celeste.*

c) Dez contos adaptados/traduzidos da obra de Hans Christian Andersen, que entre 1835 e 1872 publicou os seus 168 *Eventyr*. Andersen parece haver conquistado certa preferência de A. Barreto: é dele o primeiro título da coleção – *O patinho feio*, seguindo-se *O anjo; O soldadinho de chumbo; O cofre que voa; A vendedora de fósforos; O isqueiro encantado; O rouxinol; Os cisnes selvagens; A festa das lanternas; Sing-Sun.*

d) Contos do folclore brasileiro, do folclore chinês e do folclore indiano: *O filho do pescador; Os três príncipes coroados; O príncipe do limo verde; O sargento verde; Linda Flor; A serpente negra; o lago das pedras preciosas; Flor Encarnada; Pérola da Manhã.*

e) Histórias de duas autoras da literatura infantil francesa, canônicas no gênero: Condessa de Ségur (*Memórias de um burro*) e Condessa D’Aulnoy (*O anão amarelo; A princesa papoula; A veadinha cor de neve e O rei orgulhoso*).

Uma obra que se destaca dos demais títulos pelo ineditismo do tema em outras obras adaptadas para a infância brasileira até então é *O vellocino de ouro*, da mitologia grega, que refaz a luta de Jasão para encontrar o velo de ouro a fim de assim recuperar o trono de seu reino, usurpado por seu tio Pélias.<sup>92</sup>

Esse é o primeiro registro da adaptação de obra do universo da mitologia grega para crianças no Brasil, portanto sob esse aspecto não se pode dizer que Barreto tenha se limitado a buscar textos apenas nas mesmas fontes que outros autores já haviam visitado. Não há na Biblioteca Infantil Quaresma e nem nas obras que se consagraram como destinadas à infância brasileira dos anos finais do século XIX e dos iniciais do XX nenhuma história sobre o universo da mitologia greco-romana, mesmo considerando a grande circulação que alcançou *As aventuras de Telêmaco*, obra de autor francês, já citada no início deste capítulo.

De modo geral, porém, do ponto de vista do conteúdo, os livrinhos da 1ª fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos trazem contos de fadas, contos maravilhosos, histórias de aventuras do folclore de alguns países, enfim, narrativas do campo do mágico, do feérico, que

<sup>92</sup> Sobre *O vellocino de ouro* na literatura para crianças no Brasil, ver MAZIERO, M.D.S., 2006.

contribuem para a formação do imaginário, propiciando às crianças a oportunidade de conviver com príncipes, princesas, bruxas, fadas, mundos e criaturas fantásticas.

Considerando, no entanto, que todas estas histórias poderiam ser enquadradas na categoria de adaptação ou reconto, causa estranheza o modo como a Irmãos Weiszflog/Editora Melhoramentos trata a questão da autoria. Na relação com dados sobre todas as obras da coleção, recebida da própria Melhoramentos, há histórias cujo autor é indicado - caso daquelas obras de autoria atribuída a Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Condessa de Ségur e Madame D’Aulnoy, enquanto que em outras a autoria é atribuída simplesmente à “Companhia Melhoramentos de São Paulo (CMSP)”, ou seja, à própria editora, mesmo sendo parte da conhecida obra *As mil e uma noites* (caso de *Sindbad, o marinheiro*, por exemplo). Em outras, ainda, o autor passa a ser Arnaldo Barreto, o que ocorre em sete obras que se constituem como adaptação de textos oriundos do folclore brasileiro e de outros países.

Nesse último caso, deve-se entender que A. Barreto foi colocado na mesma categoria de Perrault e dos Irmãos Grimm, que não criaram a fabulação do enredo e as personagens das histórias que contaram, mas que apenas registraram por escrito as narrativas que coletaram da tradição oral? Teria essa lista de autoria sido elaborada posteriormente à morte daquele professor, que ao idealizar a coleção não teria se preocupado com esses aspectos, a exemplo do que também já havia feito Figueiredo Pimentel?

De concreto, temos as capas dos livros da coleção, que trazem indicações de autoria no caso de Perrault, Hans Andersen, Condessa de Ségur, ou informações mais gerais, como “do folk-lore chinês/indiano/brasileiro”, ou ainda “das Mil e uma Noites”, ou “da Mythologia Grega”, sem indicação mais precisa da fonte. Na capa de rosto de todos os exemplares, aparece a expressão “organizada pelo Prof. Arnaldo Barreto”, e, em alguns casos, também se repete o nome do autor ou a procedência da história, replicando a informação que já consta da capa.

Isto parece mostrar a ausência de uma legislação rigorosa exigindo dos editores a indicação da autoria, bem como uma não padronização nas normas editoriais quanto a este aspecto, que ao que parece ainda não estava organizado de modo mais formal em categorias como autor, tradutor, adaptador. Nota-se certa ambiguidade entre citar o nome do autor como forma de legitimação e reconhecimento junto ao leitor, e não citar o autor para dar créditos ao organizador da coleção, que assim é alçado à categoria de autor de algumas histórias. Pelo exposto até aqui, Arnaldo Barreto, assim como Perrault e os Irmãos Grimm, na Europa; Figueiredo Pimentel, João Köpke, Luís Gonzaga Fleury e tantos outros autores, no Brasil,

recontou, adaptou e traduziu histórias coletadas da tradição popular. Tanto ele como estes outros foram organizadores de coletâneas, recontadores, adaptadores. Arnaldo Barreto não foi, nesse campo dos livros de ficção para a infância brasileira, um criador, como foram Andersen e Monteiro Lobato (“o Andersen da nossa terra”, nas palavras do próprio Lobato).

Analisando o conteúdo das histórias da Biblioteca Infantil Melhoramentos, percebe-se que ela repete histórias que já haviam sido recontadas por outros escritores. No entanto, mesmo dentro da tradição, ela traz elementos inovadores: ao invés de um livro grosso com uma ou duas dezenas de histórias curtas – como os de Figueiredo Pimentel, por exemplo - apresenta volumes com uma, duas ou até quatro historietas no máximo, num formato editorial que já prevê a publicação de outros volumes.

A Biblioteca Infantil idealizada por Arnaldo Barreto contribuiu para o processo, em curso no início do século XX, de formação de um grande público leitor, basicamente constituído por crianças que, por apreciar o gênero de histórias trazidas pela coleção, vai determinar a consolidação de um tipo específico de publicação. Assim, o conjunto de livros reunidos insere Arnaldo Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos como parte do processo de formação dos leitores infantis brasileiros, que havia começado com Figueiredo Pimentel, que continuaria com as crianças que leram os livrinhos coloridos e de formato pequeno da coleção Weiszflog/Melhoramentos e que culminaria com os leitores que, a partir de 1920, iriam se divertir com as aventuras de *A menina do narizinho arrebitado*, um “marco da renovação na literatura infantil do país” (AZEVEDO e outros, 1997, p. 159).

## CAPÍTULO 3

### ARNALDO BARRETO ESCRITOR DE OBRAS INFANTIS: UM AUTOR DE CARTILHAS E LIVROS DE LEITURA NO MUNDO DOS LIVROS DE FANTASIA

“Toda a criança é naturalmente alegre<sup>93</sup>.

Qualquer assumpto, mais ou menos cheio de preceitos moraes, escripto nesse tom grave e circumspecto de quem quer dar conselhos sizudos, a enfastia, fal-a bocejar.

Enfastia-a, porque se não casa com a sua natural vivacidade: fal-a bocejar porque não a interessa.

A atenção de uma criança é como a avezinha arisca, que levanta o vôo por um nada que a espante.

*Deem-lhe, porém, a lêr um desses inverossimeis contos de fadas, onde ha animaes que falam, e principes encantados.*

*Quem tiver um dedo de observação, notará deste logo, no brilho dos seus olhos, e no sorriso satisfeito que lhe ilumina a physionomia, o interesse e a atenção que lhe despertam taes narrativas.<sup>94</sup>*

Porque?

Porque ahi o assumpto é leve, alegre, cheio de imprevistos, e porque tambem a moralidade está nelle misturada em dóse bastante para não dar travor.

Pois bem; si esse é o segredo para atrahir a attenção infantil, porque não havemos de escrever livros alegres?

Um delles ahi vai. Corresponderá á minha expectativa? Dil-o-á o futuro.

S. Paulo, Outubro de 1890<sup>95</sup>.

*O Autor.*

---

<sup>93</sup> Texto de apresentação da 5ª edição (1910) do livro *Leituras Moraes*, de autoria de Arnaldo de Oliveira Barreto, publicado pela Livraria Francisco Alves & C. Da capa da obra consta ainda a seguinte informação: “Obra aprovada em 1896, pelo Conselho Superior de Instrução Publica de São Paulo e adoptada em todas as Escolas”.

<sup>94</sup> Grifos meus.

<sup>95</sup> Este ano (1890) é a data que consta no exemplar consultado. No entanto, certamente trata-se de erro de impressão pelas seguintes razões: 1) Em 1890, Arnaldo Barreto ainda era aluno da Escola Normal, onde ingressara em 1889; 2) Na página anterior à deste texto de apresentação, há uma dedicatória feita pelo autor a seus filhos, Mauro e Rubens, de “Outubro de 1899” (Grifo meu); 3) *Leituras Moraes* foi lançado, na verdade, em 1900, como indica nota publicada em *O Estado de S. Paulo*, de 11 de fevereiro de 1900, p. 2, portanto este será o ano considerado nas referências sobre a obra.

Quinze anos antes do lançamento dos três primeiros volumes de sua Biblioteca Infantil, o texto de apresentação de *Leituras Moraes* (1900) indica que Arnaldo Barreto já estava ciente da atração que os contos de fadas e as histórias do campo do maravilhoso exerciam sobre as crianças. Segundo ele, o segredo deste tipo de texto estaria no fato de serem “livros alegres”, característica que esperava haver conseguido imprimir às *Leituras Moraes*, livro escolar destinado às atividades de leitura para as crianças das escolas públicas paulistas.

Considerando-se o que está dito nos parágrafos anteriores do prefácio em questão, pode-se deduzir que um livro “alegre” é aquele que vai ao encontro da vivacidade natural de todas as crianças, que não apreciam assuntos do campo dos preceitos morais, principalmente se forem escritos em “tom grave e circumspecto de quem quer dar conselhos sizados”.

Deste modo, pode-se dizer que a apresentação da obra revela, ainda que de maneira breve, a concepção de Arnaldo Barreto sobre a atitude a ser adotada por autores de obras infantis: quanto ao conteúdo, os livros devem tratar de assuntos alegres, envolvendo personagens e temas do campo do maravilhoso; já quanto à forma, devem ser escritos em linguagem leve e divertida, de modo a disfarçar a moralidade, que precisa aparecer em dose discreta, “para não dar travor”.

No entanto, durante a leitura dos 70 textos que compõem a obra - entre os quais fábulas, poemas e narrativas diversas - não é possível encontrar “animaes que falam e principes encantados”, nem histórias ambientadas no reino da imaginação e da invenção. Os textos respondem ao que é proposto no título: trata-se de leituras morais, com intenção formativa, bem ao gosto do que era considerado literatura adequada à infância daquele período histórico, como pode ser exemplificado pelos títulos de alguns dos textos: “Bons conselhos”; “Não deixes para amanhã”; “O prêmio da generosidade”; “Lêde e reflecti!”.

O desejo de oferecer uma leitura realmente amena, alegre, própria do espírito infantil, vai começar a ganhar força e impulso apenas doze anos após a publicação de *Leituras Moraes*, quando Arnaldo Barreto conhece as oficinas de impressão dos irmãos Weiszflog e sugere que aquele estabelecimento gráfico enverede pelo campo da literatura infantil, preparando assim espaço propício para a publicação de livros repletos de princesas, príncipes encantados e ações do universo da fantasia:

[...] Em 1912, os prelos da Weiszflog imprimiram livros da Francisco Alves, muitos deles didáticos, o que suscitou a aproximação entre a Melhoramentos e Arnaldo de Oliveira Barreto. *Partiu do educador o incentivo para que os Weiszflog se introduzissem nesse campo e, simultaneamente, no dos livros de literatura infantil.* (SOARES, 2006, p. 513 – grifos meus).

Quando entregou à Irmãos Weiszflog Editores a proposta formal de venda de sua Biblioteca Infantil em 04/08/1915 (MENIN, 1999), três anos após a aproximação citada por Soares (2007) e já prestes a solicitar a aposentadoria, Barreto muito provavelmente estivesse familiarizado com o tipo de produção escrita disponível para a infância brasileira, produção esta publicada por editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo – entre elas a Francisco Alves, pela qual publicava seus próprios livros.

Esta produção, conforme já apresentado no Capítulo 2, constituía-se de livros compostos por traduções, adaptações e recriações de textos de origem popular, dentre os quais contos de fadas, fábulas e textos do folclore brasileiro e português (LAJOLO E ZILBERMAN, 1987; ARROYO, 1968). Neste cenário, dois autores conseguiram se firmar, nas décadas finais do século XIX: o Prof. Carlos Jansen - no campo da tradução - e Alberto Figueiredo Pimentel, no da adaptação.

Neste período histórico, pelo menos no que se refere à Literatura dita Infantil, a concepção de autoria se apresentava de modo completamente diverso do que se observa nas décadas finais do século XX e iniciais do XXI. Assim, na página de rosto da tradução de Carlos Jansen para *Robinson Crusoe*<sup>96</sup> (1885), não é citado o nome do autor da obra traduzida (Daniel Defoe), mas apenas o título, seguido da expressão “redigido para a mocidade brasileira, segundo o plano de F. Hoffmann, por Carlos Jansen, do Collegio D. Pedro II.”<sup>97</sup>

Sílvio Romero, autor do prefácio da obra, informa ainda que “O Sr. Professor Carlos Jansen (...) acaba de *traduzir* o celebrado romance Robinson Crusoe, de Daniel de Foe (*sic*). – O livro foi pelo traductor *adaptado* ao nosso meio social, segundo o plano de F. Hoffmann.” (JANSEN, s/d, p. V, grifos meus).

Deste modo, há que se destacar aqui dois aspectos: em primeiro lugar, o fato de que nesse trabalho de tradução parece ser desnecessário citar o nome do autor da obra original, bastando apenas o do tradutor/adaptador. Em segundo lugar, ao que indica o prefácio, que parece haver uma fusão entre o papel de tradutor e o de adaptador. Carlos Jansen teria *traduzido* o texto de Defoe para o Português, ao mesmo tempo em que o *adaptava* à realidade da “mocidade brasileira”, adaptação esta que provavelmente não ocorreria se a tradução fosse destinada ao público adulto.

Já a página de rosto de *Contos da Carochinha* (1894) informa ser a obra “Escolhida collecção de sessenta e um contos populares Moraes e proveitosos, de varios

<sup>96</sup> Sobre Carlos Jansen e a obra *Robinson Crusoe*, ver CARVALHO, D. B. A. de, 2006.

<sup>97</sup> Os dados informados se referem a um exemplar da 2ª edição da obra (sem data informada), publicado pela Laemmert & C. Há no exemplar uma dedicatória, datada de 25/12/1915.

países *traduzidos e recolhidos* diretamente da tradição oral por Figueiredo Pimentel” (PIMENTEL, 1925, p. VI, grifos meus) <sup>98</sup>

No prefácio, um texto de autoria do próprio editor esclarece que

Toda a gente conhece os Contos da Carochinha. São essas historias que todos nós ouvimos em pequenos, e que sabem as crianças todas de todos os paizes. Não se achavam, porém devidamente colleccionados em volume, para uso das crianças. As obras, nesse gênero que haviam (*sic*) em portuguez, ou eram mal escriptas, e até immoraes, ou destinavam-se aos estudo da nossa nacionalidade.

O sr. Figueiredo Pimentel, *reunindo-os*, prestou relevantes serviços á juventude. Lendo alguns delles em francez, hespanhol, italiano, alemão e inglez, colhendo outros diretamente da tradição oral, *contou-os a seu modo, em linguagem fácil, estylo correntio, sem termos bombásticos e rebuscados*, como convém, para o fim a que é a obra destinada.” (PIMENTEL, 1925, p. VII, grifos meus)

Aqui, segundo o editor, o papel de Figueiredo Pimentel foi reunir textos já (re)conhecidos, publicados em outros idiomas diferentes do português e (re)contá-los dentro de seu próprio estilo, procurando simplificar a linguagem e suprimindo traços pouco virtuosos, de modo a adequá-los ao público a quem se destinam: o infantil e, portanto, escolar. Deste modo, parece ser possível afirmar que o trabalho de Figueiredo Pimentel tenha se situado entre a tradução e a adaptação.

Não é objetivo do presente trabalho a análise das diferenças entre estes diferentes procedimentos de escrita e adequação do texto destinado às crianças, mas apenas marcar a existência deles nos primeiros textos do que se convencionou chamar de Literatura Infantil, especialmente porque Arnaldo de Oliveira Barreto, numa perspectiva cronológica, lança a Biblioteca Infantil Melhoramentos precisamente neste panorama, utilizando procedimentos de estabelecimento do texto escrito que já circulavam no campo da edição dos livros infantis.

Assim, para compor os livros da coleção que idealizou, Arnaldo Barreto lançou mão de histórias que já circulavam na época do lançamento da Biblioteca Infantil: textos conhecidos oralmente porque publicados antes por outros autores – o próprio Figueiredo Pimentel, por exemplo - constituindo uma produção considerada “adequada” para crianças, o que corrobora a análise de Arroyo (1968) quando afirma que os livrinhos da coleção não representaram para as crianças brasileiras uma novidade quanto ao conteúdo das histórias.

No entanto, ao anunciar que os livros da coleção “inovavam a leitura para a infância pelo seu aspecto gráfico” (ARROYO, 1968, p. 187) e que “Arnaldo Barreto vinha dirigindo para as Edições Melhoramentos, com espírito verdadeiramente renovador, uma Biblioteca Infantil que se tornaria famosa com o correr dos anos”, Arroyo indica o verdadeiro estatuto de Barreto: ao traduzir e adaptar textos como os contos de fadas de Perrault, dos

---

<sup>98</sup> Os dados informados se referem a um exemplar da 18ª edição da obra, publicado em 1925, pela Livraria Quaresma.

Irmãos Grimm, de Andersen e de outros clássicos infantis, ele seguiu os procedimentos de adaptação de textos já utilizados por outros autores da época, mas se diferenciou deles por ser “autor” - no sentido de “criador”, “inovador” - de um projeto editorial para atender especificamente ao leitor criança, concebido a partir da perspectiva de alguém que esteve ligado ao universo infantil por mais de vinte anos, seja na qualidade de autor consagrado de cartilhas e livros de leitura, seja no exercício de atividades profissionais ligadas ao ensino.

Considerando-se todos estes aspectos, faz-se necessário conhecer como A. Barreto se apresenta no papel de escritor de livros infantis de fantasia, cuja natureza pressupõe um trabalho com a linguagem diferente daquele usado para a escrita de material didático. Em linhas gerais, as questões que a princípio se apresentam são: 1) que recursos e estratégias são utilizados por ele para adaptar o texto, adequando-o às exigências do que era considerado livro infantil?; 2) como este autor se apropria – no plano da linguagem – de histórias que já circulavam em outras publicações destinadas ao público infantil, escritas por outros autores?; 3) que contribuições, no âmbito da linguagem, ele deixou (se deixou) no campo da literatura infantil brasileira?

Um fator que também pode contribuir para responder a estas questões talvez seja conhecer o modo como Barreto é apresentado por autores que se dedicaram ao estudo da história da literatura infantil no Brasil. Carvalho (1985, p. 129) o descreve como tendo sido “o mais notável e pródigo *tradutor* dos autores de todo o mundo, para a Literatura Infantil do Brasil” (grifo meu), enquanto para Salem (1970, p. 69), ele “*traduziu* o ‘Patinho Feio’, de Andersen, e *adaptou* para as crianças a lenda da mitologia grega ‘O velocino de ouro’.” (grifos meus).

Já Coelho (1995, p. 31) afirma que Arnaldo Barreto “em 1915, assumiu a direção da coleção ‘Biblioteca Infantil’ (...) e, nesse posto, dedicou-se durante dez anos à *seleção e adaptação* de obras clássicas para a infância” (grifos meus).

Soares (2010, p. 160), que realizou pesquisa nos arquivos da Editora Melhoramentos sobre a atuação de Lourenço Filho no campo da edição de livros infantis, incluídos aí os da Biblioteca Infantil, afirma que “a coleção foi inaugurada com uma *adaptação* – assinada por Barreto - de *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen” (grifo meu), o que vai ao encontro do que registra Donato (1990, p. 50), historiador da mesma editora: “a 31 de outubro de 1915 aparece o livro *O patinho feio*, *adaptado* por Arnaldo de Oliveira Barreto do texto tradicional de Hans Christian Andersen, e ilustrado por Franz Richter.” (grifo meu).

Finalmente, Lajolo e Zilberman (1987, p. 29) parecem sintetizar as diferenças encontradas entre o ponto de vista manifestado pelos diversos autores consultados sobre A. Barreto ter sido adaptador ou tradutor, ao afirmarem que

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregaram, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças.

(...)

Merecem destaque ainda, entre as traduções, a que João Ribeiro fez, em 1891, do livro italiano *Cuore* e, a partir de 1915, as traduções e adaptações que, coordenadas por Arnaldo de Oliveira Barreto, constituíram a biblioteca Infantil Melhoramentos. (grifos meus)

Deste modo, buscando mais subsídios para conhecer os aspectos que envolvem o Arnaldo Barreto escritor de livros infantis de fantasia, será feita a análise de quatro títulos da coleção, na intenção de conhecer o processo utilizado por ele para o estabelecimento do texto escrito dos livros, através do cotejo entre trechos destes títulos da Biblioteca Infantil Melhoramentos e de versões da mesma obra já publicadas por outros autores e editoras quando de seu lançamento nesta coleção, sempre considerando que

(...) Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstracto, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessidade de separação de dois dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, e das estratégias de escrita, das intenções do ‘autor’; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho de oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor.” (CHARTIER, 1990, pp. 126-127)

Os critérios para escolher as obras a serem analisadas buscaram contemplar uma amostra da diversidade de fontes a que pertencem os textos escolhidos por Arnaldo Barreto, que englobam contos de fadas, mitologia grega e histórias do folclore, além de algumas obras autorais. Deste modo, foram selecionados os seguintes títulos: a) *O patinho feio* – vol. I da coleção; b) *O vellocino de ouro* – vol. III; c) *Memórias de um burro* – vol. X; d) *Os três príncipes coroados* - vol. XIII da coleção.

### **3.1 *O patinho feio*: o lançamento da Biblioteca Infantil da Weiszflog Irmãos**

Como carro chefe da coleção e apresentação desta para os leitores infantis que pretendia conquistar para a Weiszflog Irmãos, Arnaldo Barreto escolheu uma obra de Hans Christian Andersen, *O patinho feio* – já recontada por Figueiredo Pimentel na Biblioteca Infantil publicada pela Livraria Quaresma na última década do século XIX.

Ana Maria Menin (1999) classifica *O patinho feio* de Arnaldo Barreto como

“recriação”. Esta autora comparou o texto de Barreto com a versão em dinamarquês de Hans C. Andersen (*Den Grimme Aelling*), concluindo que “não há perda das propriedades essenciais do texto de Andersen em relação ao de Barreto” (p. 176), mas apontando, entre outros aspectos, que no texto de Barreto há, diferentemente do que ocorre no texto de Andersen, “profusão de elementos adjetivadores incorporados à recriação. Esses aspectos marcaram o estilo de Barreto: eloquente, adjetivador, embelezador do texto de acordo com os padrões linguísticos e sociais de sua época”. (MENIN, 1999, p. 183)

Menin (1999, p. 185) ainda sugere que “Barreto pode ter-se valido, como texto fonte, de uma versão em inglês”, declarando ainda não haver encontrado “em nenhum dos acervos consultados, inclusive o da Companhia Editora Melhoramentos, a informação sobre de qual texto Barreto serviu-se para recriar *O patinho feio*.” (MENIN, 1999, p. 185-186).

A indicação de Menin (1999) sobre o estilo de Arnaldo Barreto constitui-se em pista importante sobre um dos aspectos referentes ao uso que este autor fez da linguagem, portanto buscou-se encontrar no conjunto de livros infantis reunidos para a pesquisa subsídios que auxiliassem a aprofundar o entendimento de como efetivamente se daria – em nível textual - este uso acentuado de adjetivos e esta procura pelo embelezamento do texto. Foram encontradas as seguintes obras de que consta “O patinho feio”: *Histórias da Avósinha* (1952)<sup>99</sup>; *Andersen’s fairy tales*<sup>100</sup> (1911); *Hans Andersen’s fairy tales* (1914<sup>101</sup>); *Andersen’s fairy tales*<sup>102</sup> (s/d, com dedicatória datada de 1929).

Destes exemplares, foram escolhidos dois para cotejo: o de Figueiredo Pimentel, por ser considerado o pioneiro na transposição dos contos de fadas para as crianças brasileiras, e o exemplar em inglês, de 1911, seguindo a pista deixada por Menin sobre uma obra em inglês ter sido a fonte utilizada por Arnaldo Barreto. Pesou na escolha também o fato de esta obra da editora Mac Milan trazer um texto de apresentação em que se explicita o tipo de público a que se destina: o escolar, portanto infantil – mesmo leitor buscado por Barreto.

O texto de Figueiredo Pimentel é, conforme já apontado por Lajolo e Zilberman (1987), uma adaptação (mais livre) da história criada por Andersen. Não há, no entanto, a menção ao nome deste autor e nem ao dos outros escritores de quem Pimentel também adaptou histórias, como os Irmãos Grimm e Perrault.

---

<sup>99</sup> De Figueiredo Pimentel: Livraria Quaresma, Rio de Janeiro. A data de publicação da 1ª edição da obra é 1896.

<sup>100</sup> Publicada pela MacMillan’s Pocket Classics, New York.

<sup>101</sup> Publicada pela Ginn and Company, Boston, Chicago, New York, London.

<sup>102</sup> Publicada pela Collins Clear-Type Press, London and Glasgow.

Quanto ao título dado à adaptação, “O patinho *aleijado*”<sup>103</sup> (grifo meu), chama a atenção a escolha do adjetivo utilizado como atributo do personagem principal, por se afastar do significado do título do conto em inglês (“The *ugly*”<sup>104</sup> duckling”), e mesmo do título em francês (“Le *vilain*”<sup>105</sup> petit canard”):

Sete dias depois de sair o último patinho, a velha pata viu o ovo grande picado, e apareceu um bicho, parecido com pato, é verdade, *mas todo torto, escuro e aleijado*. Depressa a pata se arrependeu de ter chocado um bicho tão feio. Mas, como era boa, e não querendo dar o braço a torcer, mostrando-se aborrecida de ter na sua ninhada um pato desgracioso, repugnante, nada falou às comadres. (PIMENTEL, 1952, p. 52, grifos meus)

Já na versão escrita por Arnaldo Barreto, o mesmo episódio é recontado seguindo de perto o conteúdo do texto em inglês, no qual não há menção ao fato de o patinho ser “aleijado”, mas apenas “feio”, adjetivo que aparece já no título traduzido por Barreto. A seguir, o trecho de Barreto (1915) e o da edição em inglês (1911), publicada pela MacMillan’s:

<b>The ugly duckling</b> <sup>106</sup>	<b>O patinho feio</b>
<p>The great egg burst at last. “Tchick, tchick!” said the little one, and out it tumbled – but, oh, how large and ugly it was! The Duck looked at it. “That is a great, strong creature,” said she; “none of the others are at all like it; can it be a young turkey-cock? Well, we shall soon find out; it must go into the water, though I push it in myself.”</p> <p><i>Danish fairy legends and tales</i>, by Hans Christian Andersen, translated from the danish by Caroline Peachey and Dr. H.W. Dulcken. New York: The Macmillan Company”/ London: Macmillan &amp; Co., Ltd. 1911, p. 30.</p>	<p>“O ovo começou, enfim, a ser picado. Ouvia-se perfeitamente as pancadinhas que lhe dava o patinho do lado de dentro. Meia hora depois o pequeno disse <i>pi-pip!</i> E pulou p’ra fóra da casca. Ai, que patinho feio! A mãe olhou para elle um instante, dizendo comsigo: - Como é grande! Não se parece com os irmãos em cousa nenhuma. Será realmente um perúzinho? Veremos isso amanhã, quando formos nadar!</p> <p>ANDERSEN, H. <i>O patinho feio</i> /Bibliotheca Infantil org. pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo e Rio: Weiszflog Irmãos, 1915. (edição fac-similar), p. 9 e 10.</p>

No trecho em questão, percebe-se que Barreto fez uma adaptação, mantendo vários elementos presentes no trecho em inglês, como a onomatopeia – traduzida como *pip*, *pip* - além da exclamação sobre a aparência do filhote acabado de nascer. Um trecho em que

<sup>103</sup> Figueiredo Pimentel também incluiu este conto em *Histórias de Fadas*, publicado em 1898, pela Francisco Alves (conforme visto no Capítulo 2). No caso desta obra, o título dado à história foi “O patinho torto” e o texto é diferente daquele que foi publicado pela Quaresma. Escolheu-se a versão presente em *Histórias da Avósinha* por ter sido a primeira publicada (1896).

<sup>104</sup> “Feio”. (*Collins Gem* – Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês. Harper Collins Publishers, 1996).

<sup>105</sup> “Feio, mau, desagradável de ver”. (*Minidicionário D’Olim Marote* - Francês Português/Português Francês. São Paulo: Ática, 2010).

<sup>106</sup> *Tradução livre*: O grande ovo finalmente se partiu. “tic, tic!” disse o pequenino quando saiu – mas, oh, que grande e feio ele era! A pata olhou para ele. “É uma criatura grande, estranha”, disse ela; “nenhum dos outros é como ele; será que é um filhote de peru? Bem, nós logo descobriremos; ele deve ir para a água, ou eu mesma o empurrarei para lá”.

se pode notar mais diretamente a ação de Barreto adaptador é aquele em que a Pata manifesta sua decisão de “testar” a natureza do filhote acabado de nascer: “it must go into the water, *though I push it in myself*” (grifo meu). Aqui, talvez orientado por uma representação de leitor infantil que deve ser poupado de exposição a situações violentas, Arnaldo Barreto suprime a frase em que a Pata manifesta claramente sua intenção de empurrar o filhote para a água, caso ele se recuse a entrar voluntariamente, provando assim ser um patinho. Barreto prefere ocultar este lado pouco maternal da Pata, resumindo a dúvida desta em relação à aparência do filhote e relatando apenas que ela decidira esperar até o dia seguinte, quando levaria a ninhada para nadar – portanto sem nenhuma menção a *empurrar*.

Sobre o estilo de Arnaldo Barreto em *O patinho feio*, Soares (2010, p. 160) diz que “a linguagem empregada na adaptação era coloquial, rica em diálogos e em frases curtas, com um tom suave e envolvente de conto de fadas” - tom este obtido, talvez, pelo uso de recursos como palavras no diminutivo (“pancadinhas”, “patinho”, “peruzinho”), além de expressões ligadas à oralidade, como “pulou p’ra fora” e “ai!” (interjeição).

O uso expressivo de adjetivos, apontado por Menin (1999), neste trecho não parece ser tão significativo. Enquanto o trecho em inglês traz sete adjetivos (*great, little, large, ugly, great, strong, young*), o adaptado por Barreto registra apenas dois (*feio e grande*), situação diferente da que se observa no parágrafo que abre a obra, no qual é apresentado o cenário da propriedade rural na qual o enredo vai se desenrolar:

<b>The ugly duckling<sup>107</sup></b>	<b>O patinho feio</b>
<p>It was beautiful in the country; it was summer time; the wheat was yellow, the oats were green, the hay was stacked up in the green meadows, and the stork paraded about on his long red legs, discoursing in Egyptian, which language he had learned from his mother.</p> <p><i>Danish fairy legends and tales</i>, by Hans Christian Andersen, translated from the danish by Caroline Peachey and Dr. H.W. Dulcken. New York: The Macmillan Company<sup>7</sup>/ London: Macmillan &amp; Co., Ltd. 1911, p. 28.</p>	<p>Como estava lindo o campo naquele verão! Os trigaes agitavam, ao sopro da brisa, as suas lindas espigas côm de ouro; a aveia, ainda verde, apresentava um bello viço; os feixes de feno, amontoados por aqui e por ali, enchiam o campo com o seu delicado perfume.</p> <p>As cegonhas, do alto das suas longas pernas vermelhas, olhavam para as águas azues do tanque, resmungando em egypcio, língua que na infancia tinham aprendido da senhora sua mãe, <u>quando as aquecia em seu ninho!</u></p> <p>ANDERSEN, H. <i>O patinho feio</i>/Bibliotheca Infantil org. pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo e Rio: Weiszflog Irmãos, 1915. (edição fac-similar), p. 3 e 4.</p>

O acréscimo no campo da adjetivação é significativo, mas aparece acompanhado

<sup>107</sup> Tradução livre: O campo estava lindo; era verão; o trigo estava amarelo, a aveia verde, o feno estava amarrado em verdes feixes, e a cegonha desfilava sobre suas longas pernas vermelhas, conversando em Egípcio, língua que havia aprendido com sua mãe.

de outros termos ausentes da versão em inglês. Assim, Arnaldo Barreto não se limita a mencionar diretamente o trigo (*wheat*), mas a desdobrar essa informação através da expressão “lindas espigas côm de ouro”, o que resulta em uma imagem de maior apelo visual. O mesmo procedimento aparece em relação ao feno (*hay*), que na versão de Barreto ganha um “delicado perfume”. Há ainda outro acréscimo: a inserção de um tanque de água azuis, para o qual olham as cegonhas, completando o cenário bucólico imaginado por A. Barreto.

Para finalizar, a inserção de uma imagem de carinho ligada à figura materna. Se no trecho do nascimento do Patinho, analisado anteriormente, o adaptador evitou revelar o coração duro da mamãe Pata, aqui ele acrescenta uma demonstração explícita de amor maternal - ausente do texto em inglês: as cegonhas teriam aprendido o idioma do Egito ainda no ninho, aquecidas pelo calor da mãe.

O uso dos pontos de exclamação é outro fator que confere ao texto vigor e entusiasmo, contribuindo para que o leitor “sinta” mais intensamente as sensações que são apresentadas à sua visão (cores) e a seu olfato (perfume), assim como ao tato (calor).

Desta breve análise de dois trechos da obra que inaugura a Biblioteca Infantil Melhoramentos emerge a figura de um escritor que se dispõe a adaptar para as crianças brasileiras os fatos de um enredo criado por um autor norueguês, mas que o faz apropriando-se do texto “original” de um modo próprio, procurando “embelezá-lo” através do acréscimo de adjetivos ou da supressão de aspectos considerados pouco exemplares, deixando sua marca ao efetivar tais acréscimos e supressões.

Portanto, é difícil separar o tradutor do adaptador, ou do recriador, como Menin (1999) se refere a Barreto, numa época em que a identificação da autoria não parecia ser uma exigência na literatura infantil. O que se pode dizer, no entanto, é que do ponto de vista do uso da linguagem, em *O patinho feio* Arnaldo Barreto executa estratégias linguísticas e textuais que certamente têm em vista o leitor pressuposto para a coleção que dirige: a criança, que precisa ser educada, inclusive esteticamente.

### **3.2 *O vellocino de ouro***

Trata-se do terceiro número da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos, publicado em duas partes – Parte I e Parte II, cada uma com 64 páginas. Segundo os dados informados pela Editora Melhoramentos, as duas partes foram publicadas pela primeira vez em novembro de 1915, com uma tiragem de 30.000 exemplares cada uma.

Os dois volumes narram as aventuras de Jasão, príncipe de Iolcos, em busca do *Velo de ouro*, isto é, da pele de ouro de um carneiro sagrado, a qual possuía poderes mágicos. Para obter este intento e recuperar o trono usurpado por seu tio Pélias, o rapaz enfrenta monstros e perigos em companhia de outros 49 valentes heróis, a bordo do navio Argos, contando ainda com a decisiva ajuda de Medeia, poderosa feiticeira filha de Eetes, rei da Cólquida, em cujo poder se encontrava o velocino de ouro.

Dados levantados por Maziero (2006) durante pesquisa de mestrado, indicaram ser *O velocino de ouro* um trabalho apenas de adaptação, cuja fonte seria a mitologia grega. No entanto, os levantamentos feitos para o presente estudo revelaram tratar-se, na verdade, mais de uma tradução livre, com pequenas adaptações, do conto “The golden fleece”, que faz parte do livro *Tanglewood tales*, de autoria do escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne<sup>108</sup>, que publicou a obra pela primeira vez em 1853, 62 anos antes da publicação de *O velocino de ouro* pela então Irmãos Weiszflog.

Tal constatação tornou-se possível após a descoberta da existência de um livro publicado nos Estados Unidos e na Inglaterra, reunindo a produção infantil daquele autor sobre mitologia grega<sup>109</sup>, produção esta composta por *A wonder-book for girls and boys*, que traz seis contos, e por *Tanglewood tales*, que traz mais seis, o último dos quais “The golden fleece”, selecionado por Arnaldo Barreto para integrar a Biblioteca Infantil Melhoramentos.

Segundo Denise Boottmann, a chegada ao Brasil da obra traduzida de Hawthorne “foi tardia, transcorrendo quase cem anos até termos a primeira tradução de *A letra escarlata*, em 1942”.<sup>110</sup> A autora ainda afirma que “quanto ao mais, de Hawthorne temos no Brasil suas adaptações dos mitos gregos em *Tanglewood tales* e *A Wonder-Book for girls and boys*”.

Dessas traduções/adaptações, as mais conhecidas foram feitas por Orígenes Lessa, pela Ediouro, na década de 1960<sup>111</sup>, mas também foram localizadas mais três, uma delas publicada pela própria Companhia Melhoramentos, em 1965<sup>112</sup>.

<sup>108</sup> Nasceu em Salém, Massachusetts, em 1804. Autor de histórias magistrais sobre o período colonial americano, muitas das quais reunidas na coletânea *Twice-told tales* (1837), sua carreira como romancista começou com *A letra escarlata* (1850). Morreu em 1864.

(Informações disponíveis em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02957>>, acesso em: 5/4/2015).

<sup>109</sup> Sobre Nathaniel Hawthorne escritor de obras para o público infantil no campo da mitologia greco-latina, ver *Classical myths as Capital Readings for Children: On two mythological book by Nathaniel Hawthorne, A wonder book for girls and boys (1852) and Tanglewood tales (1852)*, de José Manuel Marín Huertas.

Disponível em: [http://tauja.ujaen.es/bitstream/10953.1/856/7/TFG\\_MarinHuertas,JoseManuel.pdf](http://tauja.ujaen.es/bitstream/10953.1/856/7/TFG_MarinHuertas,JoseManuel.pdf), acesso em: 5/03/2015.

<sup>110</sup> BOOTMAN, D. Nathaniel Hawthorne no Brasil. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/download/9557/7048>>, acesso em: 05/04/2015.

<sup>111</sup> Adaptações publicadas por Orígenes Lessa a partir da obra de N. Hawthorne, pela Ediouro: 1. *A cabeça de Medusa e outras lendas grega*; 2) *O Minotauro / Os dentes do dragão*; 3) *Os pigmeus / O tosão de ouro*; 4) *O*

No caso de *O vellocino de ouro* da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos, é singular o tratamento dispensado à questão da autoria: não consta em nenhuma parte do livro o nome de Nathaniel Hawthorne. Arnaldo Barreto também não aparece indicado como autor: seu nome consta apenas como organizador da coleção, mencionando-se após o título da obra somente a expressão "Da Mythologia Grega".

Por que, pode-se indagar, não houve a indicação do nome do autor da obra em *O vellocino de ouro* da Weiszflog Irmãos? Seria pelo fato de Hawthorne ainda não ser (re)conhecido no Brasil, ao contrário de Andersen, cuja autoria é apontada em *O patinho feio*? Ou seria porque Barreto escolheu apenas um dos seis contos que compunham a obra *Tanglewood tales*?

Apesar de estas serem hipóteses plausíveis, não se pode deixar de considerar que em cinquenta anos houve ajustes e exigências legais mais rigorosas quanto à questão dos direitos autorais. No entanto, talvez seja esclarecedora a leitura de uma nota colocada na página de apresentação do *Quarto Livro de Leitura da série Puiggari-Barreto* (1909), em que os autores se dirigem “aos snrs. Professores”, informando que

Nosso modesto trabalho, conforme já o declarámos nos livros anteriores, é mais didactico que literário; por isso *não citamos parcialmente as fontes de onde respigámos muitos dos assumptos* que vão entremeiados ás producções originaes. Entretanto, a probidade manda que declaremos que, para a feitura deste volume, *nos aproveitámos dos trabalhos* de Mantegazza, Edmundo de Amicis, Oreste Boni, Julio Ribeiro e outros autores cujo nome não nos lembra agora.

OS AUTORES

(Quarto Livro de Leitura – série Puiggari-Barreto, 1909 – Livraria Francisco Alves).  
(grifos meus)

Do modo como está colocado na nota informativa, entende-se que a indicação do nome dos autores de cada texto utilizado em uma coletânea é quase que uma opção de quem publica um livro deste tipo, prática que enfrentaria problemas em tempos como os nossos, marcados pela severa vigilância no que diz respeito à questão dos direitos autorais e da propriedade intelectual.

No caso das questões relativas ao registro da autoria em *O vellocino de ouro*, talvez seja pertinente citar Certeau (2010, p. 34), o qual afirma que

é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente. Com efeito, tanto uma quanto a outra se organizam em função de problemáticas impostas por uma situação.

---

toque de ouro; 5) *A caixa de Pandora*; 6) *As três maçãs de ouro*; 7) *O cântaro milagroso*; 8) *O palácio de Circe / As sementes de romã*.

<sup>112</sup> 1. HAWTHORNE, 1965. Trad. Oscar Mendes; 2. HAWTHORNE, N., 1971 (não consta o nome do tradutor); HAWTHORNE, 2001. Trad.de Afonso Teixeira Filho e Mônica Maria Veronezzi Rizzolo.

De qualquer modo, ao que tudo indica, Arnaldo Barreto talvez tenha sido o primeiro a traduzir Nathaniel Hawthorne no Brasil, apesar de nos dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, a autoria da obra aparecer como sendo da “CMSP”, ou seja: Companhia Melhoramentos de São Paulo, que segundo informação prestada pela própria empresa, é a sigla usada nos registros internos “quando a autoria da obra é de responsabilidade da Editora”<sup>113</sup>.

Entrando mais propriamente no campo dos recursos e estratégias utilizados para o estabelecimento do texto escrito de *O vellocino de ouro* na versão para o português, foi feito um cotejo entre as versões integrais das obras de Hawthorne e Barreto, parágrafo a parágrafo, procurando identificar supressões, acréscimos e outros indícios que pudessem informar o quanto a obra tem de tradução e/ou de adaptação.

Investigando inicialmente a “forma” dos dois textos, verifica-se que o de N. Hawthorne tem 165 parágrafos e 13.097 palavras, enquanto a versão de Arnaldo Barreto tem 384 parágrafos e 11.620 palavras. Considerando-se a grande diferença do número de parágrafos entre as duas versões (a de Barreto tem mais que o dobro da de Hawthorne), apesar da pouca diferença no número de palavras, a primeira estratégia que pode ser identificada é o fracionamento do texto através da multiplicação de parágrafos, o que dá como resultado uma distribuição mais leve do texto pela página.

Importante lembrar, ainda, que o texto de Barreto – diferentemente do de Hawthorne – também conta com ilustrações, o que, segundo Chartier (1996), constitui-se em estratégia editorial utilizada para seduzir o leitor e orientá-lo na construção de sentidos para o texto verbal, além de contribuir para a obtenção deste efeito de leveza na distribuição do texto pela página.

Quanto ao conteúdo da narrativa, ele se mantém o mesmo nas duas versões: o cotejo entre os textos dos dois autores mostra que A. Barreto traduz adaptando, ou seja, suprime alguns pequenos trechos ou expressões e acrescenta algumas poucas informações “novas”, mantendo-se quase sempre fiel ao que é contado por Hawthorne.

A título de exemplificação do modo como está construído o texto escrito em *O vellocino de ouro*, reproduz-se o primeiro parágrafo de *The golden fleece*, transformado por A. Barreto em sete parágrafos curtos, procedimento observado ao longo de toda a obra:

---

<sup>113</sup> Informação fornecida por funcionária da Melhoramentos, em 19/07/2011, via correio eletrônico.

<p style="text-align: center;"><b>The golden fleece<sup>114</sup></b></p> <p>When Jason, the son of the dethroned King of Iolchos, was a little boy, he was sent away from his parents, and placed under the queerest schoolmaster <i>that ever you heard of</i>. This learned person was one of the people, or quadrupeds, called Centaurs. He lived in a cavern, and had the body and legs of a white horse, with the head and shoulders of a man. His name was Chiron; and, <i>in spite of his odd appearance</i>, he was a very excellent teacher, and had several scholars, who afterwards did him credit by making a great figure in the world. The famous Hercules was one, and so was Achilles, and Philoctetes likewise, and Aesculapius, who acquired immense repute as a doctor. <i>The good Chiron taught his pupils how to play upon the harp, and how to cure diseases, and how to use the sword and shield, together with various other branches of education, in which the lads of those days used to be instructed, instead of writing and arithmetic.</i></p> <p>HAWTHORNE, N. A Wonder-book and Tanglewood tales. London: George G. Harrap &amp; Co. Ltd., 1925, p. 320. (grifos meus)</p>	<p style="text-align: center;"><b>O vellocino de ouro</b></p> <p>Jasão era filho do rei de Iolchos, <i>cidade da Grecia antiga</i>.</p> <p>Elle era ainda pequenino quando seus paes o fizeram sair de casa, confiando a sua educação a um professor chamado Chiron.</p> <p>Esse Chiron era o ente mais fantastico que se pôde imaginar.</p> <p>Tinha cabeça e hombros de homem e o corpo e pernas de um cavallo branco.</p> <p>Era, emfim, o que se chama um centauro; e morava em uma caverna.</p> <p>Chiron, apesar de ser centauro, era um excelente professor, e tinha muitos alumnos, que, mais tarde, fizeram, com a propria fama, a sua reputação.</p> <p>Entre os seus mais notáveis discípulos, eu citarei o famoso Hercules; e Achilles, <i>que venceu os troyanos</i>; e Philoctetes; e Esculapio, um dos fundadores da medicina.</p> <p><i>O vellocino de ouro da Mythologia Grega – Parte I/Bibliotheca Infantil org. pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo e Rio: Weiszflog Irmãos, s/d, p. 3 e 4. (grifos meus)</i></p>
---	---

A respeito da supressão de palavras e trechos, este é um procedimento pouco utilizado por Barreto ao longo do texto como um todo, apesar de estar presente no fragmento acima (o primeiro parágrafo do conto), do qual foi cortada a parte final, indicada em itálico. A não ser por estas pequenas interferências, a construção do texto em português acompanha linha a linha o texto em inglês, procedimento que remete à tradução.

Alguns dos trechos suprimidos ao longo da obra estão ligados ao fato de no texto de Hawthorne haver um narrador que conta a história a jovens ouvintes, manifestando-se em alguns momentos, como na expressão “*that ever you heard of*”, que é eliminado da versão de A. Barreto.

Por outro lado, já na primeira linha está presente um caso de acréscimo: A. Barreto introduz um esclarecimento a respeito de “Iolcos”, talvez tendo em vista o leitor iniciante a quem o texto é destinado: uma criança brasileira, em idade escolar, que dificilmente saberia ser aquele o nome de uma cidade da Grécia antiga. No final do parágrafo

<sup>114</sup> *Tradução livre*: Quando Jasão, o filho do destronado rei de Iolcos, era um garotinho, ele foi enviado para longe de seus pais, e confiado ao mais estranho professor sobre o qual vocês já tenham ouvido falar. Este erudito indivíduo era do povo, ou quadrúpedes, chamados Centauros. Ele morava em uma caverna, e tinha o corpo e as pernas de um cavalo branco, com a cabeça e ombros de um homem. Seu nome era Quíron; e, apesar de sua estranha aparência, ele era um professor extraordinário, e tinha muitos alunos, que posteriormente o tornaram conhecido ao se tornarem grandes vultos mundiais. O famoso Hércules foi um deles, e também Aquiles e Filoctetes, e Esculápio, que conquistou grande fama como médico. O bom Quíron ensinou seus alunos a tocar harpa, a curar doenças, e a usar a espada e o escudo, juntamente com conhecimentos de outros ramos da educação, nos quais se costumava instruir os moços daqueles dias, ao invés de escrita e aritmética.

também está presente outro acréscimo, orientado pelo mesmo princípio: após o nome do herói Aquiles, vem a explicação “que venceu os troyanos” – uma forma de apresentar os pequenos leitores iniciantes à cultura grega, feita por um educador.

No geral, pode-se falar em uma aproximação do processo de tradução, uma vez que A. Barreto segue muito de perto o texto de Hawthorne no que se refere a personagens e acontecimentos do enredo, mas também é possível perceber a presença de um processo de adaptação mais modesto, porém orientado para a adequação do texto a um leitor pouco experiente, brasileiro, que precisa de parágrafos curtos e de esclarecimentos sobre a cultura grega.

Outro procedimento que remete mais uma vez aos dois campos, o da tradução e o da adaptação, é a tomada de uma decisão de ordem editorial e tipográfica: para manter o texto de Hawthorne na íntegra, a obra em português precisou ser dividida em dois volumes (1 e 2), uma vez que o projeto editorial dos primeiros vinte e oito volumes da Biblioteca Infantil Melhoramentos traz livros impressos em até 70 páginas – número insuficiente para abrigar o texto integral de Hawthorne, acrescido das ilustrações de F. Richter.

Finalizando, pode-se dizer que a análise da segunda obra escolhida para se determinar o tipo de autoria exercida por A. Barreto o situa no campo da tradução/adaptação, o que já se manifestara em *O patinho feio*. Mais claramente em relação ao *Vellocino de ouro*, a prática adotada por A. Barreto talvez esteja mais próxima da corrente iniciada por Carlos Jansen, o qual traduzia as obras adaptando-as ao nosso meio social, como escrito por Sílvia Romero na apresentação de *Robinson Crusóé* (JANSEN, s/d).

### **3.3 Memórias de um burro**

A terceira obra escolhida para análise é *Memórias de um burro*, da Condessa de Ségur, autora já consagrada e muito lida pela infância brasileira em 1918, data de lançamento da adaptação feita por Arnaldo Barreto para a Biblioteca Infantil Melhoramentos.

Sobre a autora, Sophie Rostopchine<sup>115</sup> – a condessa de Ségur - nasceu em 1799, em São Petersburgo, Rússia, e faleceu em 1874, em Paris, França. O título de Condessa advém do matrimônio com o Conde Eugéne Ségur, em 1819. Desta união nasceram oito filhos e dezenove netos, os quais, segundo Leão (2007, p. 5), “são fonte de trabalho e inspiração de uma Sophie tornada velha dama reclusa em um castelo nos domínios de

---

<sup>115</sup> Sobre a Condessa de Ségur, ver LEÃO, A.B.: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846051.pdf>>, acesso em: 20/03/2015.

Nouettes, na Normandia francesa, onde morou por meio século de vida”.

É autora bem sucedida de muitas obras com destinação infantil, dentre as quais se pode destacar *As meninas exemplares*, *Os desastres de Sofia* e *Memórias de um burro*, título que interessa mais de perto ao presente trabalho.

Fazem parte do conjunto de livros reunidos para a pesquisa dois exemplares desta obra. O primeiro deles é a 37ª edição de *Memoires d'un ane*, publicada em 1922 pela Librarie Hachette de Paris, como parte da “Bibliothèque Rose Illustrée”, selo que reunia as obras daquela editora destinados ao público infantil. O exemplar tem 316 páginas, pelas quais se distribuem os 26 capítulos da história, antecedidos por dois textos curtos - uma dedicatória e um prólogo – e encerrados por uma conclusão.

O segundo exemplar é *Memorias d'um burro*, que conforme consta da página de rosto, é uma “versão portuguesa de J. Antonio de Freitas” para a Livraria Francisco Alves, publicada em 1915, no Rio de Janeiro, mas composta e impressa na typographia “A Editora Limitada”, em Lisboa, onde ficavam as Livrarias Aillaud e Bertrand. Segundo Leão (2007, p. 7), a Editora Francisco Alves “tendo incorporado os fundos da livraria parisiense Aillaud, adquire da Editora Hachette os direitos de tradução da Biblioteca Rosa Ilustrada”.

Este exemplar da Francisco Alves possui 344 páginas, pelas quais se distribuem os mesmos 26 capítulos da edição francesa, mais a dedicatória, o prólogo e a conclusão, devidamente discriminados no índice que se encontra nas páginas finais.

O livro conta as peripécias vividas pelo burro Cadichon, que confessa ter sido em sua juventude um burrinho mau, vaidoso e pouco paciente, que não poucas vezes fugiu ou enganou seus vários donos, por haver sido maltratado por estes. No momento da escrita das memórias, Cadichon já está velho e deseja deixar o que viveu como exemplo para o “menino Henrique, meu amo actual”, o neto da senhora que por último o acolhera, além de deixar registrado que os burros são na verdade inteligentes, espertos e sábios, ao contrário do que pensam os homens.

Trata-se de uma tradução regular da obra francesa, como se pode observar pelo cotejo dos textos abaixo, em que se faz a apresentação do burro Cadichon, o autor das memórias a que o título se refere:

<p><b>1) Mémoires d'un ane</b></p> <p>Je ne me souviens pas de mon enfance; je fus probablement malheureux comme tous les ânes, joli, gracieux comme nous le sommes tous; très certainement je fus plein d'esprit, puisque, tout vieux que je suis, j'en ai encore plus que mes camarades. J'ai attrapé plus d'une fois mes pauvres maitres, qui n'étaient que des homes, et qui, par conséquent, ne pouvaient pas avoir l'intelligence d'un âne.</p> <p>Je vais commencer par vous raconter un des tours que je leur ai joués dans le temps de mon enfance.</p> <p>SÉGUR, Mme La Comtesse de. <i>Memoires d'un ane</i>. Bibliothèque Rose Illustrée. Paris: Librairie Hachette, 1922, 37. ed., p. 3.</p>	<p><b>2) Memórias d'um burro</b></p> <p>Não me lembro dos meus tempos de creança; provavelmente fui infeliz como todos os burrinhos, bonito, engraçado, como somos todos. Era, com certeza, cheio de espirito, porque velho, como hoje sou, ainda tenho mais do que os meus companheiros. Logrei mais de uma vez os meus pobres donos, que eram apenas homens e que, por consequencia, não podiam ter a inteligencia d'um burro.</p> <p>Vou começar por contar ao meu menino uma das peças, que lhes preguei nos meus tempos de creança.</p> <p>SÉGUR, Condessa de. <i>Memorias d'um burro</i>. Versão portuguesa de J. Antonio de Freitas. Biblioteca Rosa Illustrada. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand/ Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1915, p. 9.</p>
---	---

Quanto ao *Memórias de um burro* da coleção Melhoramentos, a primeira edição saiu em 1918, três anos após o lançamento da versão publicada pela Francisco Alves, com destaque para a indicação do nome da autora, Condessa de Ségur, na capa e na página de rosto do exemplar. O volume tem 71 páginas, e Arnaldo Barreto aparece apenas como organizador da coleção.

Sobre o estabelecimento do texto escrito da obra por Arnaldo Barreto, a primeira questão que se apresenta é sobre as estratégias utilizadas por ele para conseguir narrar os episódios, que na edição da Francisco Alves ocupam 344 páginas, nas apenas 71 do livrinho da Biblioteca Infantil.

Em primeiro lugar, os 26 capítulos do livro da Condessa de Ségur transformam-se em apenas oito, mais o prólogo, a dedicatória e a conclusão, sendo suprimidos capítulos contendo a narrativa de aventuras vividas por Cadichon que poderiam ser classificadas como “secundárias”.

Para melhor visualização desse processo de supressão, foi feita uma relação de correspondência entre os capítulos do livro de Barreto (1918) e os da tradução publicada pela F. Alves (1915):

Estrutura de <i>Memórias de um burro</i> da Biblioteca Infantil Melhoramentos	Procedimentos tomados por A. Barreto em relação à obra da F. Alves para o estabelecimento do texto escrito da Biblioteca Infantil
Prólogo e dedicatória.	- Mantidos na íntegra.
Capítulo I	- Narração de alguns episódios do <b>Capítulo I</b> (“O Mercado”), mas sem indicação de título. * supressão do <b>capítulo II</b> (“A perseguição”).

Estrutura de <i>Memórias de um burro</i> da Biblioteca Infantil Melhoramentos	Procedimentos tomados por A. Barreto em relação à obra da F. Alves para o estabelecimento do texto escrito da Biblioteca Infantil
Capítulo II	- Alguns episódios do <b>Capítulo III</b> (“Os novos donos”), mas sem indicação de título. * supressão dos <b>capítulos IV</b> (“A ponte”) e o <b>V</b> (“O cemitério”).
Capítulo III	- Alguns episódios dos <b>capítulos VI</b> (“O esconderijo”), <b>VII</b> (“A medalha”) e <b>VIII</b> (“O incêndio”) – sem os títulos.
Capítulo IV	- episódios narrados no <b>Capítulo IX</b> (“A corrida de burros”)
Capítulo V	- episódios narrados nos <b>capítulos X</b> (“Os bons donos”) e <b>XI</b> (“Cadichon doente”) – sem títulos. * supressão dos capítulos <b>XII</b> (“Os ladrões”), <b>XIII</b> (“Os subterrâneos”) e <b>XIV</b> (“Thereza”).
Capítulo VI	- episódios narrados no <b>capítulo XV</b> (“A caçada”) – sem título. * supressão dos <b>capítulos XVI</b> (“Medor”), <b>XVII</b> (“Os rapazes da escola”) e <b>XVIII</b> (“O baptisado”).
Capítulo VII	- Episódios narrados no <b>capítulo XIX</b> (“O burro sábio”) – sem título.
Capítulo VIII	- Trechos dos <b>capítulos XX</b> (“A rã”), <b>XXI</b> (“O poney”), <b>XXII</b> (“O castigo”), <b>XXIII</b> (“A conversão”) e <b>XXIV</b> (“Os ladrões”) – sem títulos. * supressão dos capítulos <b>XXV</b> (“A reparação”) e <b>XXVI</b> (“O barco”)
Conclusão	- Mantida, mas de forma bastante resumida.

Assim, em *Memórias de um burro* da Biblioteca Infantil Melhoramentos, o que se vê é a atuação de um autor-adaptador, que se utiliza de estratégias de remodelagem da apresentação do texto e das ilustrações, além de estratégias discursivas e textuais, como supressão e/ou condensação de episódios e personagens.

Em outras palavras, Arnaldo Barreto encurta, suprime, aligeira e sintetiza partes do enredo, selecionando apenas aqueles acontecimentos que considera imprescindíveis, por constituírem a espinha dorsal da narrativa trazida pelo texto original, adequando assim a extensão do texto às exigências do projeto editorial da coleção que dirige e coordena.

Outro procedimento encontrado é a troca de nomes das personagens: na versão em francês, tem-se Cadichon, Jacques, mère Tranchet, Auguste e Henri du Ségur (o neto da Condessa de Ségur, a quem o livro é dedicado por Cadichon) Na tradução para o português, publicada pela Francisco Alves em 1915, os nomes ficam assim: Cadichon, Jayme, Tia Tranchet, Augusto e Henrique de Ségur. Já na versão estabelecida por Arnaldo Barreto para a Biblioteca Infantil, Cadichon é transformado em *Neddy*; Jayme é *Joãozinho*; Tia Tranchet é *Mãe Evans*, Augusto é *Norman*, e só Henrique tem o nome mantido, com o acréscimo da informação “meu amo atual”. Curiosamente, o que se observa é que a troca não se deu devido à busca por “abrasileirar” os nomes próprios, pois com exceção de “Joãozinho”, os outros nomes remetem à língua inglesa (“Neddy”, “Evans”, “Norman”).

Como exemplo de procedimento de “encurtamento” textual, segue o primeiro capítulo da adaptação de Arnaldo Barreto (1918), com 124 palavras, seguido do texto traduzido para a Biblioteca Rosa da Francisco Alves, em 1915, com 253 palavras:

---

## Capítulo I

Os pobres homens não sabem, ás vezes, tanto como os burros; e a prova é que você não sabe que ha feira em nossa cidade todas as terças-feiras, e que nella se vendem legumes, manteiga, queijos, ovos, fructas, e muitas outras cousas.

Para nós, pobres burros, a terça-feira era o peor dia da semana; e para mim, especialmente. Imagine! Cada terça-feira, a minha ama me carregava ás costas com todos os ovos que as suas galinhas punham; com a manteiga e todo o queijo que fazia do leite de suas vaccas; com todos os legumes da sua horta; com toda a fructa madura do seu pomar. Por cima de tudo isso, ella se abancava, e surrava-me a valer com um bastão duro e nodoso.

SÉGUR, Condessa de. *Memorias de um burro*. Bibliotheca Infantil org. pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo-Cayeiras-Rio: Comp. Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 7. ed., s/d, p. 5.

---

## I

### O Mercado

Não sendo os homens obrigados a saber tudo o que sabem os burros, o meu menino, que lê este livro, ignora sem duvida o que é conhecido de todos os burros, meus amigos: é que todas as terças-feiras ha na cidade de Laigle um mercado em que se vendem legumes, manteiga, ovos, queijo, fructas, e outras coisas excelentes. Essa terça-feira é um dia de supplicio para os meus colegas; tambem o era para mim, antes de ser comprado pela minha boa dona, sua avó, em cuja casa vivo actualmente.

Eu pertencia a uma fazendeira exigente e má. Imagine o meu querido menino que essa mulher levava a maldade ao ponto de ajuntar todos os ovos que punham as suas galinhas, toda a manteiga, e todos os queijos que lhe dava o leite de suas vaccas, todos os legumes e fructas que amadureciam durante a semana, para encher cestos, que colocava sobre as minhas costas.

E quando eu já estava tão carregado que mal podia andar, a maldita da mulher sentava-se por cima dos cestos, e obrigava-me a trotar, esmagado por aquelle feitio, até ao mercado de Laigle, que distava da quinta uma légua. Eu ia sempre desesperadissimo, mas não me atrevia a mostral-o, porque tinha medo das pauladas; a minha dona tinha um pau muito grosso, cheio de nós, que me fazia doer devéras quando ella me batia. Todas as vezes que eu via e ouvia os preparativos do mercado, suspirava, gemia, com a esperança de enternecer os meus donos.

SÉGUR, Condessa de. *Memorias d'um burro*. Versão portuguesa de J. Antonio de Freitas. Biblioteca Rosa Illustrada. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand/ Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1915, p. 11.

---

Deste modo, temos em *Memórias de um burro* o trabalho bastante acentuado de um autor adaptador, que suprime informações e trechos considerados supérfluos para o entendimento, que qualifica a personagem, humanizando-a (*pobre burro*) e que simplifica ao máximo a narrativa, talvez para adequá-la a uma imagem de leitor que ainda não tem habilidades de leitura suficientemente desenvolvidas para enfrentar um texto mais extenso, de enredo mais complexo.

Também deve ser registrado que esta é a única obra longa (romance para a infância) entre as que foram escolhidas para integrar os 28 primeiros títulos da coleção Biblioteca Infantil, já que nos demais volumes a escolha recaiu sobre contos, lendas e outros gêneros textuais mais breves.

### 3.4 Os três príncipes coroados: o folclore brasileiro na Biblioteca Infantil de A. Barreto

#### 3.4.1 Algumas considerações sobre contos de tradição oral e literatura infantil

Em 1918, quando já haviam sido publicados dez números da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos<sup>116</sup> – grande parte deles adaptações de contos de fadas de origem europeia – Arnaldo Barreto se volta para o folclore brasileiro, publicando a adaptação de *O Filho do pescador*. Até 1921, seriam adaptados mais cinco contos de nosso folclore<sup>117</sup>, entre os quais o que será analisado aqui: “Os três príncipes coroados”. Em todos eles, já na capa do exemplar (logo após o título) consta a expressão “Contos do folk-lore brasileiro”, assim como em *O vellocino de ouro* constava “da mythologia grega”.

Deve-se ressaltar que esta ideia de juntar narrativas populares de tradição oral e literatura para crianças é típica dos primórdios do gênero. Afinal, as coletâneas organizadas por Charles Perrault (1897) e pelos irmãos Grimm (1812) já representaram tentativas de capturar na escrita os relatos orais de camponeses franceses e alemães.

Segundo Lyons (2011, p. 151),

Os irmãos Jakob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm eram acadêmicos da Universidade de Göttingen. Eram membros da geração romântica, uma era em que a Alemanha ainda não era uma nação unificada, mas em que a sua identidade nacional já emergia na língua e literatura alemãs. O filósofo alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803) formulou a ideia de que a alma distinta de uma nação podia ser encontrada na cultura camponesa (o “*Volk*”). Inspirados por Herder, os irmãos Grimm se dispuseram a transformar os contos populares dos camponeses alemães em uma grande literatura nacional que expressaria a essência do ser alemão.

Segundo Volobuef (2009), os Grimm se guiaram pela busca das raízes da língua alemã, dos mitos e das lendas remanescentes do passado e defenderam que o material coletado deveria ser transcrito da forma como fora ouvido, não devendo ser adaptado e nem utilizado em novas transcrições poéticas. Para esta pesquisadora, “os Grimm não apenas cunharam a noção que hoje temos de ‘conto de fadas’ (Märchen), como lançaram as bases do estudo sistemático e rigoroso do material folclórico narrativo” (VOLOBUEF, 2009, p. 3), o que repercutirá em outros estudos envolvendo o folclore, especificamente os contos maravilhosos de origem popular. No Brasil, pode-se citar o trabalho pioneiro de Silvío

<sup>116</sup> Os nove números anteriores da Biblioteca Infantil são: 1) *O patinho feio*; 2) *O soldadinho de chumbo*; 3) *O vellocino de ouro*; 4) *O isqueiro encantado*; 5) *Os cysnes selvagens*; 6) *Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro*; 7) *A rosa mágica*; 8) *O califa Stork*; *As três cabeças de ouro*.

<sup>117</sup> Os outros títulos são: *Os três príncipes coroados / O príncipe do limo verde* (Vol. XIII); *O sargento verde / Linda Flor* (Vol. XIV); *A serpente negra* (Vol. XV). Destes cinco títulos, apenas *A serpente negra* não consta da obra *Contos populares do Brasil*, de autoria de Sílvio Romero.

Romero<sup>118</sup> (1851-1914).

Sílvio Romero, porém, ainda segundo Volubuef (2009), ao contrário dos Grimm, que adotaram o ponto de vista romântico, assume um ponto de vista próprio de sua época, ou seja, naturalista, dividindo os contos coletados de acordo com a origem étnico-geográfica de três grupos: aqueles trazidos pelos portugueses, os trazidos pelos africanos e aqueles originados nos grupos indígenas americanos.

E é deste modo que são apresentados os contos populares coligidos por este estudioso em sua obra *Contos populares do Brasil*, publicada pela primeira vez em 1885. Lá estão, na primeira seção, que é destinada aos contos de origem europeia, “Os três coroados” e “O papagaio do limo verde” – versões provavelmente utilizadas por Arnaldo Barreto para a reescrita dos mesmos para a Biblioteca Infantil, em 1919.

No entanto, estes mesmos dois contos – além de alguns outros registrados por Romero – antes de fazer parte da coleção coordenada por Arnaldo Barreto já constavam em outras obras destinadas ao público infantil: Figueiredo Pimentel incluiu “Os três príncipes coroados” em seu *Contos da Carochinha* (1894), assim como “O papagaio real” (título diferente, mas mesmo enredo de “O príncipe do limo verde”) em *Histórias da baratinha* (1896).

Mas e como esses contos coletados por Sílvio Romero – publicados inicialmente como um estudo de antropologia e folclore – foram parar em livros destinados à infância? Segundo Maria Inês de Almeida & Sônia Queiroz (2004), algum tempo após a publicação da coletânea de Romero, a cultura popular e os contos maravilhosos passaram a fazer parte das obras regionalistas de autores como Valdomiro Silveira e Simões Lopes Neto, e de uma série de livros destinados ao público infantil, como os da Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma, que “teve início com os *Contos da Carochinha*, ‘traduzidos e recolhidos diretamente da tradição oral por Figueiredo Pimentel’”.<sup>119</sup>

Assim é que, no que pode ser visto como a continuação desta tradição, Arnaldo Barreto, ao eger o folclore brasileiro como tema de alguns volumes da Biblioteca Infantil

---

<sup>118</sup> Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto, Sergipe. Crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira, foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Formou-se bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, transferindo-se em fins de 1875 para o Rio de Janeiro, onde em 1880 tornou-se titular da cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II. Fez parte também do corpo docente da Faculdade Livre de Direito e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Sílvio Romero foi um pesquisador bibliográfico sério e minucioso, cuja força estava nas ideias de âmbito geral e no profundo sentido de brasilidade que imprimia em tudo que escrevia. A sua contribuição à historiografia literária brasileira é uma das mais importantes de seu tempo. (Fonte: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=154&sid=196>>, acesso em: 02/05/2015.

<sup>119</sup> Cf. PIMENTEL, *Contos da Carochinha*, 1925, 23ª ed., p. 9.

que coordenava, escolheu dois contos populares coletados por Sílvio Romero, respeitado intelectual de sua época.

Segundo Almeida & Queiroz (2004, p. 14), no Brasil “as duas primeiras coletâneas de narrativas orais editadas em livro a partir da audição de contadores brasileiros” foram *O selvagem* (1876), do general Couto de Magalhães, da qual constam 25 lendas Tupis publicadas em nheengatu e em português, e os *Contos populares do Brasil*, de Sylvio Romero, publicados em 1885, em Lisboa.

Segundo Basílio de Magalhães (*apud* Almeida & Queiroz, 2004), a maior parte dos contos foi recolhida em Sergipe, e os demais em Pernambuco e no Rio de Janeiro. O mesmo autor também observa que seis dos 88 contos já haviam sido publicados em *O selvagem*, do general Couto Magalhães.

Dando continuidade à análise dos procedimentos linguísticos adotados por Arnaldo Barreto para adequar/conformar os textos que compõem os volumes de sua Biblioteca Infantil ao público a que é destinada, será analisado um desses contos coletados por Sílvio Romero: *Os três príncipes coroados*, publicado em 1919 - primeira história do volume XIII da coleção.

Seguindo o mesmo procedimento adotado para a análise das três obras estudadas até aqui, inicialmente faremos o cotejo entre os contos recolhidos por Sílvio Romero (1885) e a versão adaptada por Arnaldo Barreto (1919), para em seguida apontar os procedimentos utilizados para simultaneamente adequar esta narrativa colhida da boca de um contador popular – portanto pertencente ao campo da oralidade – para o universo da escrita e das obras destinadas ao público infantil.

### 3.4.2 A adaptação de A. Barreto para *Os três príncipes coroados*

*Os três príncipes coroados* conta a história de uma moça órfã, que se casa com o rei graças à promessa de lhe dar três filhos coroados. O que ela não sabia, entretanto, é que suas duas irmãs tinham muita inveja dela, e que trocavam cada filho seu que nascia por um animal peçonhento, o que levou o rei a ordenar que ela fosse severamente castigada por tê-lo enganado.

Quanto às crianças nascidas, foram postas em um cesto e jogadas no rio, sendo encontradas por um pescador, que as criou como se fossem seus próprios filhos. Depois de muitas peripécias e aventuras, inclusive de terem sido transformados em pedra pelas malvadas tias, que descobriram sua verdadeira identidade, os meninos conseguiram que o rei soubesse

que eram seus filhos coroados. A mãe dos três garotos foi perdoada e todos recuperaram a felicidade, menos as duas tias invejosas, que foram despedaçadas por burros bravos.

A seguir, o trecho inicial da história, nas versões de Sílvio Romero (um parágrafo) e de Arnaldo Barreto (treze parágrafos):

“Os três coroados”, Sílvio Romero	“Os três príncipes coroados”, Arnaldo de Oliveira Barreto
<p>Foi um dia, havia três moças já órfãs de pai e mãe. Uma vez, elas estavam todas três na sacada de seu sobrado, quando viram passar o rei. A mais velha disse: “Se eu me casasse com aquele rei, fazia-lhe uma camisa como ele nunca viu”. A do meio disse: “Se eu me casasse com ele, lhe fazia uma ceroula como ele nunca teve.” A caçula disse: “E eu, se me casasse com ele, paria três coroados”.</p> <p>ROMERO, Sílvio. <i>Contos populares do Brasil</i>. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.</p>	<p>Eram uma vez tres moças muito pobres, mas muito bonitas, que moravam á beira de um rio de agua muito clara, em uma mísera casinha de sapé.</p> <p>Eram órfãs, pois já não tinham pae nem mãe.</p> <p>Costumavam ellas, á tardinha, depois de terminado o serviço domestico, ir conversar á beira do rio, entretendo-se em doces devaneios sobre essas mil fantasias que povoam a imaginação das moças.</p> <p>Uma vez a palestra prolongou-se mais do que nos outros dias: a noite já vinha desdobrando sobre a terra o seu manto de trevas.</p> <p>Na estrada, em frente á casa, passava justamente, nessa ocasião um cavaleiro ricamente vestido, agitando no ar a linda pluma do chapéo.</p> <p>Era o rei.</p> <p>Ao vêr de longe as tres moças alli sentadas, o rei soffreou o animal, saltou ao chão, e sem ser pressentido dirigiu-se, pé por pé, a uma arvore, a tres metros de distancia, para ouvir curiosamente a conversa em que ellas se entretinham.</p> <p>Falava a mais velha, a Marieta, que dizia:</p> <p>- Si eu me casasse com o rei, fazia-lhe uma camisa como igual elle nunca vestiu.</p> <p>Disse a do meio, a Estephania:</p> <p>- Pois eu, não; si me casasse com elle, fazia-lhe uma capa como nunca teve um rei.</p> <p>A mais moça, a Luiza, disse:</p> <p>- E eu, si me casasse com elle, dar-lhe-ia tres filhos lindos, lindos, cada um com uma corôa marcada no peito.</p> <p>BARRETO, Arnaldo de Oliveira. <i>Os tres principes coroados</i> – Contos do <i>folk-lore</i> brasileiro. São Paulo: Weiszflog Irmãos, s/d.</p>

Segundo Sílvio Romero (1954, p. 441), os contos que compõem sua obra foram recolhidos diretamente da tradição oral. O autor ainda afirma: “não incluímos neles *nenhum artifício; nenhuma ornamentação*, nenhuma palavra há aí que não fosse fielmente apanhada dos lábios do povo”. (grifos meus)

“Os três coroados” – o conto número dois do livro de Romero – pode ser visto como uma exemplificação do princípio de que os contos retratam o modo de ser e de se expressar do povo. Recolhido em Sergipe, terra natal de Sílvio Romero, o conto reflete a voz do contador, trazendo um vocabulário que denuncia a proximidade com a linguagem

coloquial, marcada pelo uso de termos do dia a dia de pessoas simples – o que pode ser observado pelo uso de palavras como “ceroulas” e “paria”, só para citar dois exemplos presentes no trecho reproduzido anteriormente.

A primeira diferença que se observa entre o texto de Silvio Romero e o de Arnaldo Barreto está relacionada a este aspecto: o texto de Barreto substitui a objetividade e a crueza das palavras do narrador popular por uma linguagem que certamente ele considerava mais adequada ao universo infantil. Assim, já se nota a troca de “ceroulas” por “capa” e “paria” por “lhe dava três filhos”, num procedimento de censura que tem por objetivo preservar o leitor infantil a quem a obra se destina.

Outro ponto que chama a atenção, é que no texto de Barreto o mesmo episódio reproduzido por Romero é ampliado pelo acréscimo de descrições sobre o cenário e as personagens, do que resulta o significativo aumento no número de parágrafos. O leitor infantil é informado sobre a condição social das moças (são pobres), sua aparência (muito bonitas), seus nomes (Marieta, Estephania e Luiza) e sobre o cenário (rio de água muito clara; estrada em frente à casa), observando-se o uso abundante de adjetivos, conforme apontado por Menin (1999) em *O patinho feio*.

Também se observa a diferença entre o estilo conciso da narrativa de tradição oral e o deste narrador, que busca embelezar o que conta através do uso de expressões que remetem ao universo romântico dos contos de fadas. Assim, as personagens femininas entretêm-se “em doces devaneios sobre essas mil fantasias que povoam a imaginação das moças”; a tarde não acaba, simplesmente, mas sim “a noite desdobra sobre a terra o seu manto de trevas”. Finalmente, o rei é a própria representação de um personagem de conto de fadas: está ricamente vestido e usa até um chapéu com pluma.

No entanto, todos estes acréscimos, além de mera questão de estilo, atendem a uma exigência do formato editorial da própria coleção. Conforme já dito anteriormente, os volumes deveriam ter entre 50 e 70 páginas, e como na obra de Sílvio Romero cada conto ocupa cerca de seis páginas, fazia-se necessário o acréscimo de texto extra, além das ilustrações, para se atingir o número de páginas exigido pelo projeto gráfico da coleção.

O que se pode ver, já de início, é que Arnaldo Barreto, neste caso, recontou a narrativa recolhida por Silvio Romero adotando procedimentos que a conformam às exigências do gênero literatura infantil e adequando-a também ao universo da linguagem escrita.

O cotejo entre o texto de Romero e o de Barreto revela ainda o uso dos seguintes recursos por parte do último:

1) O acréscimo de muitos trechos novos, na forma de explicações e comentários, como no exemplo a seguir, que não consta da versão de Sílvio Romero, e que conta até com a inserção de fadas à narrativa:

O rei, ao receber a notícia de que seu filho era um sapo, ficou muito triste, e atribuiu esse facto a um castigo com que a fada Vingança quisesse puni-lo.

Fez, então, promessas às boas fadas, jurando ser bom dali em diante para os homens, para os animaes, para os vegetaes. Prometteu tambem mandar plantar uma grande floresta de arvores fructiferas, onde os insectos e os passarinhos encontrassem alimentos para os filhos, e o homem tirasse lenha para a sua lareira, si nascessem ao menos dois filhos lindos, lindos, cada um com uma corôa marcada no peito.

Parece que as fadas dele tiveram pena.

Passado um anno, nasceram os dois desejados filhos.

(BARRETO, A. “Os três príncipes coroados”, p. 6 e 7)

2) A troca de termos e expressões da oralidade que poderiam ser considerados grosseiros ou até chulos, por outros mais delicados e adequados ao universo da escrita (e da infância), de que são exemplos as expressões destacadas nos trechos transcritos a seguir:

Silvio Romero	Arnaldo Barreto
- “Aí estão os coroados que aquela impostora <i>pariu</i> ”. (p. 37)	- “Ahi estão os príncipes coroados que aquella impostora <i>vos deu por filhos</i> ”. (p. 8)
“O rei ficou muito desgostoso e mandou enterrar a mulher <i>até aos peitos</i> , perto da escada do palácio, dando ordem a quem por ali passasse para cuspir-lhe no rosto.” (p. 37)	- “Ficou resolvido que a enterrassem viva <i>até o pescoço</i> , juncto da escada do palacio, com uma sentinela ao lado para obrigar quem por alli passasse a cuspir-lhe no rosto.” (p. 8)
“- E umas moças bonitas e ricas por que não casam? - Porque <i>costumam mijar</i> para o lado em que eu nasço”. (p. 39)	- “Meu filho, porque é que certas moças, embora ricas e formosas, não se casam? - Porque <i>costumam espirrar</i> para o lado em que eu apareço.” (p. 16)
- “O sol se levantou aborrecido, falando: ‘Ora, minha mãe, <i>seu de comer hoje está muito porco</i> ; não quero mais.’” (p. 39)	- “Ora, minha mãe, <i>seu almoço está hoje muito cheio de pedras</i> .” (p. 18)
“O pé de árvore começou logo <i>a carregar que parecia praga</i> ”. (p. 40)	- “A arvore <i>cobriu-se no mesmo instante de milhares de fructos doirados que toda a enfeitaram</i> ”. (p. 21)

3) A alteração de aspectos do enredo que pudessem chocar os leitores infantis - que são idealizados e poupados - como se pode ver no cotejo da parte que contém o desfecho do conto:

Silvio Romero	Arnaldo Barreto
(...) Tudo acabado, o rei que ficou vivendo com sua mulher, que voltou à sua antiga beleza, e os seus filhinhos no palácio, perguntou-lhes o que queriam que ele fizesse às duas danadas. Os meninos responderam que “ele mandasse buscar quatro burros bravos e as amarrasse nos rabos.” Assim fizeram, e elas morreram lascadas ao meio.	(...) Marieta e Estephania atiraram-se de joelhos, exclamando: - Perdão! Perdão! - Não o tereis de mim! Gritou o rei colérico; e voltando-se para a rainha, perguntou: - Santa criatura, que pena deseja se aplique a estas víboras? - Eu as perdôo: são minhas irmãs. - E vós, meus filhos, pelo tempo que por ellas fostes

<p>Fonte: ROMERO, Sílvio. <i>Contos populares do Brasil</i>. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954</p>	<p>privados dos carinhos de vossos paes, que sentença desejaes?  - Nós as perdoamos: são nossas tias.  - Pois bem, continuou o rei, eu não as perdôo.  E chamando o capitão das guardas mandou que elle as levasse presas, dizendo-lhes ao ouvido a pena que deveriam sofrer.  Soube-se mais tarde que foram amarradas á cauda de cavalos bravios e arrastadas pelo campo, até ficarem estraçalhadas.  Quanto á rainha, que recuperou toda a sua mocidade e beleza, e aos seus filhinhos, passaram dalli em diante uma vida cheia de carinhos, de festas e de felicidades.</p> <p>Fonte: BARRETO, Arnaldo de Oliveira. <i>Os tres principes coroados</i> – Contos do <i>folk-lore</i> brasileiro. São Paulo: Weiszflog Irmãos, s/d.</p>
---	---

Talvez por considerar as crianças incapazes de sentimentos mesquinhos como o ódio e a vingança, Arnaldo Barreto modificou o desfecho narrado por Sílvio Romero, que põe sobre os três príncipes a responsabilidade pela morte terrível e violenta das duas tias malvadas. Assim, apesar de manter-se fiel ao destino dado às duas vilãs, Barreto apresenta as crianças como criaturas boas e generosas, que perdoam as tias que tentaram matá-los desde o nascimento. As vilãs terão o mesmo fim que na versão de Romero, mas o responsável pela pena é o rei, que determina que o capitão da guarda execute a sentença.

Do exposto até aqui, pode-se concluir que em “Os três príncipes coroados” Arnaldo Barreto adaptou/recontou/recriou uma narrativa de tradição oral, procurando “embelezar” a versão primeira, como, aliás, já o tinham feito Charles Perrault e os Irmãos Grimm (só para ficar no campo da literatura infantil) que também se apropriaram de contos de tradição oral da cultura de seus países, recontando-os ou recriando-os a seu modo<sup>120</sup>.

O objetivo central deste capítulo foi investigar o estilo e as contribuições que Arnaldo Barreto deixou no campo da linguagem como escritor de obras para a infância. As obras analisadas apontam que ele se utilizou de procedimentos já empregados por muitos outros autores de produções voltadas para o público infantil, como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Figueiredo Pimentel, uma vez que todos eles beberam de uma mesma fonte: a das histórias conhecidas há séculos, transmitidas oralmente de geração para geração.

No entanto, foi possível encontrar, de forma mais acentuada, o tradutor, o adaptador e o recontador – facetas que certamente revelam a presença de uma figura de autor que jamais perde de vista o público a quem os textos se destinam – o infantil – bem como a

<sup>120</sup> O historiador Robert Darnton (1986), em “Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso”, faz uma interessante análise sobre as transformações sofridas pelos contos populares ao migrarem da cultura do povo para os salões da elite, levados por letrados como Charles Perrault.

função que pretende que sua obra cumpra: contribuir para a formação estética e moral deste público, oferecendo-lhe aquele tipo de livro “alegre” de que se falava no início deste capítulo, repleto de fantasia e apelo à imaginação.

De diferente em relação aos outros autores citados, pode-se apontar em Arnaldo Barreto o fato de ter sido o idealizador e responsável também pelo projeto gráfico e editorial da coleção que dirigiu, o que o obrigava a preocupar-se em “ajustar” os textos de cada obra a tal projeto, arquitetado para atender a um leitor iniciante. Neste sentido, talvez, esteja sua marca de autoria mais acentuada, se se considerar autoria como sinônimo de criação.

O Prof. Antônio D’Ávila, em sua obra *Literatura Infante-Juvenil*, reproduz o depoimento do escritor oficial da Editora Melhoramentos, Hernâni Donato, que analisa brevemente a questão do “pioneirismo” no campo da literatura infantil brasileira, estabelecendo um paralelo entre Arnaldo Barreto e Monteiro Lobato, numa reflexão que pensamos ser a chave para encerrar o presente capítulo:

Quem foi realmente o pioneiro da literatura infantil no Brasil?

Depende do que se considere pioneiro. Se pioneiro fôr o primeiro que cuidou do assunto, conforme lhe permitiram as forças, as possibilidades, o pessimismo editorial da época, o título cabe bem sem dúvida a Arnaldo de Oliveira Barreto.

Embora, ao que se saiba, não tendo produzido nada de originalmente seu no domínio da ficção pura especializada, especializou-se em adaptações, contando-se estas às dezenas. Foi o criador de uma das mais populares coleções infantis do país, que é a Biblioteca Infantil das Edições Melhoramentos, hoje<sup>121</sup> com 92 volumes e mais de 30 anos de vida.

Antes de Barreto, só se conhece Figueiredo Pimentel, que ali por volta de 1896, se não me falha a memória, lançou o primeiro livro infantil no Brasil, o famoso “Histórias da Carochinha”. Porém, se se considera pioneiro o que dá forma, impulso, ritmo continuado e crescente, a um determinado setor, então o pioneiro é mesmo Lobato. Êle tornou a literatura infantil algo de comerciável, de contínuo, pode-se mesmo dizer que de honroso. Antes dele, escrever para crianças não era coisa de que um autor se pudesse vangloriar. De qualquer forma, porém, vamos dizer que esses foram os pioneiros. (DONATO, *apud* D’AVILA, 1964, p. 45).

---

<sup>121</sup> Em 1955, foi lançado o nº 92 da Biblioteca Infantil Melhoramentos (*Heroína sertaneja/A promessa da estrela*, de Ofélia e Narbal Fontes), portanto, provavelmente, o ano em que foi feita a declaração de Hernani Donato se situe por volta desta data.

## CAPÍTULO 4

### A BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS: projeto editorial e materialidade

“Como a maioria dos leitores, tive meu primeiro contato com contos de fadas ainda antes de saber ler.

[...]

Em seguida, os primeiros livros infantis que conheci também faziam parte desse universo. Havia uma coleção deles que me parecia um tesouro, com pequenas e encantadoras ilustrações coloridas ou a bico de pena, de Franta Richter, pintor tcheco radicado em São Paulo. Eram bem pequeninos, num tamanho bom para serem folheados por mãos miúdas. Muito mais tarde fui descobrir que eram parte da Biblioteca Infantil, organizada em 1915 pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto para a editora que depois se chamaria Melhoramentos, mas na ocasião ainda era Weiszflog Irmãos. Eu tinha paixão por essas histórias. Nunca vou esquecer da imagem da clareira na floresta em que os anõezinhos montavam guarda ao caixão de vidro de Branca de Neve. Ou da belíssima garça branca que dominava o primeiro plano da paisagem com que se abria *O patinho feio*. Aos poucos fui também dominando as dezenas de relatos com pequenas figuras sombrias em preto e branco que compunham os volumes da editora Quaresma (*Contos da Carochinha*, *Histórias do arco da velha* e outras).”

(Ana Maria Machado)<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> MACHADO, A.M., 2010, p. 8.

As informações trazidas por pesquisadores e autores de obras canônicas já citadas sobre literatura infantil no Brasil a respeito da Biblioteca Infantil Melhoramentos lembram que esta coleção também inaugura o que talvez seja uma concepção editorial nova, que encara a ordem do impresso infantil sob uma perspectiva diferenciada, que poderia ser resumida a três pontos principais. O primeiro, que remete à materialidade das edições: os livrinhos são descritos como volumes pequenos, coloridos, diversos em tudo do que se conhecia até então. O segundo, que aponta para o surgimento de uma estratégia editorial inédita em termos de publicação de livros para a infância: a coleção se constituiu em uma série, com diversidade de títulos, mas mantendo características unificadoras. Por último, que ela foi publicada regularmente, ao longo de mais de quarenta anos, tendo alcançado enorme sucesso de vendas. Só para exemplificar, somando-se a tiragem da primeira edição de 27 dos 28 títulos da 1ª fase da coleção, chega-se a um total de 905.000 exemplares. (Anexo 7, Quadro 2).

Arroyo (1988) afirma que o significado revolucionário da iniciativa de Arnaldo Barreto estaria mais ligado à apresentação gráfica dos volumes do que ao tipo de livro trazido pela coleção. Sobre essas inovações gráficas, o aspecto que mais se destaca no projeto editorial da coleção, Arroyo explica que

Os livros da série inovavam a leitura para a infância pelo *seu aspecto gráfico*. Fisicamente *já representavam um divórcio dos moldes escolares*. Não eram volumes pesados, com aquela seriedade doutoral dos lançamentos do século XIX. Pelo contrário, *desde seu aspecto externo eram uma festa para os olhos dos meninos pelo seu rosto colorido* e a figura simpática da vovozinha cercada de netos. Eram volumes de poucas páginas *entremeadas de gravuras também coloridas*, estórias compostas em tipo grande, com um equilíbrio de texto em cada página que se constituía em verdadeira atração para a leitura. (ARROYO, 1968, p. 187) (grifos meus).

São informações como essas que qualquer pesquisador interessado na Coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos encontrará na bibliografia disponível sobre literatura para crianças brasileiras, a exemplo do que acontece quando se buscam dados sobre outras obras infantis do final do século XIX e início do século XX: são descritos alguns aspectos gerais das obras, algumas vezes há informações breves sobre o projeto editorial, mas há poucas imagens de capas e quase nenhuma das páginas internas.

Falta, portanto, conhecer o projeto editorial dos livros da Biblioteca Infantil Melhoramentos e suas edições em sua materialidade e circulação, a partir de um olhar que se volte para os livros como parte significativa da produção editorial de um dado momento histórico. Para tanto, a apresentação da materialidade - ainda não abordada pelos estudos que fazem referência a esta Biblioteca Infantil - pode auxiliar a compor a história deste objeto

cultural, história esta que começa a se delinear, mas que ainda não foi feita.

Assim, este capítulo se propõe a: 1) apontar alguns aspectos do trabalho realizado pelo polo da produção, traduzido nas alterações do projeto editorial da coleção ao longo dos 43 anos de sua publicação, a partir do estudo e análise de 118 exemplares (de diferentes edições) dos 28 primeiros títulos da coleção; 2) descrever os aspectos gráficos dos livros da Biblioteca Infantil Melhoramentos de maneira mais panorâmica, considerando 13 exemplares publicados entre 1915 e 1922, na intenção de levantar aspectos que caracterizaram a materialidade dos livrinhos quando do lançamento da coleção. Serão analisados o formato, a capa e as ilustrações, com destaque para o trabalho de F. Richter.

#### **4.1 Os diferentes projetos editoriais dos livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos**

A reunião dos 118 exemplares de diversas edições dos 28 títulos da primeira fase da coleção propiciou a possibilidade de explorar os livrinhos em sua materialidade, na perspectiva trazida pelos estudos da história cultural, permitindo a observação de aspectos relativos à composição temática e visual/editorial da coleção.

Segundo Chartier (1990, p. 126), “nenhum texto existe fora do suporte em que é dado a ler”, portanto conhecer diferentes edições cujo projeto editorial se modificou ao longo de 43 anos trouxe esclarecimentos acerca de informações já construídas na história da literatura para crianças no Brasil sobre a Biblioteca Infantil Melhoramentos. Uma informação que emergiu do estudo dos exemplares, por exemplo, foi a constatação de que havia tipos distintos de livros quanto à concepção editorial: alguns têm capa dura, outros não; algumas capas trazem estampada a imagem de uma avó cercada de netos, outras não; alguns livrinhos têm capa branca, enquanto em outros ela é azul.

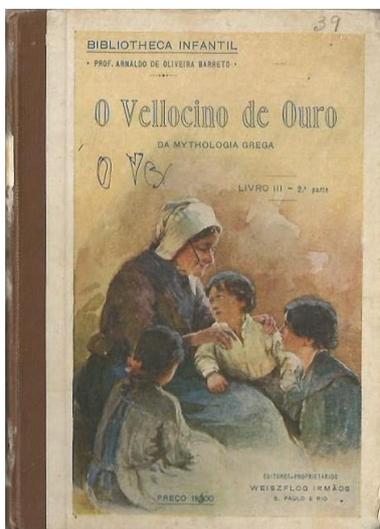
Nesse sentido, a significativa contribuição de Arroyo (1968, p. 187) sobre a presença “simpática da vovozinha cercada de netos” precisaria ser redimensionada, uma vez que não se aplica a todos os livros da coleção. Também as informações sobre as histórias trazidas pelos 28 exemplares da primeira fase da coleção, aquela organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto, poderiam ser complementadas pela constatação de que, em alguns casos, um mesmo livro continha mais de uma história.

Assim, a partir do estabelecimento da existência de diferentes projetos editoriais, indicados pelo tipo de capa dos exemplares, pelo tipo de papel utilizado, pelo uso de certos dispositivos gráficos, dentre outros aspectos, foi possível organizar os 118 livrinhos – examinados como série - em sete diferentes grupos, que podem ser melhor visualizados a

partir do tipo de capa que trazem:

### GRUPO 1

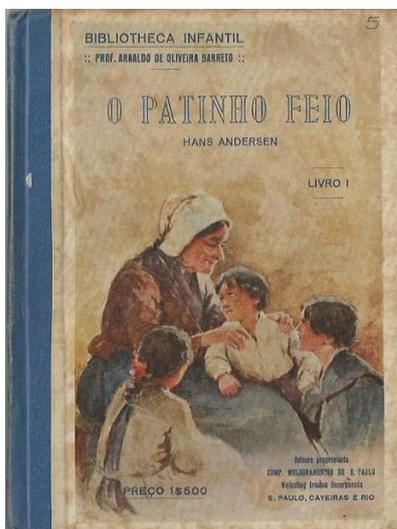
Figura 3 - Capa de *O vellocino de ouro*



Fonte: *O vellocino de ouro*, edição de 1915 (1ª) – acervo da pesquisadora.

### GRUPO 2

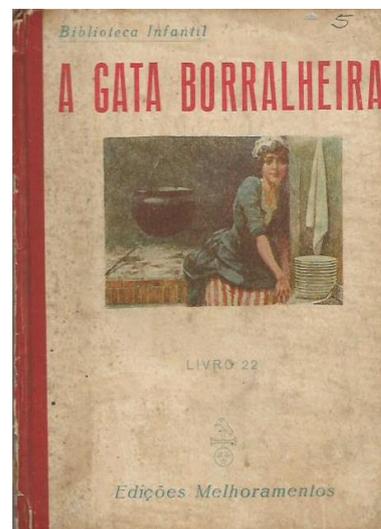
Figura 4 - Capa de *O patinho feio* 7ª edição



Fonte: *O patinho feio*, 7. ed., s/d – Acervo da pesquisadora. (data provável de publicação: década de 30 do século XX)

### GRUPO 3

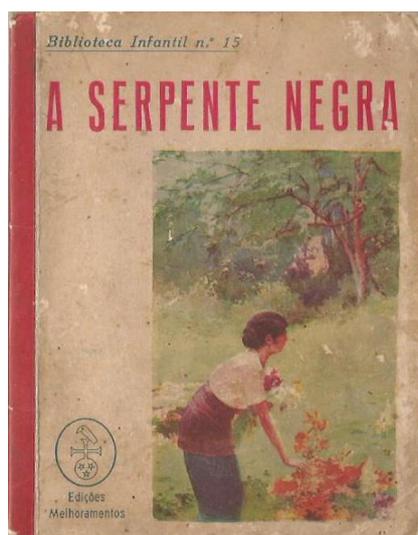
Figura 5 - Capa de *A gata borralheira*



Fonte: *A gata borralheira*, 6. ed., s/d – acervo da pesquisadora. (data provável de publicação: segunda metade da década de 30 do século XX)

### GRUPO 4

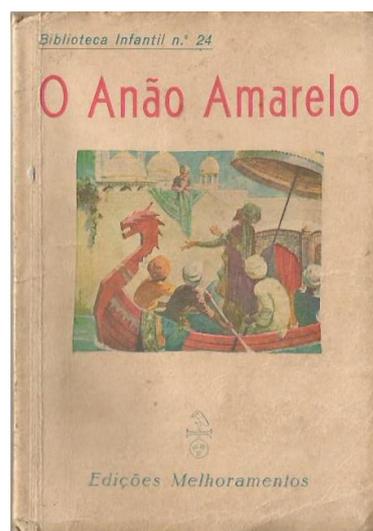
Figura 6 - Capa de *A serpente negra* 9ª edição



Fonte: *A serpente negra*, 9. ed., s/d – acervo da pesquisadora. (Data de publicação: ago./1943)<sup>123</sup>

### GRUPO 5

Figura 7 - Capa de *O Anão amarelo*



Fonte: *O anão amarelo*, 9. ed., s/d – acervo da pesquisadora. (Data de publicação: ago./1947)<sup>124</sup>

<sup>123</sup> Dado fornecido pela Editora Melhoramentos.

<sup>124</sup> Idem anterior.

## GRUPO 6

Figura 8 - Capa de *A serpente negra* 12ª edição



Fonte: *A serpente negra*, 12. ed., s/d – acervo da pesquisadora. (Data de publicação: set./1950)<sup>125</sup>

## GRUPO 7

Figura 9 - Capa de *O patinho feio* 14ª edição



Fonte: *O patinho feio*, 14. ed., s/d – acervo da pesquisadora. (Data de publicação: mar./1952)<sup>126</sup>

Do conjunto de capas apresentadas, é possível perceber que apenas os livrinhos dos grupos 1 e 2 trazem a capa dura com a avozinha referida por Arroyo (1968).

O **Grupo 1** é o que reúne os exemplares mais antigos, aqueles publicados durante o período em que Arnaldo Barreto foi o organizador e único responsável pela coleção. Trata-se de 13 livrinhos (ANEXO 6), sendo uma edição fac-similar, publicados entre 1915 e 1922, na capa dos quais se vê a figura de uma mulher idosa, vestida com roupa escura e trazendo à cabeça uma espécie de touca branca. Ela está cercada por três crianças (dois meninos e uma menina), atentas ao que ela parece estar contando. A menina, de costas para quem segura o livro, traz os cabelos presos por uma vistosa fita vermelha. A cena evoca a representação da relação entre uma avó contadora de histórias e seus netos.

Ao serem abertos, os livrinhos deste grupo trazem na página de rosto o selo editorial da Weiszflog Irmãos: um corvo ao lado de um livro aberto e de um tinteiro. Este corvo, segundo Donato (1990, p. 45), era “um símbolo emergido nas conversações fraternas, da velha cultura germânica: o corvo, evocação do estudo, do saber”.

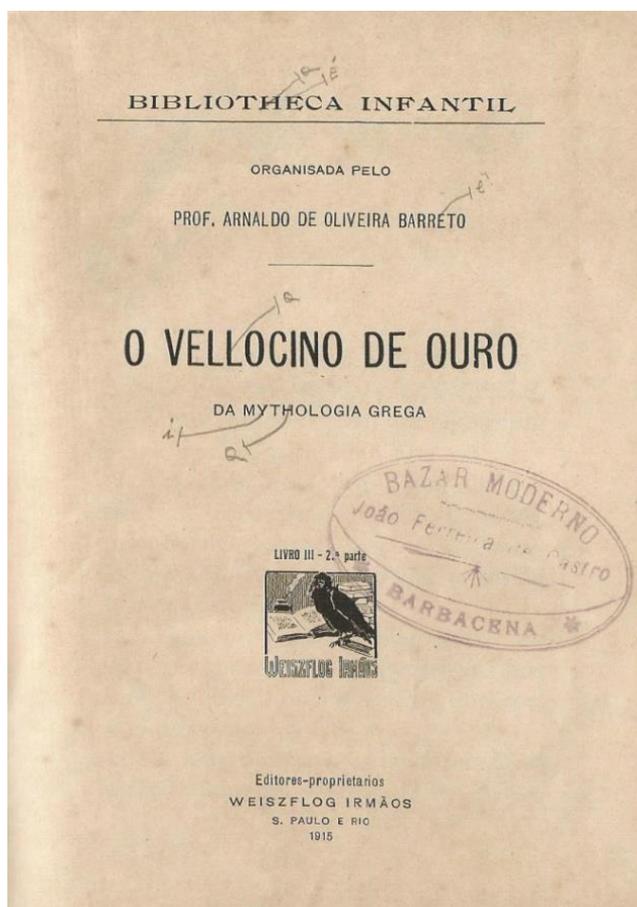
No alto da página, aparece, em maiúsculas, o nome da coleção: “Bibliotheca Infantil”, seguido da informação “organizada pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto”, sendo

<sup>125</sup> Dado fornecido pela Editora Melhoramentos.

<sup>126</sup> Idem anterior.

que o nome do organizador também aparece em maiúsculas.

Figura 10 – Página de rosto de *O vellocino de ouro*



Fonte: *O vellocino de ouro*, edição de 1915 (1ª) – acervo da pesquisadora.

Figura 11 – Selo editorial da Weiszflog Irmãos (o corvo teutônico, símbolo da sabedoria)



Fonte: *O vellocino de ouro*, edição de 1915 (1ª) – acervo da pesquisadora.

Virando esta página, o leitor se depara com o início das histórias, escritas em letras maiúsculas e grandes, bem distribuídas pelas páginas, as quais trazem uma moldura com flores e delicados arabescos, em cor rosada nos exemplares de *O patinho feio* e em *O vellocino de ouro*, de 1915, e em azul, no caso de *O soldadinho de chumbo*, edição de 1922. O que chama mais a atenção, no entanto, é a habilidade técnica e estética de F. Richter, revelada nas belas ilustrações.

A quarta capa de todos os exemplares dos livrinhos funciona como “vitrine” dos produtos impressos pela casa editora, revelando pistas do percurso das obras da Melhoramentos no mercado editorial brasileiro. A dos três primeiros volumes da coleção anunciam que “Acham-se a venda em nossa casa” os produtos impressos pela Weiszflog



Tanto detalhamento nos tipos de caligrafia ou de gramática, revelado pela diversidade de títulos, remete a uma cultura escriturística, ausente na atualidade. Por outro lado, a divulgação dos livros da Biblioteca Infantil junto a todo este material remete à ideia de que uma literatura voltada para a criança ainda era uma “novidade”, bem diferente do cenário que se vê nas décadas posteriores, com os catálogos identificados especificamente como “infantis” ou “infanto-juvenis”. Aliás, o anúncio dos três títulos parece um pouco deslocado, tendo em vista a destinação escolar das demais obras divulgadas.

Outra observação que pode ser feita pelos dados do quadro diz respeito à presença do Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto em três categorias: 1) co-autor de material didático (os *Quadros para o ensino de Linguagem e Arithmetica*); 2) autor de livros para o ginásio (*Vários Estylos*), título que está sendo publicado pela primeira vez, não constando ainda nem mesmo o preço de cada exemplar; 3) autor de livros infantis. Tal observação pode indicar o prestígio que Barreto tem nesta editora, que concentra suas publicações no campo didático-escolar, o que o legitima na aventura em que se lança como autor de livros literários para crianças. Por outro lado, reforça a aproximação *escola-literatura e autor de manuais didáticos/livros de literatura*, relação tradicionalmente construída no Brasil e plenamente em vigor na época do lançamento da Biblioteca Infantil da Weiszflog Irmãos.

Analisando os preços indicados no Quadro 4, também se pode indagar: o que representaria o valor de cada livrinho em termos de mercado da época? 1\$200 seria caro ou barato, em se tratando de um livro para crianças? Difícil precisar. Se, no entanto, for considerado que uma *Grammatica Expositiva para o Curso Elementar*, utilizada em situação escolar durante certo período de tempo, custava 2\$000, um livrinho com um ou dois contos, de apenas 60 páginas, que custasse 1\$200 não parece que possa ser considerado tão barato assim.

José Oiticica, professor e jornalista carioca do jornal *A Rua*, em resenha escrita em 1915 sobre *O patinho feio*, cujo exemplar provavelmente lhe foi enviado pela editora ou pelo próprio Arnaldo Barreto como estratégia de divulgação da obra, declarou considerar o preço cobrado pelo livrinho bastante elevado, apesar de reconhecer a ótima impressão deste:

**Hans Andersen** – O patinho feio – Weiszflog Irmãos – S. Paulo e Rio – 1915

Essa publicação faz parte da bibliotheca infantil organizada pelo conhecido pedagogo professor Arnaldo de Oliveira Barreto.

São duas historietas, uma do “Patinho Feio”, outra do “Anjo”.

Li as historias com muito pouco interesse. Como porém não pertenco ao publico a quem são destinadas, dei o livrinho a meu filho<sup>127</sup> que o leu de um folego e achou lindas as historias. Estão portanto aprovadas.

<sup>127</sup> Trata-se de José Oiticica Filho (1906-1964): entomologista, pintor e fotógrafo brasileiro. Como fotógrafo, foi pioneiro da fotografia abstrata e construtivista no Brasil. É também pai do conhecido pintor, escultor e artista

O livro é optimamente impresso, com finas gravuras. É de lamentar que o traductor deixasse passar alguns erros graves de linguagem, contrastando com o absoluto rigor da revisão.

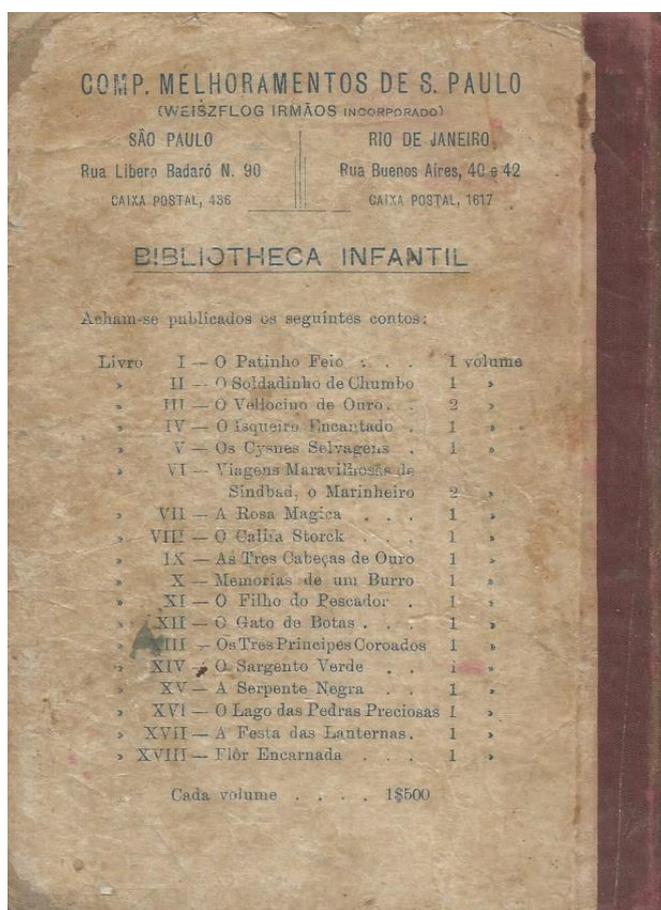
*O preço de 1\$200 parece-me tambem exagerado.*

**José Oiticica**

(Jornal *A Rua*, de 16 de dezembro de 1915, p. 4, última nota da coluna “Chronica Literaria”, grifos meus).

Voltando à análise das contracapas, na do exemplar de *O soldadinho de chumbo*, edição de 1921, percebe-se que a tradição de anunciar livros neste espaço se mantém, mas que o “Catálogo” se resume, agora, aos exemplares da Bibliotheca Infantil já publicados até aquele momento:

Figura 13 – Quarta capa de *Flôr encarnada*



Fonte: *Flôr encarnada (Contos do folk lore africano)*, edição de 1921 (1ª edição) – acervo da pesquisadora.

A análise do conteúdo desta capa permite algumas constatações. A primeira delas é que a razão social da empresa passa a ser *Companhia Melhoramentos de São Paulo*, uma vez que em 4 de dezembro de 1920, os irmãos Alfried e Walter Weiszflog compraram a

---

multimídia brasileiro Hélio Oiticica. Na época em que a crítica a *O patinho feio* foi escrita por seu pai, José Oiticica Filho tinha 9 anos de idade. (*Larousse Cultural – Brasil A/Z*. São Paulo: Editora Universo, s/d, p. 573).

Melhoramentos, indústria que fabricava papel, sendo a partir de então a Weiszflog Irmãos incorporada à Melhoramentos. (DONATO, 1990, p. 59 e 60).

A segunda constatação é o aumento no número de títulos publicados em apenas seis anos; em 1921, já estavam publicados 18 títulos dos 28 que seriam organizados por A. Barreto - o que parece mostrar a importância e o prestígio que a coleção havia conquistado naquele momento. Por outro lado, indica, talvez, a consolidação de um gosto, alcançado em um gênero distinto dos livros didáticos, gênero este que já conquistara o direito de ser anunciado separadamente.

Já os 33 exemplares do **Grupo 2** (Anexo 6), apesar da capa com a avó, foram publicados após a morte de Arnaldo Barreto, quando a coleção passou a ser dirigida pelo Prof. Lourenço Filho, que inicialmente conservou o projeto gráfico criado por seu antecessor. Os livros deste grupo foram publicados, muito provavelmente, ao longo da década de trinta do século XX.

A própria casa editora havia passado por mudanças: a primeira capa dos exemplares já indica que a Editora Proprietária passara a ser a Companhia Melhoramentos de S. Paulo – Weiszflog Irmãos Incorporada – e que o preço de cada livrinho passara a ser 1\$500.

A página de rosto também mostra outra mudança: o selo editorial deixa de ser o corvo ao lado do livro e do tinteiro, passando a ser uma coruja. Segundo Donato (1990, p. 52), a “simpatia popular transformou o corvo teutônico em coruja cabocla. A ‘corujinha estudante’ dos Weiszflog alçou vôo na estima pública”.

Na quarta capa, é possível perceber ainda que a Melhoramentos havia ampliado suas publicações no campo das obras infantis: entrara em cena a coleção “Encanto e Verdade”, com obras de Thales Castanho de Andrade e outras de Yantock<sup>128</sup>. Ao lado dessas obras infantis, aparece também o anúncio de uma coleção didática, a “Galeria de Grandes Homens”.

Os títulos da Biblioteca Infantil não aparecem mais descritos nominalmente: o leitor é informado que já se encontram publicados do Livro I ao XLI - portanto treze títulos novos já haviam sido publicados além daqueles adaptados por Arnaldo Barreto (Figura 14), que continua sendo mencionado na página de rosto como organizador da coleção .

---

<sup>128</sup> *Max Yantok*, pseudônimo de *Nicolau Cesarino* (1881, Itália - 1964, no Rio de Janeiro<sup>1</sup>), foi um pintor, jornalista e caricaturista, notório por seus trabalhos publicados em diversas revistas brasileiras do início do século XX, como *O Malho* e *O Tico Tico*, onde lançou sua personagem mais conhecida: Kaxibow. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/max-yantok-nicolau-cesarino/2074>>, acesso em: 31/01/2014.

Figura 14 - Quarta capa de *As três cabeças de ouro*

COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO  
(WEISZFLOG IRMÃOS incorporada)

SÃO PAULO                      RIO DE JANEIRO  
Rua Líbero Badaró, 30-30 D      Rua Buenos Aires, 40-42  
Caixa Postal, 2941                      Caixa Postal, 1617

ARNALDO BARRETO

BIBLIOTHECA INFANTIL:

Livro I a XII. — Cada volume . . . . . 1\$500

THALES DE ANDRADE

ENCANTO E VERDADE:

Livro I	— A Filha da Floresta . . . . .	1\$500
» II	— El Rei D. Sapo . . . . .	1\$500
» III	— Bem-te-vi Feiticeiro . . . . .	1\$500
» IV	— Dona Içá Rainha . . . . .	1\$500
» V	— Bella, a Verdadeira . . . . .	1\$500
» VI	— Totó Judeu . . . . .	1\$500
» VII	— Árvores Milagrosas . . . . .	1\$500
» VIII	— O Pequeno Mágico . . . . .	1\$500
» IX	— Fim do Mundo . . . . .	1\$500
» X	— Caminho do Céu . . . . .	1\$500
» XI	— O Sonho do Monstro . . . . .	1\$500
» XII	— A Rainha dos Reis . . . . .	1\$500
» XIII	— Praga e Feitiço . . . . .	1\$500
» XIV	— A Fonte Maravilhosa . . . . .	1\$500
» XV	— O Capitão Feliz . . . . .	1\$500
» XVI	— A Bruxa Branca . . . . .	1\$500
» XVII	— O Castelo Maldito . . . . .	1\$500

ALVARO GUERRA

GALERIA DE GRANDES HOMENS:

Livro I	— José Anchieta, sua vida e suas obras . . . . .	1\$500
» II	— Gregorio de Mattos, idem . . . . .	1\$500
» III	— Basílio da Gama, idem . . . . .	1\$500
» IV	— Thomaz Gonzaga, idem . . . . .	1\$500
» V	— Gonçalves Dias, idem . . . . .	1\$500
» VI	— José de Alencar, idem . . . . .	1\$500
» VII	— Casimiro de Alencar, idem . . . . .	1\$500
» VIII	— Castro Alves, idem . . . . .	1\$500
» IX	— Alvares de Azevedo, idem . . . . .	1\$500
» X	— Fagundes Varela, idem . . . . .	1\$500
» XI	— Machado de Assis, idem . . . . .	1\$500
» XII	— Olavo Bilac, idem . . . . .	1\$500

Fonte: *As três cabeças de ouro*, 6ª edição, s/d – acervo da pesquisadora

Quanto ao **Grupo 3**, compõe-se de apenas quatro exemplares (Anexo 6), publicados aproximadamente entre 1936 e 1942. Aqui houve uma alteração na apresentação gráfica dos volumes: a capa continuou a ser dura, cartonada, mas saiu a figura única da avó, que estampava todos os volumes da coleção. Houve também alteração na cor: a capa passou a ser branca, trazendo estampada uma das imagens que ilustram a história trazida em cada livro, ligada a um fato do enredo. As ilustrações continuam a ser de F. Richter. Segundo Soares (2007), este foi o período em que Lourenço Filho deu início às modificações na apresentação gráfica da coleção.

Desaparecem as delicadas molduras de ramagem que ornavam as páginas do interior do livro. O selo editorial sofre uma pequena alteração em sua apresentação: continua a ser a “coruja cabocla”, só que não mais estampada em preto – agora aparece vazada, apenas com o contorno em tinta escura.

O nome de Arnaldo de Oliveira Barreto continua a aparecer sob o título da coleção – agora “Biblioteca Infantil”, e não mais “Bibliotheca”, uma vez que a língua portuguesa havia passado por uma reforma ortográfica em 1943, que simplificara a escrita das palavras.

É suprimida a expressão “organizada por”, assim como também desaparece o tratamento anteriormente conferido a Arnaldo Barreto: é retirado o título de “Prof.” que antecedia seu nome; esvazia-se o seu prestígio ligado ao campo escolar, antes fonte de legitimação para a coleção. O “Prof.” agora é Lourenço Filho, representante de uma geração cujas ideias são diferentes das da geração de Arnaldo Barreto e de outros professores dos “tempos áureos” da Escola Normal, agora distantes do projeto pedagógico empreendido por ele e por outros nomes ligados ao movimento escolanovista.

Ao final da página de rosto, após a denominação “Edições Melhoramentos” – presente desde a capa – passa a constar a informação: “Orientação do Prof. Lourenço Filho”.

A lista de livros já publicados, na 4ª capa dos exemplares mostra que a coleção já havia ultrapassado os setenta títulos.

Sobre os livrinhos dos **grupos 4, 5, 6 e 7**, foram publicados no período entre 1941 e 1958, e o que chama imediatamente a atenção é que deixaram de ter capa dura. Coincidentemente ou não, entre 1939 e 1945 houve a II Guerra Mundial, o que pode ter determinado esta inovação no projeto editorial: os livrinhos passam a ter capa mole, de papelão, talvez para reduzir custos ou para atender à dificuldade de se obter matéria prima para os trabalhos de impressão.

Nos exemplares do grupo 6 também foi feita outra alteração no projeto gráfico, numa aparente modernização do processo de encadernação: as folhas dos livrinhos passaram a ser grampeadas e não mais costuradas. A capa continuou a ser de papelão, com a imagem de uma das histórias do volume – as mesmas de F. Richter, só que ao abrir o livro vê-se que as ilustrações da história passaram a ser feitas por outro ilustrador, cujo nome aparece informado no verso da página de rosto. Estas ilustrações, em alguns casos, são praticamente idênticas às de Richter, só que em outro traçado e estilo, deixando também de ser coloridas – a marca mais destacada dos livrinhos – passando a ser feitas praticamente em preto e branco, com alguns detalhes em verde.

É importante lembrar que, neste momento, a coleção já estava quase completa, e que outros ilustradores haviam sido chamados para continuar o trabalho de Richter nos demais volumes da coleção, provavelmente a partir da década de 30 ou 40 do século XX. Nomes vão se juntando ao projeto, o que pode indicar formas de marcar disputas de mercado ou de atender a uma demanda maior por estes profissionais, devido à ampliação do volume de obras publicadas pela Melhoramentos.

A folha de rosto dos exemplares do Grupo 6 também traz alterações. No nº 4, que traz os contos *O isqueiro encantado* e *O rouxinol*, abaixo do título da coleção aparece o nome

do autor das histórias (Hans Andersen), seguido da informação, em maiúsculas: “*versão brasileira* de Arnaldo de Oliveira Barreto” (grifo meu), termo que não aparecia nas edições anteriores. Logo abaixo, também em maiúsculas: “Orientação do Prof. Lourenço Filho”. A pesquisa de Soares (2007) é bastante esclarecedora no que se refere ao significado do termo “orientação”: Lourenço Filho assinou dezenas de pareceres sobre obras de autores que enviaram seus textos para publicação na Biblioteca Infantil Melhoramentos, pareceres estes que determinavam a publicação ou não dos títulos submetidos à aprovação daquele educador, que além de diretor da coleção era também figura bastante influente na própria editora e no campo educacional brasileiro.

Segundo esta mesma pesquisadora,

As obras de literatura publicadas pela Melhoramentos para crianças passavam pelo crivo de um educador, preocupado em conquistar a confiança dos mediadores que comprariam ou difundiriam os livros infantis. A concepção da literatura como um meio de educação infantil era, portanto, tônica no processo de edição. Mas não só nela se baseava a conformação das obras. Os critérios educacionais dialogavam com preocupações relativas à qualidade literária e a contingências do mercado editorial. (SOARES, 2007, p. 374-375).

Finalmente, no **Grupo 7**, há nova alteração no projeto gráfico: os livrinhos, publicados ao longo da década de 50 do século XX, passam a ter a capa azul, sem as ilustrações de F. Richter. Agora, cada capa passa a ser ilustrada pelos diferentes profissionais responsáveis pelas imagens do interior. *O patinho feio*, por exemplo, passa a ter ilustrações de Oswaldo Storni.

A página de rosto mantém as mesmas informações das do grupo anterior: o nome do autor das histórias (o volume consultado foi *O patinho feio*, de Hans Andersen), seguido da informação: “Adaptação de Arnaldo de Oliveira Barreto”; “orientação do Prof. Lourenço Filho”. Lembrar que, anteriormente, o termo empregado era “organizado”, o que pode sugerir que o uso do termo “adaptação” tenha surgido nessa época.

A quarta capa continua a funcionar como catálogo das publicações infantis das Edições Melhoramentos. Aparecem as coleções: volta a série “Encanto e Verdade”, de Tales C. de Andrade; a “Coleção Alegria” (com 20 títulos); a “Coleção Primavera”, com 38 títulos. Continuam os anúncios de séries da Disney, e aparecem os livros de Francisco Marins e a Série *Taquara-Póca*, indicando a expansão do mercado de livros infantis e a projeção alcançada pela Melhoramentos nesse mercado.

A respeito do período em questão, Lajolo e Zilberman (1989, p. 86) informam que

a profissionalização, acompanhada de especialização, por parte de editoras e escritores, é um dos traços marcantes do período que ocupa as décadas entre 1940 e 1960. (...) Assim, após a fase de estruturação do gênero através de iniciativas pioneiras e corajosas, como a de Monteiro Lobato, o momento seguinte foi uma

etapa de produção intensa e fabricação em série, respondendo de modo ativo às exigências crescentes do mercado consumidor em expansão.

## **4.2 Descrição e análise de aspectos específicos do projeto editorial da Biblioteca Infantil Melhoramentos sob a direção de Arnaldo de Oliveira Barreto**

A análise dos exemplares de diferentes edições dos 28 primeiros títulos publicados pela Biblioteca Infantil Melhoramentos mostrou alguns aspectos constitutivos do projeto editorial desta coleção que merecem ser apontados e descritos, uma vez que ainda não o foram por estudos que fazem referência à coleção, o que será feito a seguir: serão descritos e analisados aspectos como o formato dos livrinhos, as ilustrações e a capa, privilegiando os arranjos gráficos pensados por Arnaldo Barreto quando do lançamento da coleção.

Os exemplares consultados e convocados para este trabalho são os do Grupo 1, cujo projeto gráfico já foi anteriormente descrito, frisando que eles são edições publicadas antes de 1925, portanto seguramente organizadas, revistas e aprovadas por Arnaldo Barreto. O interesse agora é apontar como eram os livros publicados no início da coleção, do ponto de vista da materialidade.

### *4.2.1 Dimensões físicas dos exemplares: o formato*

Como afirma Leonardo Arroyo (1888), os livrinhos representam uma inovação quanto ao formato, à presença de belas ilustrações coloridas, ao projeto gráfico, à decisão de colocar poucas histórias em cada volume (apenas uma história ou, no máximo, quatro, sendo a do título mais longa que as demais); trata-se, no geral, de narrativas relativamente curtas.

Quanto à forma, realmente trata-se de livrinhos pequenos: os exemplares medem 11,5 cm x 16,5 cm<sup>129</sup>, adequando-se facilmente às mãos de uma criança; um tamanho bem diferente daquele dos livros “de aspecto doutoral”, como apontado por Leonardo Arroyo.<sup>130</sup>

Mas por que imprimir os volumes da coleção nesse tamanho reduzido? Chartier (1999), referindo-se à permanência de certas convenções nas estruturas fundamentais de constituição dos livros impressos e dos manuscritos, afirma que

A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande *in-fólio* que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo,

<sup>129</sup> As medidas foram tiradas da capa do exemplar da 1ª edição de *O vellocino de ouro* – 2ª parte, publicado em 1915 (uma 1ª edição).

<sup>130</sup> *As mil e uma noites, As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen ou Robinson Crusoe*, de Carlos Jansen, por exemplo, medem 15 x 21,5 cm.

antes de Gutenberg; e o *libellus*, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão. (CHARTIER, 1999, p. 8).

Assim, os livrinhos da Biblioteca Infantil estariam mais próximos do formato do *libellus*, ou seja, um volume que se pode carregar consigo. A respeito da definição técnica de “formato”, Faria e Pericão (2008, p. 344) registram:

Formato: disposição do livro em relação ao número de vezes em que a folha foi dobrada. [...] Tipograficamente, o formato é a altura e a largura da folha de imprensa. Por isso ele tem relação com o formato das folhas dos fabricantes de papel que o medem em altura e largura da folha impressa após ter sido dobrada na forma dos cadernos. O formato reconhece-se pelas assinaturas; se a folha fosse dobrada em dois era chamada in-fólio; em quatro, in-quarto e em oito, in-oitavo.

Portanto, segundo o mesmo *Dicionário do Livro*, o formato dos livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos seria o in-oitavo<sup>131</sup>: cada caderno (uma folha inteira, dobrada e cortada no formato final do livro) possui dezesseis páginas de impressão, sendo o número de páginas de cada volume sempre um número múltiplo de quatro: *O patinho feio* e *O soldadinho de chumbo*, por exemplo, possuem 64 páginas (4 cadernos de dezesseis páginas cada um, portanto quatro folhas de impressão); *O Isqueiro encantado* e *A rosa mágica* possuem 72 (4 cadernos de 16 páginas cada um e 1 caderno de 8 páginas, ou quatro folhas e meia de impressão); *Flor Encarnada*, *A serpente negra*, *Aladino e a lâmpada maravilhosa* e *Os três príncipes coroados* possuem 56 (3 cadernos de dezesseis páginas cada um e 1 caderno de 8 páginas, ou três folhas e meia de impressão).

Segundo Hallewell (2005), no Brasil a popularização desse formato, que marcaria os livros brasileiros por muito tempo, se deve ao livreiro-editor Baptiste-Louis Garnier<sup>132</sup>:

É à Garnier que devemos o chamado formato francês, ao qual a maioria dos livros brasileiros se ajustou durante sessenta anos ou mais. Esse formato existia em dois tamanhos: *in-oitavo* (16,5 x 10,5 cm), adotado principalmente nos primeiros anos de seu trabalho editorial, e outro muito mais frequente, o longo in-doze (17,5 x 11,0 cm). Segundo Senna, os dois surgiram por imitação da firma parisiense Calman Lévy (ou, como era chamada até maio de 1875, Michel Lévy Frères). A adequação a esses padrões generalizou-se de tal modo que, pessoalmente, não encontramos um único romance do Brasil desse período que não se encaixe num desses dois formatos. (p. 218; grifos meus).

<sup>131</sup> “Formato in-8º - imposição que dá à folha 16 páginas de impressão. Na França é também designado por formato Charpentier, pelo fato de o editor Gervais Charpentier, diante da concorrência belga, ter começado a editar romances em pequeno tamanho e preço, completos num único volume”. (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 345).

<sup>132</sup> Baptiste-Louis Garnier (1823-1893): livreiro francês que veio para a cidade do Rio de Janeiro em 1844, onde passou a comercializar, no Brasil, os títulos editados pela Garnier Frères de Paris, a quem encarregava da impressão das edições dos autores brasileiros, dentre os quais Machado de Assis. Segundo Dutra (2010, p. 71), “até a década de 1920, a livraria Garnier monopolizou o melhor comércio de livros da capital, tornando-se a principal referência no Brasil na importação de livros de autores europeus em língua francesa e na difusão de autores franceses em geral, bem como de almanaques e revistas publicados na França, além de manter sua condição de centro catalisador de publicação das obras dos nossos maiores homens de letras”.

Deste modo, talvez esteja aí a origem do tamanho dos livrinhos da Biblioteca Infantil dos Weiszflog, que se filia, portanto, a esse tipo de impressão in-oitavo, empregado principalmente para obras de fruição: romances<sup>133</sup> e, no caso presente, literatura para crianças.

É provável que a dimensão reduzida escolhida por Arnaldo Barreto para os livros da coleção tenha representado realmente uma inovação nesse campo dos livros destinados ao público infantil, o que pode ser visto como um marco no campo das obras para este público, por pressupor o “livro de criança” não mais como o livro grosso a ser lido para ela pelo adulto, mas um exemplar de tamanho reduzido, para ser carregado pela própria criança, que passa assim a depender menos do adulto na questão do acesso à leitura. Uma inovação que pressupõe, ainda, outras práticas de leitura: silenciosa, solitária, independente.

Por fim, quanto ao número total de páginas por exemplar, não parece ser tão reduzido como registrou Leonardo Arroyo, que pode ter feito tal afirmação tendo em vista outros livros infantis que circularam no período. A título de exemplificação, *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo* e *O vellocino de ouro*, Parte II, têm 64 páginas cada um. Por outro lado, em relação às obras da Livraria Infantil Quaresma, Pedro Quaresma reforçava nos anúncios publicados em jornais da época o alentado número de páginas das obras infantis que publicava, em oposição ao preço acessível das mesmas.

Já *O patinho feio*, de 1915 – primeiro volume da coleção de Arnaldo Barreto – tinha 64 páginas, trazia apenas duas narrativas: o próprio *Patinho feio*, e *O anjo*, ambas de Andersen, sendo vendido a 1\$200, cerca de um quarto do valor de *Contos da Carochinha*, que em anúncio do Jornal *A Epoca*, era descrito como “um grosso volume encadernado, de 408 paginas, cheio de estampas coloridas – finíssimos chromos a oito cores e centenas de estampas em preto – 5\$000” (Jornal *A Epoca*, 25/out/1912, p. 5, grifos meus).

Em oposição a esse formato, os livrinhos da Biblioteca Infantil eram de tamanho reduzido exatamente por trazerem apenas uma ou duas narrativas em cada número, o que permitia ao leitor segurá-los facilmente, em qualquer lugar. Tinham, segundo Ana Maria Machado, que na infância foi leitora dos livrinhos, um “tamanho bom para serem folheados por mãos miúdas” (MACHADO, 2010, p. 8).

---

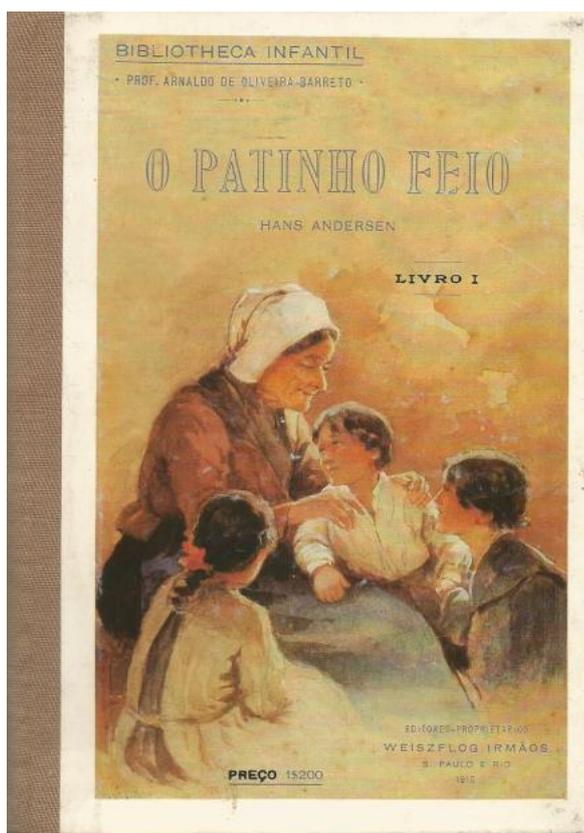
<sup>133</sup> Segundo El Far (2010, p. 94), em 1873 a livraria B.L. Garnier anunciava o lançamento de sua Biblioteca da Algibeira, obras em “formato acomodado a qualquer bolso que não seja do colete”, com a publicação de romances de Feuillet, Sandeau e outros nomes das letras francesas e portuguesas.

#### 4.2.2 A capa com a avó, marca característica dos livros da primeira fase da coleção

A respeito do aspecto dos livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos, Donato (1990, p. 50) informa: “Capa dura, com as ilustrações de uma avó clássica rodeada por crianças que a ouvem contar histórias. O sucesso foi devido em boa parte ao aspecto gráfico, capa dura, ilustrações a cores, uma novidade”. (grifo nosso).

Também criada e executada por F. Richter, a capa mostrando a figura da avó cercada de netinhos parece ser sem dúvida um ponto bastante significativo para o sucesso da coleção, funcionando como elemento identificador e unificador, à medida que se mantém igual em todos os volumes da primeira fase da coleção, tendo sido substituída apenas por volta de 1937, quando Lourenço Filho impôs mudanças no projeto gráfico e no conteúdo dos livros da coleção.

Figura 15 – Capa de *O patinho feio*



Fonte: *O patinho feio*, 1915, edição fac-similar. Acervo da pesquisadora.

A esse respeito, Soares (2007, p. 370-371) esclarece que

O novo diretor [Lourenço Filho] definiu, a partir de fins dos anos 1930, um novo padrão de apresentação da coleção. A imagem presente em todas as capas da coleção até esse período, de uma senhora contando histórias a três crianças, e que conferia uma identidade a essas histórias com base no fato de pertencerem à Biblioteca Infantil e de se destinarem a esse público, deu lugar, nas reedições de antigos títulos

e nos novos lançamentos, a imagens particularizadas segundo o tema de cada volume.

Para Soares (2007, p. 371), “a fórmula adotada por Barreto privilegiava a imagem da Biblioteca Infantil como matriz unificadora de histórias universais, cujas marcas de origem se dissolviam no corpo da coleção”, enquanto que as novas determinações de Lourenço Filho indicariam uma postura em relação à literatura infantil de valorizar as diferenças trazidas por cada uma das obras, contribuindo assim para individualizar cada uma delas em relação à coleção.

Assim, parece que outro aspecto poderia ser acrescentado a essas considerações: o uso de uma estratégia nova de apresentação da ilustração da capa parece marcar o fato de que a coleção tem duas fases distintas porque teve dois diferentes organizadores, um deles dos anos iniciais do século XX, e outro que se manteve à frente da coleção enquanto esta continuou a ser publicada. Seria de se esperar que Lourenço Filho quisesse atualizar aspectos da coleção, adequando-a aos novos projetos gráficos de uma editora que já havia diversificado sua produção voltada para o público infantil.

Deste modo, a 1ª fase, a da capa com a avó, pressupõe a valorização da oralidade, representada pelos contos de fadas e histórias de origem popular, enquanto que na 2ª fase – aquela em que a coleção passa a ser dirigida por Lourenço Filho, a troca do tipo de capa – cartão de visita de um livro – sugere novas práticas de leitura. Seria o encontro do leitor com um livro “novo” a cada vez, distanciando-se da ideia de um “grande volume”, espécie de Carochinha do impresso, reunindo pequenas histórias.

Além do mais, com o passar do tempo, a ascendência de Lourenço Filho sobre quais títulos deveriam ou não ser acrescentados à Biblioteca Infantil levou à publicação de obras que ultrapassavam o campo da oralidade sugerida pela figura da avó. Como exemplo, pode-se citar a publicação de títulos que já haviam conquistado o público infantil, como *Dom Quixote* e *Robinson Crusóe* - uma estratégia comum no mercado editorial -, mas também a publicação de obras originais de autores como Ofélia e Narbal Fontes (*A gigantinha*, *A espingarda de ouro*, *O talismã de vidro*). Sendo assim, talvez a figura da avó contadora de histórias tivesse perdido espaço numa sociedade que já apreciava outras produções culturais, como o cinema e personagens de Walt Disney, por exemplo.

O tipo de capa proposto por Arnaldo Barreto, porém, parece ter sido reconhecido em seu tempo histórico como bastante adequado para livros que ofereciam coletâneas de histórias para as crianças, não só no Brasil, como em outros países, o que pode apontar para uma valorização das amas e vovós – mulheres mais velhas, detentoras de um saber a ser

transmitido de geração para geração, o que pode ser visto na origem das obras de Perrault e dos Irmãos Grimm - na Europa - e na de Câmara Cascudo, no Brasil.

Durante a pesquisa, a imagem mais antiga que encontramos, por exemplo, é a de Gustave Doré para o livro *Les contes de Charles Perrault*, publicado no século XIX, talvez inspirada pela figura da Mamãe Gansa do título original da obra do escritor francês, *Contes de ma mère L'Oye*, uma velhinha que contava histórias às crianças. Aqui há sete crianças, mais do que as três da capa idealizada por F. Richter, que talvez sob a aprovação de Arnaldo Barreto, tenha se inspirado nesse “modelo” de imagem para capa, marcando, no entanto, diferenças que caracterizam seu trabalho de criação: a avó da coleção brasileira, ao contrário da europeia, não lê livro algum, podendo-se supor que seu conhecimento das histórias se ligue diretamente à tradição oral, em que as contadoras aprendiam os enredos diretamente de suas mães, avós e pessoas mais velhas da comunidade em que viviam.

A avó europeia também difere da “brasileira” por estar num lugar definido – aparentemente um quarto de crianças (há brinquedos espalhados), acompanhada por outra mulher, mais jovem, que poderia ser a mãe ou governanta das crianças, o que sugere que o papel da mulher mais velha é apenas o de contadora, não de cuidadora dos pequenos.

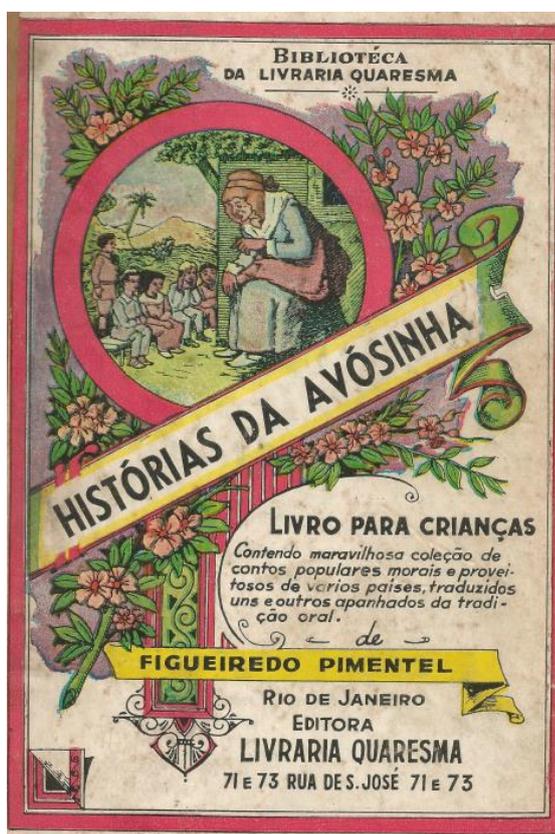
Figura 16 – Ilustração de Gustave Doré para *Les contes de Perrault* (1883)



Fonte: *Contos de Perrault*, Editora Villa Rica, 4ª edição, s/d

No Brasil, ainda antes do surgimento da Biblioteca Infantil Melhoramentos, também já havia outra avó cercada por crianças enfeitando a colorida capa da coleção da Livraria Quaresma, organizada por Figueiredo Pimentel, que conforme já dissemos anteriormente, reuniu obras como *Contos da Carochinha* e *Histórias da Baratinha*, todas com a mesma capa. Nesse caso, quatro crianças estão sentadas comportadamente em um banco (há apenas uma de pé), ouvindo. Não há nenhuma delas próxima da avó ou recostada em seu colo, como nas ilustrações de Doré ou Richter – o que sugere distanciamento, quase como na relação professor-aluno. Não é possível saber se propositalmente, mas a figura da avó é bem maior do que a das crianças.

Figura 17 – Capa de *Histórias da Avósinha*

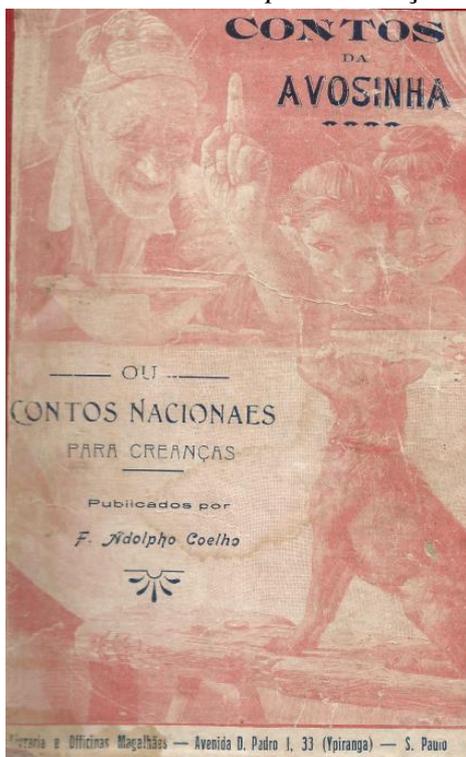


Fonte: *Histórias da Avósinha*, 1952, Biblioteca Infantil Quaresma. Acervo da pesquisadora

Por fim, há ainda duas outras avós contadoras de histórias que podem ser relacionadas àquela da capa dos livrinhos da 1ª fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos, o que comprova que esta coleção se insere na tradição no que se refere a este aspecto: uma na capa dos *Contos da Avósinha* (note-se a semelhança com o título da Quaresma), do escritor

português F. Adolpho Coelho<sup>134</sup> - que alcançou grande sucesso entre as crianças lusas e brasileiras -, e outra na capa do livro *Contos da Carochinha*, do escritor Tomé das Chagas, também português, mas sobre quem não foi possível obter maiores informações.

Figura 18 - Capa de *Contos da Avozinha ou Contos Nacionaes para creanças*



Fonte: *Contos da Avozinha ou Contos nacionaes para creanças*, de Adolfo Coelho. Livraria e Officinas Magalhães, São Paulo, 1918. Acervo da pesquisadora

Figura 19 - Capa de *Novos Contos da Carochinha*



Fonte: *Novos Contos da Carochinha*, de Thomé das Chagas. Jacintho R. dos Santos – Editor, Rio de Janeiro, 1911. Acervo da pesquisadora

Sendo assim, é possível perceber que a avozinha da Biblioteca Infantil Melhoramentos filia-se a uma tradição ligada ao próprio ato de contar histórias: o contador é alguém mais velho, geralmente uma mulher (avó, ama) que transmite aos mais jovens (crianças) um conhecimento ancestral, que se mantém vivo graças a este ato. Essas contadoras, como aquelas ouvidas pelos Irmãos Grimm no século XIX, parecem possuir o dom de capturar o ouvinte, através das narrativas que aprenderam, explorando a propriedade

<sup>134</sup> Francisco Adolfo Coelho: “Membro destacado da chamada Geração de 70, Francisco Adolfo Coelho nasceu em Coimbra, em 1847, e morreu em Carcavelos, em 1919. Autor de *A Língua Portuguesa*, obra de 1868, onde procedeu ao estudo comparativo das línguas românicas, foi também filólogo, pedagogo, etnógrafo, historiador, crítico literário e introdutor dos estudos de Filologia Comparada em Portugal, cadeira que lecionou no Curso Superior de Letras desde 1878.” (Fonte: *Adolfo Coelho*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014.

[Consult. 2014-01-25]. Disponível em: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$adolfo-coelho](http://www.infopedia.pt/$adolfo-coelho)>.

*Contos da Avozinha* ou *Contos Nacionaes para creanças* foi publicado pela primeira vez em 1882.

mais secreta destas histórias: “sua infinita variedade e infinita repetição”. (CALVINO, 2004, p. 26).

Quanto a Arnaldo Barreto, sua atuação como organizador da Biblioteca Infantil Melhoramentos parece ligar-se a esta tradição: ele reconta por escrito histórias oralmente transmitidas dos mais velhos para os mais novos, relação em que ele seria o representante da geração dos mais velhos, e a criança leitora da dos mais novos. Sendo assim, o livro como objeto que permite a leitura de uma história seria o substituto do ato ancestral de contar acontecimentos do campo do maravilhoso, e Barreto, assim como os Irmãos Grimm e outros autores, faria o papel daquele que registra por escrito uma tradição oral que o antecede, sendo a capa a explicitação desta prática ligada ao campo da literatura para crianças.

#### 4.2.3 As ilustrações

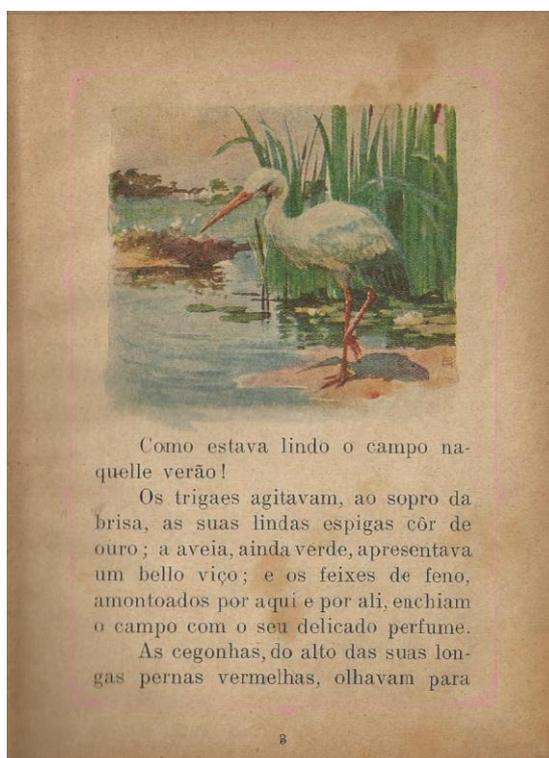
Ao se tratar de obras para crianças, as ilustrações assumem papel bem mais significativo, sendo presença consolidada nos livros infantis, ao contribuir para a construção de sentidos que ultrapassam aqueles sugeridos apenas pelo texto verbal. Elas funcionam ainda como estratégia para fragmentar o texto, apelando para a visualidade e evitando assim que o leitor infantil se canse. No caso dos volumes da Biblioteca Infantil Melhoramentos, são apontadas como o diferencial da coleção em praticamente todas as obras de referência pesquisadas, que destacam o seu “rosto colorido e a figura simpática da vovozinha cercada de netos” (ARROYO, 1990, p. 187).

Quanto ao traçado, as ilustrações são de tamanho regular (se considerarmos o formato da página), medindo cerca de 7 cm por 6 cm, aparecendo sempre uma por página, no início ou final desta; algumas vezes, aparecem intercaladas ao próprio texto, o que dá leveza, fracionando o escrito e sugerindo um leitor infantil preparado para lidar apenas com textos menos densos, e que precisa das ilustrações como complemento concreto para o conteúdo textual.

A posição de cada uma delas dentro da história é determinada pela cena que ilustram: aparentemente, são cenas consideradas importantes pelo organizador da coleção ou pelo próprio ilustrador, não há como saber ao certo. Para exemplificar essa correspondência entre texto e ilustração, *O patinho feio* traz, já no alto da primeira página, uma ilustração primorosa mostrando uma cegonha contemplando o que parece ser um lago. O texto verbal, logo abaixo, diz: “As cegonhas, do alto das suas longas pernas vermelhas, olhavam para as

águas azues do tanque... [...]” (*O patinho feio*, p. 3). Pode-se perceber, assim, que o texto escrito foi o mote para que o ilustrador criasse a gravura.

Figura 20 - Primeira página de *O patinho feio*



Fonte: *O patinho feio*, 7ª ed., s/d, Comp. Melhoramento de S. Paulo Weiszflog Irmãos Incorporada – Acervo da pesquisadora.

Essas ilustrações coloridas foram todas feitas pelo pintor e desenhista tcheco radicado no Brasil, Franta Richter. Também encontramos referência a ele como “Franz” e “Francisco” Richter, mas não foi possível localizar informações biográficas mais detalhadas a seu respeito, nem mesmo nas publicações da própria Melhoramentos sobre os 100 anos de história da editora.

As escassas informações obtidas foram publicadas em reportagem da *Revista IstoÉ Senhor*, de 19/9/90, que noticia a exposição “Era uma vez... O Mundo Mágico da Arte de F. Richter”, realizada no MASP como parte das comemorações dos 100 anos da Editora Melhoramentos.

Segundo esta fonte<sup>135</sup>, “Franta (*Franz*, em alemão) Richter nasceu em Praga, em 1872. Chegou ao Brasil em Agosto de 1913, à procura de motivos tropicais [...]. Com a guerra, prolongou a sua estada se radicando em São Paulo, e por aqui ficou até sua morte, em

<sup>135</sup> Reportagem assinada por Ivan Cláudio. *Revista IstoÉ Senhor*/1096, de 19/9/90, p. 88.

1964.”<sup>136</sup>

F. Richter foi o primeiro ilustrador da Irmãos Weiszflog, para quem fez cerca de mil aquarelas para mais de 100 livros. Dono de uma técnica refinada, “desenhista com um domínio completo da técnica da aquarela e do nanquim; ilustrou dezenas de livros da série Biblioteca Infantil da Companhia Melhoramentos de São Paulo, onde trabalhou até a década de 40”. (*Revista IstoÉ Senhor*, 19/9/90, p. 88).

Na época em que Richter fez as ilustrações para a Irmãos Weiszflog “ainda não havia a técnica do fotolito e tudo era feito de uma forma quase artesanal, através da litografia em pedra, onde se inscrevia o desenho” (*Revista IstoÉ Senhor*, de 19/9/90 *Revista IstoÉ Senhor*, de 19/9/90, p. 88). A técnica utilizada em *O patinho feio*, por exemplo, é a “trichromia”<sup>137</sup>, conforme anuncia o catálogo da Melhoramentos de 1924, destacando que “os contos são farta e primorosamente ilustrados” nessa técnica.

O destaque dado a esta técnica e a valorização da habilidade artística de Richter parecem indicar um investimento significativo da editora e do organizador da coleção na qualidade gráfica da Biblioteca Infantil Melhoramentos, o que indicia tratar-se de uma inovação para a produção infantil da época. Aqui, verifica-se o uso de aquarelas feitas especialmente para uma coleção, e não mais a prática do uso de *chromos* e gravuras “padronizados” para ilustrar obras infantis.

Apesar do cuidado da editora e do organizador da Biblioteca Infantil Melhoramentos em relação às ilustrações, no entanto, duas informações encontradas sobre este aspecto precisam ser melhor contextualizadas:

1) *O patinho feio* “teria sido, no Brasil, o primeiro livro infantil com ilustrações em cores” (grifo meu), conforme afirmação de Coelho<sup>138</sup>;

2) “há 75 anos era editado no Brasil o primeiro livro para crianças com ilustrações em cores. *O patinho feio*, um marco na editoração de livros infantis no País, está sendo relançado em fac-símile na comemoração dos 100 anos da Companhia Melhoramentos de São Paulo” (*ISTOÉ Senhor*, 19/9/90). (grifos meus).

<sup>136</sup> O Jornal *O Estado de S. Paulo*, de 7 de abril de 1964, p. 16, publicou a seguinte nota: “FRANCISCO RICHTER – Faleceu ontem, nesta Capital, aos 81 anos, o sr. Francisco Richter, casado com d. Maria Richter. Deixa a filha d. Inês Bukvar, casada com o sr. Antonio Bukvar. Foi também seu filho João Richter, falecido. Deixa também netos e bisnetos. O feretro sairá hoje, às 14 horas, do Hospital Santa Helena, na rua Vergueiro, 17, para o cemiterio de Campo Grande.”

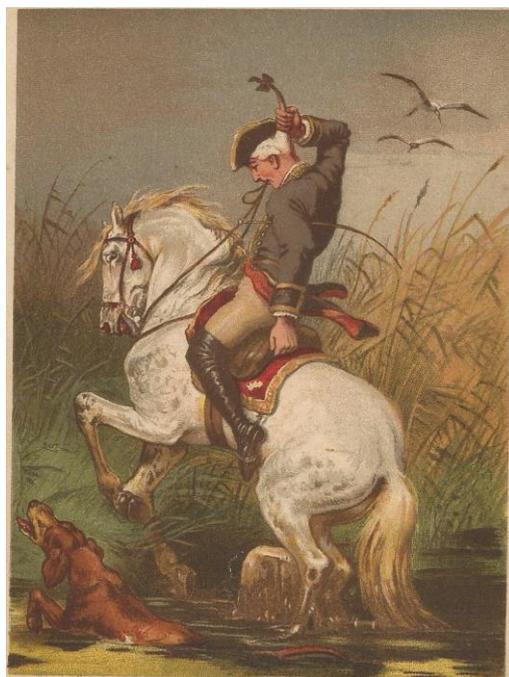
<sup>137</sup> “*Tricromia* processo fotomecânico que permite obter a reprodução de um documento em cores por meio de três clichês destinados a imprimir cada um na mesma folha de papel uma das três cores primárias, amarelo, magenta, azul: fototricomia. Estes três clichês são obtidos por seleção fotográfica ou eletrônica. A sobreposição das três cores primárias restitui, em princípio, todas as cores do original.” (FARIA, M.I.R., 2008, p. 714).

<sup>138</sup> Texto “O retorno de *O patinho feio*”, apresentação da edição fac-similar do primeiro número da B. Infantil Melhoramentos, publicado em 12 de setembro de 1990, em comemoração aos 75 anos de lançamento da obra.

Nos dois casos, não é citada a fonte de onde a informação foi retirada, mas ambas as afirmações – a de uma pesquisadora acadêmica e a de um jornalista de uma revista de renome – destacam o fato de *O patinho feio* ter sido o primeiro livro infantil para crianças no Brasil com ilustrações em cores; o único dado diferente entre ambos é o fato de a notícia de jornal trazer o termo “editado”.

Desde que a pesquisa sobre os volumes da Biblioteca Infantil Melhoramentos teve início, essa informação de que os livrinhos teriam inaugurado a ilustração em cores na literatura infantil brasileira destacou-se, por se constituir em forte indício do caráter inovador da coleção. No entanto, o contato com outras obras infantis publicadas antes de 1915 revelou que algumas delas já traziam ilustrações e “chromos” em cores, como por exemplo, as edições da Laemmert<sup>139</sup> das obras de Carlos Jansen, que vários estudiosos (ARROYO, 1988; LAJOLO e ZILBERMAN, 1987) apontam como pioneiro na publicação de obras para o público não adulto.

Figura 21 - Frontispício de *As Aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchausen*



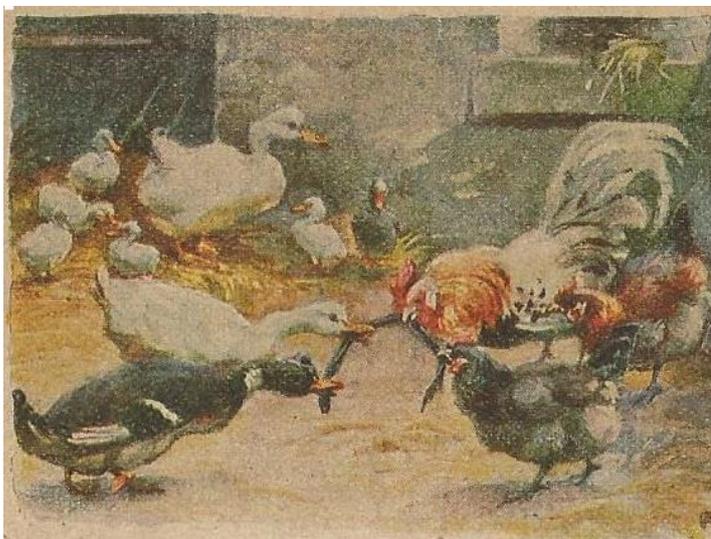
Fonte: *As Aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchausen*, n/c edição, 1903, Laemmert & C – acervo da pesquisadora.

<sup>139</sup> Eduard Laemmert se estabeleceu no Rio de Janeiro em 1833, quando fundou a Livraria Universal. Cinco anos mais tarde, seu irmão Heinrich juntou-se a ele e logo passaram a editar livros, inaugurando em 1838 a Typographia Universal. Nesta oficina chegaram a trabalhar 120 pessoas, que imprimiam mil folhas por dia, sem contar outros cinquenta homens que trabalhavam na oficina de encadernação, que produzia 5 mil livros encadernados por mês, além de 14 mil brochuras. O carro-chefe da editora era o Almanack Laemmert, mas além dele os irmãos também publicaram obras técnicas e acadêmicas, além de livros traduzidos do francês, mas seu forte eram os originais alemães. Chegaram a editar Goethe e foram pioneiros no campo da literatura infantil, com *As viagens de Gulliver*, *Contos seletos das mil e uma noites* e *Aventuras pasmosas do celeberrimo barão de Münchhausen*. (PAIXÃO, F., 1998).

O fato, ao que parece, é que já havia livros com ilustrações em cores destinados ao público infantil brasileiro antes de 1915, inclusive os livros de leitura das séries escolares. A diferença talvez fosse – não temos competência técnica para avaliar – a qualidade, já mencionada, que os recursos gráficos das oficinas da Irmãos Weiszflog possam ter proporcionado para viabilizar a impressão das ilustrações de F. Richter, a quem as fontes consultadas se referem como um pintor extremamente talentoso, de estilo requintado e que dominava o uso das cores e o jogo de luz e sombra com muita maestria.

Outra possibilidade, que também não foi possível confirmar, seria o fato de as ilustrações e “chromos” em cores da Laemmert serem apenas reproduções de gravuras originalmente produzidas em outros países, mais precisamente naqueles em que os títulos foram editados inicialmente. Nesse caso, *O patinho feio* seria mesmo uma novidade no campo dos recursos gráficos: as gravuras que o ilustram são aquarelas de um pintor radicado no Brasil e reconhecido pela qualidade de seus quadros, para serem reproduzidas com os recursos técnicos de um estabelecimento gráfico também estabelecido no país, especialmente para fazer parte de uma obra traduzida/adaptada por um autor também brasileiro.

Figura 22 - Ilustração de *O patinho feio*



Fonte: *O patinho feio*, p. 14, 7ª ed., s/d, Comp. Melhoramento de S. Paulo Weiszflog Irmãos Incorporada – Acervo da pesquisadora.

Também conforme mencionado antes, o anúncio de *Contos da Carochinha* da Livraria Quaresma, de 1912, já anunciava que o volume estava “cheio de estampas coloridas – finíssimos chromos a oito cores” (Jornal *A Epoca*, *op.cit.*). Não foi possível consultar nenhum exemplar deste título com data anterior a 1915, mas o anúncio demonstra claramente

o fato de que se trata de um livro infantil ilustrado em cores.

De tudo isso, talvez seja possível pensar que *O patinho feio* pode não ter inaugurado propriamente a ilustração em cores nos livros brasileiros para crianças, mas certamente representou um passo além no sentido de trazer para este campo um maior apuro técnico, um novo ilustrador e uma esmerada qualidade artística, itens até então não disponíveis no mercado das obras destinadas ao público infantil.

#### 4.2.4 Franta Richter: a marca do ilustrador

Na análise dos exemplares publicados no período em que Arnaldo Barreto coordenou diretamente a coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos, uma particularidade sobre as ilustrações merece ser apontada: não está explicitado na capa ou na página de rosto (como acontece nos livrinhos editados na fase sob a direção de Lourenço Filho), o nome do ilustrador, F. Richter, embora a identificação seja reconhecida pelos registros da editora e pela bibliografia consultada. Contudo, observando detidamente as ilustrações de *O patinho feio*, nota-se um *FR*, as iniciais do autor, colocadas no canto inferior direito de cada gravura, procedimento que não se repete em *O vellocino de ouro* (terceiro volume da coleção), publicado no mesmo ano de 1915.

Figura 23 – Ilustração de *O patinho feio* (2)



Fonte: *O patinho feio* (1915), edição fac-similar – Acervo da pesquisadora.

Já em *O soldadinho de chumbo*, edição de 1921 que traz outras duas histórias, não se encontram as iniciais nas gravuras, mas na última página do livro, ao final do triste conto de Andersen *A pequena vendedora de phosphoros* (terceira narrativa trazida pelo volume), aparece uma espécie de “selo de identificação” marcando a autoria das ilustrações: a figura de um anjo, cuja auréola é composta por fósforos apagados (alusão ao enredo da história?), tendo abaixo a inscrição *F.RICHTER*, em maiúsculas. A oscilação verificada entre a identificação do ilustrador nas primeiras edições de 1915 (com iniciais ou sem nenhuma referência) e a de 1921 (com a abreviatura do nome em letras maiúsculas) parece apontar para uma instabilidade da importância dada ao reconhecimento do direito à autoria nas ilustrações por parte da editora, naquela época.

Figura 24 – Ilustração de *O soldadinho de chumbo*



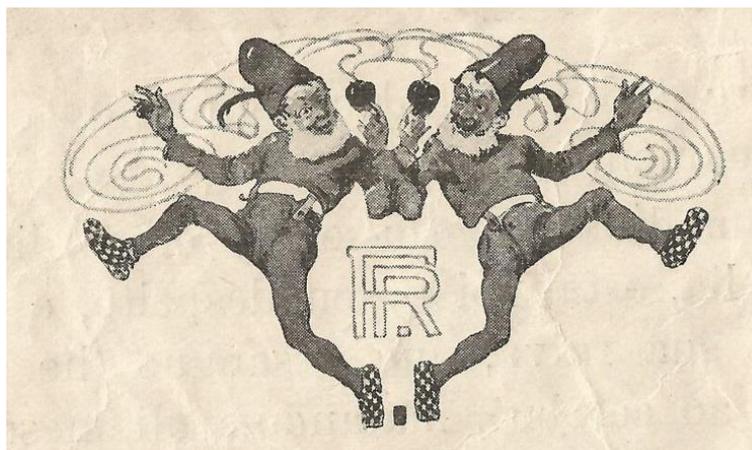
Fonte: *O soldadinho de chumbo*, 3ª edição, 1921. – acervo da pesquisadora

Uma busca nos 28 títulos da primeira fase da coleção que constituem os volumes do conjunto de obras reunidas para a pesquisa mostrou que apenas 11 trazem a “assinatura” ou “marca de autoria” de F. Richter, a saber: Livro I: *O patinho feio*; Livro II: *O soldadinho de chumbo*; Livro VI: *Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro*; Livro VIII: *O califa Storck*; Livro IX: *As três cabeças de ouro*; Livro XII: *O gato de botas*; Livro XIV: *O sargento verde*; Livro XVI: *O lago das pedras preciosas*; Livro XVII: *A festa das lanternas*; Livro XIX: *Aladino e a lâmpada maravilhosa*; XXIII: *Ali-Babá e os quarenta ladrões*.

Quanto às ilustrações dos demais títulos, não há nenhuma menção ao ilustrador, e as pinturas não trazem qualquer tipo de identificação, mesmo tendo sido feitas pelo mesmo F. Richter.

A marca de identificação, quando presente, varia de um simples *FR*, as iniciais do ilustrador, a um *F.RICHTER*, mas em alguns livrinhos encontra-se novamente uma figura mais elaborada, que além da assinatura faz referência indireta ao enredo – a exemplo do que já descrevemos em *O soldadinho de chumbo* – aparecendo sempre na última página do livro, conforme mostrado a seguir:

Figura 25 – Ilustração de *O gato de botas*



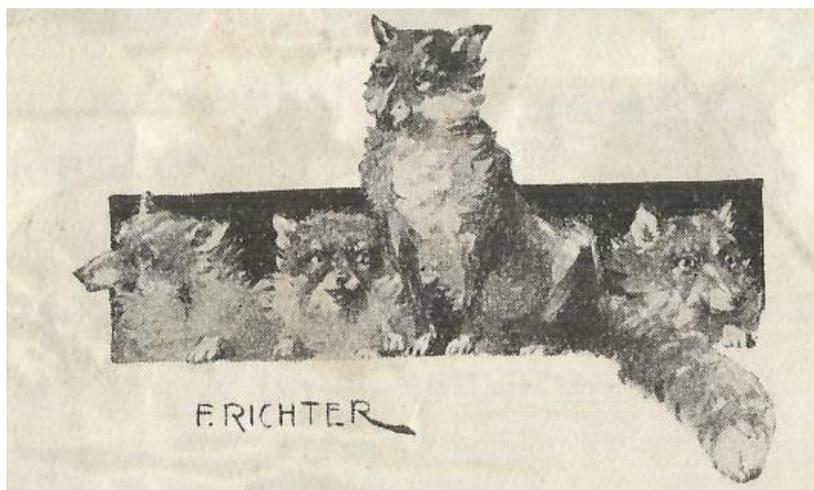
Fonte: *O gato de botas*, 2ª edição, 1921 – acervo da pesquisadora. Obs.: As figuras se referem à segunda história trazida pelo volume: “Branca de Neve”. Trata-se de anões que seguram maçãs (envenenadas?) – elemento importante para o enredo.

Figura 26 – Ilustração de *O lago das pedras preciosas*



Fonte: *O lago das pedras preciosas (do folk-lore chinês)*, n/c edição, 1921 – acervo da pesquisadora. Obs.: A figura se refere ao final da história: o galo, ao cantar, recorda a uma das personagens que ninguém deve vender por dinheiro sua felicidade.

Figura 27- Ilustração de *As três cabeças de ouro*



Fonte: *As três cabeças de ouro*, 3ª. edição, s/d – acervo da pesquisadora.

Obs.: A figura se refere à segunda narrativa trazida pelo volume: “A galinha inteligente”, personagem que pela astúcia vence uma raposa. O pintor retratou o pai raposa e seus três filhos.

Figura 28 - Ilustração de *O sargento verde*



Fonte: *O sargento verde*, 4ª e 5ª edição, s/d – acervo da pesquisadora.

Obs.: A figura se refere ao final da segunda narrativa do volume: “Linda Flôr”; trata-se dos cinco filhos desta princesa com o rei.

Ainda sobre as ilustrações, algumas são coloridas, mas a maioria delas é em preto e branco, o que é compreensível, tendo em vista as dificuldades técnicas para se reproduzir as cores precisas e primorosas das aquarelas de F. Richter, cujos originais foram preservados, encontrando-se depositados nos arquivos da Editora Melhoramentos, além das implicações

econômicas. Do ponto de vista da tradição e da inovação, o fato de os livrinhos terem majoritariamente figuras em preto e branco remetem para a prática encontrada em outras obras infantis do período, mas o fato das ilustrações terem sido feitas a partir de aquarelas e não de cromos, pode ser visto como inovação.

A título de conclusão, pode-se dizer que o exame e a análise das 118 diferentes edições dos 28 títulos da primeira fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos apontam para aspectos que remetem à tradição e à inovação, perceptíveis nas diferenças e semelhanças encontradas nos sete grupos de exemplares, que sinalizam para a necessidade de se considerar cada momento da coleção como único, porém sem perder de vista a ligação que há entre todos eles. Assim, apesar das mudanças promovidas pelo polo da produção, as obras continuam a portar marcas que as identificam como parte de uma mesma coleção, tornando possível constatar que a Biblioteca Infantil Melhoramentos em sua primeira fase traz elementos da tradição, impostos pelo mercado, mas também traz outros de distinção.

Para Chartier (1990, p. 137 e 138),

O primeiro [modelo de compreensão para explicar os textos, os livros e as suas leituras] põe em contraste disciplina e invenção, considerando estas duas categorias não como antagônicas, mas como sendo geridas a par. Todo o dispositivo que visa criar controlo e condicionamento segrega sempre táticas que o domesticam ou o subvertem; contrariamente, *não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição*, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos. [...] Disciplina e invenção *mas também distinção e divulgação*. Este segundo par permite propor uma compreensão da circulação dos objetos ou dos modelos culturais que não se reduz a simples difusão, pensada geralmente como um movimento descendente na escala social. *Os processos de imitação ou vulgarização são mais complexos e mais dinâmicos e devem ser entendidos, antes de mais nada, como lutas de concorrência onde toda a divulgação, concedida ou conquistada, produz imediatamente a procura de uma nova distinção.* (grifos meus).

Numa coleção publicada durante um período de tempo tão longo, poder-se-ia falar em inovação, por exemplo, quando de seu lançamento, ocorrido em um contexto de organização e constituição do campo de produção de livros nacionais para as crianças do país, cenário muito distinto daquele que se verifica na década de 50 do século XX, quando a coleção atinge o 100º volume e a produção de literatura infantil já havia se diversificado e se firmado como produção cultural legítima e vigorosa.

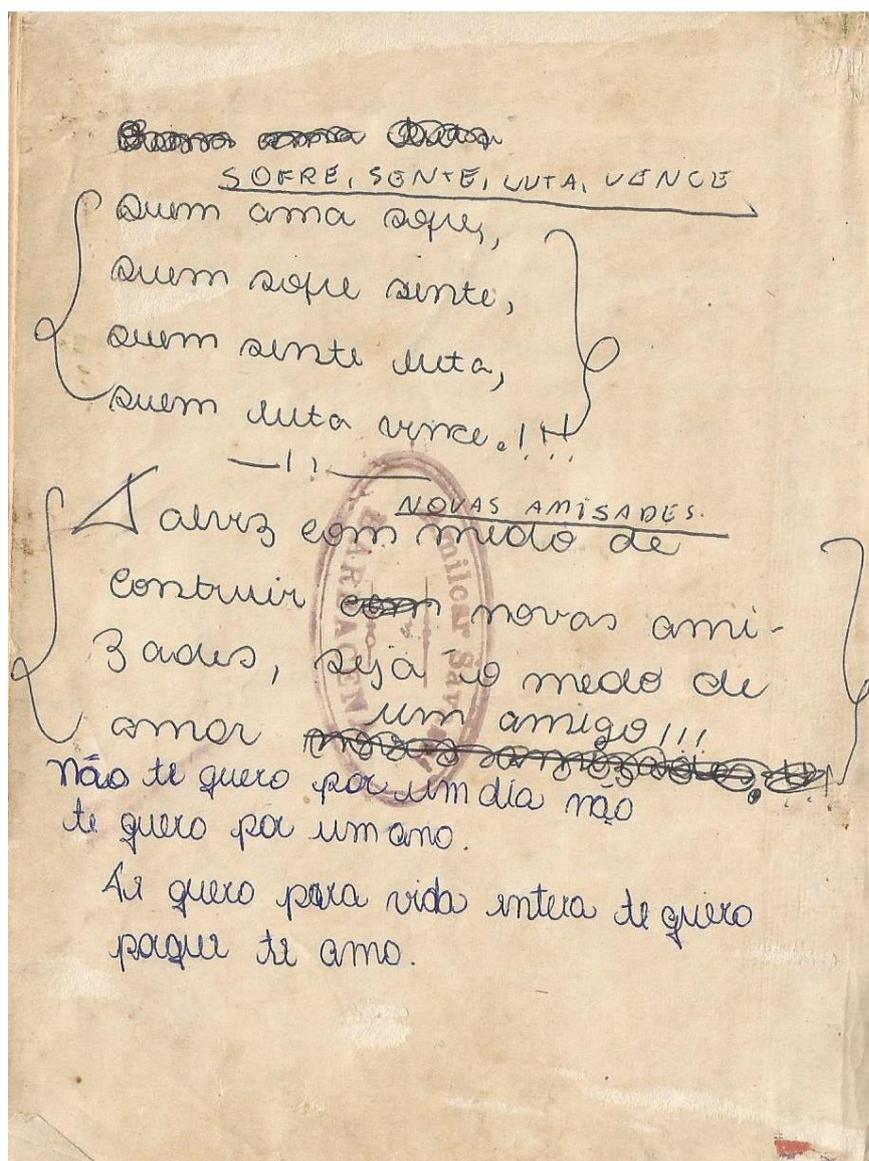
Portanto, a Biblioteca Infantil Melhoramentos não é a mesma nos 43 anos em que existiu – ela ganha distinção ao longo de sua circulação e edição, podendo-se dizer que isso ocorreu mesmo tendo se mostrado múltipla e mutante, talvez porque isso atendessem às expectativas do público leitor, que também foi mudando ao longo dos anos.

A análise da materialidade dos livros talvez revele esse caráter inovador da Biblioteca Infantil Melhoramentos do ponto de vista editorial e visual, evidenciando a necessidade de se levar em conta as mudanças acarretadas pela passagem do tempo: o momento de Lourenço Filho é muito diferente daquele em que Arnaldo Barreto lançou os primeiros exemplares da biblioteca infantil que idealizara. Apesar disso, fica o fato de esta coleção ter continuado a ocupar uma posição central no mercado de livros infantis, como série, não como produção de um único autor, tornando-se seus livros os mais lidos por várias gerações.

## CAPÍTULO 5

### DEDICATÓRIAS, ASSINATURAS, CARIMBOS, ANOTAÇÕES: a presença dos leitores nos exemplares da Biblioteca Infantil Melhoramentos

Figura 29 - Anotações feitas na parte final de um exemplar de *A serpente negra*



Fonte: *A serpente negra*, publicado em 1921 (ano de lançamento da obra). Acervo da pesquisadora.

Um conjunto de livros encontrados em sebos difere daqueles que são encontrados em bibliotecas públicas ou em acervos institucionais, por carregarem em si, muitas vezes, as marcas do leitor ou dos leitores pelas mãos dos quais passaram. Na forma de assinaturas, dedicatórias ou mesmo rabiscos e anotações diversas, há as marcas do tempo, que os distinguem dos demais.

Os dicionários registram *sebo* como “lugar onde se vendem livros usados; casa de alfarrabista”<sup>140</sup>; livraria onde se compram ou vendem livros usados.”<sup>141</sup> Para o senso comum, trata-se de um lugar empoeirado, com certo ar decadente, onde se vendem livros velhos, talvez com uma ou outra página rasgada, a um preço mais acessível que o praticado pelas livrarias comuns.

Os livros de um sebo têm seu caminho marcado por uma espécie de abandono: foram apartados de seus donos, não importa se voluntária ou involuntariamente, tornando-se mercadoria posta à venda uma segunda vez. Seguindo esse raciocínio, quanto mais recuada no tempo for a data em que ocorreu a publicação do livro, maior a possibilidade de ele já haver passado por muitas e diferentes mãos até a chegada às prateleiras do sebo onde foram encontrados, à espera do dono seguinte, nessa cadeia contínua.

Muitos exemplares do conjunto de livros reunidos para esta pesquisa trazem registradas em suas capas, contracapas e páginas de rosto as marcas de sua trajetória desde a livraria até as estantes do sebo. Trata-se de, além de dedicatórias, rabiscos, anotações, assinaturas e carimbos com o nome de leitores ou da livraria onde o livro foi comprado, o que determinou alguns movimentos no sentido de compreender e situar o significado de tais marcas dentro da investigação proposta - juntamente com o reconhecimento dos aspectos que poderiam interessar mais diretamente à pesquisa.

Em um primeiro momento, a curiosidade despertada pelas marcas de apropriação e circulação que se encontram presentes em 66 exemplares dos 117 que compõem o objeto de estudo - a 1ª fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos - pareceu ser algo apartado da pesquisa em si, que nada acrescentaria ao objetivo inicial de conhecer mais adequadamente este objeto cultural sobre o qual nos debruçamos. Entretanto, o manuseio dos exemplares - determinado pelas exigências da pesquisa - foi revelando as marcas presentes em alguns deles, marcas estas que passaram a caracterizá-los, incorporando-se à sua identificação.

---

<sup>140</sup> Cf. Michaelis – Dicionário de Português on-line, disponível em: [http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/sebo%20\\_1042429.html](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/sebo%20_1042429.html) (acesso em: 06/10/13).

<sup>141</sup> Cf. Dicionário Houaiss on-line, disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=sebo> (acesso em: 06/10/13).

Assim, principalmente no que se referia ao nome de alguns dos proprietários que apareciam em mais de um livrinho, passaram a ser os livros de “Olga Badine”, ou de “Altair Savassi”, ou do “Caito”.

A partir do momento em que alguns dos exemplares passaram a se distinguir dos outros por tais marcas, foi possível perceber que aqueles vestígios falavam de um outro tempo e de outras práticas, os quais também faziam parte da história daquele conjunto de livros pertencentes a uma mesma coleção, inclusive porque eram portadores de pistas sobre leitores de antigamente – alguns dos quais se procurou descobrir a identidade - bem como sobre as circunstâncias em que estes livros circularam, e até mesmo sobre práticas de leitura de um outro tempo e lugar.

Dito de outro modo, aqueles nomes ali identificados partilharam uma rede de textos (CHARTIER, 2001) e práticas de leitura semelhantes durante quatro décadas do século XX, ligados por um mesmo interesse: as histórias trazidas pela coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos.

Dessa forma, as assinaturas dos antigos proprietários (e leitores), os carimbos de diferentes livrarias e papelarias, os rabiscos, os decalques, os cromos e as dedicatórias passaram a ser vistos como parte integrante da materialidade do conjunto de exemplares da coleção - objeto de estudo da pesquisa – não podendo, portanto, ser ignorados, e devendo ser incorporados a ela, ainda que de modo complementar.

Assim, os objetivos deste capítulo são: 1) Indicar as marcas de circulação e apropriação deixadas nos exemplares do conjunto de livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos reunidos para a pesquisa (dedicatórias, assinaturas, carimbos, anotações); 2) Inferir, a partir dessas marcas, pistas sobre as práticas de leitura dos leitores da coleção, bem como o modo, lugares e circunstâncias em que esta circulou.

Como descrever, porém, um material tão variado e numeroso, de forma sucinta e sistematizada? A fonte primeira utilizada como modelo para a organização e análise dos dados que estão neste capítulo foram os estudos da Professora Maria Teresa Santos Cunha (2009; 2012), especialmente no que diz respeito à nomenclatura usada por ela, assim como as referências teóricas que adotou ao pesquisar e analisar um acervo de livros didáticos doados ao Museu da Escola Catarinense.

Segundo a própria pesquisadora, na apresentação do catálogo que organizou auxiliada por bolsistas,

O Museu da Escola Catarinense/FAED/UDESC, desde 1992, integra em Florianópolis (SC), as ações de recolha e preservação do patrimônio escolar em Santa Catarina. Em suas dependências, livros escolares oriundos de doações

contabilizaram, até 2006, 277 exemplares. Este catálogo objetiva mostrar alguns exemplares específicos desse acervo e identificar os caminhos dos leitores – aqui chamada como biblioteca anotada – pelos livros, perceptíveis através de anotações variadas (dedicatórias, marginalias, objetos-relíquia, marcas do tempo e de uso) e que abrem possibilidades para futuras pesquisas na área de acervos/patrimônio cultural escolar em interface com a história da leitura e dos livros. (CUNHA, 2009, p. 2).

Ao contrário do trabalho desenvolvido por Cunha (2009), não se pretende aqui fazer uma análise exaustiva de todas as marcas encontradas nos 66 exemplares do acervo, vestígios de sua circulação e usos. A intenção é realizar uma descrição inicial de aspecto mais geral, passando a abordar em seguida o caso específico de alguns exemplares que podem ser importantes para o fim a que este capítulo se propõe: encontrar pistas sobre os leitores, as práticas e as formas de circulação destes exemplares reunidos para a pesquisa.

O resultado do levantamento feito, que resultou no mapeamento, classificação e transcrição de todas as marcas encontradas em 66 exemplares de um total de 118 pertencentes à primeira fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos, encontra-se disponibilizado no Anexo 7.

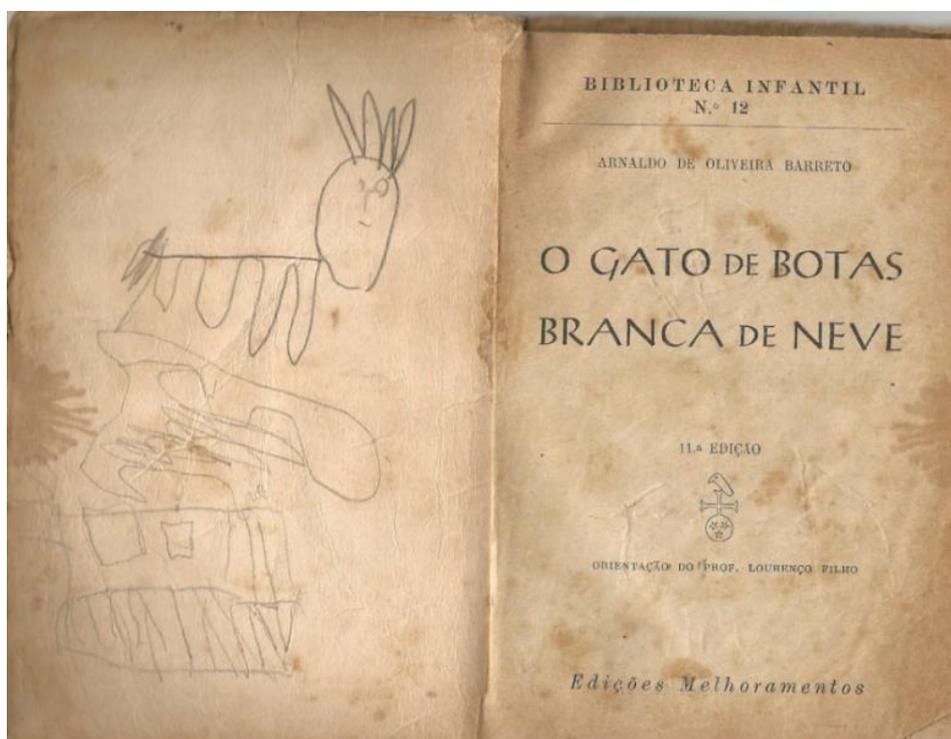
## 5.1 As marcas encontradas

Há vários tipos de registro deixados nos 66 livros analisados, desde simples rabiscos, contas de matemática e garatujas, até carimbos e selos de papelarias e livrarias, passando por nomes dos proprietários e dedicatórias. Inicialmente, foi difícil encontrar um modo de ordenar registros tão díspares, mas seguindo os procedimentos indicados por Cunha (2009 e 2012), as marcas encontradas nos exemplares foram distribuídas nas categorias a seguir, sendo oportuno esclarecer que há exemplares que trazem simultaneamente mais de um tipo de registro: a) Dedicatórias (presentes em 18 exemplares); b) marcas de apropriação, como anotações, rabiscos e decalques (13 exemplares); c) assinaturas, carimbos, etiquetas de livrarias e outros (47 exemplares).

Do ponto de vista da conservação e do aspecto geral, enquanto alguns livrinhos refletem o cuidado com que foram guardados, de outros se tem a impressão de que foram cair em mãos de crianças muito pequenas, que talvez por ainda não saberem ler, transformaram-nos em companheiros de brincadeiras, as quais acabaram por danificar as capas, que se apresentam sujas, amassadas, “ensebadas” até, como é o caso do exemplar de *O gato de botas*, usado como “caderno de desenho” por uma criança não alfabetizada, a julgar pelo tipo de traçado das figuras, que quis deixar registrada a imagem de um gato (o personagem central da história).

Estes “estragos” provocados no exemplar, no entanto, podem ser vistos também como um indicador do público a quem a Biblioteca Infantil se destinava: crianças – inclusive as bem pequenas - que apesar de ainda não saberem ler sozinhas, podiam se tornar proprietárias de um livrinho, utilizando-o para desenhar e brincar, numa prática de leitura própria de um leitor infantil, feita sem a mediação de um adulto. O fato de o exemplar se encontrar sujo e amassado pode sugerir, neste caso, um intenso manuseio, prova de interesse e afeição pelo livro como objeto que pode ser carregado pelo seu possuidor, como um tipo de brinquedo.

Figura 30 – Desenho feito por leitor



Fonte: *O gato de botas*, 11. ed., s/d. Acervo da pesquisadora.

Alguns livros trazem, simultaneamente, várias marcas. Um deles é um exemplar de *O vellocino de ouro* – 2ª parte, publicado em 1915, que traz a assinatura de dois proprietários diferentes, o carimbo com o nome do bazar onde provavelmente foi comprado pelo seu primeiro proprietário, um rabisco na capa, correções ortográficas na página de rosto, além de anotações pessoais feitas por uma das leitoras nas páginas finais e na contracapa, mostrando claramente que o primeiro leitor adquiriu o livro na época em que a coleção foi lançada (trata-se de uma 1ª edição), tendo o exemplar posteriormente ido parar nas mãos de uma segunda leitora de época mais recente, que usou caneta esferográfica para riscar o nome do antigo proprietário e para fazer seus registros, como o que aparece na página de abertura

deste capítulo. Esta mesma leitora também fez o mesmo com outros exemplares que pertenceram a este mesmo proprietário.

Sobre a página de abertura deste capítulo, trata-se da página final de *A serpente negra*, que aparentemente guarda o registro feito por uma leitora adolescente (pelo traçado firme da letra) romântica, que está sofrendo por amor. Os versos são o registro de pensamentos românticos, mas sugerem superação, ao dar destaque às formas verbais “sofre, sente, luta, vence” – grifadas e escritas na posição de título, em letras maiúsculas.

Este exemplar parece indicar uma prática que se observa em outros: um mesmo livro passa por diferentes mãos, num círculo que envolve parentes, amigos, talvez colegas de escola. Neste caso específico, há o registro de outros dois proprietários: *Altair José Savassi*, cujo nome aparece assinado na primeira página, a caneta tinteiro e com a data de 1927, e um carimbo na última capa, trazendo o nome de *Amílcar Savassi*.

Foi possível levantar que os dois eram irmãos, moraram em Barbacena/MG, tendo Amílcar Savassi nascido em 14/07/1911<sup>142</sup>, e Altair Savassi em 13/04/1914. Assim, em 1927 – data que consta da assinatura no exemplar – o primeiro tinha 16 anos, e o segundo tinha 13, o que pode significar que o irmão mais novo “herdou” o exemplar do mais velho.

Para além das classificações e categorizações, porém, as marcas são vestígios de leitores que estabeleceram uma relação com os livros, a qual ultrapassou a mera leitura das histórias. São o registro de cerimônias de apropriação, representadas pela colagem de cromos e decalques<sup>143</sup> delicados, ou de carimbos com o nome da própria criança - que falam de práticas de outro período histórico, de outras infâncias.

Este é o caso de uma leitora de *Aladino ou a lâmpada maravilhosa* (1922), que além de apor o carimbo com o seu nome, também “colou” dois decalques que remetem ao mundo infantil. Este exemplar aponta para a aparente valorização de uma prática do mundo adulto, apropriada pelas crianças: o uso do carimbo com o próprio nome para marcar a posse sobre um livro. Na página de guarda do exemplar, há o carimbo com um nome (*Christina Schmidt Inglês de Souza*), riscado à caneta, seguido do nome de *Rachel T. S. Barreto* escrito com caneta tinteiro, numa letra escolar caprichada de criança. Na página de rosto, logo a seguir, porém, vê-se que Rachel também conseguiu ter seu próprio carimbo, estampado no livrinho que agora passara a ser seu, não se sabe em que circunstâncias, numa clara cerimônia de apropriação, como mostra a imagem a seguir.

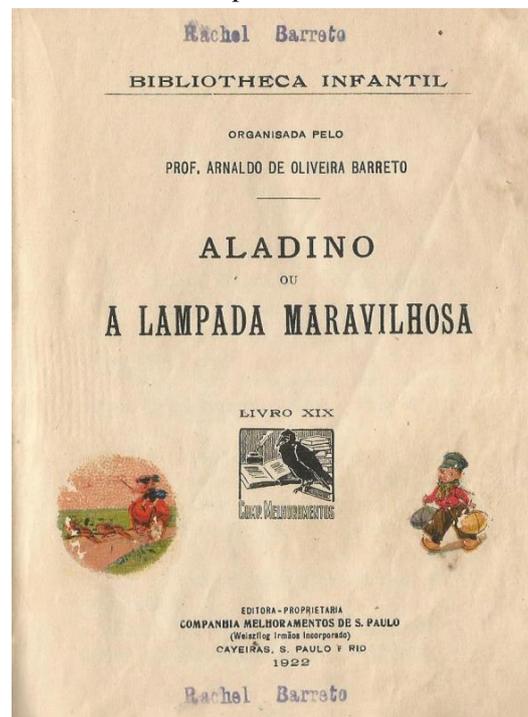
<sup>142</sup> Dados encontrados no livreto *Personalidades em Destaque – Poder Legislativo, Câmara Municipal de Barbacena*, de autoria do Dr. Altair José Savassi, publicado em 1988. (Acervo da pesquisadora)

<sup>143</sup> Espécie de adesivo especial, removido do suporte quando mergulhado em água, sendo então aplicado sobre a página do livro.

Figura 31 – Página de guarda de *Aladino ou a lâmpada maravilhosa*



Figura 32 – Página de rosto de *Aladino ou a lâmpada maravilhosa*



Fonte: *Aladino ou a lâmpada maravilhosa*, 1922. Acervo da Pesquisadora

Segundo Cunha (2008, p. 59), o fato de os donos assinarem os livros “indica uma relação de propriedade e sua perpetuação para além da posse física do exemplar”. O levantamento realizado em cada um dos exemplares do acervo encontrou 29 leitores que registraram seu nome, algumas vezes sendo encontrados dois ou três nomes diferentes no mesmo livrinho, conforme já apontado anteriormente.

Trata-se de nomes comuns, como Shirley, Olga, Caio, Maria Lúcia, mas também de outros que lembram tempos de antigamente, até mesmo pela grafia, como Enoch, Maria Adalgisa, Águeda, Onira, Austiclínio ou Christina Inglez de Souza – que possui o mesmo sobrenome do escritor naturalista brasileiro Herculano Marcos Inglez de Souza (1853-1918).

Foi possível também identificar 15 diferentes estabelecimentos comerciais em que alguns exemplares foram comprados. Trata-se de lugares como “Bazar Moderno”, de Barbacena/MG; “Bazar do Povo”, Santos/SP; “Lojas Brasileiras”, de Andradas/MG; Papelarias e livrarias, como “Livraria do Globo”<sup>144</sup>, “Livraria Universal”, de S. Paulo<sup>145</sup>;

<sup>144</sup> Livraria do Globo: Porto Alegre, 1883. De propriedade de Laudelino Pinheiro Barcelos, foi inaugurada em dezembro de 1883. “Na década de 1920, se tornou o principal ponto de encontro dos intelectuais gaúchos”, tendo entre seus frequentadores figuras importantes como Érico Veríssimo e Getúlio Vargas. “Lançou-se no mercado editorial e se transformou em uma das maiores editoras do país. Em 1986, a Globo foi vendida ao empresário Roberto Marinho. Pouco depois, a livraria fechava as portas”. (MACHADO, U., 2008, p. 85-86)

“Livraria Hermann”, de Porto Alegre; “Papellaria Martins – Livraria e Typographia”, de Santos/SP, e “Casa Genoud”<sup>146</sup>, de Campinas/SP – mostrando que os livrinhos circularam em pelo menos dois outros Estados brasileiros e várias cidades, registrando-se duas diferentes livrarias em uma mesma cidade: Santos/SP.

Estes carimbos e etiquetas também revelam que os livrinhos eram vendidos não apenas em livrarias e papelarias, mas também em bazares e outros estabelecimentos. Um caso exemplar é o de uma leitora da qual cinco livrinhos foram reunidos, “a menina Olga Badine”; todos estes exemplares trazem um carimbo, “Redacção d’ O Movimento Est. Graphico Livraria e Papellaria Viuva Richetti & Filhos. S. Manoel”, sendo São Manoel uma pequena cidade localizada no interior do Estado de São Paulo.

Sobre estes exemplares, também é necessário informar que a anotação em letra caprichada que se encontra em alguns deles, escrita com caneta tinteiro, aparentemente foi feita por um adulto, não pela “menina” Olga Badine, que dificilmente se auto-denominaria desta forma. Dos outros quatro exemplares, um traz uma espécie de “rascunho” escrito a lápis, com teor parecido: “Este livro de histórias pertence a menina Olga Badine”, enquanto outro traz, já a caneta, “Esta historia pertence a menina Olga Badine”.

A própria Olga, aparentemente, assinou apenas dois livrinhos, como Olga Badini, assim mesmo, com “i” e não com “e”.

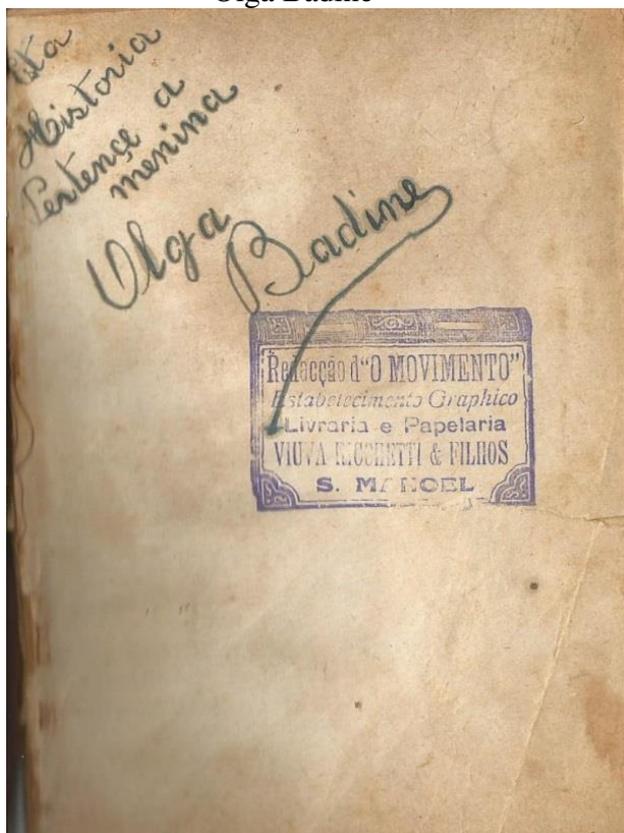
---

<sup>145</sup> Apesar de ter havido uma “Livraria Universal”, de Echenique Irmãos, fundada em 1887 em Pelotas, a etiqueta colada na página de guarda do livrinho traz o endereço da “Livraria Universal” em São Paulo: Rua 16 de Novembro, 18.

<sup>146</sup> Casa Genoud: Campinas, 1876. “No final do século XIX e início do século XX, o toque de modernidade e sofisticação em Campinas ficava por conta da Casa Genoud, do francês Alfredo Genoud, a primeira livraria da cidade. (...) Era livraria, papelaria, tipografia, editora, sendo a maioria de suas edições impressas em Paris. (...) A casa Genoud fechou as portas no início da década de 1940”. (MACHADO, U., 2008, p. 77)

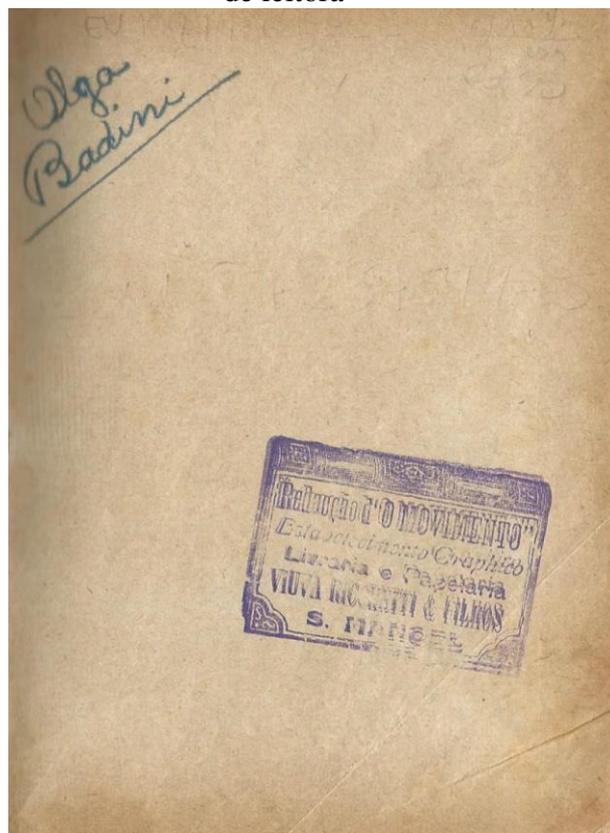
Sobre a Casa Genoud, ver também SANTOS, Maria Lygia Cardoso Köpke. *Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul – 1876-1958*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU Publicações; Arte Escrita, 2007.

Figura 33 – Anotação em livro da leitora Olga Badine



Fonte: *O vellocino de ouro – 2ª parte, s/d, 4. ed.* Acervo da pesquisadora.

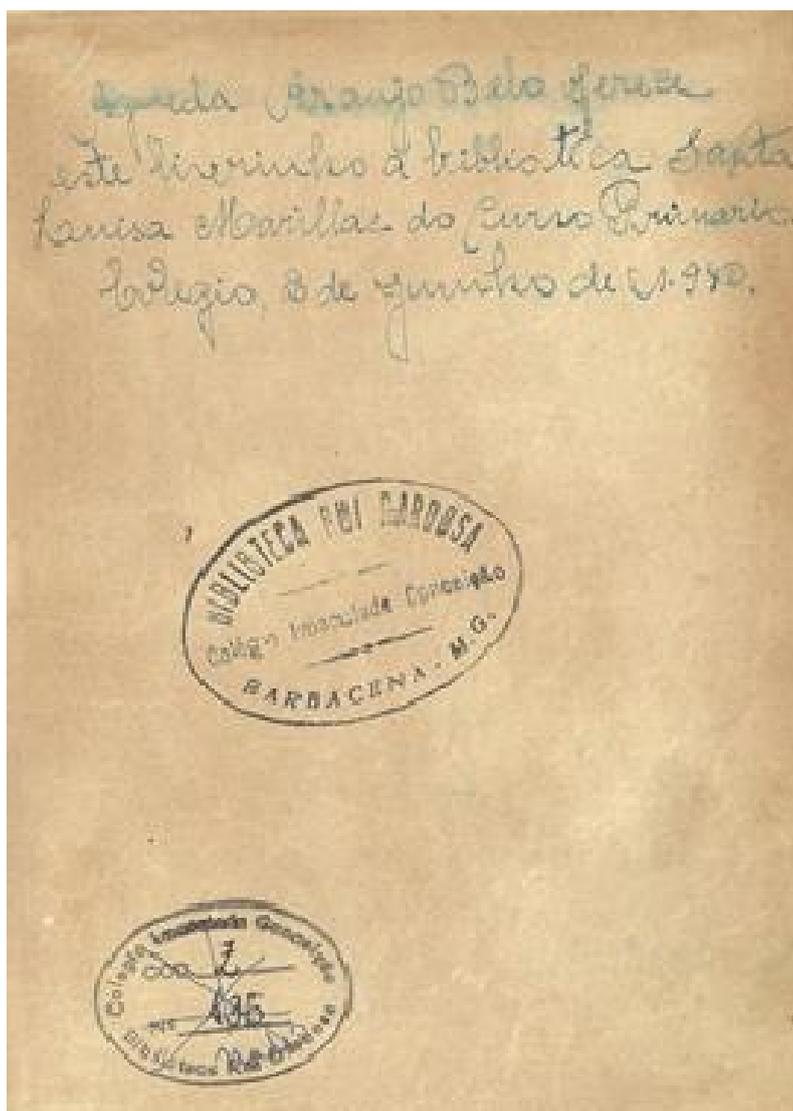
Figura 34 – Assinatura (ao que parece) de leitora



Fonte: *O anão amarello, 2. ed.* Acervo da pesquisadora.

Três dos exemplares com anotações pertenceram a bibliotecas escolares, o que mostra a inserção da Biblioteca Infantil Melhoramentos no universo dos livros que circularam na escola. Dois deles, *O sargento verde* e *O califa Storck* pertenceram à Biblioteca Rui Barbosa – do Colégio Imaculada Conceição, de Barbacena/MG, sendo que o primeiro foi doado por alguém de nome “Agueda Araujo Belo”, que em sua dedicatória se refere à biblioteca “Santa Luisa Marillac do Curso Primario”, apesar de o carimbo registrar denominação diferente para esta biblioteca.

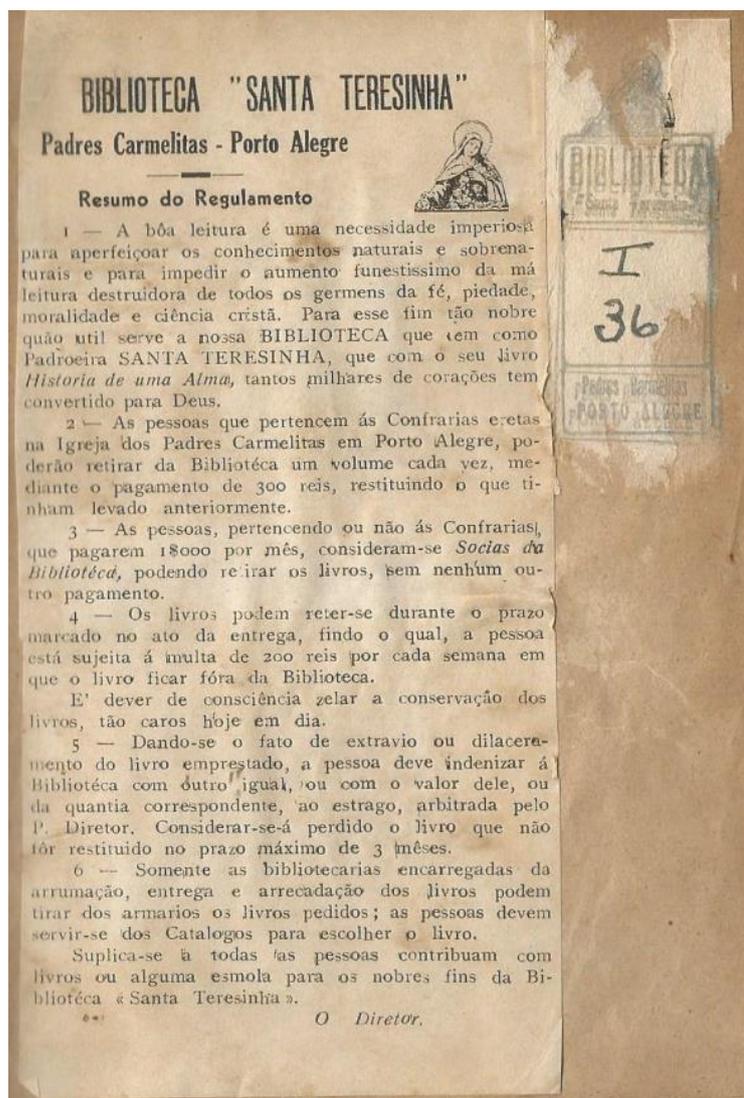
Figura 35 – Anotação de leitora: Águeda A. Belo



Fonte: *O sargento verde*, 4. e 5. ed., acervo da pesquisadora

Outro, *O cavaleiro do cysne*, traz o Regulamento da Biblioteca “Santa Terezinha” colado em sua página de guarda, tendo pertencido a uma biblioteca de um colégio de Porto Alegre.

Figura 36 – Regulamento de Biblioteca



Fonte: *O cavaleiro do cysne*, 2. e 3. ed., acervo da pesquisadora.

O caso deste exemplar aponta para uma circulação fluida – o livrinho parece ter sido adquirido para a escola e/ou para uma Biblioteca que cobrava uma taxa para o empréstimo de seu acervo. Por outro lado, apesar dos cuidados e das recomendações feitas no resumo do regulamento colado na página de guarda do livrinho, o fato é que este foi extraviado, não se sabe em que circunstâncias, indo parar nas estantes de um sebo. O leitor que o tomou emprestado teria se esquecido de devolvê-lo? Ele teria sido “roubado”? A biblioteca teria descartado o exemplar, ou ele teria saído de lá porque o espaço foi fechado? Não há como saber, mas as hipóteses levantadas consideram estas práticas do campo dos livros emprestados.

Todas estas marcas são portadoras de significados e sentidos, mas as dedicatórias, presentes em 18 exemplares, são testemunhos bastante eloquentes, que sobreviveram ao tempo para contar um pouco sobre a circulação e o destino dos livrinhos.

Para Chartier (1999, p. 39), a dedicatória é um verdadeiro rito, só que diferentemente da cena do século XVII em que “a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro”, em busca de benefícios e proteção, as dedicatórias encontradas nos exemplares da Biblioteca Infantil Melhoramentos se encontram inscritas no campo dos afetos e das relações de civilidade, sendo também rito, mas de outra natureza.

Elas falam, por exemplo, sobre a relação familiar ou de amizade que existia entre quem oferecia um livrinho de presente – sempre um adulto – e a criança a quem o mimo se destinava, além de, em muitos casos, ser informada também a motivação para o ato de presentear.

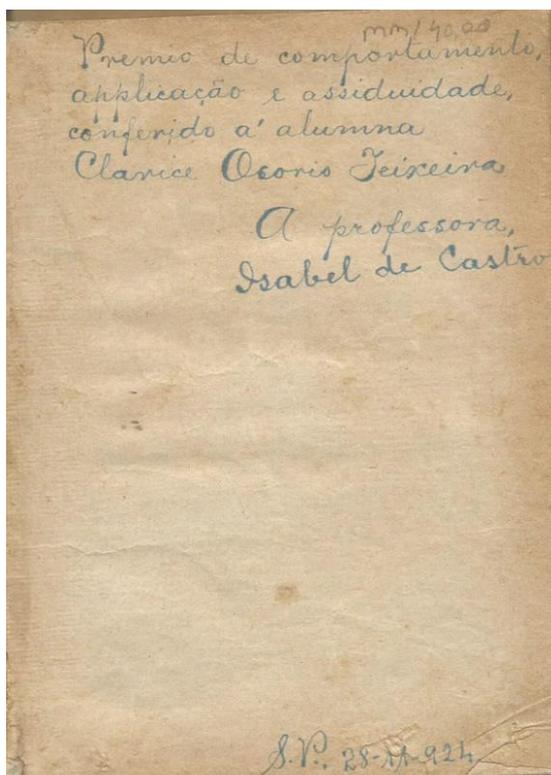
Foram encontradas duas dedicatórias de mães para suas filhas (*Glorinha*, 1930; *Edith*, 1938); um livro oferecido por uma amiga a um menino chamado Frederico; um oferecido por “Papae Noel, ao jovem amigo Pisoto do Carmo”; outro do avô e padrinho a uma garotinha chamada Erothides Amaral, além de um oferecido por “Tia Lelê” a uma menina que estava completando 6 anos. Em apenas quatro dedicatórias não é mencionado o vínculo que há entre quem ofereceu o livro e quem o recebeu. Em todos esses casos, sobressai o fato de que o livro é presente oferecido por um adulto a uma criança, mostrando uma prática usual.

As dedicatórias que mais interessaram, porém, podem ser reunidas em dois grupos: o primeiro, composto por quatro livrinhos, reúne exemplares oferecidos por professores a seus alunos; o segundo, é um grupo de cinco livrinhos que pertenceram a uma mesma criança, Caito, que os recebeu de sua madrinha por ocasião de seu aniversário.

O grupo dos quatro exemplares oferecidos de presente a alunos, apesar de reduzido, permite observações interessantes; a primeira delas é que os livrinhos foram legitimados pela escola, tanto como acervo de bibliotecas – conforme já visto – como na qualidade de presente por bom comportamento, como atestam as duas dedicatórias a seguir, cujas mestras deixam registrado o quanto os alunos presenteados se dedicaram aos estudos. Na primeira delas, a aluna Clarice Osorio Teixeira foi bem comportada, aplicada e assídua, daí o prêmio que recebe, o livro *A pétala de rosa*. No segundo caso, não há elogios tão explícitos à aplicação do aluno, mas a professora escreve ao “bom” aluno, podendo-se depreender que ele tenha recebido o livro como prêmio por seu desempenho escolar exemplar.

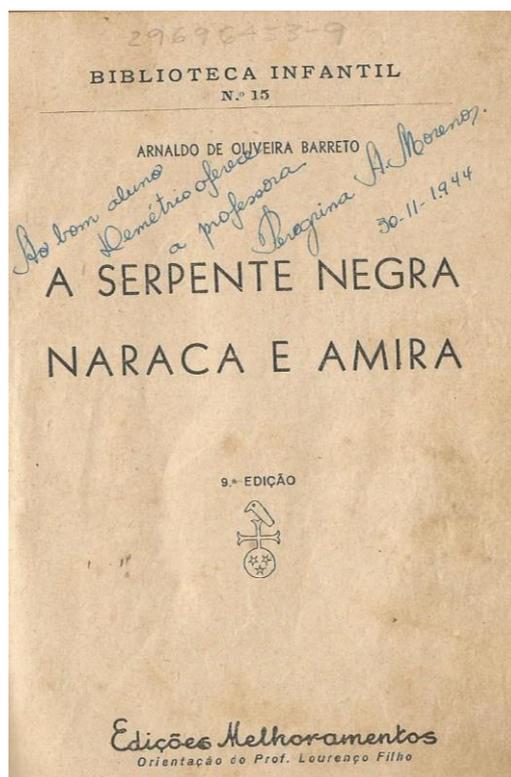
Notar que apesar de uma dedicatória trazer a data de 1924 e a outra de 1944, nos dois casos os livrinhos foram dados no final do mês de novembro, provavelmente quando do encerramento do ano letivo, numa espécie de ritual de final de ano.

Figura 37 – Dedicatória (Isabel de Castro)



Fonte: *A pétala de rosa*, s/d. Acervo da pesquisadora.

Figura 38 – Dedicatória (Peregrina A. Moreno)



Fonte: *A serpente negra*, 9. ed., s/d. Acervo da pesquisadora.

Outro aspecto que torna diferente este grupo de livros é o fato de ter sido possível identificar, através de busca na internet, a identidade da criança Clarice Osorio Teixeira. Obituário publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 2009, informa que ela nasceu em 1915 e que viveu seus 93 anos e dez meses de vida em um casarão na Rua Bela Cintra, 954, perto da Av. Paulista, em São Paulo. Foi professora sua vida inteira, nunca se casou e nem teve filhos. Faleceu em 20 de junho de 2009, de insuficiência cardíaca.<sup>147</sup> As pessoas a chamavam carinhosamente de Tia Cinha.

Assim, quando recebeu o livro da professora em 1924, Clarice tinha 9 anos de idade, e como o exemplar foi localizado em um sebo apenas em 2013, é possível supor que ela possa ter guardado o livrinho recebido de presente por toda a vida, tendo ele ido parar na

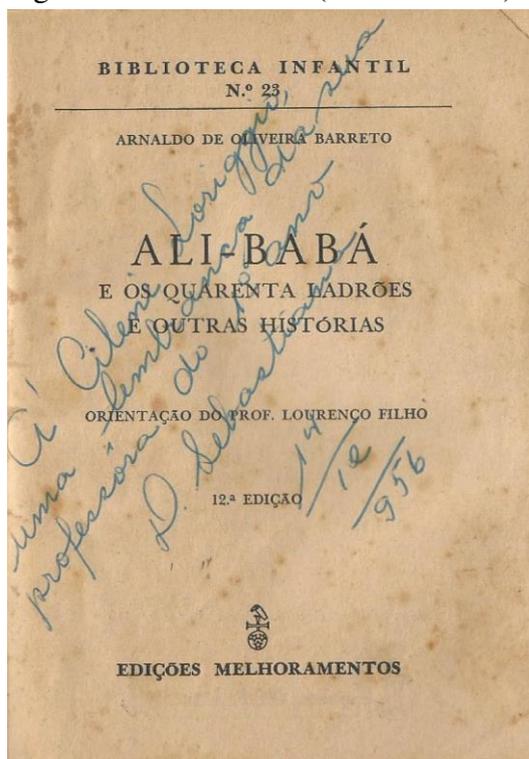
<sup>147</sup> Dados retirados do obituário publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, de 25/06/2009, caderno cotidiano. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2506200913.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2506200913.htm), acesso em: 04/07/2013.

prateleira do sebo apenas após a sua morte, uma vez que não deixou filhos que pudessem se interessar em preservar o livrinho tão cuidadosamente conservado.

Quanto às outras duas crianças que receberam da professora livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos, o motivo aparentemente foi outro; a primeira delas recebeu um presente que pretendia ser uma recordação: a professora de primeiro ano está se despedindo da aluna, que por já saber ler pode ser presenteada com um livro. O fato de a dedicatória trazer a data de 14 de dezembro indica também essa ideia de ciclo escolar que se encerra.

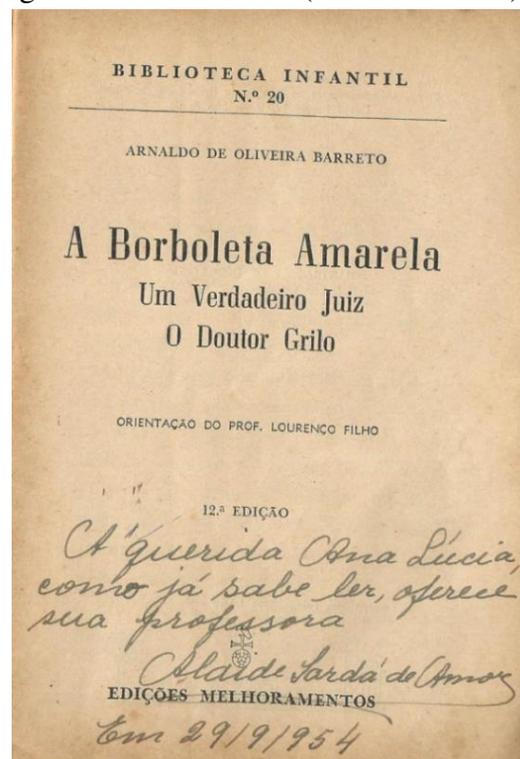
Em relação à segunda dedicatória, está datada de 29/9/1954, longe do final do ano letivo, portanto. O motivo do presente, porém, é que a aluna provavelmente tenha sido considerada alfabetizada pela professora, que a presenteia com material de leitura que, a seu ver, é interessante para a criança, o que também representa uma espécie de rito de passagem, a admissão ao mundo dos escritos.

Figura 39 - Dedicatória (D. Sebastiana)



Fonte: *Ali-Babá e os quarenta ladrões*, 12. ed., s/d. Acervo da pesquisadora

Figura 40 - Dedicatória (Alaide S. de A.)



Fonte: *A borboleta amarela*, 12. ed., s/d. Acervo da pesquisadora.

No campo das assinaturas, também foram encontradas outras duas menções à escola: uma aluna que em um exemplar de *Viagens maravilhosas de Sindbad, o Marinheiro* registra, logo abaixo de seu nome (*Iracema Bello*), que está no “4º Anno B”, e outra, *Thereza*

*Pires Araujo*, que informa na contracapa de *Flôr encarnada* (publicado em 1921) estar no “3º Anno”, registrando também a data: outubro de 1927.

Assim, pode-se dizer que os livros da Coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos marcaram presença no ambiente escolar, tão familiar a seu idealizador, o Professor Arnaldo Barreto, contando com a aprovação de professores que os julgaram influência adequada e benéfica para seus alunos.

Isto encontra eco no *Inquérito sobre leituras infantis*, realizado em Julho de 1926, cujos resultados foram publicados na Revista *Educação*, em 1928, em artigo escrito por Armanda A. Alberto<sup>148</sup> (1928), em que se aponta Arnaldo Barreto como um dos autores mais citados por meninos e meninas com idade entre 8 e 14 anos, que tiveram que responder à pergunta “Qual o livro de que mais gostou até hoje?”

Pouco tempo depois, também Cecília Meireles em seu *Relatório do Inquérito “Leituras infantis”*, realizado em 1931 e publicado em 1934, aponta que os alunos entrevistados citaram como obras preferidas 19 títulos de autoria de Arnaldo Barreto (SENA, 2010, p. 63), todos pertencentes à Coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos, da fase em que a coleção esteve sob a coordenação daquele educador.

O último grupo de livrinhos que achamos interessante destacar, a exemplo do acervo de Olga Badine, também pertenceu a um único leitor, um garoto chamado carinhosamente de “Caito” por sua madrinha, que a ele deu de presente de aniversário três livrinhos em 05 de dezembro de 1940, por ocasião do aniversário do menino.

Os títulos ofertados são *O lago das pedras preciosas*, *A gata borralheira* e *O anão amarello*, três histórias de amor, bem ao estilo dos contos de fadas, que não se sabe que impressão podem ter causado no garoto, que talvez preferisse *Ali-Babá e os quarenta ladrões* ou outro livrinho com histórias de aventuras.

O interessante nesse grupo de livrinhos - além do fato de constituir um acervo de um único leitor - é que a Madrinha de Caito (da qual não consta o nome), além da dedicatória feita na página de rosto, também escreveu algo na página de guarda do livro, página esta que

---

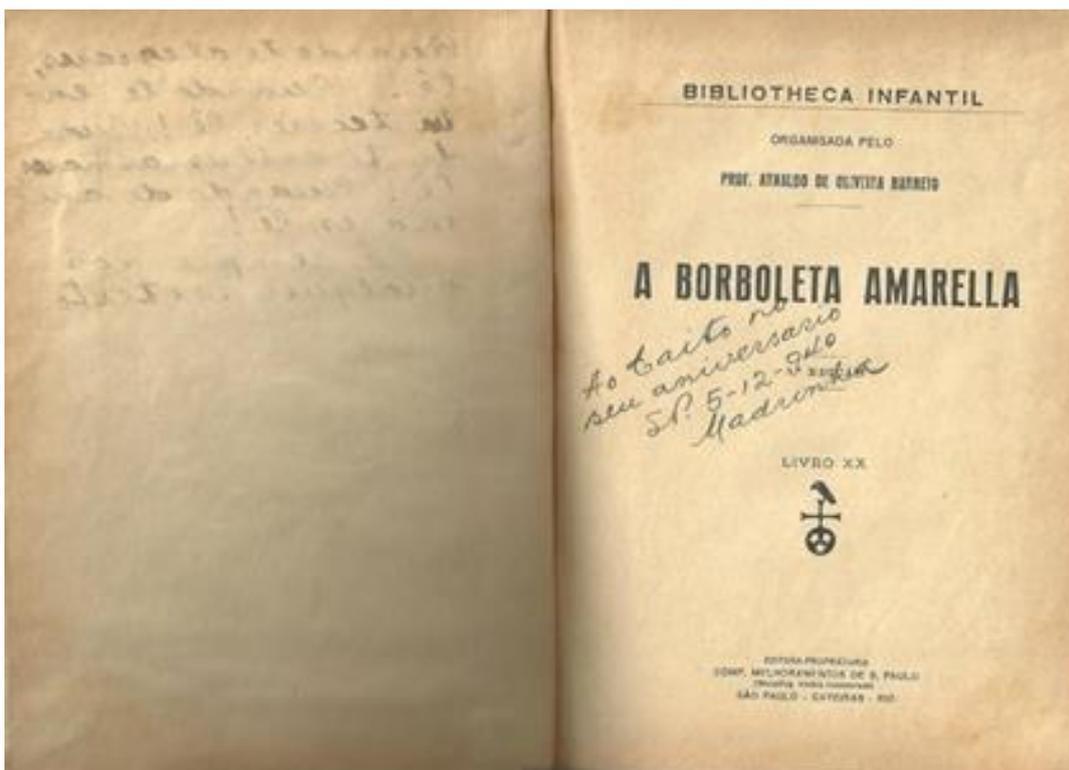
<sup>148</sup> **Armanda Álvaro Alberto** (Rio de Janeiro, 1892/1974). Professora e signatária do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Criou, na década de 20, a Escola Regional de Meriti – localizada no meio rural - ao lado da qual foi organizada a biblioteca “Euclides da Cunha”, aberta a todos, numa iniciativa pioneira na região. A preocupação com melhores condições educacionais no Brasil levou Armanda à presidência da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, em 1923, e à participação na criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924. (MORAES, J. D., 2007).

(A cópia digitalizada do Artigo nos foi gentilmente enviada por José Damiro de Moraes, que em sua tese de doutorado *Signatárias do manifesto de 1932: trajetórias e dilemas* (FE/Unicamp, 2007) pesquisou sobre Armanda A. Alberto, Cecília Meireles e Noemi Silveira Rudolfer).

encontra-se cuidadosa e intencionalmente colada nos três exemplares.

Durante muito tempo esses escritos representaram um desafio à curiosidade da pesquisadora, pois, por terem sido grafados com caneta tinteiro, era possível ver a sombra das letras, sendo, no entanto, impossível decifrar o escrito, mistério que se manteve até o dia em que recebemos a sugestão de colocar o escrito frente a um espelho.

Figura 41 - Dedicatória (Caito)



Fonte: *A borboleta amarella*, 5. ed., s/d. Acervo da Pesquisadora.

Para nossa surpresa e encantamento, foi possível ler o que a Madrinha havia escrito para o garoto em dois dos três livrinhos:

**Texto 1**

Quando te alegrares, lê. Quando te entristeceres, lê! Quando te entusiasmares, lê. Quando desanimares, lê! Lê sempre sob qualquer pretexto.  
(Folha de guarda, colada, de *A Borboleta Amarela*, 5ª edição)

**Texto 2**

Estuda,  
Estuda sempre,  
Estuda e vencerás!"  
(Folha de guarda, colada, de *O anão amarello*, 5ª edição)

Quanto ao terceiro livrinho do conjunto dado de presente a Caito, *O lago das pedras preciosas*, é possível perceber que também traz uma curta mensagem escrita na página de guarda, que também se encontra colada, mas nesse caso não foi possível descobrir seu

conteúdo, uma vez que a sombra deixada pela tinta encontra-se muito esmaecida.

As mensagens fazem pensar na função moralizante e de formação de valores atribuída à literatura infantil por professores e pais, já sobejamente abordada por muitos autores que se dedicam ao estudo do campo. Tradicionalmente, família e escola se unem para oferecer à infância exemplos de bom comportamento e condutas virtuosas, tarefa a que se têm prestado os livros destinados ao público infantil.

A madrinha de Caito ofereceu uma obra destinada à fruição, mas ao que parece quer se assegurar de que o afilhado “aprenda” algo mais, o que justificaria os dizeres que acompanham as dedicatórias, ambos enaltecendo a leitura e o estudo.

Infelizmente, não há como saber quem colou as páginas com as mensagens; pode ter sido o proprietário ou funcionário de um dos sebos por onde os livrinhos passaram, mas também poderia ter sido o próprio Caito, o que indicaria certa indiferença pela máxima moralizante, mas não pela dedicatória feita pela madrinha. Com exceção deste “dano”, no entanto, os três livrinhos se encontram extremamente bem preservados, sem rasgos, rasuras, amassados ou outras marcas de falta de cuidado, o que demonstra o carinho com que foram guardados, pois guardar é não esquecer, é valorizar a lembrança de quem deu o presente.

## 5.2 – “De tudo fica um pouco”<sup>149</sup>

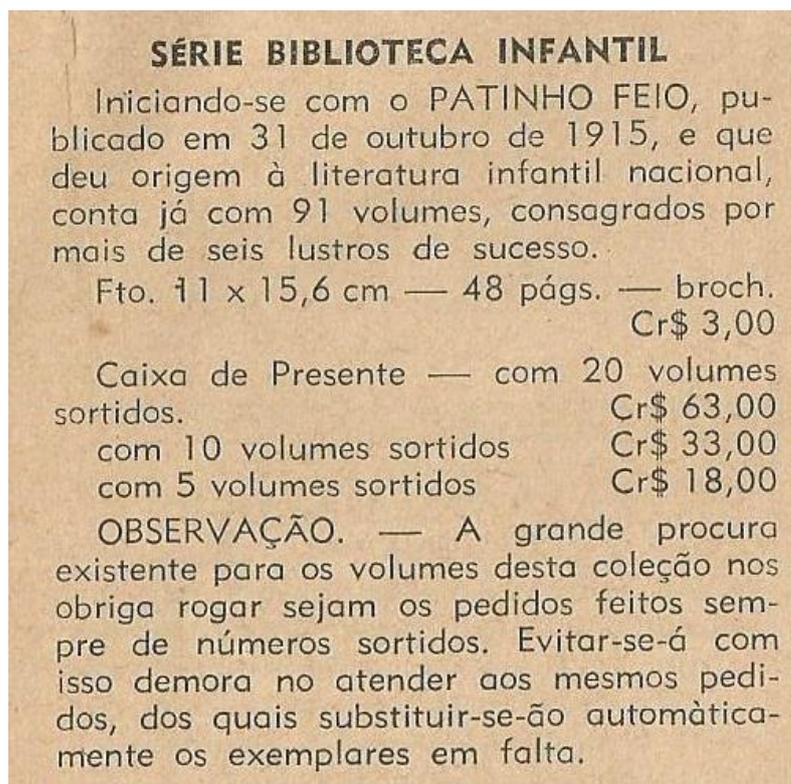
Assim, pode-se dizer, a partir da observação das marcas leitoras e de apropriação deixadas nos exemplares, que a Coleção Biblioteca Infantil circulou no âmbito escolar, mas também extraescolar, sendo seus livros considerados presentes adequados para as crianças pelos adultos que os adquiriram, sejam eles professores, pais, tias, madrinhas; que esta coleção foi lida por meninos e meninas que haviam acabado de completar 6 anos ou de se alfabetizar no 1º ano, mas também por outras crianças que cursavam o 3º e o 4º anos, conforme registros deixados por leitoras em dois exemplares. Que ela, a coleção, fez parte de bibliotecas escolares, mas que também foi presente de Papai Noel para algumas crianças.

O Catálogo das Edições Melhoramentos para 1949/50 informa, de modo categórico, que a Série Biblioteca Infantil “deu origem à literatura infantil nacional” salientando “a grande procura existente para os volumes desta coleção”, o que exigiria atenção na hora de fazer os pedidos, numa demonstração do prestígio conquistado pelos livros, bem como da grande circulação que os títulos parecem ter alcançado.

---

<sup>149</sup> Verso do poema “Resíduo”, de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 42- Página de Catálogo anunciando a Biblioteca Infantil



Fonte: *Catálogo Infantil No 18 - 1949/50* – Edições Melhoramentos, p. 15, IV Grupo – Crianças de 8ª 12 anos).  
Acervo da Pesquisadora.

Os exemplares da Biblioteca Infantil Melhoramentos, que são a maior parte dos livros incluídos no conjunto de obras reunido para a pesquisa, também podem ser vistos como evidência do sucesso da coleção – como propaga o catálogo, uma vez que passaram por várias gerações de leitores, sendo comprados não só por professores, como também por pais e parentes preocupados em oferecer leitura adequada às suas crianças. Eles se impõem, porém, como testemunhas do passado, exemplo eloquente do carinho de alguns leitores que, ao guardá-los, permitiram que se conhecesse, além das histórias, um pouco sobre a circulação e os usos de um tipo de livro infantil que existiu na primeira metade do século XX no Brasil.

Segundo Cunha (2012, p. 19), acerca-se dessas questões pode

produzir conhecimentos, contribuir criticamente com questões singulares ligadas à História da Leitura e suas práticas, tudo se configura como um modo privilegiado de acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de sociabilidades geracionais ligadas aos livros e às suas práticas de leitura.

Para além do interesse acadêmico, no entanto, o contato com livros que pertenceram a leitores de carne e osso, que os leram em sua infância, que cresceram, envelheceram e morreram, mas cujos objetos de afeto permaneceram circulando – desperta em nós uma sensação de perenidade do impresso, fazendo-nos elo dessa comunidade de

leitores, cujas obras continuarão a circular, apesar dos imperativos da passagem do tempo, porque

os livros têm as conotações mais poderosas e sutis, pois nunca são apenas objetos, têm uma voz com a qual falam através do tempo e das vidas, uma voz que só parcialmente depende da sua natureza material. (...) eles são, ao mesmo tempo, relíquias de uma época diferente e de personalidades para sempre jovens, falando como objetos e como livros, a partir de sua própria época e da época do leitor. (BLOM, 2003, p. 228).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### As histórias da vovó<sup>150</sup>

#### A JOIA MÁGICA

- E a vovó que anda agora muito preguiçosinha! exclamou a Luizinha uma noite, depois do chá.

- Menina! Advertiu D. Julia, repreendendo-a.

- Eu não disse isto por mal, mamãe! É que a vovó não quer mais contar aquelas bonitas histórias, que nos contava o ano passado.

- É porque vocês não me procuram mais! disse a vovó. Agora só vivem a falar de botânicas, zoologias, geografias, e não sei mais que diga. Si se chegassem um pouco mais para mim, é claro que eu não interromperia as histórias que estão a reclamar.

- Prompto! Já estou bem chegada! Disse Luiza, com ar brejeiro, levando a sua cadeirinha para bem perto da vovó.

Paulo e Donato fizeram o mesmo.



- Aduladores! Exclamou a boa velhinha, rindo-se da graça das creanças. Pois bem, vou contar uma história, mas é só uma! Não me peçam mais!

- Não pedimos mais, não senhora! Exclamaram os tres, em côro.

- Então, escutem lá.

<sup>150</sup> Puiggari-Barreto. *Segundo livro de leitura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, s/d, p. 111-112.

(Segundo Pfromm Neto [1974, p. 175], em 1904 a série de Livros Puiggari-Barreto ganhou Medalha de prata na Exposição Universal de St. Louis, Estados Unidos).

Este trabalho buscou, ao longo de sua elaboração, levantar dados e fontes primárias que permitissem o encontro com o conteúdo de livros infantis pertencentes aos primeiros tempos de constituição deste campo conhecido como literatura infantil. Através da localização e reunião de fontes primárias, foi possível vislumbrar, ainda que de maneira fragmentada e provisória, uma amostragem ínfima dos livros infantis que circularam entre a infância brasileira no final do século XIX e nas duas décadas iniciais do século XX.

Numa investigação como esta, o acesso a um conjunto de fontes documentais, por vezes, parece remeter a uma ilusória visão de totalidade do passado, que, no entanto, não se sustenta por estar baseada em vestígios e fragmentos esparsos, dispersos em documentos impressos pertencentes a um determinado tempo histórico, reunidos em uma versão marcada por circunstâncias sempre provisórias e mutáveis. Do passado, o pesquisador localiza, reúne e organiza versões e documentos, com os quais consegue construir apenas um relato do que podem ter significado aqueles objetos em um outro tempo e lugar.

Assim, no caso dos livrinhos da Biblioteca Infantil da Editora Melhoramentos, trabalhou-se com fragmentos da existência de uma coleção, dispersos em objetos múltiplos, livros de diferentes edições, com distintos projetos editoriais; uma coleção que se apresenta semelhante, mas nunca igual. Um trabalho de escavação, ressignificado à luz das circunstâncias históricas e das contingências que marcaram o período, inclusive no que diz respeito ao primeiro responsável pela organização da coleção, o professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto.

A pesquisa mostrou que a Biblioteca Infantil da Weiszflog Irmãos, posteriormente Biblioteca Melhoramentos, deve ser relacionada não apenas ao campo mais evidente da literatura para crianças no Brasil, mas também a outro que se encontra vinculado a este primeiro: o da constituição e desenvolvimento de um mercado editorial voltado para a produção de livros infantis destinados a um público que era, simultaneamente, o infantil e o escolar. Segundo Lajolo e Zilberman, o Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto foi um “pedagogo, homem ligado, pois, ao metiê escolar”, sendo que este espaço, a escola, “além de emprestar seu prestígio de instituição às histórias de fadas, é também o espaço onde se encontram os leitores-consumidores visados pelo projeto”. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1987, p. 31).

A atuação intensa de Arnaldo Barreto na escola pública paulista – incluindo-se a reforma de ensino iniciada logo após a instalação do regime republicano (1890-1910) visando à organização e expansão da escola primária graduada (SOUZA, 1998) – permitiu que ele estivesse atento à formação de um público leitor e ao surgimento de um mercado promissor

para os livros infantis – escolares ou não. A sua iniciativa em oferecer à Weiszflog Irmãos o projeto de uma Biblioteca Infantil que se constituiria em sucesso editorial, pode ser entendida como decorrente da percepção que ele teve do potencial deste produto cultural, a partir de seu conhecimento a respeito dos gostos e necessidades do público a que este se destinava.

Ao propor para a Weiszflog Irmãos a publicação da coleção, Arnaldo Barreto já havia acumulado uma longa experiência na escola primária, tendo exercido junto à Diretoria da instrução pública do estado de São Paulo atividades como professor, auxiliar de diretor da Escola Normal, diretor do Ginásio de Campinas e inspetor escolar. Era também autor bem sucedido de livros para uso escolar, todos publicados pela Livraria Francisco Alves, com destaque para duas cartilhas e para a série graduada Puiggari-Barreto, composta por quatro livros de leitura.

Para Coelho (1991, p. 206), os livros graduados de leitura como estes da série escrita por A. Barreto e Romão Puiggari teriam sido, inclusive, os precursores de uma literatura infantil brasileira. Assim, segundo esta autora,

não podemos ignorar os *livros de leitura*, escritos pelos pioneiros, e que foram, no Brasil, a primeira manifestação consciente da produção de leitura específica para crianças. Em última análise, tais livros foram também a primeira tentativa de realização de uma literatura infantil brasileira, mostrando que os conceitos “literatura” e “educação” andaram sempre essencialmente ligados.

Arnaldo Barreto encarnou esse papel apontado por Coelho (1991) com perfeição: foi atuante na área da educação e escreveu livros para crianças, tendo iniciado este trabalho pela escrita de cartilhas e livros graduados de leitura. A página de livro reproduzida na abertura destas considerações faz parte de um dos livros da série Puiggari-Barreto e mostra, ainda que de modo ligeiro, a diferença que os seus autores consideravam existir entre o conteúdo das histórias pertencentes à tradição oral e popular, transmitidas de geração para geração, cuja guardiã é a avó das crianças que são personagens daquela obra, e o saber institucionalizado na forma de disciplinas com conteúdo marcadamente escolar (“botânicas, zoologias, geografias”). Trata-se de dois mundos distintos: o da oralidade, ligado a uma tradição muito antiga, e o da escrita, ligado à escola, que se firmava como instituição no Brasil.

Trata-se, também, de uma prática ligada ao aconchego, ao carinho, que exige a proximidade entre o adulto (avó) e as crianças (netos), que compartilham “bonitas histórias”, ansiosamente esperadas. Mas, pelo que é possível deduzir do diálogo travado entre a avó e a neta, esta atividade fora interrompida pelas obrigações e lições impostas pelo mundo da escola, deixando saudade.

Esta mesma cena seria reproduzida na capa dos livrinhos da primeira fase da Biblioteca Infantil Melhoramentos: uma avó e três crianças, aconchegadas a ela, que abraça o menino que está mais próximo de si. Esta capa tornou-se marca registrada de uma coleção que traz histórias do campo da oralidade, marcadas pela presença de príncipes, princesas e situações da esfera do maravilhoso, sem o compromisso direto com a transmissão de conteúdos didáticos, apesar de ter sido pensada para crianças em idade escolar. Uma coleção que parece inserir-se em um espaço em que os livros de ficção vão ganhando destaque nos impressos produzidos para a criança, incentivando práticas de leitura um pouco distintas da tradição cultural existente até então em nosso país, por atender ao gosto infantil pelo universo da fantasia.

Nesse campo ainda em fase de constituição, os livrinhos da Biblioteca Infantil Melhoramentos podem ter desempenhado aquele papel pensado por Arnaldo Barreto quando assinou o contrato com a Irmãos Weiszflog: o de contribuir para “o cultivo da imaginação e gosto literário da infância brasileira” (MENIN, 1999, p. 153). A pesquisa mostrou que estes livrinhos estiveram presentes no campo escolar através da indicação para serem adotados como leitura complementar nas escolas paulistas, mas também como parte do acervo de bibliotecas escolares, ou até mesmo como presente dado pelas professoras aos alunos e alunas mais aplicados, conforme revelam as dedicatórias e registros diversos encontrados em alguns dos exemplares reunidos.

A pesquisa também mostrou que, juntamente com a Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma, iniciada em 1894 e dirigida por Figueiredo Pimentel, a Biblioteca Infantil idealizada por Arnaldo Barreto foi responsável pelo processo de nacionalização da literatura infantil Brasileira, conforme assinalam Lajolo e Zilberman (1987). Ambas as iniciativas ocupam papel de destaque na história deste campo por terem sido parte do processo que buscou adaptar e publicar, no país, em linguagem acessível às crianças daqui, obras que já circulavam em outros países, especialmente Inglaterra, França e Portugal, constituídas por traduções e adaptações de contos de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Hans C. Andersen, além de outros do folclore nacional, no período que Lajolo e Zilberman (1987, p. 86) denominaram como “fase de estruturação do gênero”.

Mas a Biblioteca Infantil organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto tem um diferencial neste cenário: ela representa o lançamento de um projeto editorial especial, caracterizado pela apresentação dos volumes em formato pequeno e com apenas uma ou duas histórias, ao contrário daqueles da Quaresma, cujas obras traziam dezenas de contos cada

uma, em volumes grossos, muito provavelmente em projeto arquitetado por seu proprietário, Pedro Quaresma, e por seu auxiliar, José de Matos.

No caso dos impressos, a cadeia do polo da produção é sempre fracionada, resultado do trabalho de pessoas que exercem múltiplas funções estanques, sem poder de interferência entre si. Contudo, em relação à Biblioteca Infantil dirigida por Arnaldo Barreto, temos um caso atípico, pois ele parece ter tido autonomia para executar e cuidar desse projeto durante todas as suas etapas. Ele era o adaptador dos textos - portanto o escritor; era também o editor, aquele que decidia o que deveria ser publicado. Finalmente, graças a sua experiência nas artes gráficas, era também quem controlava aspectos técnicos como diagramação, formato e qualidade estética das ilustrações.

O controle de todas essas circunstâncias ligadas ao processo de impressão ou fabricação desse produto cultural chamado livro, que englobam desde a escrita do texto até a apresentação visual das obras, propiciou a Arnaldo Barreto as condições para o lançamento de livros com linguagem mais brasileira, inseridos numa tradição já aceita, com ilustrações bem cuidadas, e, portanto, adequados para ocupar um espaço que havia no mercado editorial de livros infantis, o que acabou por inserir a Weiszflog Irmãos em um novo campo: o da impressão de livros infantis de ficção.

Monteiro Lobato, que tem um papel reconhecido como editor e também como escritor de livros infantis, também exerceria esse papel de escritor e editor das próprias obras a partir de 1920, mas, diferentemente dele, Arnaldo Barreto, que não era dono de editora, teve tal poder outorgado a ele já a partir de 1915, no que talvez seja um indício da importância e do valor que os livros destinados à infância começavam a ter naquele momento.

Esse domínio da cadeia do polo da produção só foi possível graças aos conhecimentos que Arnaldo Barreto adquirira ao longo de sua vida; ao chegar à Weiszflog Irmãos, ele já havia percorrido praticamente toda a cadeia do mundo dos impressos: fora linotipista na infância, tipógrafo na adolescência e juventude, revisor, redator-chefe da *Revista de Ensino* e dono de jornal (*O Correio da Manhã*, de Campinas). Especificamente no campo dos livros, era já autor consagrado de cartilhas e livros didáticos – sendo reconhecido, principalmente, como alguém prestigiado no âmbito escolar. Sendo assim, é compreensível que seus conhecimentos sobre o universo da cultura gráfica tenham contribuído para que a Biblioteca Infantil Melhoramentos fosse apontada na história da literatura infantil como iniciativa inovadora no que diz respeito a projeto gráfico, considerando-se o que já havia publicado no Brasil para o público infantil antes de 1915.

O surgimento da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos representou ainda um deslocamento no eixo de produção dos livros infantis. Ao inaugurar uma prática editorial nova no campo das obras destinadas à infância, a editora Weiszflog/Melhoramentos, estabelecida na cidade de São Paulo, se insere em um mercado do qual ela ainda não participava, garantindo certa distinção em relação aos editores fluminenses especializados em livros para a infância. A Editora Francisco Alves, por exemplo, era reconhecida, principalmente, por seus livros escolares, enquanto a Livraria Quaresma, apesar de também ter sua Biblioteca Infantil, era especializada na publicação de livros “populares”, cujo atrativo principal eram os preços reduzidos e não a excelência na execução gráfica que caracterizava os produtos da Weiszflog.

Evidenciando o sucesso que alcançou, a Biblioteca Infantil Melhoramentos foi publicada durante um período de 43 anos, que marca, no Brasil, o surgimento de um mercado editorial voltado especificamente para o público infantil. Durante o período em que circulou, pode-se dizer que o êxito obtido pela coleção contribuiu para que a Editora Melhoramentos passasse a dedicar uma atenção cada vez maior à publicação de obras de ficção para a infância, através do lançamento de novos autores e obras que ultrapassariam o campo da tradução e da adaptação, consolidando a reputação deste estabelecimento comercial como uma das maiores casas editoras de obras dirigidas ao público infantil no Brasil, o que se mantém ainda no século XXI.

Pela longevidade alcançada, pode-se dizer que a Biblioteca Infantil Melhoramentos tenha exercido também uma função “didática”, ao habituar as crianças daquele momento histórico à prática de uma leitura extensiva. Os livrinhos eram lançados de maneira seriada, ficando a lista dos títulos já publicados registrada na quarta capa de cada exemplar, como uma espécie de sugestão implícita de prováveis aquisições para leituras futuras.

A compra dos exemplares numerados também pode ter contribuído para que muitos leitores iniciassem uma biblioteca própria, através de uma atividade quase lúdica, em que a posse do livro se confundia com a formação de uma coleção.

O tamanho reduzido dos exemplares ainda pode ter estimulado outras práticas de leitura, que não aquela feita pelo adulto (mãe, professora, avó): a da leitura individual e silenciosa pela própria criança, que poderia segurar os volumes - aparentemente feitos para mãos infantis - carregando-os consigo, inclusive durante as brincadeiras. É o que demonstram alguns dos exemplares do conjunto de livros analisado durante a pesquisa, que guardaram

marcas como carimbos com o nome dos leitores proprietários dos livrinhos, além de figuras coladas, desenhos e, até mesmo, garatujas.

Sobre o sucesso editorial alcançado, a influência da Biblioteca Infantil Melhoramentos no mercado de livros infantis deve ter sido bastante significativo. Se em 1921 causou espanto a tiragem de 50.500 exemplares para *A menina do narizinho arrebitado* de Monteiro Lobato, obra adotada posteriormente como livro de leitura para as escolas primárias paulistas, é importante lembrar que entre outubro e dezembro de 1915, portanto seis anos antes, os três primeiros números da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos foram publicados numa tiragem total de 140.000 exemplares, sendo 40.000 para *O patinho feio*, 40.000 para *O soldadinho de chumbo* e 30.000 para cada uma das duas partes de *O velocino de ouro*.

Uma breve retomada das referências encontradas nos estudos sobre a literatura infantil brasileira a respeito do alcance da coleção idealizada por Arnaldo Barreto corrobora a repercussão desta entre as nossas crianças. Arroyo (1988, p. 186-187), por exemplo, destaca o “espírito verdadeiramente renovador” com que Arnaldo Barreto dirigiu a Biblioteca Infantil Melhoramentos, analisando que “o significado revolucionário” da iniciativa de Barreto, “do ponto de vista da criança, parece estar mais na apresentação gráfica dos volumes do que propriamente no conteúdo”. Para este autor, “os livros da série inovavam a leitura para a infância pelo seu aspecto gráfico”, mas ele ressalta o sucesso alcançado pela coleção, ao dizer que ela foi “a mais popular coleção de livros para crianças, como também a única em extensão e seleção de leitura”.

Coelho (1991 e 1995) também se refere ao caráter pioneiro e inovador da coleção, bem como ao efeito que a Biblioteca Infantil Melhoramentos atingiu junto ao público infantil, confirmando o sucesso dessa série editorial, que segundo esta autora “representa um marco na história da literatura infantil em São Paulo” (1995, p. 7), podendo apontar-se seu “pioneirismo na área editorial do livro infantil, pela repercussão que teve junto à meninada” (1991, p. 221).

O estudo dos exemplares reunidos para a pesquisa indica que esse sucesso alcançado pela Biblioteca Infantil Melhoramentos, especificamente no que se refere à sua primeira fase – 1915 a 1925 - possa estar relacionado ao fato de que ela traz elementos da tradição (impostos e reconhecidos pelo mercado), podendo-se citar a escolha do conteúdo das obras, mas que também traz traços de distinção – como a criação de um formato inovador para os exemplares (CHARTIER, 1990).

É possível afirmar que a Biblioteca Infantil Melhoramentos foi uma coleção que “investiu” nas histórias que já faziam parte do (re)conhecido pelas crianças, histórias que circulavam oralmente ou que já estavam presentes em outras obras destinadas a este público, mas que também soube utilizar-se de uma estratégia de conquista de espaço editorial junto ao público que queria atingir. Uma estratégia de quem lança um produto “novo”, mas que sabe e procura atender os gostos e preferências de quem já consome e valoriza o “velho” há longo tempo.

Uma coleção que inovou ao ser inaugurada com *O patinho feio*, de Andersen, e por incluir outras nove histórias deste autor, pouco traduzido e adaptado até então no país. Mais inovadora, ainda, pela escolha de *O velocino de ouro* – em dois volumes, a primeira narrativa do campo da mitologia grega dirigida ao público infantil brasileiro.

Mas, talvez, a mais significativa contribuição de Arnaldo Barreto para a constituição do campo denominado literatura infantil esteja mesmo ligada ao formato dos volumes da coleção e ao seu projeto gráfico e editorial, que sinalizam para novas práticas de leitura do livro infantil. Definitivamente, as dimensões reduzidas dos volumes, o cuidado e o apuro dedicados às ilustrações e à apresentação gráfica dos textos, a capa dura e o caráter de seriação - que orienta para uma leitura extensiva - são aspectos inovadores, que não estiveram presentes em outros livros produzidos no período.

A Coleção instituiu na editora Weiszflog/Melhoramentos e no mercado de livros infantis um novo projeto editorial, pensado para atingir um público específico. Este projeto constituiu-se na criação e lançamento de uma rede de textos em série (CHARTIER, 2001), que têm em comum o fato de serem adaptações de clássicos diversos, de manterem uma identificação quanto ao gênero (contos de tradição oral) e de serem utilizados em um campo de práticas que representa um convite à leitura como entretenimento para o público infantil.

Os livros da Coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos constituem-se, enfim, em histórias de ternura que passaram pelas mãos pequeninas de várias gerações de leitores, alguns dos quais guardaram os livrinhos recebidos de presente de pais, mães, tios, madrinhas e professoras, tornando possível a reunião destes para a realização de uma pesquisa acadêmica, concluída no ano do centésimo aniversário de lançamento de *O patinho feio*, primeiro volume da coleção.

*Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir...*<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> João Guimarães Rosa, in *Grande Sertão: Veredas*, p. 285.

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

#### 1. JORNAIS

1.1 - Periódicos consultados na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, disponíveis em:  
<http://hemerotecadigital.bn.br/>

##### 1.1.1 – JORNAL A NOITE

*A Noite*, 31 jul.1920.

*A Noite*, 2 jul. 1920.

##### 1.1.2 – JORNAL CORREIO DA MANHÃ

*Correio da Manhã*, 18 nov.1920.

##### 1.1.3 - JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS

*Gazeta de Notícias*, 16 set. 1909.

*Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, 17 mar.1922.

##### 1.1.4 - JORNAL DO BRASIL

*Jornal do Brasil*, 1º jan. 1895.

*Jornal do Brasil*, 05 jun. 1924.

##### 1.1.5 - JORNAL A RUA,

*A Rua*, 16 dez. 1915.

##### 1.1.6 – JORNAL O IMPARCIAL

*O Imparcial*, 24 jan. 1914.

##### 1.1.7 – JORNAL O PAIZ

*O Paiz*, 13 mai. 1916.

*O Paiz*, 24 out. 1917.

*O Paiz*, 13 mai.1916.

##### 1.1.8 – JORNAL DIARIO DO RIO DE JANEIRO

*Diario do Rio de Janeiro*, 23 nov. 1869, página 1.

##### 1.1.9 – JORNAL CORREIO PAULISTANO

*Correio Paulistano*, 17 dez. 1888.

*Correio Paulistano*, 28 jul. 1894.

*Correio Paulistano*, 22 jan. 1908.

1.2 A *PROVÍNCIA DE SÃO PAULO* e *O ESTADO DE S. PAULO*, Disponíveis em:  
 <<http://acervo.estadao.com.br/>>

##### 1.2.1 JORNAL A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

*A Província de São Paulo*, 22 set. 1887.

*A Província de São Paulo*, 16 out. 1887.

*A Província de São Paulo*, 19 ago. 1887.

*A Província de S. Paulo*, 17 fev. 1888.

*A Província de S. Paulo*, 19 nov. 1889.

### 1.2.2 JORNAL O ESTADO DE S. PAULO

*O Estado de S. Paulo*, 5 dez. 1891.

*Estado de S. Paulo*, 16 mar. 1893.

*O Estado de S. Paulo*, 11 dez. 1898.

*O Estado de S. Paulo*, 05 nov. 1912.

*O Estado de S. Paulo*, 08 nov. 1912.

*O Estado de S. Paulo*, 11 nov. 1912.

*O Estado de S. Paulo*, 13 nov. 1912.

*O Estado de S. Paulo*, 14 ago. 1912.

*O Estado de S. Paulo*, 16 jun. 1916.

*O Estado de S. Paulo*, 16 jul. 1916.

*O Estado de S. Paulo*, 10 jan. 1931.

### 1.3 FOLHA DA NOITE ,

Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>

*Folha da Noite*, 08 ago. 1924.

## 2. REVISTAS

*Revista de Ensino*, n. 3, Setembro de 1908 – Anno VII. Tipografia do Diário Oficial.

*Revista de Ensino*, n. 4, Outubro de 1902 – Anno II. Tipografia do Diário Oficial.

## 3. OBRAS DIDÁTICAS DE ARNALDO BARRETO

BARRETO, A.. *Leituras Moraes*. São Paulo: Livraria Francisco Alves & C., 5. ed., 1910.

BARRETO, A. e PUIGGARI, Romão. *Quarto Livro de Leitura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909.

ANDERSEN, H.C. *Estórias Maravilhosas*. Adaptação de ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

## 4. OBRAS ADAPTADAS POR ARNALDO BARRETO PARA A BIBLIOTECA INFANTIL MELHORAMENTOS:

(referências organizadas a partir dos dados constantes da capa e da folha de rosto de cada exemplar)

AULNOY, Condessa de. *O anão amarelo. A princesa Papoula*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada, s/d. (Biblioteca Infantil, 24).

\_\_\_\_\_. *O anão amarelo. A princesa Papoula*. 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_. *O anão amarelo. A princesa Papoula*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_. *O anão amarelo. A princesa Papoula*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A veadinha côm de neve. O rei orgulhoso.* São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada, s/d. (Biblioteca Infantil, 25).

\_\_\_\_\_ *A veadinha cor de neve. O rei orgulhoso.* 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A veadinha cor de neve. O rei orgulhoso.* 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

ANDERSEN, H.C. *O patinho feio. O Anjo.* São Paulo: Weiszflog, 1915. (Biblioteca Infantil, 1).

\_\_\_\_\_ *O patinho feio. O Anjo.* 7. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada, s/d. (Biblioteca Infantil, 1).

\_\_\_\_\_ *O patinho feio. O Anjo.* 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d. (Biblioteca Infantil, 1).

\_\_\_\_\_ *O patinho feio. O Anjo.* 14. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d. (Biblioteca Infantil, 1).

\_\_\_\_\_ *O soldadinho de chumbo. O cofre que voa. A pequena vendedora de phosphoros,* 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada, . (Biblioteca Infantil, 2).

\_\_\_\_\_ *O soldadinho de chumbo. O cofre que voa. A pequena vendedora de fósforos,* 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d (Biblioteca Infantil, 2).

\_\_\_\_\_ *O soldadinho de chumbo. O cofre que voa. A pequena vendedora de fósforos,* 14. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d (Biblioteca Infantil, 2).

\_\_\_\_\_ *O isqueiro encantado. O rouxinol.* 5. e 6. ed. Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 4).

\_\_\_\_\_ *O isqueiro encantado. O rouxinol.* 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos

\_\_\_\_\_ *O isqueiro encantado. O rouxinol.* 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos

\_\_\_\_\_ *Os cisnes selvagens.* 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada, . (Biblioteca Infantil, 5).

\_\_\_\_\_ *Os cisnes selvagens.* 5. e 6. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *Os cisnes selvagens.* 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Os cisnes selvagens.* 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Os cisnes selvagens.* 15. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A festa das lanternas. Sing-Sun.* 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 17).

\_\_\_\_\_ *A festa das lanternas. Sing-Sun.* 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *A festa das lanternas. Sing-Sun.* 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A festa das lanternas. Sing-Sun.* 11.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

BARRETO, A. de O. *A galinha dos ovos de ouro. A rainha das abelhas. Os três ramos verdes.* São Paulo: Edições Melhoramentos. (Biblioteca Infantil, 21)

\_\_\_\_\_ *A galinha dos ovos de ouro. A rainha das abelhas. Os três ramos verdes.* 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A galinha dos ovos de ouro. A rainha das abelhas. Os três ramos verdes.* 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

DA MITOLOGIA GREGA. *O vellocino de ouro, 1ª parte.* 6. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 3)

\_\_\_\_\_ *O vellocino de ouro, 2ª parte,* 1915. São Paulo: Weiszflog Irmãos. (Biblioteca Infantil 3)

\_\_\_\_\_ *O vellocino de ouro, 2ª parte*. 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *O vellocino de ouro, 2ª parte*. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O vellocino de ouro, vol. Único*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

DAS MIL E UMA NOITES. *Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro - 1ª parte*. 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 6)

\_\_\_\_\_ *Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro - 2ª parte*. São Paulo: Weiszflog Irmãos.

\_\_\_\_\_ *Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro - vol. Único*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

DO FOLCLORE AFRICANO. *Flôr encarnada. Pérola da manhã*. 1921. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo. (Biblioteca Infantil, 18).

\_\_\_\_\_ *Flôr encarnada. Pérola da manhã*. 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *Flôr encarnada. Pérola da manhã*. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Flôr encarnada. Pérola da manhã*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Flôr encarnada. Pérola da manhã*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Ali-Babá e os quarenta ladrões*. 3. e 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 23).

\_\_\_\_\_ *Ali-Babá e os quarenta ladrões*. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Ali-Babá e os quarenta ladrões*. 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Ali-Babá e os quarenta ladrões*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Ali-Babá e os quarenta ladrões*. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

DO FOLCLORE BRASILEIRO. *O filho do pescador*. 3. ed. Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 11).

\_\_\_\_\_ *O filho do pescador*. 6. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *O filho do pescador*. 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O filho do pescador*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Os três príncipes coroados. O príncipe do limo verde*. São Paulo: Weiszflog Irmãos. (Biblioteca Infantil, 13)

\_\_\_\_\_ *Os três príncipes coroados. O príncipe do limo verde*. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Os três príncipes coroados. O príncipe do limo verde*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Os três príncipes coroados. O príncipe do limo verde*. 14. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O sargento verde. Linda Flor*. 4. e 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 14).

\_\_\_\_\_ *O sargento verde. Linda Flor*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O sargento verde. Linda Flor*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A serpente negra. Naraca e Amira (conto indiano)*. São Paulo: Weiszflog Irmãos. (Biblioteca Infantil, 15)

\_\_\_\_\_ *A serpente negra. Naraca e Amira (conto indiano)*. 4. e 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *A serpente negra. Naraca e Amira (conto indiano)*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A serpente negra. Naraca e Amira (conto indiano)*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A serpente negra. Naraca e Amira (conto indiano)*. 13. ed. São Paulo: São Paulo: Edições Melhoramentos.

DO FOLCLORE CHINÊS. *O lago das pedras preciosas*. 1921. São Paulo: Weiszflog Irmãos. (Biblioteca Infantil, 16).

\_\_\_\_\_ *O lago das pedras preciosas*. 6. ed. revista. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *O lago das pedras preciosas*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O lago das pedras preciosas*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

DOS CONTOS DAS MIL E UMA NOITES. *O califa Storck*, 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 8)

\_\_\_\_\_ *O califa Storck*. 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *O califa cegonha*. 6. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *O califa cegonha*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O califa cegonha*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

FANUS, L. *As três cabeças de ouro. A galinha inteligente*. 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 9).

\_\_\_\_\_ *As três cabeças de ouro. A galinha inteligente*. 6. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *As três cabeças de ouro. A galinha inteligente*. 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *As três cabeças de ouro. A galinha inteligente*. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *As três cabeças de ouro. A galinha inteligente*. 14. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

GRIMM, Irmãos. *O gigante de cabelos de ouro. A princesa dos cabelos cor de ouro. O tri...tri... do Grilo*. 2. e 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 27).

\_\_\_\_\_ *O gigante de cabelos de ouro. A princesa dos cabelos cor de ouro. O tri...tri... do Grilo*. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O gigante de cabelos de ouro. A princesa dos cabelos cor de ouro. O tri...tri... do Grilo*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

IMITAÇÃO. *A pétala de rosa. A cabrinha branca*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 26). (exemplar 1)

\_\_\_\_\_ *A pétala de rosa. A cabrinha branca*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (exemplar 2).

\_\_\_\_\_ *A pétala de rosa. A cabrinha branca*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *A pétala de rosa. A cabrinha branca*. 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *A pétala de rosa. A cabrinha branca*. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A pétala de rosa. A cabrinha branca.* 8. ed. Edições São Paulo: Melhoramentos.  
 \_\_\_\_\_ *A pétala de rosa. A cabrinha branca.* São Paulo: Edições Melhoramentos.

LEGENDAS DO RHENO. *O cavalleiro do cisne. A gatinha branca. Aventuras do pequeno polegar.* São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 28)

\_\_\_\_\_ *O cavalleiro do cisne. A gatinha branca. Aventuras do pequeno polegar.* 2. e 3. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *O cavaleiro do cisne. A gatinha branca. Aventuras do pequeno polegar.* 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O cavaleiro do cisne. A gatinha branca. Aventuras do pequeno polegar.* 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

PERRAULT, C. *O gato de botas. Branca de Neve*, 1921. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 12)

\_\_\_\_\_ *O gato de botas. Branca de Neve.* 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O gato de botas. Branca de Neve.* 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *O gato de botas. Branca de Neve.* 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

SÉGUR, Condessa de. *Memórias de um burro*, 1921. 3.ed. São Paulo: Weiszflog Irmãos. (Biblioteca Infantil, 10).

\_\_\_\_\_ *Memórias de um burro.* 7. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *Memórias de um burro.* 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Memórias de um burro.* 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Memórias de um burro.* 14. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

SEM QUALQUER INDICAÇÃO DE AUTORIA. *A rosa mágica*, 1917. Weiszflog Irmãos. (Biblioteca Infantil, 7)

\_\_\_\_\_ *A rosa mágica.* 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A rosa mágica.* 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A rosa mágica.* 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A rosa mágica.* 14. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Aladino ou a lâmpada maravilhosa*, 1922. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 19).

\_\_\_\_\_ *Aladino ou a lâmpada maravilhosa.* 3. e 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *Aladino ou a lâmpada maravilhosa.* 8 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Aladino ou a lâmpada maravilhosa.* 11 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *Aladino ou a lâmpada maravilhosa.* 12 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A borbolleta amarela. Um verdadeiro juiz. O doutor grilo.* 3. e 4. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 20)

\_\_\_\_\_ *A borbolleta amarela. Um verdadeiro juiz. O doutor grilo.* 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada.

\_\_\_\_\_ *A borboleta amarela. Um verdadeiro juiz. O doutor grilo.* 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A borboleta amarela. Um verdadeiro juiz. O doutor grilo.* 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_ *A borboleta amarela. Um verdadeiro juiz. O doutor grilo.* 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

\_\_\_\_\_. *A gata borralheira. Chapelinho Vermelho. As fadas. O pescador e o peixinho dourado*. 6. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, Weiszflog Irmãos Incorporada. (Biblioteca Infantil, 22).

\_\_\_\_\_. *A gata borralheira. Chapelinho Vermelho. As fadas. O pescador e o peixinho dourado*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

## 5. OUTRAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL DE AUTORES DIVERSOS

ALMEIDA, J. L. e VIEIRA, A. L. *Contos Infantis*. Livraria Francisco Alves, 1922, 14. ed.

ANDERSEN, H. C. *A virgem dos geleiros*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1901.

\_\_\_\_\_. *Andersen's fairy tales*. London: Macmillan, 1911.

\_\_\_\_\_. *Hans Andersen's fairy tales – first series*. Ginn and Company, 1914.

\_\_\_\_\_. *Contes d'Andersen*. Paris: Librairie Hachette, 1924, 16. ed.

\_\_\_\_\_. *Fairy tales*. London and Glasgow: Collins' Clear-Type Press.

\_\_\_\_\_. *Estórias Maravilhosas*. Adaptação de Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

BILAC, O. *Poesias Infantis*. Francisco Alves & Cia. E Aillaud, Alves & Cia., 1913.

CHAGAS, T. *Novos Contos da Carochinha*. Rio de Janeiro: Jacintho R. dos Santos – editor, 1911.

COELHO, F. A. *Contos da Avosinha ou Contos Nacionaes para creanças*. São Paulo: Livraria e oficinas Magalhães, 1918.

GUERRA JUNQUEIRO. *Contos para a Infancia*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria e Editora, 1921, 7. ed.

JANSEN, C. *As aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchhausen*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros-Editores, 1902.

\_\_\_\_\_. *Contos seletos das mil e uma noites*. Rio de Janeiro e São Paulo: 1908, 2. ed.

\_\_\_\_\_. *Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro-São Paulo-Recife: Laemmert & C., 2. ed.

PADILHA, V. *Histórias do Arco-da-Velha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1955. (Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma)

PIMENTEL, F. *Historias de Fadas*. Rio de Janeiro: Livraria J. G. de Azevedo Editor, 1898.

\_\_\_\_\_. *Contos da Carochinha*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1925, 18. ed. (Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma)

\_\_\_\_\_. *Histórias da Baratinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1950. (Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma)

\_\_\_\_\_. *Histórias da avozinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1952. (Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma)

\_\_\_\_\_. *Histórias da Avòzinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, nova edição. (Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma)

SÉGUR, La Comtesse de. *Memoires d'um ane*. Paris: Librairie Hachette, 1922, 37. ed.

\_\_\_\_\_. *Memórias d'um burro*. Livrarias Aillaud e Bertrand (Paris-Lisboa) e Livraria Francisco Alves (Rio de Janeiro), 1915.

\_\_\_\_\_. *Que amor de criança!*. Aillaud & Cia, 1903.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, E.M. *Mobiliário e utensílios domésticos dos lares campineiros (1850-1900)*. Dissertação de Mestrado, Unicamp/IFCH, 2008.

ABREU, M. *Leituras no Brasil Colonial*. (Originalmente publicado em *Remate de Males*, revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP), nº 22, Campinas – São Paulo, 2002, p. 131-163. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/leituras-reading-br.pdf>. Acesso em: fev./2014.

ALBERTO, A. A. *Resultado do inquérito sobre leitura infantil, realizado em julho de 1926, pela seção de Cooperação da família*. **Educação** - Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública e da Sociedade de Educação de São Paulo. v. III. nº 1. São Paulo, abril de 1928.

ALMEIDA, M. I. de; QUEIRÓZ, S. *Na captura da voz – as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica: FALE/UFMG, 2004.

AMERICANO, J. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1957.

ANDERSEN, H. *Estórias Maravilhosas*. Adaptação de Arnaldo de Oliveira Barreto. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

ARENDDT, H. *Homens em tempos sombrios*; trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARROYO, L. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1963. Coleção Ensaio.

AZEVEDO, C. L. de e outros. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.

BENCOSTTA, M. L. A. *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869 – 1892*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1996. (Coleção Campiniana, 3)

BENJAMIN, W. “Velhos livros infantis”. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

\_\_\_\_\_. “Desempacotando minha biblioteca. Um discurso sobre o colecionador”. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única Obras Escolhidas*, v. II. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BERNARDES, V. C. *Um estudo sobre Cartilha Analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)*. Trabalho de Conclusão de Curso, UNESP/FFC, 2003.

BLOM, P. *Ter e manter*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRAGANÇA, A. “A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: *Leitura, história e história da leitura* / Márcia Abreu (org.) – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Francisco Alves, uma editora sesquicentenária* (1854-2004). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0631-1.pdf>>, acesso em 21/mai./2014.

BRESCIANI, M. S. *Condições de vida do escravo na província de São Paulo no séc. XIX*. Ver. Arq. Mun. São Paulo, ano 42, nº 192, Janeiro a Dezembro de 1979.

BROCA, B. *O repórter impenitente*; coordenação: Alexandre Eulálio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

CALLAGE, R. *Rincão*, 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924. P. 47-49.

CALVINO, I. *Fábulas Italianas*: coletadas na tradição popular durante os últimos cem anos e transcritas a partir de diferentes dialetos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANTUÁRIA, A. L. *A escola pública e a competência escolar: o caso do colégio Culto à Ciência de Campinas*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 2000.

CARVALHO, D. B. A. de. *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil*. Tese de Doutorado, PUC-RS, 2006.

CARVALHO, M. M. C. *A escola e a República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 9. ed., Ediouro Publicações, s/d.

CATANI, D. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, R. “Textos, impressos, leituras”. In *A História Cultural – entre práticas e representações*, RJ. Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

\_\_\_\_\_. “Do livro à leitura”. In: *Práticas da Leitura* (Org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CLAUDIO, I. *Era uma vez...* Revista ISTOÉ SENHOR, Nº 1096, 19/9/1990, p. 88.

COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. São Paulo: EDUSP, 1995.

CUNHA, M. T. S. C.. *Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina: UDES, 2009.

\_\_\_\_\_. “Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense” (décadas de 20 a 60 do século XX). *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 35, n.1, p. 18-27, jan./abr. 2012.

DARNTON, R. “Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamã Ganso” in *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

D’AVILA, A. *Literatura infanto-juvenil*. 3. Ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1964. Vol. 20. (Coleção didática do Brasil. Série Normal).

DONATO, H. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

DUTRA, E. de F. “Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”. In BRAGANÇA, A. e ABREU, M. (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

EL FAR, A. *Páginas de Sensação – Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

*ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL – Brasil de A a Z*. São Paulo: Ed. Universo, 1988.

FARIA, M. I. R. de. *Dicionário do Livro: Da Escrita ao Livro Eletrônico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: Sua História*. 2ª. Ed. revista e ampliada. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HAWTHORNE, N. *A wonder-book and Tanglewood tales*. London: George G. Harrap & Co. Ltd., 1925.

\_\_\_\_\_. *Contos da Grécia antiga*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

\_\_\_\_\_. *Narrativas e lendas da antiga Grécia*. São Paulo: Edições Paulistas, 1971 (não consta o nome do tradutor).

\_\_\_\_\_. *Um livro de maravilhas para meninas e meninos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho e Mônica Maria Veronezzi Rizzolo. São Paulo: Landy, 2001.

HUERTAS, J. M. M. *Classical myths as Capital Readings for children: On two mythological books by Nathaniel Hawthorne, A wonder-book for girls and boys (1852) and Tanglewood tales (1853)*. Trabalho de conclusão de grau: Universidad de Jaén, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Julho de 2014. Disponível em:

<[http://tauja.ujaen.es/bitstream/10953.1/856/7/TFG\\_MarinHuertas,JoseManuel.pdf](http://tauja.ujaen.es/bitstream/10953.1/856/7/TFG_MarinHuertas,JoseManuel.pdf)>

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira – História & Histórias*. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEÃO, A. B. “A Condessa de Ségur no Brasil - Fortuna editorial e recriação literária nas Edições de Ouro”, Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 2007.

\_\_\_\_\_. *Além da nação: Sophie de Ségur no campo literário infantil brasileiro*. Disponível em: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/3407.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3407.pdf)>, acesso em 20/jan./2014.

\_\_\_\_\_. *Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1890-1915)*, tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade de São Paulo, 2002.

LYONS, M. *Livro: uma história viva*; trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2011.

MACHADO, A. M. *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MACHADO, U. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MARCÍLIO, M. L. *História da escola em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, 2014.

MAZIERO, M.D.S. *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* Dissertação de mestrado: FE/UNICAMP, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

\_\_\_\_\_. “Literatura Infantil na *Revista de ensino* da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (Abril/1902 a fevereiro/1904)”, disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais.php>, acesso em: 15/mai./2014.

MAZIERO, M.D.S. e FERREIRA, N.S.A. *Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos: um novo formato para o livro literário infantil (1915-1925)*. IX Jogo do Livro e III Fórum ibero-americano de letramentos e aprendizagens: CEALE/UFMG, 2011.

MELO, L. C. de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli S.A, 1954.

MENIN, A. M. da C. S. *O patinho feio de H. C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*. Tese de Doutorado, UNESP/FCL, 1999.

MONARCHA, C. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.

MORAES, J. D. *Signatárias do manifesto de 1932: trajetórias e dilemas*. Tese de Doutorado: FE/Unicamp, 2007. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Castanho.

MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, F. D. A. de. *A formação do oficial de máquinas da Marinha Mercante do Brasil*. Dissertação de Mestrado: FE/Unicamp, 1996.

OLIVEIRA, F. R. de e TREVISAN, T. A. *Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da Comissão Revisora de 1918*. História da Educação (Online), Porto Alegre: v. 19, n. 45, Jan./abr./1915, p. 103-125.

PAIXÃO, F. *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

PAULA, C. F. de (1946), *Culto à Ciência: Colégio, Ginásio e Colégio Estadual*, Monografia Histórica, Campinas.

PERRAULT, C. *Contos de Perrault*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1994.

*POLIANTÉIA COMEMORATIVA DO 1º CENTENÁRIO DO ENSINO NORMAL DE S. PAULO (1846-1946)*. São Paulo: Gráfica Brescia, 1946.

RAZZINI, M. de P. G. “Livros e Leitura na Escola Brasileira do século XX”, in STEPHANOU, M. e BASTOS, M. H. C. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, Vol. III – Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REIS FILHO, C. dos. *A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista*. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

RIBEIRO, B. *Protestantismo e Cultura Brasileira (Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil)*. S. Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

ROMERO, S. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

SALEM, N. *História da Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

SANTOS, M. L. C. K. *Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul – 1876-1958*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU Publicações; Arte Escrita, 2007.

SOARES, G. P. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. “Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidades das Edições Melhoramentos dos primórdios à década de 1960”. In BRAGANÇA, A. e ABREU, M. *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SOUZA, R. F. “Lições da Escola Primária”. In Saviani, D. et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

\_\_\_\_\_. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

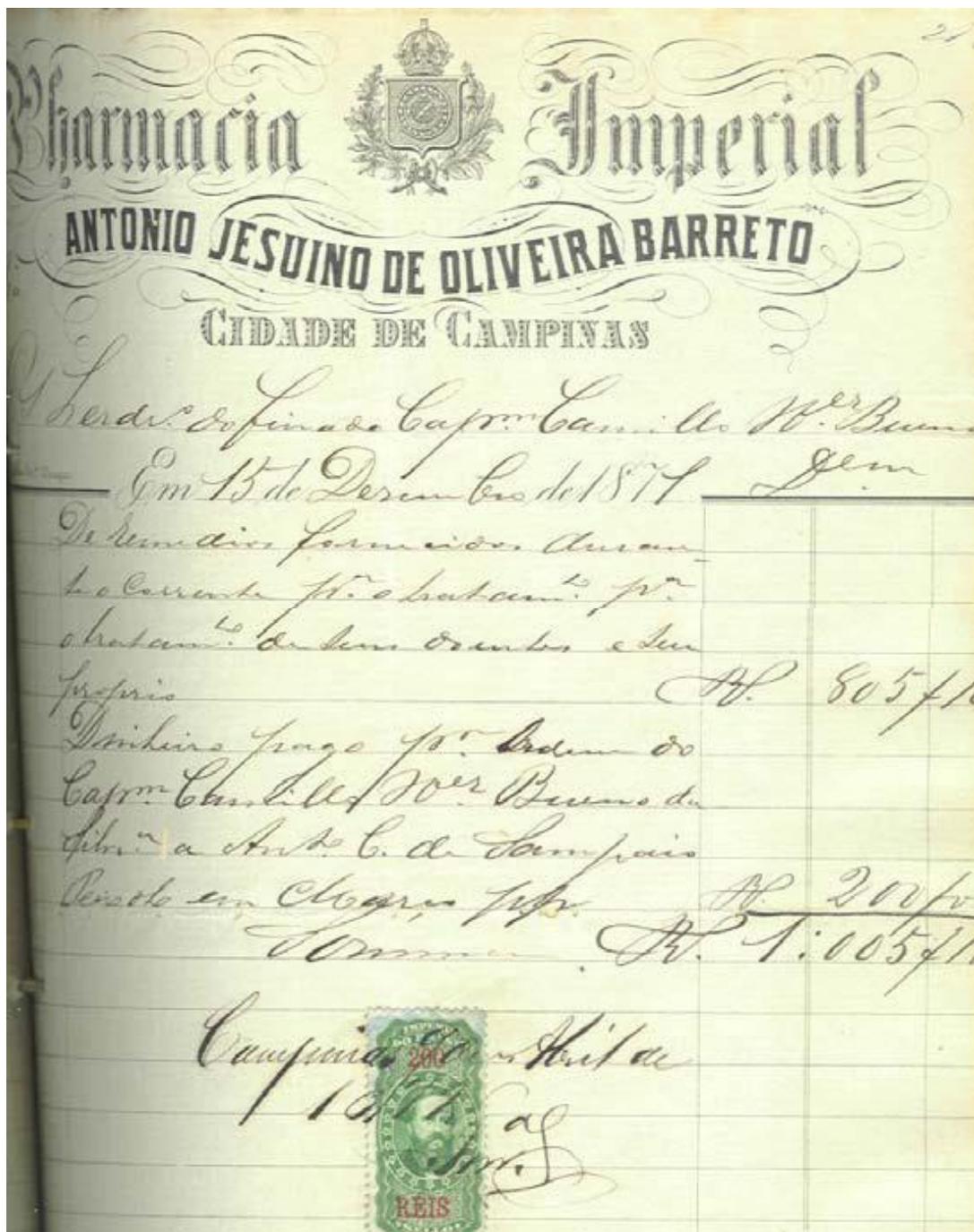
\_\_\_\_\_. *Alicerces da pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLOBUEF, K. “Os Irmãos Grimm e a coleta de contos populares de língua portuguesa”, 2009. Artigo disponível em: <<http://www.epocadegoethe.com.br/#!publicacoes/c1vjh>> (acesso em 17/mai./2015)

**ANEXOS**

## Anexo 1

Nota Fiscal de 1871, da Pharmacia Imperial, de propriedade do Sr. Antonio Jesuino de Oliveira Barreto, localizada no Largo do Rosário, em Campinas/SP.

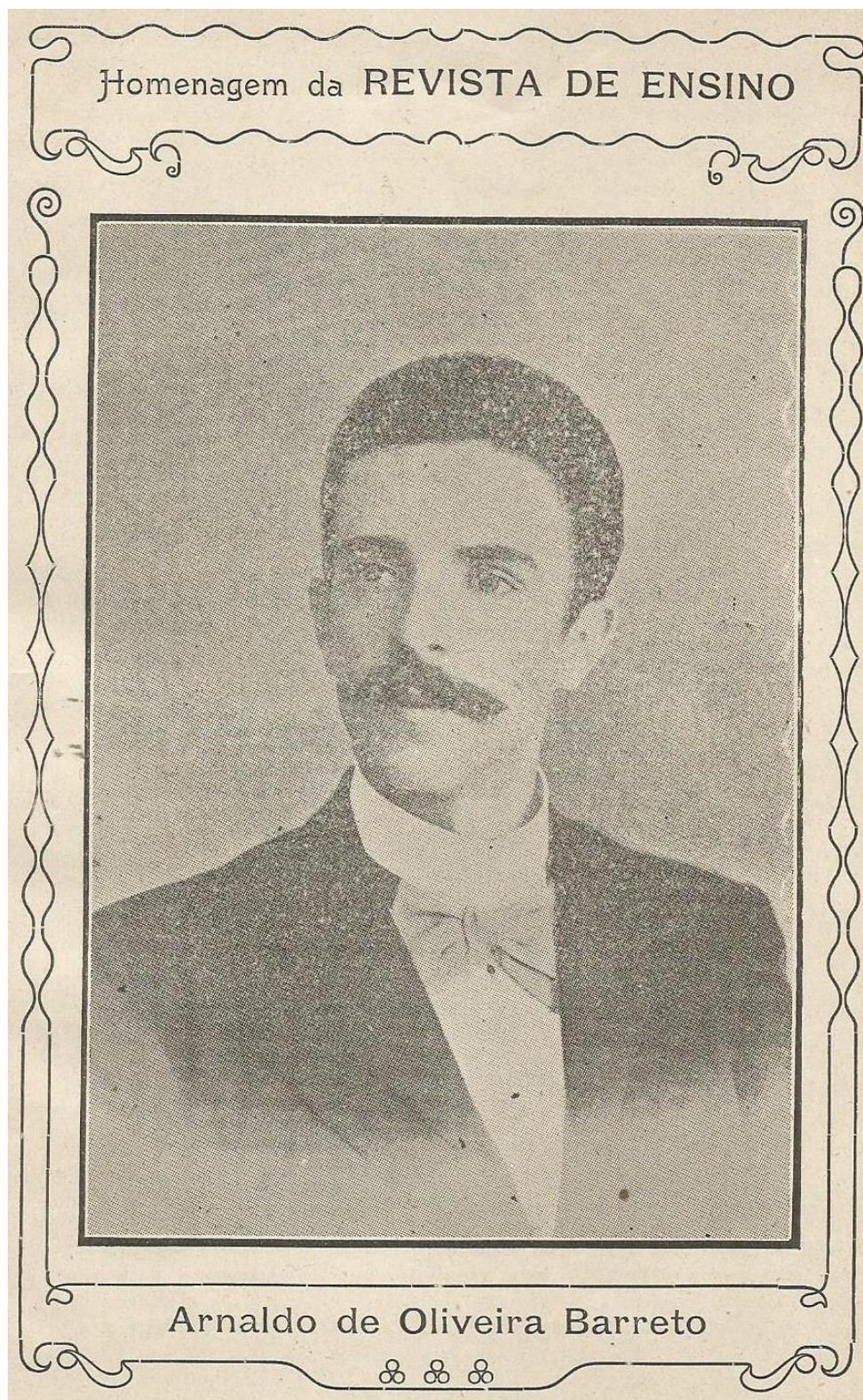


Fonte: ABRAHÃO, E.M. *Mobiliário e utensílios domésticos dos lares campineiros (1850-1900)*. Dissertação de Mestrado, Unicamp/IFCH, 2008.

Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000426683&fd=y>>, acesso em: 26/03/2012)

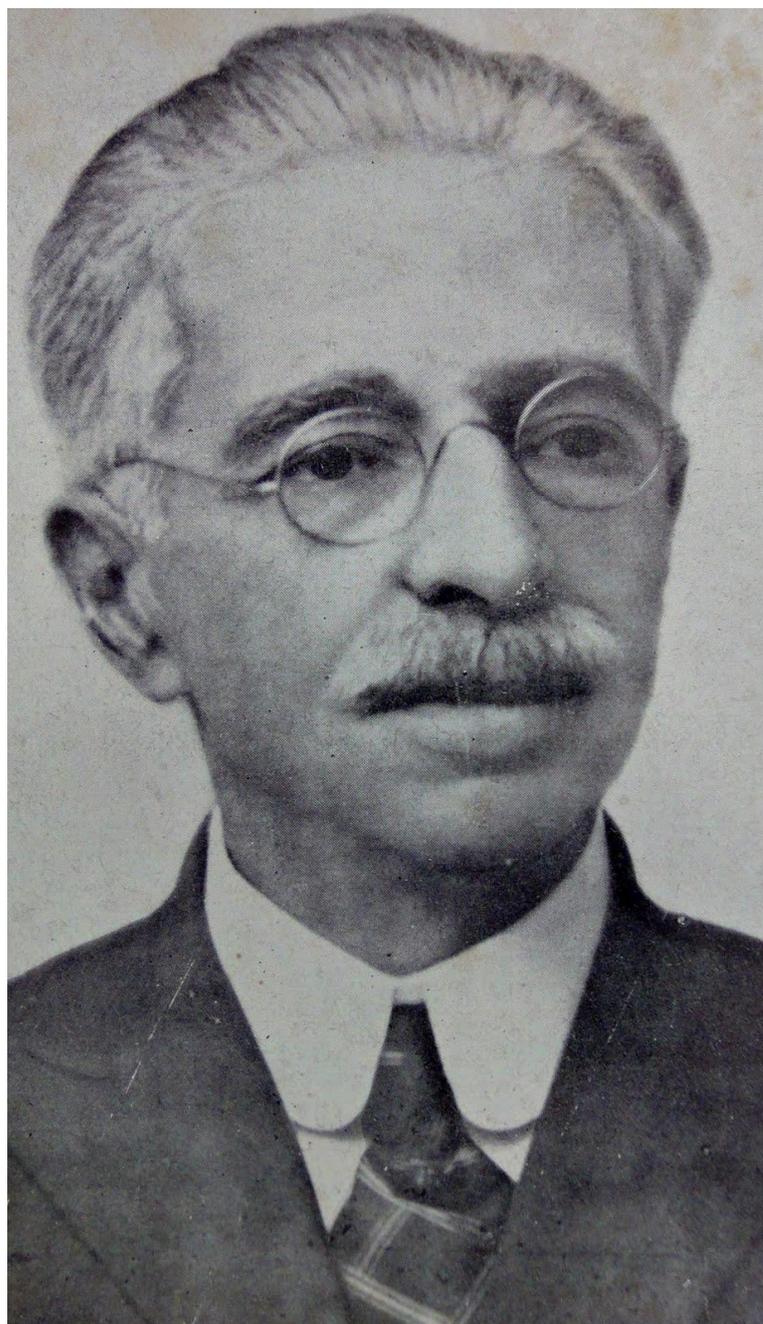
**Anexo 2 – Imagens de arnaldo barreto, encontradas em fontes diversas**

**Imagem 1:** Arnaldo Barreto aos 39 anos de idade.



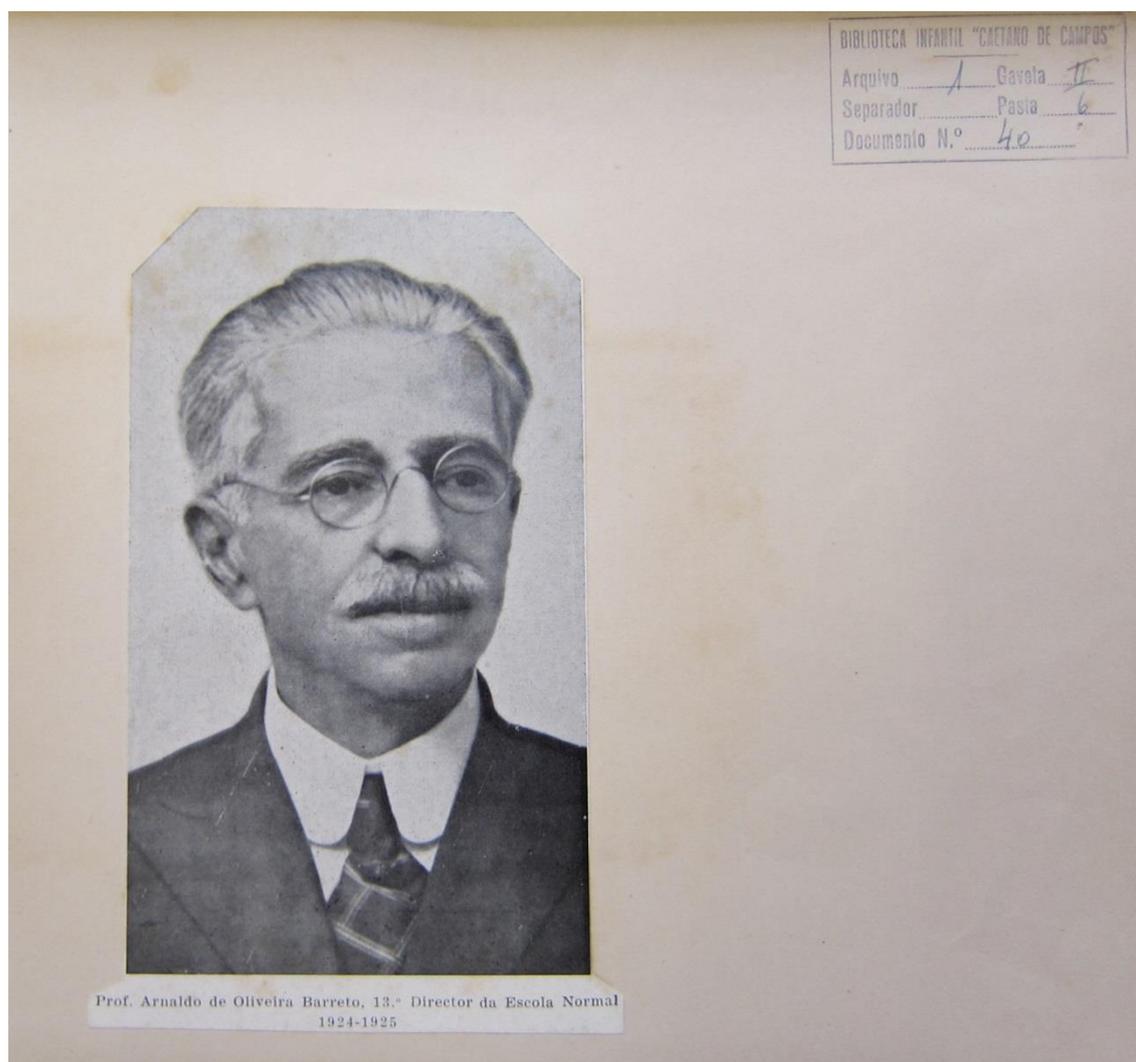
Fonte: *Revista de Ensino*, nº 3, Setembro de 1908, p. 7.

**Imagem 2:** Arnaldo Barreto, provavelmente na década de 20 do século XX.



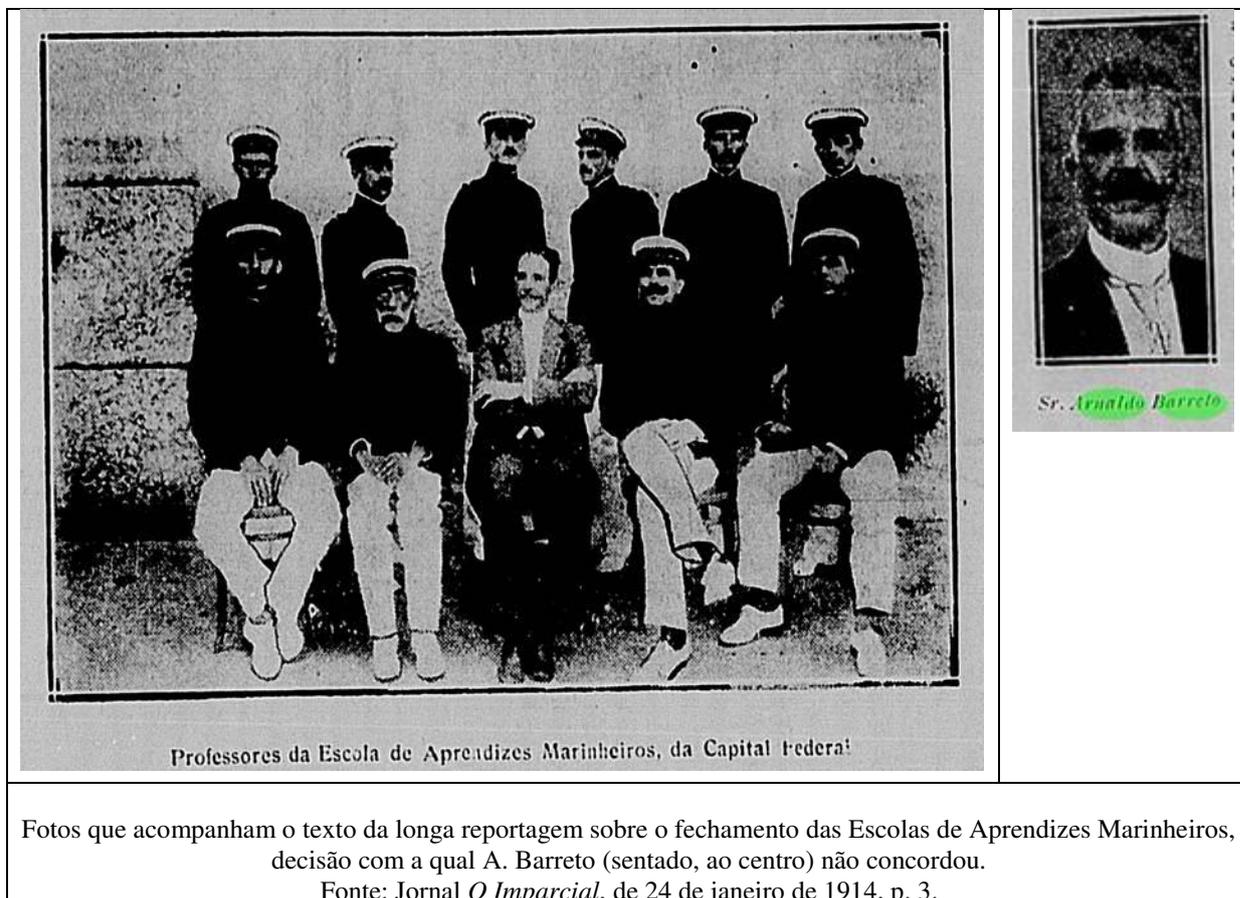
Fonte: *POLIANTÉIA COMEMORATIVA DO 1º CENTENÁRIO DO ENSINO NORMAL DE S. PAULO* (1846-1946). São Paulo: Gráfica Brescia, 1946.

**Imagem 3:** foto encontrada em registros da Biblioteca Infantil “Caetano de Campos”

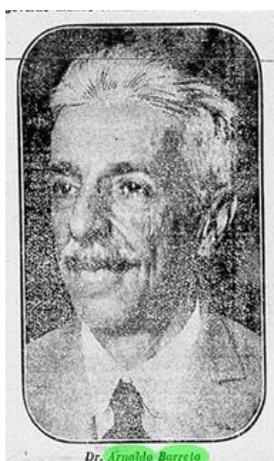


Fonte: Arquivos da Escola Normal Caetano de Campos

**Imagem 4:** Arnaldo Barreto em companhia dos Professores da Escola de Aprendizes Marinheiros, no Rio de Janeiro.



**Imagem 5**



**Imagem 6**

Foto que acompanha reportagem sobre a Escola Profissional na Ilha de Mocanguê, no Rio de Janeiro, mantida pela Companhia de Navegação do Lloyd Brasileiro. Pelas informações trazidas pelo texto, a escola havia sido fundada há apenas cinco meses, com o objetivo de proporcionar instrução aos aprendizes das oficinas do Lloyd.

*Fonte: Jornal Gazeta de Notícias, de 17 de março de 1922, p. 2*

### Anexo 3 – Ficha funcional de Arnaldo Barreto

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

COPIA DA FICHA DE EXERCÍCIO DA SR. ARNALDO OLIVEIRA BARRETO

- 28-jan-1892 - Por decreto desta data foi nomeado para reger a 1ª. escola da cidade de Batataes.
- 14-mar-1893 - Por decreto desta data foi removido para a escola do Bairro de Rebouças, em Campinas.
- --- ---- - Por decreto desta data foi removido para a 2ª. escola Modelo da Capital.
- 1-fev-1896 - Por decreto desta data foi nomeado para exercer, em comissão, o cargo de diretor do G.E. de Lorena.
- 13-jan-1897 - Por decreto desta data foi dispensado, a pedido, da comissão, acima.
- 3-set-1897 - Por decreto desta data foi nomeado para o cargo de auxiliar de diretor da Escola Normal da Capital.
- 2-jan-1906 - Por decreto desta data foi nomeado diretor do Ginásio do Estado, de Campinas.
- 3-fev-1911 - Por decreto desta data foi nomeado para o cargo de inspetor escolar.
- 18-abr-1917 - Por decreto desta data foi-lhe concedida aposentadoria nos termos do art. 62 da Constituição Política do Estado, art. 1º letra "b", da Lei nº 985, de 31-13-1905, visto achar-se fisicamente impossibilitado de continuar a exercer o seu cargo e ter provado contar 24 anos e 12 dias de efetivo exercício.
- 8-ago-1924 - Por decreto desta data foi, em vista dos termos do laudo da inspeção a que foi submetido a 7-8-24, nomeado interinamente, lente da cadeira de Didática da Escola Normal da Capital.
- 2-out-1924 - Por decreto desta data foi nomeado diretor da Escola Normal da Capital.
- 9-out-1924 - Por decreto desta data foi dispensado a pedido, da cadeira de Didática do mesmo estabelecimento.
- Nota- Falecido a.....

Diretoria do Pessoal, 2ª. Seção , 22 de junho de 1944.

(a) Paulo Marcondes Vieira

Secretaria da Educação e Saúde Pública  
Diretoria do Pessoal  
2ª. Seção

Visto

(a) José R. Santanna

(a) Ilegível

## Anexo 4 – Conjuntos de obras reunidos para a pesquisa

### Conjunto 1 – Biblioteca Infantil Melhoramentos – 1ª Parte

(Organizada pelo Prof. Arnaldo Barreto)

TÍTULO E HISTÓRIAS TRAZIDAS EM CADA VOLUME	EDIÇÕES (DO ACERVO)	AUTORIA INDICADA NA CAPA DO EXEMPLAR	ILUSTRADOR
1. <i>O patinho feio/ O anjo</i>	Edição fac-similar; 7ª; 11ª; 14ª.	Hans Andersen	F. Richter
2. <i>O soldadinho de chumbo/ O cofre que voa/A vendedora de fósforos</i>	3ª; 11ª; 14ª ed.	Hans Andersen	F. Richter
3. <i>O vellocino de ouro</i> (dois volumes)	1ª parte – 6ª; 2ª. parte - N/C; 2ª. parte - 4ª Ed.; 2ª parte - 7ª ed; Vol. Duplo: 9ª ed.	“Da Mythologia Grega”	F. Richter
3A. <i>Os príncipes gêmeos</i> (Substituiu <i>O vellocino de ouro</i> )	N/C	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni
4. <i>O isqueiro encantado / O rouxinol</i>	5ª e 6ª; 12ª; 13ª; N/C	Hans Andersen	F. Richter
5. <i>Os cisnes selvagens</i>	4ª; 5ª e 6ª; 10ª; 13ª; 15ª	Hans Andersen	F. Richter
6. <i>Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro</i> (dois volumes)	1ª parte: 4ª ed; 2ª parte: N/C; Vol. Duplo: 9ª ed.	Não indicada	F. Richter
6A. <i>O leão obediente</i> (subst. de <i>Sindbad</i> )	N/C	Ofélia e Narbal Fontes	Waldemar Amorante
7. <i>A rosa mágica</i>	N/C; 10ª; 12ª; 13ª; 14ª	Não indicada	F. Richter
8. <i>O califa cegonha</i>	4ª; 5ª; 9ª; 11ª	“Dos contos ‘Mil e uma Noites’”	F. Richter
9. <i>As três cabeças de ouro</i>	3ª; 6ª; 10ª; 13ª; 14ª	L. Fanus	F. Richter
10. <i>Memórias de um burro</i>	N/C; 7ª; 12ª; 13ª; 14ª	Condessa de Ségur	F. Richter
11. <i>O filho do pescador</i>	3ª; 6ª; 10ª; 12ª	“Do folclore brasileiro”	F. Richter
12. <i>O gato de botas/Branca de Neve</i>	2ª; 11ª; 12ª; 13ª	Perrault	F. Richter
13. <i>Os três príncipes coroados / O príncipe do limo verde</i>	N/C; 8ª; 12ª; 14ª	“Contos do folk-lore brasileiro”	F. Richter
14. <i>O sargento verde</i>	4ª e 5ª; 9ª; 12ª	“Contos do folk-lore brasileiro”	F. Richter
15. <i>A serpente negra</i>	N/C; 4ª e 5ª; 9ª; 12ª; 13ª	“Contos do folk-lore brasileiro”	F. Richter

TÍTULO E HISTÓRIAS TRAZIDAS EM CADA VOLUME	EDIÇÕES (DO ACERVO)	AUTORIA INDICADA NA CAPA DO EXEMPLAR	ILUSTRADOR
16. <i>O lago das pedras preciosas</i>	N/C; 6ª; 9ª; 11ª	“Contos do folk-lore chinês”	F. Richter
17. <i>A festa das lanternas</i>	4ª; 5ª; 8ª; 11ª	Hans Andersen	F. Richter
18. <i>Flor encarnada / Pérola da manhã</i>	N/C; 7ª; 11ª; 12ª	“Contos do folk-lore Africano”	F. Richter
19. <i>Aladino ou a lâmpada maravilhosa</i>	N/C; 3ª e 4ª; 8ª; 11ª; 12ª	Não indicada	F. Richter
20. <i>A borboleta amarela / Um verdadeiro juiz/O doutor grilo</i>	3ª e 4ª; 5ª; 8ª; 11ª; 12ª	Não indicada	F. Richter
21. <i>A galinha dos ovos de ouro / A rainha das abelhas/Os três ramos verdes</i>	N/C; 11ª; 12ª	Arnaldo de Oliveira Barreto	F. Richter
22. <i>A gata borralheira / Chapelinho Vermelho/ As fadas/ O pescador e o peixinho dourado</i>	6ª; 9ª	Não indicada	F. Richter
23. <i>Ali-Babá e os quarenta ladrões</i>	3ª e 4ª; 8ª; 10ª; N/C	“Das Mil e uma Noites”	F. Richter
24. <i>O anão amarelo / A princesa Papoula</i>	2ª; 5ª; 9ª; 11ª	Condessa de Aulnoy	F. Richter
25. <i>A veadinha cor de neve / O rei orgulhoso</i>	N/C; 7ª; 9ª	Condessa de Aulnoy	F. Richter
26. <i>A pétala de rosa / A cabrinha branca</i>	N/C; 2ª; 5ª; 7ª; 8ª; NC; NC	“Imitação”	F. Richter
27. <i>O gigante de cabelos de ouro / A princesa dos cabelos cor de ouro / O tri...tri... do grilo</i>	2ª e 3ª; 7ª; 11ª	“Pelos Irmãos Grimm”	F. Richter
28. <i>Cavalleiro do cysne / A gatinha branca / Aventuras do pequeno polegar</i>	N/C; 2ª e 3ª; 7ª; N/C	“Lendas do Rheno”	F. Richter
<b>TOTAL DE EXEMPLARES: 118</b>			

**Conjunto 2 – Biblioteca Infantil Melhoramentos – 2ª Parte**  
(Orientação do Prof. Lourenço Filho)

Nº	TÍTULO	ADAPTADOR/AUTOR	ILUSTRADOR	OBSERV.
29	<i>História do Jacinto</i>	A. Hummel	Oswaldo Storni	3 exempl.
30	<i>O coração que vê tudo</i> <i>Cada macaco no seu galho</i>	João Câmara	Fernando D. da Silva	
31	<i>Amoras de ouro</i> <i>Os sapatos preciosos</i> <i>O hábito não faz o monge</i>	João Câmara	Percy Lau	

Nº	TÍTULO	ADAPTADOR/AUTOR	ILUSTRADOR	OBSERV.
32	<i>O reino da bondade A lâmpada da verdade Há males que vêm para bem</i>	João Câmara	Oswaldo Storni	
33	<i>O jardim e outras histórias (mais 17 histórias curtas, com títulos relacionados a flores e frutos)</i>	Cônego Schimid	Oswaldo Storni	
34	<i>Cumprimento de uma promessa (e mais 17 histórias curtas)</i>	Cônego Schimid	Oswaldo Storni	
35	<i>O sol (e mais 17 histórias curtas)</i>	Cônego Schimid	Oswaldo Storni	
36	<i>A bondade de Deus (e mais 18 histórias curtas)</i>	Cônego Schimid	Oswaldo Storni	
37	<i>O tesouro escondido (e mais 20 histórias curtas)</i>	Cônego Schmid	Geza Kaufmann	
38	<i>As pedras preciosas (e mais 23 histórias curtas)</i>	Cônego Schmid	Geza Kaufmann	
39	<i>Dívida sagrada (e mais 18 histórias curtas)</i>	Cônego Schimid	Oswaldo Storni	
40	<i>O fidalgo e o mendigo (e mais 23 histórias curtas)</i>	Cônego Schimid	Não consta	
41	<i>No reino das fadas</i>	Jerônimo Monteiro	Oswaldo Storni	
42	<i>Viagens maravilhosas de Gulliver</i>	Jonathan Swift Adapt. Barros Ferreira	Percy Lau	
43	<i>Caminhando para a estrela / O ursinho curioso</i>	Jaçanã Altair	Manoel V. de A. Filho	
44	<i>Aventuras de Dom Quixote de La Mancha</i>	Não consta	Não consta	
45	<i>As extraordinárias aventuras de Robinson Crusóe</i>	Daniel Defoe Adapt. Barros Ferreira	Nicola Rosso	
46	<i>O cavaleiro da lança encantada (seis episódios dos quais Parsival e outros cavaleiros da Távola Redonda são personagens)</i>	Não consta	Nikolaus Von Mengden-Altenwoga	
47	<i>O cavaleiro sem igual (Adaptação da "Canção de Rolando" que narra os feitos de Carlos Magno)</i>	Barros Ferreira	Oswaldo Storni	
48	<i>As histórias fantásticas do Barão de Munchhausen</i>	G. Bürger/adapt. Barros Ferreira	Fernando Dias da Silva	
49	<i>O rei imprudente (Adaptação da lenda do rei Lear)</i>	Barros Ferreira	Oswaldo Storni	
50	<i>A conquista da cidade sagrada</i>	Barros Ferreira	Não consta	2 exempl.
51	<i>O jabuti e o teiú (5 histórias "da tradição brasileira")</i>	Renato Sêneca Fleury	Jean Gabriel Villin	
52	<i>O pequeno polegar / A cabrinha teimosa / O filho do xeque</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
53	<i>O mercador e o gênio / A camponesa que salvou o príncipe</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
54	<i>Celeste e sua madrinha</i>	Leona Pereira Guilherme	Luigi Bertolini	
55	<i>Histórias de bichos (sete histórias do folclore brasileiro)</i>	Renato Sêneca Fleury	Não consta no de c. dura (Hilde Weber)	
56	<i>O caçador sem medo (Adaptação da história de Guilherme Tell)</i>	Barros Ferreira	Fernando Dias da Silva	

Nº	TÍTULO	ADAPTADOR/AUTOR	ILUSTRADOR	OBSERV.
57	<i>O gigante da fama (extraído do “Romancero” de Cid, o Campeador)</i>	Barros Ferreira	Oswaldo Storni	
58	<i>A vingança do João-de-Barro / A jóia encantada / Quem faz o bem</i>	Renato Sêneca Fleury	Hilde Weber	
59	<i>As duas gatas pretas / As maçãs do escravo</i>	Renato Sêneca Fleury	Carlos Estevão de Sousa	
60	<i>Os três cisnes / Chipe, chipe, minha gata!...</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
61	<i>Os três cavalos encantados / “Já acabou...”</i>	Renato Sêneca Fleury	Parlagreco	
62	<i>A rabequinha maravilhosa / Os vestidos da condessa / Gata borralheira</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
63	<i>Os vasos de ouro / As rosas do dragão (da trad. Brasileira)</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
64	<i>Pedro Malasartes / O macaco e a quitandeira / O lavrador e o lobo</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
65	<i>As três noivas / O leão e o galo / o príncipe e o juiz</i>	Renato Sêneca Fleury	Jean Gabriel Villin	
66	<i>A escrava que se tornou princesa / Por que o urubu não tem casa? / O gato comilão</i>	Renato Sêneca Fleury	Fernando Dias da Silva	
67	<i>Histórias do pai João (do folclore afro-brasileiro) – 5 histórias</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
68	<i>No reino dos bichos (11 histórias)</i>	Renato Sêneca Fleury	Jean Gabriel Villin	
69	<i>As chinelinhas de cristal / O feiticeiro / A noiva do príncipe</i>	Renato Sêneca Fleury	Carlos Estevão	
70	<i>Linda-Flor e o príncipe/ A raposa adivinhadeira / A cegonha e o cachorro do mato / Os dois burrinhos</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
71	<i>A maravilhosa história de José</i>	Barros Ferreira	Renate Eggers	
72	<i>O pássaro de ouro / A rã encantada</i>	Renato Sêneca Fleury	Hélio Vaz	
73	<i>Os três grãos de trigo (e mais 5 histórias curtas)</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
74	<i>O rei castigado (e mais 4 histórias curtas)</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
75	<i>O príncipe sem coração / O mais precioso bem</i>	Renato Sêneca Fleury	Dino Ippolito	
76	<i>O príncipe do anel de ouro (extraído de Amadis de Gaula) / A lágrima do arrependimento / O macaco e a onça</i>	Barros Ferreira	Miguel Penteado	
77	<i>O rei cego / A espera de um príncipe</i>	Renato Sêneca Fleury	Waldemar Amorante	
78	<i>O menino do bosque / A mesa, o burro e o cacete mágicos</i>	Renato Sêneca Fleury	Parlagreco	
79	<i>O pajem que se tornou rei</i>	Renato Sêneca Fleury	Armando Pacheco	
80	<i>Os cães encantados / O menino que conversava com os bichos...</i>	Renato Sêneca Fleury	Augustus	

Nº	TÍTULO	ADAPTADOR/AUTOR	ILUSTRADOR	OBSERV.
81	<i>Dá-me o teu coração / Buda e os reis gêmeos</i>	Jaçanã Altair	Santa Rosa	
82	<i>O príncipe dos pés pequenos / O lavrador esperto / A casa da onça</i>	Renato Sêneca Fleury	Hélio Vaz	
83	<i>Os anõezinhos feiticeiros e outras histórias (mais três)</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
84	<i>O anão e a fiandeira / O rei da montanha de ouro / A princesa orgulhosa</i>	Renato Sêneca Fleury	Hilda Bennett	
85	<i>Os irmãos pastores / As três prendas / O coelho e a raposa</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
86	<i>História do corcundinha / Uma esperteza de mestre coelho / O macaco e a onça</i>	Renato Sêneca Fleury	Waldemar Amorante	
87	<i>A gigantinha</i>	Ofélia e Narbal Fontes	Milton José Brescia	
88	<i>A espingarda de ouro</i>	Ofélia e Narbal Fontes	Fernando D. da Silva	
89	<i>A filha do imperador e outras histórias</i>	Nelson Casari	Oswaldo Storni	
90	<i>O cisne dourado</i>	Luiz Gonzaga Fleury	Armando Pacheco	
91	<i>A princesinha coração de pérola</i>	Luiz Gonzaga Fleury	Fernando Dias da Silva	
92	<i>Heroína sertaneja / A promessa da estrela</i>	Ofélia e Narbal Fontes	Oswaldo Storni	
93	<i>O carro do sol e outras lendas (5 histórias curtas da mitologia grega)</i>	Edmundo Döppenschmitt	Oswaldo Storni	
94	<i>História da princesinha Rosalinda</i>	Condessa de Ségur (Belmira R. Döppenschmitt)	Luis Vigil	
95	<i>Comadre onça (contos do folclore nacional) -</i>	Renato Sêneca Fleury	Oswaldo Storni	
96	<i>Esopo, o contador de histórias</i>	Ofélia e Narbal Fontes	Oswaldo Storni	
97	<i>Novas histórias de Esopo</i>	Ofélia e Narbal Fontes	Oswaldo Storni	
98	<i>O talismã de vidro</i>	Ofélia e Narbal Fontes	Oswaldo Storni	
99	<i>O pequeno músico ambulante / A cidade feliz / Florisbela</i>	Andersen (Edmundo Döppenschmitt)	Oswaldo Storni	
100	<i>A história do príncipe feio e da princesa bonita / A história do rei que mandou construir dois palácios / O rei Alexandre e o príncipe andrajoso / O rei Salomão e a sabedoria do porco-espinho</i>	Otto Scheider	Oswaldo Storni	
<b>TOTAL DE EXEMPLARES: 75</b>				

**Conjunto 3 – Arnaldo Barreto escritor de obras didáticas**

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO - EDIÇÃO
<i>Os lusíadas</i>	Luiz de Camões / adapt. Arnaldo Barreto	Typographia Espindola, Siqueira & C.a	1901 – n/c
<i>Quarto livro de leitura</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari	Livraria Francisco Alves	1909 – n/c
<i>Palestras sobre ensino por Francis Parker</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto	Typ. “Livro Azul” – A.B. de Castro Mendes - Campinas	1909
<i>Leituras moraes</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto	Livraria Francisco Alves & C.	1910 – 5ª. ed.
<i>Festa das aves</i>	Collectanea organizada pelos inspectores escolares Arnaldo Barreto, Ramon Roca e Theodoro de Moraes	Typographia do “Diario Official”	1911 – n/c
<i>Varios estylos</i>	Organisada por Arnaldo de Oliveira Barreto	Weiszflog Irmãos	1919 – 2ª. ed.
<i>Primeiras leituras</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto	Livraria Francisco Alves	1925 – 6ª ed.
<i>Leitura manuscripta</i>	B.P.R (Barreto, Puiggari, Roca)	Livraria Francisco Alves	N/C – N/C
TOTAL DE EXEMPLARES: 08			

**Conjunto 4 – Arnaldo Barreto redator-chefe da *Revista de Ensino* (1902 a 1904)**

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO – EDIÇÃO
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Abril de 1902, Nº 1
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Junho de 1902, Nº 2
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Agosto de 1902, Nº 3
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Outubro de 1902, Nº 4
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Dezembro de 1902, Nº 5
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Fevereiro de 1903, Nº 6
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Abril de 1903, Nº 1
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Junho de 1903, Nº 2
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Agosto de 1903, Nº 3
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Outubro de 1903, Nº 4
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Dezembro de 1903, Nº 5
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	Fevereiro de 1904, Nº 6
TOTAL DE EXEMPLARES: 12			

**Conjunto 5 – Livros infantis brasileiros e portugueses que circularam no país entre final do século XIX e início do século XX (mesmo que em edições de anos posteriores)**

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO - EDIÇÃO
<i>Robinson Crusóe</i>	Carlos Jansen	Laemmert & C.	N/C – 2ª ed.
<i>Aventuras do Barão de Munchhåusen</i>	Henrique Marques Júnior	Livraria Figueirinhas – Porto	n/c – n/c
<i>Novellas infantis</i>	Luis Ruiz Contreras	H. Garnier, livreiro- editor	N/C – N/C
<i>Histórias de fadas</i>	Figueiredo Pimentel	F. Alves & Cia.	1898 – n/c

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO - EDIÇÃO
<i>A virgem dos geleiros</i>	Hans C. Andersen	H. Garnier	1901 – n/c (1ª ?)
<i>Aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchhausen</i>	Carlos Jansen	Laemmert & C.	1902
<i>Que amor de criança!</i>	Condessa de Ségur	Aillaud & Cia.	1903
<i>Contos selectos das mil e uma noites</i>	Carlos Jansen	Laemmert & C.	1908 – 2ª ed.
<i>Os meus brinquedos</i>	Figueiredo Pimentel	Livraria do Povo - Quaresma	1910 – 2ª ed.
<i>Novos Contos da Carochinha</i>	Thomé das Chagas	Jacinto R. dos Santos Editor	1911 – N/C
<i>Cantigas das creanças e do povo</i>	Alexina de Magalhães Pinto	Livraria Francisco Alves	1911 (?)
<i>Poesias infantis</i>	Olavo Bilac	Francisco Alves & Cia. E Aillaud, Alves & Cia.	1913
<i>Memórias d'um burro</i>	Condessa de Ségur, versão portuguesa de J. Antonio de Freitas	Livrarias Aillaud e Bertrand (Paris-Lisboa) e Livraria Francisco Alves	1915 – n/c
<i>Contos da Avosinha ou contos nacionaes para creanças</i>	F. Adolfo Coelho	Livraria e Officinas Magalhães	1918 – n/c
<i>Alguns contos do "O meu presente" livro para crianças</i>	Henrique de Vasconcellos e Marieta Mendes	Typographia Leuzinger	1920 – n/c
<i>A filha da floresta</i>	Thales C. de Andrade	Companhia Melhoramentos (Weiszflog Irmãos Incorporada)	1921 – n/c
<i>Contos para a infância</i>	Guerra Junqueiro	Parceria Antonio Maria Pereira Livraria e Editora	1921 – 7ª ed.
<i>Contos infantis</i>	Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida	Livraria Francisco Alves	1922 – 14ª ed.
<i>Contos da Carochinha</i>	Figueiredo Pimentel	Livraria Quaresma	1925- 18ª
<i>Coração</i>	Edmundo de Amicis	Livraria Francisco Alves	1925 – 35ª ed.
<i>Contos patrios</i>	Olavo Bilac e Coelho Netto	Livraria Francisco Alves	1931
<i>A cruz de madeira</i>	Cônego Schmid	Livraria Garnier	1937 (?)
<i>O cestinho de flores</i>	Cônego Schmid	Livraria Garnier	1937 (?)
<i>Histórias da avósinha</i>	Figueiredo Pimentel	Livraria Quaresma	1952 – nova edição
<i>Histórias da Baratinha</i>	Figueiredo Pimentel	Livraria Quaresma	1950 – nova edição
<i>Histórias do arco da velha</i>	Figueiredo Pimentel	Livraria Quaresma	1955 – nova edição
<i>Contos para nossos filhos</i>	D. Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo	Manuel Barreira Editor - Porto	1956 – 11ª ed.
TOTAL DE EXEMPLARES: 27			

**Conjunto 6** – Livros infantis que circularam no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX (em inglês, francês e espanhol)

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO - EDIÇÃO
<i>Choix de Contes de fées</i>	Edition Lutetia	Nelson, Éditeurs	n/c data e nem edição
<i>Contes</i>	Charles Perrault	E. Dentu, Éditeur	1804
<i>La comédie enfantine</i>	Louis Ratisbonne	J. Hetzel Et cie – Paris França	1880
<i>Cuentos de Andersen</i>	Tradução de J. Roca Y Roca	“Biblioteca Arte y Letras” – Barcelona(?)	1881 – n/c
<i>Hans Andersen's fairy tales</i>	Andersen	Ginn And Company (Boston – New York – Chicago – London) Edited by J.H. Stickney	1886, 1914 (n/c ed.)
<i>Andersen's fairy tales</i>	Hans Christian Andersen	Macmillan	1911 – n/c
<i>Mémoires d'un Ane</i>	Mme. La Comtesse de Ségur	Librairie Hachette	1922 – 37ª ed.
<i>Contes D'Andersen</i>	Andersen, traduzido por D. Sordi	Librairie Hachette	1924 – 16ª ed.
<b>TOTAL DE EXEMPLARES: 08</b>			

**Conjunto 7** – Ecos da coleção Biblioteca Infantil Melhoramentos

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO - EDIÇÃO
<i>Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto	Edições Melhoramentos	N/C – 10ª Ed.
<i>O velocino de ouro da mitologia grega</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto	Edições Melhoramentos	N/C – 10ª Ed.
<i>Estórias maravilhosas</i>	Hans Christian Andersen	Edições Melhoramentos	1965 *
<i>O velocino de ouro da mitologia grega (e mais duas histórias)</i>	Arnaldo de Oliveira Barreto	Edições Melhoramentos	s/d – 10ª ed.
<i>Memórias de um burro</i>	Condessa de Ségur, recontado por Tatiana Belinky	Melhoramentos	2012 – N/C
<b>TOTAL DE EXEMPLARES: 05</b>			

\* Edição comemorativa dos 50 anos de publicação de *O patinho feio*

**Conjunto 8 – Material de referência**

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO - EDIÇÃO
<i>CENTENÁRIO DO ENSINO NORMAL EM SÃO PAULO 1846-1946</i>	Diversos	Não consta	1946
<i>Dicionário de autores paulistas</i>	Luís Correia de Melo	Não consta	1954
<i>Estórias maravilhosas</i>	Hans C. Andersen	Edições Melhoramentos	1965 *-
<i>REVISTA DE ENSINO</i>	Diversos	Typ. do Diário Oficial	SET/1908 <u>Número 03</u>
TOTAL DE EXEMPLARES: 04			

**Anexo 5 – Cópia de parte do Catálogo da Editora Melhoramentos, organizado por Arnaldo Barreto e publicado em 1924**

<p>C.<sup>IA</sup> MELHORAMENTOS DE S. PAULO (Weiszflog Irmãos incorporado)</p> <p><b>CATALOGO</b></p> <p>DE OBRAS DE NOSSA EDIÇÃO</p>  <p><u>AGOSTO, 1924</u></p> <p>SÃO PAULO Rua Libero Badaró, 80-88 Caixa 436</p> <p>RIO DE JANEIRO Rua Buenos Aires, 40-42 Caixa 1617</p> <p>RECIFE (Pernambuco) Rua do Bom Jesus, 226 - Sala N. 8 Caixa 267</p>	<p>LITERATURA <span style="float: right;">1</span></p> <p><b>Literatura</b></p> <p>A Cidade de Ouro e das Ruínas, Matto Grosso, antiga Villa Bella pelo Visconde de Taunay — MT — P. L. <span style="float: right;">no prelo,</span></p> <p>* <b>Bibliotheca Infantil</b>, por Arnaldo de Oliveira Barreto. Compõe-se, actualmente, esta interessante collecção dos seguintes livros: — Livro I. O Patinho Feio, 1 volume. — Livro II. O Soldadinho de Chumbo, 1 volume. — Livro III. O Velocino de Ouro, 2 volumes. — Livro IV. O Isqueiro Encantado, 1 volume. — Livro V. Os Cysnes Selvagens, 1 volume. — Livro VI. Viagens Maravilhosas de Sindbad, o marinheiro, 2 volumes. — Livro VII. A Rosa Magica, 1 volume. — Livro VIII. O Califa Stork, 1 volume. — Livro IX. As Tres Cabeças de Ouro, 1 volume. — Livro X. Memorias de um Burro, 1 volume. — Livro XI. O Filho do Pescador, 1 volume. — Livro XII. O Gato de Botas, 1 volume. — Livro XIII. Os Tres Principes Coroados, 1 volume. — Livro XIV. O Sargento Verde, 1 volume. — Livro XV. A Serpente Negra, 1 volume. Livro XVI. O Lago das Pedras Preciosas, 1 volume. — Livro XVII. A Festa das Lanternas, 1 volume. — Livro XVIII. Flôr Encarnada, 1 volume. — Livro XIX. Aladino, ou a Lampada Maravilhosa, 1 volume. — Livro XX. A Borboleta Amarella, 1 volume. — Livro XXI. A Galinha dos Ovos de Ouro, 1 volume. — Livro XXII. A Gata Borrallheira, 1 volume. — Livro XXIII. Ali-Babá e os Quarenta Ladrões, 1 volume. — Livro XXIV. O Anão Amarello, 1 volume. — Livro XXV. A Veadinha Côr de Neve, 1 volume. — Livro XXVI. A Petala de Rosa, 1 volume. — A sair: Livro XXVII. O Gigante de Cabellos de Ouro, 1 volume. — Livro XXVIII. O Cavalleiro do Cysne, 1 volume. — MT — P. L. 80.</p> <p>Cada volume: <b>1\$500</b></p> <p>Destinadas á infancia, poucas obras têm preenchido os inumeros requisitos para a perfeição, como</p>
--	---

XII	INDICE ALPHABETICO DOS AUTORES	Pag.	2	LITTERATURA
	<b>Azevedo</b> (Fernando de)			
	Antinoüs . . . . .	51		
	Da Educação Physica . . . . .	52		
	<b>Azevedo</b> (Mario de)			
	Vigilias . . . . .	9		
	<b>Barreto</b> (Arnaldo de Oliveira)			
	Varios Estylos (Selecta de trabalhos literarios) . . . . .	8		
	<b>BIBLIOTHECA INFANTIL:</b>			
	O Patinho Feio . . . . .	1		
	O Soldadinho de Chumbo . . . . .	1		
	O Vellocino de Ouro, 2 vols. . . . .	1		
	O Isqueiro Encantado . . . . .	1		
	Os Cysnes Selvagens . . . . .	1		
	Viagens Maravilhosas de Sindbad, o marinheiro, 2 vols . . . . .	1		
	A Rosa Magica . . . . .	1		
	O Califa Storck . . . . .	1		
	As Tres Cabeças de Ouro . . . . .	1		
	Memorias de um Burro . . . . .	1		
	O Filho do Pescador . . . . .	1		
	O Gato de Botas . . . . .	1		
	Os Tres Principes Coroados . . . . .	1		
	O Sargento Verde . . . . .	1		
	A Serpente Negra . . . . .	1		
	O Lago das Pedras Preciosas . . . . .	1		
	A Festa das Lanternas . . . . .	1		
	Flór Encarnada . . . . .	1		
	Aladino, ou A Lampada Maravilhosa . . . . .	1		
	A Borboleta Amarella . . . . .	1		
	A Gallinha dos Ovos de Ouro . . . . .	1		
	A Gata Borralheira . . . . .	1		
	Ali-Babá e os Quarenta Ladrões . . . . .	1		
	O Anão Amarello . . . . .	1		
	A Veadinha Cór de Neve . . . . .	1		
	A Petala de Rosa . . . . .	1		
	<i>A sahir:</i>			
	O Gigante de Cabellos de Ouro . . . . .	1		
	O Cavalleiro do Cysne . . . . .	1		
	<b>Barker</b> (Taboada de) . . . . .	14		
	<b>Berlinck</b> (Horacio)			
	Noções de Commercio e Escripção Mercantil . . . . .	44		
	Cadernos para Escripção Mercantil . . . . .	48		
				esta série de contos populares, organizada pelo prof. Arnaldo Barreto. Escolhida de inconveniencias, tão ao sabor de narrativas e phantasias tradicionaes, que são perigosas para a formação moral da creança, a «Bibliotheca Infantil» tem um duplo valor: excita o interesse e a imaginação dos meninos e incita-os ao bem com o exemplo e a recompensa dos bons e o castigo final dos perversos.
				Escriptos em elegante e simplissimo vernaculo, os contos são farta e primorosamente illustrados, em trichromia.
				<b>* Bondade e Patria</b> (Poesias), por Gustavo Kuhlmann. — MT — P. L. 175: <b>5\$000</b>
				Reproduzimos aqui algumas apreciações com que a imprensa recebeu este magnifico livrinho, destinado exclusivamente a creanças:
				<b>NOVIDADES:</b> ... As poesias, consoante o indica o titulo da obra, versam sobre assumptos que se relacionam com a bondade e o amor da Patria. São todas repassadas de civismo e sempre com elevação de ideias, embora a linguagem seja sempre simples, natural, sem artificios literarios para maior vigor ou realce da expressão. O livro é ornado de gravuras e nitidamente impresso.
				<b>A CIDADE DE S. JOÃO:</b> ... «Bondade e Patria» — onde sua alma de poeta, de sonhador e de cidadão se espelha toda inteira...
				Bondade elle a poz em todas as estrophes... Patria se traduz na luz que dellas irradia...
				Em contraste com a literatice de aldeia, o poeta da «Bondade e Patria», surge senhor de sua arte, completo e assombroso, vibrante e radioso...
				Tem uma linda capa e encerra 12 magnificas illustrações.
				<b>* Cartas da Campanha</b> , pelo Visconde de Taunay. — MT P. L. 250: <b>5\$000</b>
				Nas 200 paginas desta bella obrinha, em narrativas simples e claras, contam-se dia a dia os ultimos mezes daquella cruenta lucta em que conseguimos, com os nossos alliados, libertar uma nação de um verdadeiro verdugo. Cartas escriptas do campo de batalha, photographam os acontecimentos de vespera em epistolas admiraveis, em que se commemoram os feitos gloriosos dos nossos patricios e se denunciam as atrocidades de um dos maiores tyrannos que têm infelicitado um povo.

Fonte: Acervo da Editora Melhoramentos

**Anexo 6 – Exemplares da 1ª fase da coleção, separados de acordo com as características do projeto gráfico**

**GRUPO 1**

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
I	<i>O patinho feio</i> (edição fac-similar)	-	1990
II	<i>O soldadinho de chumbo</i>	3ª	1921
III	<i>O vellocino de ouro</i> (da mythologia grega) – 2ª parte	N/C	1915
IV	<i>O isqueiro encantado</i>	N/C	1916
VI	Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro (2ª parte)	*	*
VII	<i>A rosa mágica</i>	N/C	1917
X	<i>Memórias de um burro</i>	N/C	1921
XII	<i>O gato de botas</i>	2ª	1921
XIII	<i>Os três príncipes coroados</i>	*	*
XV	<i>A serpente negra</i> (contos do folk-lore brasileiro)	N/C	1921
XVI	<i>O lago das pedras preciosas</i>	N/C	1921
XVIII	<i>Flôr encarnada</i> (do folk-lore africano);	N/C	1921
XIX	<i>Aladino ou a lampada maravilhosa.</i>	N/C	1922
		<b>TOTAL</b>	<b>13</b>

\* Exemplar sem a folha de rosto

**GRUPO 2**

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO*	Nº DE EXEMPLARES
I	<i>O patinho feio</i>	7ª	N/C	01
III	<i>O vellocino de ouro</i> (da mythologia grega) – 1ª parte	6ª	N/C	01
III	<i>O vellocino de ouro</i> (da mythologia grega) – 2ª parte	4ª	N/C	01
IV	<i>O isqueiro encantado</i>	5ª e 6ª	N/C	01
V	<i>Os cysnes selvagens</i>	4ª; 5ª e 6ª	N/C 1936	02
VI	Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro (1ª parte);	4ª	N/C	01
VIII	<i>O califa Storck</i> (dos contos “Mil e uma noites”)	4ª; 5ª	N/C	02
IX	<i>As três cabeças de ouro</i>	3ª; 6ª	N/C	01
X	<i>Memórias de um burro</i>	7ª	1931	01
XI	<i>O filho do pescador</i> (do folk-lore brasileiro)	3ª; 6ª	N/C	02
XIV	<i>O sargento verde</i>	4ª e 5ª	N/C	01
XV	<i>A serpente negra</i> (contos do folk-lore brasileiro)	4ª e 5ª	N/C	01
XVII	A festa das lanternas	4ª 5ª	N/C 1933	02
XVIII	<i>Flôr encarnada</i> (do folk-lore africano);	4ª	N/C	01
XIX	<i>Aladino ou a lampada maravilhosa</i>	3ª e 4ª	N/C	01
XX	<i>A borboleta amarela</i>	3ª e 4ª; 5ª	N/C 1935	02
XXIII	<i>Ali-Babá e os quarenta ladrões</i> (das Mil e uma Noites)	3ª e 4ª	N/C	01
XXIV	<i>O anão amarelo</i>	2ª 5ª	N/C 1937	02

XXV	<i>A veadinha côm de neve;</i>	N/C	N/C	01
VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO*	Nº DE EXEMPLARES
XXVI	A pétala de rosa	N/C; N/C; 2ª ; 5ª	N/C	04
XXVII	<i>O gigante de cabelos de ouro</i>	2ª e 3ª	N/C	01
XXVIII	<i>Lohengrin ou o cavaleiro do cysne</i>	N/C; 2ª e 3ª	N/C	02
			TOTAL	<b>32</b>

\* No caso dos exemplares deste grupo, nem relatório enviado pela Melhoramentos pôde auxiliar na questão de determinar o ano da publicação da maioria dos títulos a partir da edição: nesse período, onde deveria constar o ano, o relatório traz uma “?”.

### GRUPO 3

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO*
3	O velocino de ouro – 2ª parte	7ª, “revista”	1942
13	Os três príncipes coroados	8ª	1941
16	O lago das pedras preciosas	6ª “revista”	N/C
22	<i>A gata borralheira</i>	6ª	N/C
		TOTAL	<b>04</b>

\*Data levantada a partir dos dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011.

### GRUPO 4

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO*
1	<i>O patinho feio</i>	11ª	1943
2	<i>O soldadinho de chumbo</i>	11ª	1944
3	<i>O velocino de ouro – volume duplo</i>	9ª (revista)	1942
5	<i>Os cisnes selvagens</i>	10ª	1943
6	<i>Viagens maravilhosas de Sindbad, o marinheiro – volume duplo</i>	9ª	1944
7	<i>A rosa mágica;</i>	10ª	1943
8	<i>O califa Cegonha</i>	9ª	1943
9	<i>As três cabeças de ouro</i>	10ª	1943
11	<i>O filho do pescador;</i>	10ª	1941
14	<i>O sargento verde</i>	9ª	1943
15	<i>A serpente negra</i>	9ª	1943
16	<i>O lago das pedras preciosas</i>	9ª revista	1943
17	<i>A festa das lanternas</i>	8ª	1943
18	<i>Flôr encarnada</i>	7ª	1942
19	<i>Aladino ou a lampada maravilhosa</i>	8ª	1943
20	<i>A borboleta amarela</i>	8ª	1943
23	<i>Ali-Babá e os quarenta ladrões</i>	8ª	1943
27	<i>O gigante de cabelos de ouro</i>	7ª	1943
		TOTAL	<b>18</b>

\*Data levantada a partir dos dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011.

### GRUPO 5

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
12	<i>O gato de botas/Branca de Neve</i>	11ª	1946
21	<i>A galinha dos ovos de ouro</i>	**	**

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
22	<i>A gata borralheira</i>	9ª	1946
24	<i>O anão amarelo</i>	9ª	1947
25	<i>A veadinha cor de neve</i>	7ª	1947
26	<i>A pétala de rosa</i>	7ª	1946
		TOTAL	<b>06</b>

\*Data levantada a partir dos dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011.

\*\* Exemplar sem a folha de rosto

### GRUPO 6

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO*
4	<i>O isqueiro encantado</i>	12ª	1951
7	<i>A rosa mágica</i>	12ª	1951
8	<i>O califa cegonha</i>	11ª	1951
10	<i>Memórias de um burro</i>	12ª	1950
12	<i>O gato de botas/Branca de Neve</i>	12ª	1951
13	<i>Os três príncipes coroados</i>	12ª	1951
15	<i>A serpente negra</i>	12ª	1950
17	<i>A festa das lanternas</i>	11ª	1950
19	<i>Aladino ou a lâmpada maravilhosa</i>	11ª	1950
20	<i>A borboleta amarela</i>	11ª	1950
23	<i>Alí-Babá e os quarenta ladrões</i>	10ª	1949
28	<i>O cavaleiro do cisne</i>	7ª	1951
		TOTAL	<b>12</b>

\*Data levantada a partir dos dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011.

### GRUPO 7

VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO*	Nº DE EXEMPLARES
1	<i>O patinho feio</i>	14ª	1952	01
2	<i>O soldadinho de chumbo</i>	14ª	1952	01
4	<i>O isqueiro encantado</i>	13ª	1954	01
5	<i>Os cisnes selvagens</i>	13ª	1954	
		15ª	1959 **	02
7	<i>A rosa mágica</i>	13ª	1954	
		14ª	1957	02
8	<i>O califa cegonha</i>	14ª	1959	01
9	<i>As três cabeças de ouro</i>	13ª	1951	
		14ª	1955	02
10	<i>Memórias de um burro</i>	13ª	1952	
		14ª	1955	02
11	<i>O filho do pescador</i>	12ª	1951	01
12	<i>O gato de botas</i>	13ª	1954	01
13	<i>Os três príncipes coroados</i>	14ª	1957	01
14	<i>O sargento verde</i>	12ª	1954	01
15	<i>A serpente negra</i>	13ª	1954	01
16	<i>O lago das pedras preciosas</i>	11ª	1951	01
18	<i>Flor Encarnada</i>	11ª	1951	
		12ª	1955	02
19	<i>Aladino e a lâmpada maravilhosa</i>	12ª	1952	01
20	<i>A borboleta amarela</i>	12ª	1951	01
21	<i>A galinha dos ovos de ouro</i>	11ª	1950	
		12ª	1955	02
VOL.	TÍTULO	EDIÇÃO	ANO DE	Nº DE

			PUBLICAÇÃO*	EXEMPLARES
23	<i>Ali-Babá e os 40 ladrões</i>	12 <sup>a</sup> 13 <sup>a</sup>	1955 1957	02
24	<i>O anão amarelo</i>	11 <sup>a</sup>	1954	01
25	<i>A veadinha côr de neve</i>	9 <sup>a</sup>	1955	01
26	<i>A pétala de rosa</i>	8 <sup>a</sup> 11 <sup>a</sup>	1950 1959 **	02
27	<i>O gigante de cabelos de ouro</i>	11 <sup>a</sup>	1952	01
28	<i>O cavaleiro do cisne</i>	9 <sup>a</sup>	1957	01
			TOTAL	<b>32</b>

\*Data levantada a partir dos dados fornecidos pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011.

\*\* Note-se que apesar de o último número da coleção (o 100) ter sido publicado em 1958, isso não significou o fim da circulação da Biblioteca Infantil Melhoramentos, já que continuaram a ser impressas edições de alguns títulos.

## Anexo 7 – Tiragem das edições da Biblioteca Infantil – 1ª fase

**Quadro 1:** Tiragem de todas as edições registradas

TÍTULO	TOTAL DE EDIÇÕES DA OBRA	Nº DE ED. COM TIRAGEM REGISTRADA*	TOTAL TIRAGEM*
1. O patinho feio	16	08	135.000
2. O soldadinho de chumbo	16	09	140.000
3. O velocino de Ouro – 1ª parte	10	04	51.000
O velocino de Ouro – 2ª parte	07	02	35.000
O velocino de Ouro – vol. duplo	Não inf.	Não informado	Não inform.
4. O isqueiro encantado	16	10	155.000
5. Os cisnes selvagens	16	11	160.000
6. Viagens de Sindbad – 1ª parte	10	04	51.000
Viagens de Sindbad – 2ª parte	07	02	35.000
Viagens de Sindbad : vol. duplo.	Não inf..	Não informado	Não inform.
7. A rosa mágica	14	07	110.000
8. O califa storck	15	09	147.000
9. As três cabeças de ouro	15	08	135.000
10. Memórias de um burro	15	08	130.000
11. O filho do pescador	14	06	120.000
12. O gato de botas	15	09	135.000
13. Os três príncipes coroados	14	06	110.000
14. O sargento verde	14	08	130.000
15. A serpente negra	15	10	150.000
16. O lago das pedras preciosas	13	07	120.000
17 A festa das lanternas	14	09	140.000
18. Flor encarnada	13	07	125.000
19. Aladino e a lâmpada maravilhosa	14	07	85.000
20. A borboleta amarela;	14	09	150.000
21. A galinha dos ovos de ouro	13	08	125.000
22. A gata borralheira	14	09	145.000
23. Ali-Babá e os quarenta ladrões	13	09	140.000
24. O Anão amarelo	12	06	115.000
25. A veadinha cor de neve	10	07	10.000
26. A pétala de rosa	12	08	140.000
27. O gigante de cabelos de ouro	13	09	135.000
28. O cavaleiro do cisne	9	06	100.000
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>393</b>	<b>222</b>	<b>3.549.000</b>

\* Dados informados pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011, mas que devem ser vistos como registro parcial do número total de exemplares publicados. Há informado, para cada título, o total de exemplares publicados em apenas algumas edições; em outras, há pontos de interrogação, indicando que não foi feito o registro do número de exemplares daquela edição específica, e nem o ano em que isto ocorreu

**Quadro 2:** Tiragem das primeiras edições dos títulos da 1ª fase, publicados durante o período em que Arnaldo Barreto dirigiu a coleção

TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TIRAGEM REGISTRADA
1. O patinho feio	out/1915	40.000
2. O soldadinho de chumbo	dez/1915	40.000
3. O velocino de Ouro – 1ª parte	nov/1915	30.000
O velocino de Ouro – 2ª parte	nov/1915	30.000
4. O isqueiro encantado	dez/1916	35.000
5. Os cisnes selvagens	mar/1917	35.000
6. Viagens de Sindbad – 1ª parte	mai/1917	30.000
Viagens de Sindbad – 2ª parte	mai/1917	30.000
7. A rosa mágica	abr/1917	35.000
8. O califa Storck	dez/1917	30.000
9. As três cabeças de ouro	abr/1918	35.000
10. Memórias de um burro	ago/1918	35.000
11. O filho do pescador	out/1918	40.000
12. O gato de botas	fev/1919	35.000
13. Os três príncipes coroados	jan/1919	40.000
14. O sargento verde	out/1919	30.000
15. A serpente negra	mai/1921	30.000
16. O lago das pedras preciosas	ago/1921	30.000
17. A festa das lanternas	out/1921	25.000
18. Flor encarnada	jan/1921	40.000
19. Aladino e a lâmpada maravilhosa	?/1922	Não informada
20. A borboleta amarela;	out/1923	30.000
21. A galinha dos ovos de ouro	jan/1923	30.000
22. A gata borralheira	jan/1924	30.000
23. Ali-Babá e os quarenta ladrões	mar/1923	30.000
24. O anão amarelo	abr/1924	30.000
25. A veadinha cor de neve	jun/1924	25.000
26. A pétala de rosa	nov/1924	25.000
27. O gigante de cabelos de ouro	mar/1926	25.000
28. O cavaleiro do cisne	mai/1927	5000
<b>TOTAL GERAL</b>	-	<b>905.000</b>

\* Dados informados pela Editora Melhoramentos, em 21/06/2011, mas que devem ser vistos como registro parcial do número total de exemplares publicados. Há informado, para cada título, o total de exemplares publicados em apenas algumas edições; em outras, há pontos de interrogação, indicando que não foi feito o registro do número de exemplares publicados naquela edição específica, e nem o ano em que isto ocorreu.

**Anexo 8 – Marcas de circulação e de apropriação encontradas nos exemplares**

**Quadro 1: Dedicatórias**

**Observação:** no caso de descrições diferentes para títulos iguais, trata-se de exemplares distintos, portanto edições diversas da mesma obra.

TEXTO DA DEDICATÓRIA	TÍTULO DO EXEMPLAR
“À Glorinha lembrança da maesinha. 1930”.	1. Aventuras de Sindbad, o marinheiro
“Ao Frederico com toda a ‘amizada’ (sic) Myriam Leonel. S. Paulo 22-9-1960”.	2. A rosa mágica
“Ao jovem amigo Pisoto (?) do Carmo com um abraço e sinceros votos de felicidades. / Papae Noel / Rio – 25/XII/42”.	3. Os três príncipes coroados
“Ao Paulo. Varginha. 25/12/43”	4. O sargento verde
“Ao bom aluno/ Demétrio oferece a professora/ Peregrina A. Moreno / 30-11-1944”.	5. A serpente negra
“À Mario Balthazar Vieira (a lápis) / 12-11-1922 (à tinta)	6. O lago das pedras preciosas
“Sabedoria é um privilégio que se conquista com dedicação” (Folha de guarda – COLADA) Página de rosto: “Ao Caito no seu aniversário / SP 5-12-940) / Madrinha”	7. O lago das pedras preciosas
“Da mamãe a sua filhinha Edith/ 18-10-1938”. (a lápis)	8. A festa das lanternas
“Quando te alegrares, lê. Quando te entristeceres, lê! Quando te entusiasmares, lê. Quando desanimares, lê! Lê sempre sob qualquer pretexto.” (Folha de guarda – COLADA) Página de rosto: “Ao Caito no seu aniversário / SP 5-12-940) / Madrinha”	9. A borboleta amarela
“Do seu barros lembranças ao marcellinho”.	10. A borboleta amarela
“À querida Ana Lúcia como já sabe ler, oferece sua professora / Alaide Sardá de Amorim / Em 29/9/954”.	11. A borboleta amarela
“Lembrança de Olavo Bem Hur Severo / 24-4-49”	12. A gata borralheira
“Ao Caito no seu aniversário / SP 5-12-940 / Madrinha”. Obs: tem algo escrito (que não dá pra ler) na folha de guarda, que está COLADA	13. A gata borralheira
“A Cilene Loriggio, Uma lembrança da sua professora do 1º ano / D. Sebastiana. 14/12/956”.	14. Ali-Babá e os quarenta ladrões

TEXTO DA DEDICATÓRIA	TÍTULO DO EXEMPLAR
“Estuda, Estuda sempre, Estuda e vencerás!” (Folha de guarda – COLADA) Página de rosto: “Ao Caito no dia do seu aniversário de 1940 / Madrinha”	15. O anão amarelo
“Prêmio de comportamento, aplicação e assiduidade, conferido á alumna Clarice Osorio Teixeira. A professora, Isabel de Castro. S.P. 28-11-924” Obs.: Clarice é a “Tia Cinha”	16. A pétala de rosa
“Lembranças do avô e padrinho á Erothides Amaral”.	17. A pétala de rosa
Folha de guarda: “Á Cidinha uma lembrança da tia Lelê pelo seu sexto aniversário. 9/1/936”.	18. Flôr encarnada

**Quadro 2** – Anotações/marginalias/decalques e outras marcas de apropriação

**Observação:** no caso de descrições diferentes para títulos iguais, trata-se de exemplares distintos, portanto edições diversas da mesma obra.

TÍTULO DO EXEMPLAR	DESCRIÇÃO DAS MARCAS
1. <i>O vellocino de ouro</i> – 2ª. parte	Página de rosto: . correção ortográfica (a lápis)  Últimas páginas: (letra “contemporânea”) “Meu pai me chama de: 1. Burra 2. Palhaça 3. (em branco)” “Minha mãe me chama de: 1. Retardada 2. (riscado) 3. (em branco) 4. (em branco)”
2. O isqueiro encantado	Cromo/etiqueta: REGINA
3. Os cisnes selvagens	A.M.P.A. (verso da 1ª. capa)
4. A rosa mágica	Decalque (verso da 1ª capa)
5. O califa Cegonha / Storck	Anotação: 1943 / N° 8 (P. de rosto) Contas de matemática (cálculos – na página de trás)
6. O filho do pescador	Decalque
7. O gato de botas	Garatujas e desenhos (a lápis): capa, página de rosto, página 3.

TÍTULO DO EXEMPLAR	DESCRIÇÃO DAS MARCAS
8. A serpente negra	Folhas do final: <u>Sofre, sente, luta, vence</u> Quem ama sofre, Quem sofre sente Quem sente luta, Quem luta vence!!!  <u>Novas amizades</u> Talvez com medo de Construir novas ami- zades, seja o medo de Amar um amigo!!!  Não te quero por um dia Não te quero por um ano Te quero para a vida inteira te quero porque te amo.
9. Flor encarnada	Decalque na última página
10. Aladino e a lâmpada maravilhosa	2 decalques
11. Aladino e a lâmpada maravilhosa	2 decalques (página de rosto e p. 3)
12. Aladino e a lâmpada maravilhosa	Assinaturas – ilegível (capa de trás)
13. O cavaleiro do cysne	Contas (frações – matemática)

**Quadro 3** – Assinaturas/carimbos/etiquetas de livraria e outras marcas

**Observação:** no caso de descrições diferentes para títulos iguais, trata-se de exemplares distintos, portanto edições diversas da mesma obra.

EXEMPLAR	DESCRIÇÃO DAS MARCAS
1. O soldadinho de chumbo	Enoch de Cerqueira Lima Santos, 31 de Outubro de 1921.
2. <i>O vellocino de ouro</i> – 2ª. parte (VER)	“Esta Historia pertence a menina Olga Badine”  CARIMBO: “Redacção d’ O Movimento Est. Graphico Livraria e Papellaria Viuva Richetti & Filhos. S. Manoel”
3. <i>O vellocino de ouro</i> – 2ª. parte	Nome escrito à caneta: Paloma Realina Costa Braz CARIMBO: “Bazar Moderno, João Ferreira de Castro – Barbacena” Página 3: nome escrito à caneta tinteiro, e riscado (caneta de outra cor): Altair Savassi 1/28
4. O isqueiro encantado	Etiqueta “Livraria do Globo”
5. O isqueiro encantado	“Este livro de Historias pertence a menina Olga Badine” CARIMBO: “Redacção d’ O Movimento Est. Graphico Livraria e Papellaria Viuva Richetti & Filhos. S. Manoel”
6. Os cysnes selvagens	“Esta historia pertence a menina Olga Badine” CARIMBO: “Redacção d’ O Movimento Est. Graphico Livraria e Papellaria Viuva Richetti & Filhos. S. Manoel”
7. Aventuras de Sindbad, o marinheiro (2ª parte)	Iracema Bello 4º Anno B CARIMBO: “Bazar do Povo (Livraria e Papellaria) – Santos
8. A rosa mágica	Altair José Savassi (riscado) Carimbo: A. Savassi Carimbo: “Bazar Moderno, João Ferreira de Castro – Barbacena” Assinatura Altair Savassi (riscado): Folha de rosto

EXEMPLAR	DESCRIÇÃO DAS MARCAS
9. A rosa mágica	Carimbo: Papelaria S. José
10. A rosa mágica	Carimbo: Lojas Brasileiras – Andradas
11. O califa cegonha/Storck	Carimbo: Papelaria São José A Barateira.
12. O califa cegonha/Storck	Maria Adalgisa Carvalho / 9 de outubro de 1935.
13. o califa cegonha/Sstorck	Carimbos: - Biblioteca Rui Barbosa (Barbacena) - Bazar Moderno – Barbacena
14. Memórias de um burro	Nome na página de rosto: roberto Ferreira Kemenesky
15. O filho do pescador	Raimundo Ivan Sousa (à caneta) Caio C. Pericão (a lápis, na página de rosto)
16. O filho do pescador	Maria Lúcia
17. O gato de botas	Folha de guarda: Titas Arruda Carimbo: Casa Genoud – Campinas
18. Os três príncipes coroados	Carimbo: Amilcar Savassi Assinatura: Altair José Savassi (verso da 1ª capa) Assinatura: Altair Savassi / Barbacena 1927 (p. 3) 3ª. capa: Amilcar José Savassi/ Barbacena Minas (escrito em outra letra) Carimbo: Amilcar Savassi (4ª. capa) Nome a lápis: Shirley (4ª. capa)
19. O sargento verde	Folha de guarda: “Águeda Araujo Belo oferece este livrinho à biblioteca Santa Luisa Marillac do Curso Primario. Colégio, 2 de junho de 1940.” Carimbo: Biblioteca Rui Barbosa – Colégio Imaculada Conceição – Barbacena – M.G. Carimbos da biblioteca espalhados na página de rosto e nas últimas páginas.
20. O sargento verde	Julia (escrito na capa, à caneta)
21. A serpente negra	Carimbo Amilcar Savassi / Barbacena (em vários lugares) Nome (a lápis): Altair José Savassi – Barbacena Carimbo: “Bazar Moderno, João Ferreira de Castro – Barbacena” Página 3: Altair Savassi, Barbacena, 1927 (à caneta)
22. A serpente negra	Página de rosto - nome: Cauê.
23. A festa das lanternas	Nomes: Ivone K. / Nydia A. Krieger (a lápis) / Outubro 1931 / v.v. Carimbo: Livraria Hermann – Porto Alegre.
24. A festa das lanternas	Carimbo: Papelaria S. José
25. Flor Encarnada	Nome: “Thereza Pires Araujo / 3º Anno / ...Outubro de 1927.”
26. Flor Encarnada	2ª capa: “Pertense a jovem Alice Jorge de Lima / Taubaté / 9-2-1943 / Fim” (a lápis) P. de rosto: Alice Jorge de Lima (a lápis) A pérola da manhã (título da segunda história do livrinho) Carimbo: Casa Mattos Livraria e Papelaria – Taubaté
27. Flor Encarnada	Capa (verso): Sirlei Guimarães Etiqueta: LG do Globo
28. Aladino e a lâmpada maravilhosa	Carimbo: Christina Schmidt Inglez de Souza (riscado) Nome (escrito): Rachel T.S. Barreto Carimbo: Papelaria Martins – Liv. E Typ. (Santos) Carimbo: Rachel Barreto
29. Aladino e a lâmpada maravilhosa	Austiclinio Almeida dos Santos (a caneta, na última página)
30. Aladino e a lâmpada maravilhosa	Carimbo: Papelaria São José
31. A borboleta amarela	Carimbo: Papelaria São José

EXEMPLAR	DESCRIÇÃO DAS MARCAS
32. A galinha dos ovos de ouro	Nomes: p. 3: Sirlei G.G. Penúltima página: Onira Gonçalves Guimarães.
33. A gata borralheira	Folha de rosto: Sirlei Guimarães
34. Ali-Babá e os quarenta ladrões	Nome: Julia (a lápis) Adesivo: Livraria Universal – S. Paulo
35. Ali-Babá e os quarenta ladrões	Nome: Julia (capa da frente) Nome: Kleber Terra (verso 1ª capa)
36. O anão amarelo	Nome: Olga Badini (a caneta) Carimbo: “Redação d’ O Movimento Est. Graphico Livraria e Papeleria Viuva Richetti & Filhos. S. Manoel”
37. O anão amarelo	Nomes: Rosa Giotto / Iris Triente (à caneta, página de rosto) Onira Gonçalves Guimarães (penúltima página)
38. A veadinha cor de neve	Nome: Eduardo de .... (ilegível)
39. A pétala de rosa	Carimbo: Livraria Allemã
40. A pétala de rosa	Carimbo (em diversos lugares): Amilcar Savassi – Barbacena Carimbo: “Bazar Moderno, João Ferreira de Castro – Barbacena” Nome: Altair J. Savassi – Barbacena, 1927 (à caneta) Etiqueta: A.J.S. Nome: Shirley (a lápis, na capa de trás)
41. A pétala de rosa	A.M.P.A. (verso 1ª capa)
42. A pétala de rosa	Nome: Sirlei Guimarães (verso 1ª capa)
43. O gigante dos cabelos de ouro	Nome: Olga Badini (a caneta) Carimbo: “Redação d’ O Movimento Est. Graphico Livraria e Papeleria Viuva Richetti & Filhos. S. Manoel”
44. O gigante dos cabelos de ouro	Nome: “Bucor” (?) Caturrá Levi.
45. O cavaleiro do cysne	Regulamento da Biblioteca “Santa Teresinha” Carimbos da Biblioteca Carimbo: Livraria Hermann – Porto Alegre.
46. O cavaleiro do cysne	Carimbo: “Bazar Moderno, João Ferreira de Castro – Barbacena” Nome: Altair J. Savassi / Barbacena, 1/1/1928 (riscado)
47. O cavaleiro do cysne	Carimbo: Lojas Brasileiras - Andradas